

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

L

Lã, Laade, Laamas, Labão (local), Labão (Pessoa), Lacum, Lada, Ladã, Ladrão, roubo, Lael, Lagar, Lagarta, Lagartixa, Lagarto, Lagarto-da-areia, Lago De Fogo, Laís, Laís (lugar), Laís (pessoa), Lamentações, Livro de, Lamento, lamentação, Lameque, Lami, Lâmpada, Candelabro, Lança, Lança, Lançador, Laodiceia, laodicenses, Lapidote, Lápis, Lápis-lazúli, Laquis, Lareira, Lasa, Lasarom, Lascívia*, Laseia, Latão, Latim, Lavandeiro, Lavandeiro, Campo do, Lázaro, Leabim, Leabitas, Leão, Leão da tribo de Judá, Lebana, Lebaote, Lebeu, Lebo-Hamate, Lebona, Lebre, Lebre, Leca, Legião, Legume, Leí, Lei, Conceito Bíblico De, Leis dietéticas, Leite, Lemuel, Lentilha, Leopardo, Leproso, Lepra, Lepto, Lesém, Lethech, meio ômer, Letusim, Letuseus, Leumim, Leumeus, Levedura, Levi (Pessoa), Leviatã, Levitas, Levítico, Livro de, Lia, Libação, Líbano, Liberdade, Liberdade, Libertação, libertador, Libertinagem, Libertinos, Libertos, Líbia, Líbios, Libna, Libni, Libnitas, Libra, Lícia, Licônia, Lida, Lídia (lugar), Lídia (Pessoa), Ligar e desligar, Ligúria, Lilith, Língua Grega, Língua Hebraica, Línguas de fogo, Línguas, Falar em, Linha de Prumo, Prumo, Linho, Linho (Planta), Lino, Liqui, Lira, Lírio, Lírio d'água, Lisânias, Lísias, Lisímaco, Listra, Liteira, Literatura de sabedoria, Literatura judaica, extrabíblica, Livro, Livro da Aliança, Livro da Lei, Livro da Vida, Livro de Baruque, Livro de Eclesiastes, Livro de Esdras, Livro de Ester, Livro de Êxodo, Livro de Habacuque, Livro de Jasar, Livro de Jeremias, Livro de Jó, Livro de Joel, Livro de Jonas, Livro de Memorial, Livro de Neemias, Livro De, Gênesis,, Livro dos Mortos, Ló, Lo-Ami, Lo-Debar, Lo-Ruama, Lo-Ruama, Lobas, Lobo, Lode, Logia, Logos, Logue, Loide, Lóide, Lombos, Longanimidade, Lotã, Louvor, Lua, Lua Nova, Lua, Nova, Lucas (Pessoa), Lucas, Evangelho de, Lúcifer, Lúcio, Lude, Ludim, Luditas, Lugar Alto, Lugar santíssimo, Lugar santo, Luíte, Luto, Luz, Luz

Lã

A fibra de lã, produzida a partir do pelo de ovelhas, era um produto importante no antigo Oriente Próximo.

O rei Mesa de Moabe, um criador de ovelhas, enviava a lã de 100.000 carneiros como tributo ao rei Acabe de Israel todos os anos ([2Rs 3.4](#)). O povo de Damasco comercializava lã com os mercadores de Tiro ([Ez 27.18](#)). Vestimentas de lã eram comumente usadas pelos israelitas ([Lv 13.47-59](#); [Is 51.8](#); [Os 2.5.9](#)). Vestimentas de lã misturadas com tecido de linho eram proibidas ([Dt 22.11](#)). De fato, usar qualquer lã era proibido para os sacerdotes israelitas que serviam no átrio interno do santuário ([Ez 44.17](#)).

A lã é, em certos contextos, um símbolo bíblico de brancura e pureza. É uma comparação para:

- redenção ([Is 1.18](#)),
- o cabelo daquele que sempre existiu, ou, Ancião de Dias ([Dn 7.9](#)), e
- o cabelo e a cabeça do Filho do Homem ([Ap 1.14](#)).

Veja também Tecido e fabricação de tecidos.

Laade

Filho de Jaate da tribo de Judá ([1Cr 4.2](#)).

Laamas

Cidade judaíta no distrito de Sefelá de Laquis ([Is 15.40](#)), geralmente identificada com a moderna Khirbet el-Lahm; também soletrada como Laamás em algumas versões (NVI, ARC).

Labão (local)

Local de acampamento israelita no Sinai ([Dt 1.1](#)). Alguns o equiparam com a Libna de [Números](#)

[33.20.21](#). As propostas para sua localização variaram desde o sul de Rabá-Amom até a costa árabe ao sul de Elate. Seu local ainda é desconhecido.

Labão (Pessoa)

Filho de Betuel ([Gn 24.24.29](#)), irmão de Rebeca (vv. [15.29](#)), pai de Lia e Raquel ([29.16](#)), e tio e sogro de Jacó. Os antepassados de Labão viveram em Ur, mas seu pai, Betuel, era chamado de arameu de Padã-Arã, e Labão também é referido como arameu. A cidade natal deles era Harã, que ficava na Síria e que, assim como Ur, era um centro de adoração do deus da lua, Sin ou Nanna.

Quando Isaque atingiu a maioridade, Abraão enviou seu servo Eliezer de volta a Harã para encontrar uma esposa para Isaque. Labão recebeu Eliezer de forma hospitaleira e providenciou acomodações para ele e seus camelos ([Gn 24.29-33.54](#)). Labão agiu como chefe da casa; ele tomou a decisão sobre o casamento de Rebeca com Isaque (vv. [50-51](#)), e foi para ele e sua mãe que Eliezer deu presentes de ornamentos valiosos (v. [53](#)).

Labão desempenha um papel importante na narrativa de seu sobrinho Jacó em sua busca por uma esposa. Após o engano de Isaque por Rebeca e Jacó, Rebeca temeu que Esaú matasse Jacó, então sugeriu que ele fugisse para seu irmão, Labão ([Gn 27.43](#)); enquanto isso, ela persuadiu Isaque de que Jacó deveria ir para Harã para encontrar uma esposa entre seu próprio povo. Quando Jacó chegou à região de Harã, ele conheceu Raquel, a filha mais nova de Labão, e foi calorosamente recebido ([29.13](#)). Labão contratou Jacó para cuidar de seus rebanhos, e foi acordado que após sete anos de trabalho Jacó receberia Raquel como pagamento. No final desse período, Labão substituiu Lia, sua filha mais velha. Jacó protestou, mas os dois homens finalmente decidiram que Jacó deveria servir mais sete anos por Raquel.

Tanto Jacó quanto Labão eram trapaceiros e tiveram sérias disputas sobre salários. Jacó propôs que seus salários fossem uma certa porção dos rebanhos. Quando isso foi aceito, o Senhor abençoou Jacó e seus rebanhos, e Labão ficou furioso. Jacó afirmou que Labão havia mudado seus salários dez vezes ([Gn 31.7.41](#)).

Jacó fugiu de Harã. Labão o perseguiu porque estava sem seus deuses domésticos, cuja posse tornava o portador herdeiro da propriedade de

Labão. Raquel os havia levado, mas os escondeu habilmente da busca de seu pai.

Labão e Jacó se separaram após fazerem uma aliança de paz e erguerem uma coluna de pedras para servir como testemunho entre eles ([Gn 31.46-50](#)).

Veja também Jacó #1.

Lacum

Cidade fronteiriça fortificada dentro do território de Naftali ([Js 19.33](#)). Seu local é identificado com Khirbet el-Mansurah, cerca de 4,8 quilômetros a sudoeste de Khirbet Kerak, na nascente do Wadi Fejjas.

Lada

Filho de Selá e pai de Maressa da tribo de Judá ([1Cr 4.21](#)).

Ladã

1. Membro da tribo de Efraim que foi ancestral de Josué ([1Cr 7.26](#)).
2. Levita gersonita, nomeado como chefe de várias famílias ([1Cr 23.7](#); [26.21](#)). Ele também é chamado de Libni. *Veja* Libni #1.

Ladrão, roubo

Veja Direito penal e punição.

Lael

Um levita da família de Gérson. Ele era o pai de Eliasafe ([Nm 3.24](#)).

Lagar

Uma área rebaixada ([Jz 6.11](#)) onde a colheita de uvas era jogada e pisada com os pés descalços, acompanhada de gritos de alegria e canções de trabalho antigas ([Jr 48.33](#); cp. [Is 65.8](#)). O suco vermelho fluía através de bicas para dentro de jarros. Lagares cheios significavam prosperidade;

os abandonados indicavam miséria. O lagar comum era um marco natural ([Jz 7.25](#); [Zc 14.10](#)). Um lagar de propriedade privada demonstrava o cuidado do dono da vinha ([Is 5.2](#); [Mt 21.33](#)).

O pisoteamento das uvas simbolizava o impiedoso esmagamento por exércitos invasores ([Lm 1.15](#)). Esta vívida metáfora de batalha se mistura com o julgamento divino ([Is 63.1-6](#)), antecipando o julgamento final do Senhor, chamado de “a Grande prensa de vinho da ira de Deus” ([Ap 14.18-20](#)).

Veja também Videiras, vinhedo; Vinho.

Lagarta

Larva semelhante a uma minhoca de borboleta, mariposa e alguns outros insetos. A lagarta é a forma jovem de alguns insetos que passa por uma transformação completa antes de se tornar adulta. Esses insetos passam por quatro estágios:

1. Ovo;
2. Larva;
3. Pupa;
4. Adulto.

A lagarta é a fase larval de alguns insetos. Abelhas, moscas, mariposas e borboletas, todas têm uma fase larval ou de lagarta.

A palavra "lagarta" aparece três vezes em algumas traduções como "gafanhotos", como registra a NTLH em [1Rs 8.37](#), [2Cr 6.28](#) e [Sl 78.46](#). No livro de Joel, a mesma palavra é traduzida como "gafanhoto" ([Jl 1.4](#); [2.25](#)). O gafanhoto e o grilo não passam por uma transformação completa. Eles têm apenas três estágios:

1. Ovo;
2. Ninfa;
3. Adulto.

A ninfa é um adulto minúsculo. Suas asas não estão totalmente desenvolvidas, embora seu contorno possa estar presente. Existem vários estágios de ninfa conhecidos como ínstaes. A referência ao gafanhoto diz respeito aos últimos ínstaes. As estruturas das asas ainda estão dobradas e fechadas em um saco, mas são reconhecíveis. Essa forma do inseto tem cerca de dois centímetros e meio de comprimento.

Veja Gafanhoto.

Lagartixa

Um gecko é um pequeno lagarto que pertence à família científica *Gekkonidae*.

Na lei alimentar judaica, o lagarto-gecko era considerado cerimonialmente impuro. A região da Palestina e Israel possui sete tipos diferentes de espécies de lagartos-gecko, como *Hemidactylus turcicus* e *Ptyodactylus hasselquistii*. Todas essas espécies de lagartos-gecko se alimentam de insetos. Os lagartos-gecko emitem um som que se assemelha a um lamento ao vibrarem rapidamente suas línguas. Segundo lendas, acreditava-se que os lagartos-gecko poderiam causar lepra (uma doença de pele) ao rastejarem sobre alguém.

Os geckos também são chamados de lagartixas de parede. Este nome vem de sua capacidade de andar em tetos usando discos de sucção em seus dedos. No entanto, eles frequentemente caem nas casas das pessoas. Como eram considerados cerimonialmente impuros, sua presença era muito problemática para as famílias judias ([Lv 11.31-38](#)).

Em [Levítico 11.30](#), os tradutores da ARC e da TB2010 identificaram incorretamente o lagarto como uma topeira.

Veja também Lagarto.

Lagarto

Pequeno réptil com pele escamosa, quatro patas e uma longa cauda. *Veja* Animais.

Lagarto-da-areia

Veja Animais (lagarto).

Lago De Fogo

A morada final de Satanás, seus servos e seres humanos impenitentes.

Este lugar é mencionado apenas em Apocalipse ([Ap 19.20](#); [20.10,14-15](#); [21.8](#)), mas sua natureza terrível é abundantemente clara. É descrito como um lago de fogo ou lago de enxofre ardente no qual são lançados (1) a “besta” e seu “falso profeta” após o Cordeiro os derrotar, (2) Satanás após sua última rebelião, (3) Morte e Hades, e (4) todos os nomes

que não são encontrados no “Livro da Vida”. É chamado de segunda morte, pois é a separação final de Deus para além da ressurreição e julgamento final.

O lago de fogo é provavelmente o mesmo lugar que Jesus chama de Geena ([Mt 10.28](#); [Mc 9.43](#); [Lc 12.5](#)), as “escuridão” ([Mt 8.12](#); [22.13](#); [25.30](#)), e o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos ([Mt 25.41](#); cf. [Is 66.24](#)). A imagem é derivada dos incêndios no vale de Hinom, fora de Jerusalém, e talvez do fluxo de fogo que emana do trono de Deus ([Is 30.33](#); [Dn 7.10](#); cf. [Is 34.9-10](#)). A imagem era conhecida pelos judeus, bem como escritores cristãos (Ascensão de Moisés 10.10; [2Ed 7.36](#)). Qualquer que seja a imagem ou nome, todos eles apontam para um lugar de tormento eterno e separação de Deus, onde os impenitentes sofrerão para sempre.

Veja também Geena; Julgamento Final.

Laís

Uma cidade no território de Benjamim mencionada entre Galim e Anatote ([Is 10.30](#)). Arqueólogos acreditam que a antiga cidade pode ter sido localizada em um local agora chamado Khirbet el-'Isawiyeh.

Laís (lugar)

1. Nome antigo para a cidade de Dã ([Jz 18.7,14,27-29](#)). *Veja* Dã (lugar) #1.

Veja Laís.

Laís (pessoa)

O pai de Paltiel (também chamado de Palti). O rei Saul deu sua filha Mical a Paltiel como esposa. Mical foi anteriormente casada com Davi antes de Saul tirá-la e dá-la a Paltiel ([1Sm 25.44](#); [2Sm 3.15-16](#)).

Lamentações, Livro de

Livro composto por cinco poemas que formam um lamento formal sobre a queda de Jerusalém.

Resumo:

- Autor

- Dados
- Contexto
- Estrutura
- Propósito e ensino de teologia
- Conteúdo

Autor

O livro de Lamentações tem sido tradicionalmente atribuído ao profeta Jeremias. Esta atribuição é apoiada pela Vulgata Latina e pela Septuaginta.

A autoria de Jeremias para o livro tem sido questionada por muitos estudiosos. As principais razões para isso são os diferentes estilos literários dos livros de Jeremias e Lamentações e os supostos pontos de vista conflitantes nos dois livros.

Os estilos literários desses livros são marcadamente diferentes. As profecias do livro de Jeremias são pronunciamentos fluidos que criam uma impressão de espontaneidade e são bastante diferentes das estruturas literárias elaboradas de Lamentações. Mas é um tanto arbitrário afirmar que Jeremias não poderia ter escrito o livro de Lamentações com base no estilo. A escolha da forma acróstica naturalmente limitaria o alcance da liberdade do escritor e afetaria profundamente seu estilo. É claro a partir de [2 Crônicas 35.25](#) que Jeremias compôs o mesmo tipo de material encontrado em Lamentações. Como os sermões do livro de Jeremias foram destinados à proclamação pública, eles naturalmente teriam uma espontaneidade que o livro de Lamentações não possuiria. Certamente, a natureza sensível refletida nas profecias de Jeremias também caracterizou o autor de Lamentações.

Típico das supostas diferenças de ponto de vista usadas para negar a autoria jeremíaca é o papel das nações na destruição de Jerusalém. Em sua profecia, Jeremias viu os babilônios invasores como uma ferramenta do castigo de Deus e apelou aos judeus para se renderem aos invasores ([Jr 28.3](#)). O livro das Lamentações parece fazer de Deus o autor direto do castigo e vê as nações inimigas apenas como espectadores que também experimentarão a ira de Deus ([Lm 1.21](#); [3.59-66](#)). Deve-se notar, no entanto, que os inimigos referidos em Lamentações não são apenas os babilônios, mas todos os poderes hostis que ameaçaram Judá e se regozijaram com sua destruição ([1.21](#)). A garantia de que Deus julgará esses inimigos não é uma negação da mensagem do livro de Jeremias, pois seria artificial para Jeremias

supor que os babilônios, mesmo sendo um instrumento da ira de Deus, estivessem isentos de punição. Tal conceito está em desacordo com [Jeremias 12.14-17](#).

Várias frases usadas no livro de Jeremias também são encontradas em Lamentações. As expressões “de todos os lados, os meus terríveis inimigos” ([Lm 2.22](#); cf. [Jr 6.25](#); [20.10](#)) e “amargas” ([Lm 3.15,19](#); cf. [Jr 9.15](#); [23.15](#)) são exemplos disso. Este fato apoia o conceito de autoria jeremiana do livro.

Outras razões citadas para a negação da autoria de Jeremias são a ausência do nome de Jeremias em Lamentações e a posição do livro nos escritos, e não nos profetas, na bíblia hebraica. A ausência do nome de Jeremias não é um argumento convincente contra sua autoria; há um número significativo de livros do Antigo Testamento cujos autores não são mencionados. Como o livro de Lamentações é um lamento formal e, portanto, diferente do livro de Jeremias com suas numerosas referências autobiográficas, não se esperaria alusões pessoais pelo autor.

A posição de Lamentações na terceira divisão da bíblia hebraica é às vezes utilizada por aqueles que questionam a autoria de Jeremias. Como Jeremias está na segunda divisão, argumenta-se que Lamentações foi escrita tarde demais para ter sido de autoria de Jeremias. Deve-se notar, no entanto, que há uma falta de unidade nas listas iniciais dos livros canônicos na terceira divisão. É difícil atribuir uma data tardia a um livro da terceira divisão apenas por causa de sua inclusão nessa divisão. O pai da igreja primitiva, Jerônimo, indicou que Lamentações estava uma vez no mesmo rolo que Jeremias.

Data

Se o livro de Lamentações foi escrito por Jeremias, a escrita teria ocorrido logo após a queda de Jerusalém (586 a.C.). É extremamente difícil imaginar um autor de tempos posteriores escrevendo um lamento tão pungente sobre a queda de Jerusalém. As descrições vívidas do sofrimento enfrentado pelos habitantes de Jerusalém apoiam a ideia de que o livro foi escrito por uma testemunha ocular dos eventos.

Contexto

Após muitos meses de cerco pelos exércitos babilônicos, Jerusalém caiu, e ocorreu a deportação final do povo de Judá. A confirmação extrabíblica da devastação causada pela invasão babilônica

pode ser encontrada nas cartas de Laquis, que registram a mensagem de um soldado no campo que indica que está observando os sinais de Laquis, mas não consegue ver os sinais de Azeca (cf. [Jr 34.7](#)).

O período que antecedeu a queda de Jerusalém foi marcado por conflitos internos e intrigas políticas. Jeremias aconselhou a rendição, enquanto os líderes chauvinistas de Jerusalém tentaram encorajar os judeus a continuarem lutando contra o ataque babilônico. O papel de Jeremias nesses eventos finais foi delicado. Sua vida foi ameaçada, e ele sofreu inúmeras prisões.

A queda de Jerusalém significou mais do que uma derrota vergonhosa e exílio. Embora isso já fosse difícil de suportar, a emergência teológica provocada pelo evento teria sido a coisa mais difícil para os judeus crentes compreenderem. A queda da cidade na qual Deus escolheu se revelar teria sinalizado o fim das promessas de Deus. O Antigo Testamento claramente estabelecia um futuro glorioso para Jerusalém. Ela deveria ser o centro do reino messiânico no fim dos tempos ([Mq 4](#)). A destruição da cidade faria muitos questionarem a veracidade da palavra de Deus. As lamentações neste livro não são apenas pelo sofrimento que acompanhou a queda da cidade, mas também pelas profundas questões espirituais levantadas por sua destruição.

Estrutura

Cada poema possui um padrão simétrico distinto. O primeiro ([Lm 1](#)) é um acróstico elaborado, composto por segmentos de três linhas. Existem 22 segmentos, cada um começando com uma letra diferente do alfabeto hebraico, seguindo em ordem da primeira à última. O segundo poema ([Lm 2](#)) é semelhante, exceto por uma transposição de duas letras hebraicas. O terceiro poema ([Lm 3](#)) também é composto por segmentos de três linhas, mas cada linha começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico, ao contrário dos dois primeiros poemas, onde apenas a primeira linha de cada segmento começa com uma letra diferente. As mesmas letras hebraicas são transpostas. O quarto poema ([Lm 4](#)) é um acróstico composto por segmentos de duas linhas. A primeira linha de cada segmento começa com a letra hebraica apropriada. O último poema ([Lm 5](#)) não é um acróstico, mas contém o mesmo número de letras que o alfabeto hebraico.

A razão para essa estrutura complexa é desconhecida. Foi sugerido que seja um dispositivo para ajudar na memorização. Outra sugestão é que

os hebreus podem ter visto o alfabeto como representando o conceito de totalidade ou completude. Essa ideia deriva do fato de que o alfabeto hebraico representava números, assim como letras. Esse conceito de totalidade pode estar refletido na referência às primeiras e últimas letras do alfabeto grego em [Apocalipse 1.8](#): “Eu sou o Alfa e o Ômega.” É bastante possível que a expressão de lamentação na estrutura do alfabeto hebraico pudesse ter representado toda a gama de tristeza sentida pelo autor enquanto ponderava sobre a queda da cidade de Jerusalém.

Propósito e ensino teológico

Um dos principais propósitos do livro de Lamentações foi expressar a profunda tristeza que Jeremias sentiu como resultado da catástrofe de Jerusalém. Ao escrever o livro, ele expressou a dor de todos os judeus de sua época e lhes proporcionou um meio de extravasar seu sofrimento.

O livro não contém apenas lamentações, mas também expressa esperança e conforto. Assim, outro de seus propósitos era elevar os corações do povo e direcioná-los para Deus, a fonte de todo conforto. Uma das maiores expressões de esperança no livro é encontrada em [3.22,23](#): “O amor do Senhor Deus não se acaba, e a sua bondade não tem fim. Esse amor e essa bondade são novos todas as manhãs; e como é grande a fidelidade do Senhor”.

Talvez o propósito mais importante do livro fosse explicar a razão teológica para a catástrofe. O livro destaca a razão para a queda de Jerusalém de forma clara e demonstra o que pode ser aprendido sobre Deus a partir disso. A razão dada para a queda de Jerusalém é o pecado do povo ([1.8-9,14](#); [4.13](#)). A queda da cidade é uma ilustração vívida da justiça de Deus em não ignorar o pecado, mesmo naqueles que são seus ([1.18](#)). Demonstra o fato de que Deus pode parecer um inimigo para seu povo quando eles são desobedientes ([2.5-7](#)). Mostra que a catástrofe não estava fora dos propósitos de Deus (v. [17](#)) e descreve vividamente os resultados que podem advir da desobediência deliberada. Mas Deus é visto como um Deus de misericórdia e fidelidade também. Mesmo que Jeremias visse sua amada pátria desmoronando ao seu redor, restava um grande elemento de estabilidade: a lealdade de Deus às suas promessas. Jeremias sabia que isso não era o fim, pois ele confiava no amor constante do Senhor e aprendeu a esperar silenciosamente para que Deus agisse em seu tempo ([3.22-27](#)).

Conteúdo

O primeiro capítulo é uma lamentação sobre o cativeiro dos cidadãos de Jerusalém e a desolação consequente da cidade.

O autor alude a [Deuteronômio 28.64-65](#) no início da primeira lamentação ([Lm 1.3](#)). Nesse trecho, Moisés advertiu o povo de que sua desobediência a Deus resultaria em sua dispersão entre as nações, sem lugar de descanso. [Lamentações 1.3](#) diz que esse aviso se concretizou.

A causa do infortúnio de Israel foi o seu pecado ([1.8a](#)). Este é um exemplo notável dos resultados da desobediência a Deus. Os resultados terríveis do pecado permeiam esta primeira lamentação em uma série de imagens de profundo pathos (v. [11-12,16-17](#)). No meio deste sofrimento, Israel confessa que Deus estava certo (v. [18](#)). A justiça de Deus envolve seu agir com integridade. Ele pune o pecado mesmo em seu próprio povo.

A primeira lamentação termina com uma oração na qual o povo clama pelo julgamento de Deus sobre seus inimigos ([1.21-22](#)). Tais imprecações são a maneira do crente do Antigo Testamento expressar seu anseio por um fim ao mal, como era personificado nas nações ímpias.

A segunda lamentação também diz respeito à destruição de Jerusalém, mas coloca mais ênfase no julgamento de Deus. O tom é mais estridente do que na lamentação anterior. Ao longo da passagem, aparecem palavras expressando raiva ([2.1-3,6-7](#)). É como se a terrível ira de Deus, evidente na destruição da cidade, ainda estivesse vívida na mente do escritor.

O autor atribui a culpa pela ira de Deus diretamente aos falsos profetas ([2.14](#)); no entanto, ele não isenta o povo da responsabilidade, como fica claro em outras passagens (e.g. [1.5,8](#)). Foram os falsos profetas da época que falharam em alertar o povo sobre as consequências de seus pecados ([2.14](#)). Por causa disso, a destruição veio, e o escritor não pode confortar o povo (v. [13](#)).

A segunda lamentação começa com uma referência ao escabelo de Deus ([2.1](#)), provavelmente referindo-se à Arca da Aliança ([1Cr 28.2](#)). A arca era o ponto focal da revelação de Deus de si mesmo. Este versículo reflete a emergência teológica da época; o escritor lamenta o fato de que Deus não se lembrou de seu “escabelo”. Mesmo a arca sagrada, que marcava a presença de Deus com seu povo, não impediu Deus de destruir Jerusalém.

O mesmo pensamento é expresso nos versículos [6,7](#), onde os aspectos tradicionais do culto israelita, assim como o santuário, são vistos como tendo sido destruídos por Deus. Esta importante verdade demonstra o ponto de vista de todo o livro, que considera Deus como a causa direta da desgraça.

A terceira lamentação é muito pessoal. Em sua conclusão, a tristeza e a queixa se transformam em uma oração de confiança ([3.61-66](#)). Nos primeiros 18 versículos deste capítulo, o escritor descreve como o Senhor o afligiu. Ele se refere a Deus na terceira pessoa, não o chamando de Senhor até pronunciar as palavras do versículo [18](#). Somente depois de derramar sua dor dessa maneira é que ele pode pronunciar o nome do Senhor. Essa dor pungente de repente se transforma em uma expressão de alegria. Ele pode afirmar a fidelidade da aliança do Senhor, e em meio à tristeza crescente, ele vê as misericórdias de Deus como novas a cada manhã (vv [22-24](#)). O capítulo se encerra com uma súbita explosão de confiança (vv [58-66](#)), na qual o escritor afirma sua crença de que Deus o vindicará perante seus inimigos. Somente após meditar sobre a natureza da bondade amorosa de Deus (vv [22-27](#)) ele pode pronunciar essas palavras. O isolamento desesperado e a separação de Deus expressos nos versículos [1-17](#) dão lugar à medida que ele afirma a bondade de Deus. A confiança vem à medida que ele reflete sobre a natureza e a bondade de Deus.

A quarta lamentação destaca que o julgamento foi merecido. O autor descreve as várias classes da população ([4.1-16](#)) e mostra como cada uma foi afetada pela queda de Jerusalém. Os versículos [12-20](#) afirmam que o julgamento de Deus é uma consequência direta do pecado. Esta lamentação também se transforma em uma declaração jubilosa de esperança (vv [21-22](#)), à medida que o escritor afirma que Deus punirá os inimigos de Israel. O pecado de Israel será perdoado, e a culpa da “filha de Edom” será punida. A “filha de Edom” representa, sem dúvida, todas as nações inimigas. (Edom é usado em [Is 63.1](#) da mesma forma.) Esta salvação da nação de Judá não ocorrerá até que sua culpa seja expiada. Isso acontece quando Deus conquista as nações ímpias. Esta conquista das nações é um evento que ocorre no fim dos tempos, de acordo com inúmeras passagens do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Representa a manifestação da soberania total de Deus sobre sua criação.

O último capítulo é uma oração comovente na qual o autor descreve seus sofrimentos e pede a Deus

para restaurar a fortuna do povo. Começa com um pedido a Deus, pedindo-lhe que considere tudo o que aconteceu ao povo ([5.1-18](#)). Parte da ignomínia dos judeus cativos é que “escravos” governam sobre eles (v. [8](#)). Esta é uma aparente referência aos captores babilônicos, que eles próprios estavam sujeitos a um governo despótico por muitas décadas. A perspectiva do autor muda no versículo [19](#), onde ele afirma que o Senhor reina para sempre. Enquanto Jerusalém, a morada terrena do Senhor, chegou ao fim, o trono do Senhor perdura para sempre. Porque seu trono é a Eternidade, o autor pergunta: “Por que nos abandonaste por tanto tempo? Será que lembrarás de nós outra vez? Faze com que voltemos a ti, ó Senhor, sim, faze-nos voltar! Faze com que a nossa vida seja outra vez como era antes. Ou será que nos rejeitaste para sempre? Será que a tua ira contra nós nunca vai acabar?” ([5.20-22](#), NTLH). A pergunta é baseada na crença de que, porque o reinado de Deus é eterno, ele não pode abandonar completamente seu povo. Ele restaurará seu reino.

O livro de Lamentações é negligenciado por muitos cristãos. Ele merece ser estudado mais. Sua poderosa declaração sobre as bênçãos que podem surgir da tragédia é uma mensagem relevante em qualquer época, e é uma das ilustrações mais poderosas dos resultados do pecado encontradas no AT. Sua teologia é clara e precisa, pintando um quadro vívido da fidelidade de Deus contra o fundo sombrio do colapso da cidade de Sião.

Veja também Jeremias (pessoa) #1; Jeremias, Livro de.

Lamento, lamentação

Veja Luto.

Lameque

1. Filho de Metusael, descendente de Caim, e marido de Ada e Zila.
Os filhos de Lameque com Ada foram:
 - Jabal, “o pai dos que habitam em tendas e têm gado”;
 - Jubal, “o pai de todos os que tocam harpa e flauta”.

Seus filhos com Zila foram:

- Tubalcaim, “um forjador de todo tipo de ferramenta de bronze e ferro”;
- Naamá ([Gênesis 4.18-22](#)).

Nos primeiros capítulos de Gênesis, os filhos de Lameque representam o início da criação de gado, música e metalurgia. A canção de Lameque ([Gênesis 4.23-24](#)) é um exemplo inicial de poesia hebraica. Nesta canção, Lameque se gaba de ter matado um homem que o feriu, comparando seu ato de vingança ao assassinato de Abel por Caim ([Gênesis 4.8-12](#)). Ele afirma que “Se Caim é vingado sete vezes, então Lameque setenta e sete vezes”. A canção de Lameque mostra como, à medida que a civilização crescia, também cresciam o orgulho e a violência. Isso contrasta fortemente com o ensinamento de Jesus sobre o perdão, onde ele aconselha perdoar “setenta vezes sete” ([Mateus 18.22](#)).

1. Filho de Metusalém e pai de Noé ([Gênesis 5.25-31](#); [1 Crônicas 1.3](#)). Quando Noé nasceu, Lameque esperava que a criança trouxesse alívio à humanidade da maldição colocada sobre Adão ([Gênesis 5.29](#); compare [Gênesis 3.17](#)). Ele viveu por 777 anos, uma das vidas mais longas entre aqueles que viveram antes do Dilúvio. Os Manuscritos do Mar Morto continham longas conversas entre Lameque e seu pai, Metusalém. Lameque é listado como um antepassado de Jesus na lista familiar registrada em [Lucas 3.36](#). *Veja também* Genealogia de Jesus Cristo.

Lami

Um irmão de Golias, o geteu. De acordo com [1 Crônicas 20.5](#), Elanã matou Lami. Mas [2 Samuel 21.19](#) diz que Elanã matou Golias em vez de seu irmão Lami. A maioria dos intérpretes aceita a passagem de 1 Crônicas como a leitura correta. Eles consideram o texto de 2 Samuel como uma corrupção textual.

Lâmpada, Candelabro

As lâmpadas israelitas evoluíram a partir das que eram geralmente usadas entre os cananeus no segundo milênio a.C. Sua forma era semelhante a uma concha ou pires com uma borda. Lâmpadas de pedra, metal e conchas eram usadas, embora a maioria fosse feita de cerâmica. Uma infinidade de lâmpadas de barro, moldadas em uma variedade de modelos, foi escavada na Palestina.

A tigela de barro era moldada primeiro, e a borda era dobrada para ajudar a conter o óleo. Um bico era comprimido e fixado em uma das extremidades, onde o pavio seria colocado. Quando o barro secava, a lâmpada era queimada até adquirir um tom marrom fosco. Gradualmente, desenvolveu-se um estilo com um lábio cada vez mais acentuadamente afunilada. O pavio era geralmente feito de linho ([Is 42.3](#)), embora às vezes fosse usado um pedaço antigo de tecido de linho. Sal poderia ser adicionado ao pavio para uma chama mais brilhante, e frequentemente pavios extras eram usados. Isso levou ao desenvolvimento de lâmpadas com múltiplos bicos, como aquelas encontradas em Tell Dotha a partir de 1200 a.C..

O azeite de oliva era a forma mais comum de combustível para lâmpadas ([Êx 27.20](#)), e a lâmpada média podia conter óleo suficiente para queimar durante a noite. Apesar disso, a dona de casa teria que se levantar várias vezes para cuidar do pavio e manter sua preciosa lâmpada acesa ([Pv 31.18](#)). Pinças eram usadas para extinguir a chama de uma lâmpada no tabernáculo ou templo ([Êx 25.38; 37.23; Nm 4.9; 1Rs 7.49; Is 6.6](#)). Como as velas não eram conhecidas nos tempos bíblicos, o uso deste termo está incorreto.

A lâmpada em forma de pires, que poderia derramar facilmente, não era adequada para viagens noturnas, então uma tocha provavelmente era usada para esse propósito ([Jz 7.16-20](#)). Além disso, o pavio da lâmpada de pires aberta poderia facilmente se apagar à noite.

Lâmpadas eram comumente encontradas em sepulturas junto com oferendas de alimentos. Como a chama da lâmpada estava associada à vida, elas eram frequentemente colocadas em túmulos como um símbolo de vida sendo reacendida.

Embora um estilo de lâmpada mais elaborado, em forma de xícara e pires, tenha sido desenvolvido, no qual a chama vinha da área central, a lâmpada de pires permaneceu a mais popular. A lâmpada helenística mais antiga encontrada na Palestina data de 630 a.C. e já apresenta indicações do

modelo coberto posterior. Durante os séculos VI e V a.C., foi desenvolvida uma lâmpada em estilo de pires com fundo plano.

No terceiro século a.C., o estilo grego mais elaborado, feito em roda e coberto, ganhou precedência. Essas lâmpadas eram frequentemente de modelo simples, arredondadas, com um orifício central para o óleo e outro no pequeno bico para o pavio.

No século II a.C., a lâmpada feita em roda foi substituída por uma lâmpada de cerâmica moldada com um modelo mais refinado e um bico maior. Lâmpadas egípcias importadas desse tipo foram encontradas no sul da Palestina. Lâmpadas com múltiplos bicos provavelmente eram usadas em ocasiões festivas. Do mesmo período vem a lâmpada de bronze influenciada pelo helenismo, representando uma figura sentada segurando uma lâmpada de pires nas mãos. No final da era helenística, a forma das lâmpadas se deteriorou à medida que os bicos se tornaram grossos e atarracados.

Pequenas lâmpadas redondas com um formato simples eram predominantes na época de Cristo; este seria o tipo de lâmpada usada pela mulher que procurava a moeda de ouro em sua casa ([Lc 15.8](#)). Com os pavios aparados, as lâmpadas das virgens tolas provavelmente teriam durado aproximadamente cinco horas, do anoitecer até cerca da meia-noite ([Mt 25.1-12](#)).

As lâmpadas judaicas faziam parte do simbolismo religioso do lar, provavelmente remontando à proibição de acender fogo no sábado ([Êx 35.3](#)). Referências à luz abundam nas Escrituras. Lemos sobre o olho como uma lâmpada ([Mt 6.22-23](#); [Lc 11.33-36](#)) e de Cristo como a Luz do Mundo ([Jo 8.12](#)). Somos advertidos a prestar atenção ao ensino como a uma luz que brilha na escuridão ([Pv 6.23](#); [2Pe 1.19](#)). Tanto Deus quanto o espírito do homem são simbolizados como lâmpadas ([2Sm 22.29](#); [Pv 20.27](#)), enquanto em [Provérbios 13.9](#) “lâmpada” é sinônimo da essência da própria vida. Lâmpadas, com ou sem suportes, também faziam parte do ritual judaico de morte, luto e sepultamento.

O tabernáculo abrigava um candelabro dourado ornamentado, ou menorá. De cada lado, três ramos saíam do caule central principal, e sete lâmpadas podiam ser acesas nos suportes em forma de flor. A menorá do templo de Jerusalém está representada em relevo no Arco de Tito em Roma. Este candelabro de sete braços, em particular, se

assemelha aos dez que faziam parte do mobiliário do templo de Salomão.

O candelabro de sete braços tem sido um símbolo especial da fé judaica desde sua primeira aparição em uma moeda no reinado de Antígono (40–37 a.C.) até os dias atuais.

Veja também Menorá.

Lança

Arma com uma haste longa. *Veja* Armaduras e armas (Dardo e lança).

Lança, Lançador

Veja: Armaduras e armas.

Laodiceia, laodicensenses

Laodiceia era a maior das três cidades em um amplo vale entre montanhas na região da Frígia. A cidade estava localizada onde o Vale do Lico encontrava o Rio Meandro. As pessoas que viviam em Laodiceia eram chamadas de laodicensenses. O portão ocidental da cidade era conhecido como Portão de Éfeso. De lá, os viajantes podiam seguir para o oeste em direção a Éfeso. O portão oriental era chamado de Portão Sírio. De lá, uma estrada principal seguia para o leste até Antioquia. Outras estradas de Antioquia levavam ao Vale do Eufrates, Damasco e aos desertos do extremo leste, alcançando até a região de Gobi.

Fornecimento de água e fraqueza

Laodiceia não foi construída em uma colina ou montanha naturalmente forte. A pequena colina onde a cidade estava situada tinha algumas defesas, mas não era muito segura. A maior fraqueza da cidade era seu abastecimento de água. A água vinha através de um aqueduto (um canal de água feito pelo homem) de nascentes a cerca de 9,7 quilômetros de distância, perto de Hierápolis. Partes desse aqueduto ainda existem hoje. Os canos de água estão agora parcialmente bloqueados por depósitos espessos de cálcio branco. Como a fonte de água era tão fácil de atacar, a cidade não conseguia sobreviver a um cerco prolongado. Mesmo que o aqueduto estivesse enterrado no subsolo, não era um segredo bem guardado.

Laodiceia sob o domínio romano

Quando o Império Romano trouxe paz para a região, Laodiceia deixou de ser uma cidade fronteira e se tornou um rico e importante centro comercial. O líder romano Cícero passou por Laodiceia em 51 a.C. a caminho de governar a Cilícia, conseguindo descontar ordens de pagamento na cidade. Isso demonstra que Laodiceia já era um lugar próspero com um sistema bancário forte, mais importante do que a vizinha Colossos.

Um produto era a lã preta brilhante. Esta lã vinha de um tipo especial de ovelha preta de pelo longo. Essas ovelhas foram criadas na região até o século 19. A lã ajudou a sustentar um grande negócio de fabricação de tecidos tanto em Laodiceia quanto em Colossos. Algumas roupas laodicenses foram listadas em uma lei de controle de preços do governante romano Diocleciano por volta de 300 d.C. Uma cópia dessa lei foi encontrada em uma cidade próxima chamada Afrodísias.

Medicina

Laodiceia tinha uma escola de medicina. Alguns de seus médicos eram tão renomados que seus nomes foram impressos em moedas durante o governo do imperador romano Augusto (por volta do primeiro século d.C.). A escola de medicina provavelmente criou um pó para os olhos bem conhecido chamado "pó frígio". Este remédio era famoso no mundo antigo e pode ter sido feito de lama seca retirada das fontes termais em Hierápolis, nas proximidades. Quando misturado com água, o pó se transformava em uma argila macia (chamada de cataplasma) usada para tratar infecções e inchaços nos olhos.

Laodiceia no livro de Apocalipse

O livro do Apocalipse utiliza palavras fortes para criticar a igreja em Laodiceia:

“Vocês dizem: ‘Somos ricos, estamos bem de vida e temos tudo o que precisamos.’ Mas não sabem que são miseráveis, infelizes, pobres, nus e cegos. Portanto, aconselho que comprem de mim ouro puro para que sejam, de fato, ricos. E comprem roupas brancas para se vestir e cobrir a sua nudez vergonhosa. Comprem também colírio para os olhos a fim de que possam ver”. ([Ap 3.17-18](#)).

Esta mensagem reflete aspectos pelos quais Laodiceia era conhecida. A cidade era rica. Vendia roupas de lã preta por todo o mundo romano.

Possuía uma escola de medicina que produzia uma famosa pomada para os olhos.

O autor do Apocalipse afirma que, mesmo com todas essas coisas, as pessoas ainda eram pobres, cegas e nuas espiritualmente.

Veja também Apocalipse, Livro de.

Lapidote

Marido de Débora, a profetisa ([Jz 4.4](#)).

Lápis

Uma ferramenta de carpinteiro mencionada em ARA em conexão com a fabricação de ídolos ([Is 44.13](#)). Outras traduções são "giz" (NTLH), "plaina" (ACF), "traçador" (NVI).

Lápis-lazúli

Pedra semipreciosa (silicato) conhecida por sua intensa cor azul. *Veja* Minerais e metais; Pedras preciosas.

Laquis

Lugar mencionado pela primeira vez na Bíblia em conexão com Josué e a conquista israelita da Palestina. Naquela época, seu rei e exército estavam entre a coalizão de cidades do sul da Palestina que enfrentaram Josué em Gibeão. Após a vitória de Josué, ele executou o rei de Laquis e mais tarde tomou a cidade em si ([Js 10.26,32](#)). Embora Davi provavelmente tenha revivido a cidade, ela ganhou novo significado quando o rei Roboão de Judá (c. 920 a.C.) a tornou uma de suas cidades fortificadas para proteger o reino contra ataques egípcios e filisteus ([2Cr 11.9](#)). Cerca de um século depois, Amazias, rei de Judá, foi morto em Laquis, onde havia fugido para escapar dos conspiradores ([2Rs 14.19](#)).

Laquis resistiu valentemente quando Senaqueribe da Assíria invadiu em 701 a.C., mas acabou caindo sob ataques furiosos ([2Rs 18.13-17](#); [Is 36](#)). Reocupada e reconstruída pelos judeus, foi um dos últimos postos avançados de Jerusalém a cair para os babilônios quando Nabucodonosor invadiu em 588-586 a.C. e trouxe o reino do sul ao fim ([Jr 34.7](#)).

Além das referências bíblicas, as cartas egípcias de Amarna e os registros assírios aludem a Laquis.

A localização de Laquis foi debatida por muito tempo. Originalmente, foi situada em Umm Lakis, depois em 1891 em Tell el-Hesi, e finalmente em 1929 em Tell ed-Duweir, a 48,3 quilômetros a sudoeste de Jerusalém e a 24,1 quilômetros a oeste de Hebrom. Esta última identificação agora foi confirmada por uma variedade de indicadores.

Veja também Cartas de Laquis.

Lareira

Veja Casas e moradias.

Lasa

Um nome de lugar, de outra forma desconhecido. Uma descrição antiga usa este nome para se referir ao limite sul do território ocupado pelos cananeus ([Gn 10.19](#)). Esta passagem associa Lasa com outras cidades próximas à extremidade sul do Mar Morto.

Lasarom

Cidade em Canaã conquistada por Josué ([Js 12.18](#)). Outro manuscrito antigo lê “o rei de afeca em Sarom”, talvez indicando que Lasarom não era o nome de uma cidade, mas parte de uma frase que distinguia esta cidade das outras afecas mencionadas na Bíblia.

Lascívia*

Indulgência extrema nos prazeres sensuais. As traduções modernas da Bíblia geralmente usam as palavras “licenciosidade”, “devassidão” ou “sensualidade” em vez disso. A lascívia ocorre quando a busca do prazer é levada ao extremo do completo desrespeito pela integridade dos outros e pelo ambiente.

Entre exemplos bíblicos de lascívia estão o povo de Sodoma e Gomorra, que encheu suas vidas com atos sem lei ([2Pe 2.7](#)); os falsos mestres, que prometiam liberdade, mas eram eles mesmos escravos da corrupção ([2Pe 2.2,18-19](#); compare [Id 4](#)); e os gentios, que eram ávidos para praticar todo tipo de impureza ([Ef 4.19](#)). O apóstolo Paulo usou

“lascívia” para se referir aos excessos sexuais ([Rm 13.13](#); [2Co 12.21](#); [Gl 5.19](#)), que é provavelmente o sentido da palavra em [Marcos 7.22](#).

Laseia

Uma cidade portuária na ilha de Creta, localizada cerca de oito quilômetros (cinco milhas) a leste de Bons Portos. O navio do apóstolo Paulo passou por Laseia a caminho da Itália ([At 27.8](#)).

Não sabemos muito sobre Laseia. Provavelmente está em ruínas perto de Bons Portos. Pode ser a mesma Lasos mencionada por Plínio, o Velho, em sua *História Natural* (4.12.59). Plínio diz que Laseia era famosa no mundo antigo. Sua região continha 100 cidades e era um dos portos mais importantes de Creta.

Latão

Um metal amarelado feito de cobre e zinco, frequentemente utilizado nos tempos bíblicos para fabricar ferramentas, armas e itens decorativos. Termo utilizado na Almeida Revista e Corrigida.

Veja Minerais e Metais.

Latim

Uma das principais línguas do mundo greco-romano.

O latim se espalhou amplamente devido à expansão do poder de Roma e às consequências das relações oficiais com os povos sob seu controle. Isso levou a uma considerável contribuição do latim para o grego *koine* (comum). Desde o início da influência romana na Grécia, a política e o comércio romanos adicionaram um número crescente de palavras latinas ao grego.

Palavras latinas no Novo Testamento

Traços de latim no Novo Testamento não são surpreendentes. A influência do latim no grego do Novo Testamento deixou suas marcas principalmente no vocabulário, nas palavras transliteradas e nas frases traduzidas literalmente. O latim foi uma das três línguas nas quais a inscrição na cruz foi escrita ([Lc 23.38](#), apenas na ARC; [João 19.20](#)). Somente nessas duas passagens o termo “latim” ocorre no Novo Testamento.

O latim era a língua do direito romano e dos procedimentos judiciais. O grego poderia ser permitido, mas apenas por cortesia do tribunal. Isso explica por que a inscrição foi escrita em latim, além de grego e aramaico. Todo romano educado entenderia grego, mas o latim era usado como a língua oficial, militar e jurídica.

Isso é refletido no Novo Testamento, onde aparecem termos judiciais e militares em latim, juntamente com os nomes de moedas, artigos de vestuário, utensílios, e assim por diante. Por exemplo, palavras em latim são usadas para:

- quadrante,
- denário,
- centurião,
- colônia,
- guardar ou observar,
- Legião,
- toalha,
- pergaminho,
- palácio,
- assassino,
- sudário, e
- sobrescrição.

Além disso, mais de 40 nomes latinos de pessoas, títulos e lugares aparecem no Novo Testamento. Agripa, Cláudio, César, Félix e Cornélio são alguns dos nomes mais familiares. [Romanos 16](#) revela que nomes próprios latinos eram comuns entre os cristãos.

Exceto por nomes próprios, o Evangelho de Marcos utiliza mais palavras latinas do que qualquer outro documento do Novo Testamento. Isso seria esperado se o Evangelho tivesse sido realmente escrito em Roma, mas isso não está comprovado. A presença de muitas palavras latinas no mais curto dos quatro Evangelhos não é necessariamente uma evidência de que Marcos o escreveu em Roma. Elas são geralmente termos que o governo romano tornaria familiares em todas as partes do império. Além disso, os latinismos encontrados no Evangelho de Marcos também são encontrados nos outros três Evangelhos. Por exemplo, Mateus usa palavras latinas para quilômetro, tributo, guarda ou vigia, e para aconselhar. Devido às semelhanças

na gramática latina e grega, a influência da primeira sobre a gramática da última é mais difícil de rastrear.

Latim e a igreja primitiva

Por mais de 100 anos após os seguidores de Jesus iniciarem a igreja cristã, o grego foi mais importante do que o latim para os cristãos. Isso foi útil porque muitas pessoas em diferentes lugares falavam uma forma comum de grego. Como resultado, a igreja cristã primitiva podia usar uma versão da Bíblia que todos podiam entender: a tradução grega do Antigo Testamento. Para libertos e escravos, o latim era uma língua estrangeira e amplamente desconhecida. Isso explica por que os primeiros vestígios de uma tradução latina de qualquer parte das Escrituras são relativamente tardios.

Veja também Bíblia, Versões (antigas).

Lavandeiro

Traduzido como "tintureiro" na NTLH. Aquele que limpa, encolhe, engrossa ou tingue tecidos ou lã recém-tosquiada. Era o trabalho do tintueiro preparar fibras usadas para tecelagem, limpando-as de óleo e outras impurezas. Os materiais de limpeza que o tintueiro usava eram argila branca, urina e cinzas de plantas especiais. A oficina do tintueiro ficava fora da cidade devido aos odores desagradáveis e porque era necessário espaço para espalhar as fibras para secar, como era o caso do campo do tintueiro fora de Jerusalém nos dias de Isaías ([2Rs 18.17](#); [Is 7.3](#); [36.2](#)).

Lavandeiro, Campo do

O campo do lavandeiro era um lugar fora de Jerusalém, próximo a uma nascente ou piscina de água. Um passadiço elevado ou canal de água (chamado aqueduto) levava até lá ([2Rs 18.17](#); [Is 7.3](#); [36.2](#)). Muitos estudiosos acreditam que ficava perto de En-Rogel, uma nascente também chamada de "nascente do tintueiro". Um lavandeiro era alguém que limpava e preparava tecidos, especialmente lã.

En-Rogel ficava no Vale de Cedrom, ao sul de Jerusalém. Nos tempos bíblicos, marcava a fronteira entre as tribos de Judá e Benjamim ([Is 15.7](#); [18.16](#)). Quando Absalão se rebelou contra o rei Davi, Davi fugiu de Jerusalém. Dois de seus

ajudantes ficaram em En-Rogel para reunir notícias sobre a rebelião ([2Sm 17.17](#)).

En-Rogel é frequentemente identificado com um poço profundo chamado Bir Attub, ou "Poço de Jó". Este poço desce até a rocha e fornece água após a chuva.

Veja também Jerusalém.

Lázaro

1. Lázaro, o mendigo. Em uma das bem conhecidas parábolas de Jesus ([Lc 16.19-31](#)), ele comparou as vidas terrenas de um mendigo chamado Lázaro e de um homem rico que não é nomeado. O homem rico desfrutava de uma vida de luxo, mas ignorava Lázaro, um mendigo cego com feridas, que jazia em seu portão. Jesus disse que quando Lázaro morreu, ele foi estar com Abraão, enquanto o homem rico sofreu tormento eterno. Às vezes, as pessoas interpretam mal esta parábola como uma condenação à riqueza. No entanto, é, na verdade, um aviso contra desfrutar da riqueza sem se importar com os pobres. A parábola ensina que as escolhas que fazemos nesta vida afetam nosso destino eterno. Em nenhuma outra parábola Jesus deu a um personagem um nome específico. Por causa disso, alguns estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus poderia estar contando uma história verdadeira. No entanto, o nome "Lázaro" pode ter sido escolhido por seu significado, pois se refere a alguém "a quem Deus ajudou". Na Idade Média, as pessoas honravam o mendigo Lázaro como o santo padroeiro daqueles que sofriam de lepra. Hospitais para leprosos eram chamados de "casas de Lázaro".

2. Lázaro de Betânia. Jesus realizou um de seus milagres mais incríveis quando trouxe Lázaro de Betânia de volta à vida quatro dias após sua morte. Lázaro vivia com suas duas irmãs, Maria e Marta. Eles estavam entre os amigos mais próximos de Jesus ([Jo 11.3-5.36](#)). Jesus visitou a casa deles várias vezes, e ela se tornou seu lugar de estadia durante sua última semana na terra ([Mt 21.17; Lc 10.38-42; Jo 11.1-12.11](#)). Lázaro estava presente em um banquete realizado em homenagem a Jesus, onde Maria ungiu os pés de Jesus com perfume caro ([Jo 12.1-3](#)). A ressurreição de Lázaro é o milagre mais detalhado de Jesus no Evangelho de João. Teve três resultados importantes:
 3. Muitos judeus na área ao redor de Jerusalém acreditaram em Jesus ([Jo 11.45](#)) e mais tarde o receberam na cidade ([Jo 12.17-18](#)).
 4. Os líderes judeus, que já haviam rejeitado Jesus, decidiram que ele deveria ser condenado à morte ([Jo 11.53](#)).
 5. Esses líderes também planejaram matar Lázaro ([Jo 12.10-11](#)).

Este milagre não apenas demonstrou o poder de Jesus sobre a morte, mas também preparou o caminho para a sua própria ressurreição.

Leabim, Leabitas

Um dos vários grupos de pessoas associados ao Egito ([Gn 10.13; 1Cr 1.11](#)). Os leabitas podem ser um povo não identificado próximo ao Egito. Muitos estudiosos sustentam, provavelmente corretamente, que eles são idênticos aos lubins (Líbios). Os lubins são frequentemente vistos na Bíblia como lutando em aliança com o Egito ([Dn 11.43; Na 3.9](#)). Às vezes, o Egito e este grupo se

aliaram contra Israel, como na época de Roboão e Asa ([2Cr 12.3;16.8](#)).

Leão

O leão é um grande felino com pelagem marrom-dourada que se alimenta de carne. Seu nome científico é *Panthera leo*. Ele caça principalmente mamíferos com cascos, saltando para capturar sua presa. Historicamente, os leões viviam na África, Europa e na Terra Santa. Nos tempos antigos, leões africanos e persas compartilhavam territórios no Oriente Médio. O leão encontrado na Terra Santa era o leão asiático ou persa (*Panthera leo persica*).

Os machos têm juba pesada que param nos ombros, mas cobrem grande parte do peito. O leão persa não consegue escalar e caça principalmente à noite, retornando à sua toca ou a um matagal durante o dia ([Jr 4.7; 25.38; Na 2.11-12](#)). Este leão tem cerca de 1,5 metros de comprimento com uma cauda de aproximadamente 0,8 metros de comprimento. Seus ombros podem ter até 0,9 metros de altura. É uma das menores raças de leão.

Comportamento e hábitos de caça dos leões

Os leões frequentemente vivem em pares ou grupos chamados de alcateias. Eles preferem áreas abertas, mas também habitam regiões subtropicais, como o vale do rio Jordão na Palestina. Tipicamente, os leões caçam ao anoitecer. Eles matam presas pequenas com um golpe de pata e animais maiores mordendo a garganta. Os leões raramente permanecem em um lugar por mais de alguns dias. Aos sete anos, um leão está no seu auge, pesando entre 181 e 272 quilos.

Leões geralmente não atacam humanos. No entanto, como outros grandes felinos, leões às vezes comem pessoas ([1Rs 13.24-28; 20.36; 2Rs 17.25-26; Sl 57.4; Dn 6.7-27](#)). Normalmente, leões atacam apenas quando estão com fome ou para se defender. No entanto, um leão jovem que morde humanos pode se tornar uma ameaça se gostar do sabor da carne humana. Por outro lado, um leão velho que já não consegue caçar bem pode atacar humanos porque são mais fáceis de capturar.

Um leão geralmente ruge apenas quando está com o estômago cheio após comer sua presa ([Sl 22.13; Ez 22.25; Am 3.4](#)). Seu rugido ainda assusta as pessoas ([Am 3.8; 1Pe 5.8](#)). A Bíblia descreve o leão como corajoso ([2Sm 17.10; Pv 28.1](#)). O leão

também é destrutivo ([Sl 7.2; Jr 2.30; Os 5.14; Mg 5.8](#)). Leões frequentemente atacam e matam ovelhas e outros animais de fazenda ([Am 3.12](#)).

Leões antigamente vagavam amplamente pela Palestina, especialmente em tempos bíblicos. O hebraico possui mais de sete palavras para leões e seus filhotes. O Antigo Testamento menciona leões cerca de 130 vezes, mais do que qualquer outro animal selvagem. No entanto, os leões se tornaram raros na era do Novo Testamento. Eles desapareceram da Palestina logo após 1300 d.C., mas permaneceram na Mesopotâmia até o final do século 19.

Leões como símbolos

Os leões eram uma parte importante do simbolismo político e religioso no Oriente Próximo ([1Rs 10.19-20](#)). Na Assíria e na Babilônia, o leão era considerado uma besta real ([Dn 7.4](#)). Monarcas orientais mantinham fossos de leões como locais de execução ([Ez 19.1-9; Dn 6.7-16](#)). Os animais eram capturados em redes ou fossos escondidos. Para os judeus, o leão era o animal mais forte ([Pv 30.29-31](#)). Assim, era um símbolo de liderança ([Gn 49.9-10; Nm 24.9](#)). "Leão" eventualmente se tornou um título para Jesus Cristo ([Ap 5.5](#)). Era o símbolo da tribo de Judá. O rei Salomão o usou para decorar sua casa e o templo.

Leão da tribo de Judá

Um título do Messias (líder escolhido por Deus) que aparece apenas em [Apocalipse 5.5](#): "O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, triunfou". Esta é uma referência à promessa de [Gênesis 49.9-10](#), "Judá é um leão jovem... O cetro não se afastará de Judá".

A expressão resume a esperança do Antigo Testamento de que o Messias conquistaria e libertaria seu povo de toda forma de mal espiritual, político e social (compare [2Ed 11.37; 12.31](#)). O Antigo Testamento frequentemente usa o leão como símbolo de poder e capacidade de derrotar seus inimigos ([Jó 10.16; Sl 10.9; Ez 1.10; Dn 7.1-4](#)).

O autor de Apocalipse afirma que todos os cristãos acreditam que Cristo derrotará todos os poderes do mal. No entanto, ao contrário da esperança do Antigo Testamento, Cristo não virá como um Leão conquistador de poder militar, mas como o Cordeiro, que sofre e é sacrificado pelos pecados de seu povo ([Ap 5.6](#)).

Lebana

Chefe de uma família que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.45](#); [Ne 7.48](#)).

Lebaote

Cidade no Neguebe de Judá ([Js 15.32](#)) ocupada pela tribo de Simeão sob o nome Bete-Lebaote ([19.6](#)). A lista paralela de cidades simeonitas menciona Bete-Biri neste lugar ([1Cr 4.31](#)). O elemento beth, “casa de,” é indubitavelmente original, denotando um local de culto à deusa dos leões (Lebaote); Bete-Biri pode ser outro lugar ou apenas uma variante textual típica da lista em 1 Crônicas.

Lebeu

Um nome alternativo na ARC dado a Tadeu, um dos 12 discípulos, em [Mateus 10.3](#). A maioria das versões não inclui o nome, que vem de uma variante textual seguida pelos tradutores da ARC.

Veja Tadeu, o apóstolo.

Lebo-Hamate

Cidade no rio Orontes abaixo de Ribla; possivelmente a leitura correta para a frase “entrada de Hamate” em várias passagens do Antigo Testamento ([Nm 34.8](#); [1Rs 8.65](#); [2Rs 14.25](#); [Ez 47.15](#)). *Veja* Hamate #1.

Lebona

Cidade localizada entre Siló e Siquém ([Jz 21.19](#)). Geralmente é identificada com a moderna Lubban, cerca 4 quilômetros a noroeste de Siló.

Lebre

Pequeno animal semelhante a um coelho considerado impuro em [Levítico 11.5](#) e [Deuteronômio 14.7](#).

Veja Animais (Texugo).

Lebre

Pequeno e ágil mamífero de orelhas compridas, semelhante ao coelho ([Lv 11.6](#); [Dt 14.7](#)). *Veja* Animais.

Leca

Ou uma pessoa descendente do erudito de Judá, ou um lugar desconhecido em Judá colonizado por Er, dependendo da interpretação de “pai” ([1Cr 4.21](#)).

Legião

Uma unidade do exército romano. Nos tempos do NT, o tamanho padrão da legião era de 6.000 homens, aos quais se acrescentavam cerca de 120 cavaleiros.

Como representava um grande contingente de homens, a palavra “legião” passou a ser usada simbolicamente para um número indefinidamente grande; esse uso ocorre quatro vezes no NT. Na história sobre o endemoninhado na região dos gerasenos, Jesus perguntou ao homem: “Qual é seu nome?” e a resposta foi: “Meu nome é Legião, pois somos muitos” ([Mc 5.9.15](#); [Lc 8.30](#); cf. [Mt 12.45](#); [Lc 8.2](#), que falam de vários demônios possuindo um único indivíduo).

Outro uso da palavra está em [Mateus 26.53](#), onde no período da prisão de Jesus, um dos que estavam com ele puxou sua espada para defender seu Mestre. Jesus proibiu tal ação, dizendo: “Ou você acha que não posso pedir a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?” (NAA; veja nota). Assim, ele falou do grande número de anjos que poderiam ser chamados para sua ajuda.

A palavra “legião” nunca é usada no NT em seu sentido militar, mas dos poderes espirituais do mal que se opõem aos homens (cf. [Ef 6.12](#)) ou dos poderes espirituais que podem ser convocados para ajudá-los (cf. [Hb 1.14](#)).

Veja também Guerra.

Legume

Uma palavra hebraica talvez seja melhor traduzida como “vegetal” ([Dn 1.12.16](#)). A versão da ARA a traduz como legume. Não querendo comer a

comida impura do rei, Daniel e seus amigos pediram permissão para viver com uma dieta de vegetais e água. A palavra hebraica traduzida como "vegetal" significa literalmente "coisas semeadas" e provavelmente inclui qualquer tipo de semente que possa ser comida.

Veja Plantas.

Leí

Local em Judá onde os filisteus se reuniram para capturar Sansão ([Jz 15.9](#)). O local ficava evidentemente nas colinas, e após a vitória de Sansão (usando a mandíbula de um jumento como arma), foi chamado de "a elevação da mandíbula" ("Monte da Queixada", NTLH), ou seja, Ramate-Leí (v [17](#)). Ficava aparentemente perto de uma fonte em uma cratera ou depressão (v [19](#)). Um penhasco adjacente era chamado Etã (v [11](#)). Além de estar em algum lugar nas colinas atrás de Bete-Semes, não há indícios de onde localizar (Ramate-) Leí.

Lei, Conceito Bíblico De

Os meios de Deus de consagrar seu povo para si. A natureza e o conteúdo da "lei" podem mudar, mas o objetivo permanece o mesmo: maturidade e conformidade com a imagem de Deus.

Resumo

- Contexto histórico
- Lei no Antigo Testamento
- Lei israelita e o Antigo Oriente Próximo
- Leis do Antigo Testamento
- Propósitos da Lei

Contexto histórico

Quando o homem foi criado à imagem de Deus, ele recebeu glória, governo e provisão para seu sustento diário do Rei-Criador ([Gn 1.27-30](#)). No entanto, em seu status exaltado de governante sobre a criação de Deus na terra, o homem tinha que provar sua lealdade ao Senhor. Com este propósito, Deus estabeleceu um teste simples: a árvore do conhecimento do bem e do mal. O homem era proibido de comer o fruto daquela árvore ([2.17](#)). Sua desobediência o marcou como inapto, isto é, impróprio para ter comunhão com o grande Rei. Ele foi rebelde e por natureza cheio de

deslealdade, como os relatos subsequentes de Caim ([4.1-16](#)), a geração do Dilúvio ([6.1-13](#)), Cam e Canaã ([9.18-26](#); [10.6-20](#)) e a Torre de Babel ([11.1-9](#)) demonstram.

No entanto, no meio de tudo isso, o Senhor graciosamente chamou Abraão. Ele prometeu abençoar a ele, sua semente, ou descendência, e as famílias da terra que se uniram em uma expressão comum de fé ([Gn 12.2-3](#); [17.4-7](#)). Abraão respondeu a Deus com fé ([15.6](#)), observou de bom grado o ritual da circuncisão como um sinal da aliança ([17.10](#); compare [21.4](#)), e andou diante de Deus com integridade de coração ([17.1](#)). Abraão em seguida, aprendeu que Deus o havia escolhido soberana e graciosamente com o propósito de que a sua família pudesse se distinguir das outras nações "fazendo o que é correto e justo" ([18.19](#)). O Senhor estava satisfeito com seu servo Abraão, que, embora não tivesse recebido leis detalhadas, era um homem íntegro. Seu coração estava certo com Deus, de modo que ele voluntariamente fez o que Deus ordenou.

O pai da fé era o pai dos fiéis; o Senhor testemunhou que Abraão "pois Abraão me obedeceu e cumpriu as minhas ordens, os meus mandamentos, as minhas leis e os meus ensinamentos" ([Gn 26.5](#)). Sua fé resultou nos frutos da justiça ([Tg 2.21-24](#)).

Porém, Israel, abençoado pelo Senhor no aumento da sua descendência, no Êxodo, na travessia do Mar Vermelho e na sua presença, não lhe respondeu com fé. Eles murmuraram e se queixaram no Monte Sinai, em Cades-Barneia e nas planícies de Moabe. Eles provaram ser um povo rebelde e de dura cerviz, ou seja, obstinado, teimoso ([Êx 32.9](#); [33.3,5](#); [34.9](#); [Dt 9.6,13](#)). Embora eles tivessem mostrado seu caráter, o Senhor era fiel a Abraão fazendo uma aliança com eles. Israel se tornou seu povo, seu sacerdócio real, sua nação santa ([Êx 19.5-6](#); [Dt 26.18-19](#)). Ele deu a Israel os Dez Mandamentos, a lei e a aliança, simbolizados pelas duas tábuas do testemunho ([Êx 32.15-16](#)). Mesmo depois que Moisés ter quebrado as tábuas com raiva por causa da adoração idólatra do povo ao bezerro de ouro, o Senhor renovou sua aliança escrevendo novamente as palavras da aliança ([34.28](#)). Por um lado, o contexto em que a lei foi dada reflete a graça e paciência de Deus com os pecados de Israel (vv. [6-7](#)) e sua determinação de usar Israel no desdobramento de seu plano de redenção para o mundo. Por outro lado, o contexto reflete a imaturidade e teimosia de Israel. Portanto, a lei no AT tem propósitos positivos e negativos.

Lei no Antigo Testamento

O AT tem muitas palavras para a lei de Deus. A palavra mais comum é *Torá*, que significa instrução de qualquer tipo: religiosa e secular, escrita e oral, divina e humana. A lei em Israel era a lei de Deus, mediada através de Moisés ([Êx 20.19](#); [Dt 5.23-27](#)). Porque Israel rejeitou a revelação direta dos oráculos de Deus, a lei foi mediada através de Moisés, o servo de Deus ([Jo 1.17](#)).

Sinônimos para lei são, em várias traduções: palavra (cf. [Êx 24.3](#); [34.27](#)), julgamento (cf. [Êx 24.3](#)), decreto (cf. [Nm 30.16](#); [Dt 4.1](#)), ordenança (cf. [Nm 9.12, 14](#); [Dt 6.2](#)), comando, mandamento (cf. [Dt 6.1, 25](#)), estatutos ([Lv 3.17](#); [10.11](#)), preceitos (uma palavra hebraica usada apenas em Salmos; cf. [119.4, 15, 27, 40, 45, 56, 63, 69, 78, 87, 93, 94, 100, 104, 110, 128, 134, 141, 159, 168, 173](#)), estipulações, requisitos, testemunhos (cf. [Dt 4.45](#); [6.20](#); [1Rs 2.3](#)), preceito (um termo hebraico sem ocorrência no Pentateuco; cf. [Sl 119.15](#)), ou simplesmente o “caminho(s)” (cf. [1Rs 2.3](#); [Sl 18.21](#); [25.9](#); [37.34](#)).

Essas palavras formam um campo semântico, e está longe de ser fácil distinguir claramente entre as várias formas de leis. Geralmente “as palavras” dizem respeito aos deveres do homem para com Deus, especialmente os Dez Mandamentos ([Êx 20.1](#); [34.27](#)). Os “julgamentos” contêm regulamentos e deveres civis para com os semelhantes e para o ambiente social ([21.1-23.9](#)); esses geralmente estão na forma de “se... então...”. Em Levítico e nas formulações relativas ao culto, a palavra “ordenanças” tem o sentido técnico dos regulamentos do culto — as leis cerimoniais. No entanto, em outros contextos, especialmente em uma série de sinônimos de lei, significa qualquer expectativa ou regulamento. Os “mandamentos” são aqueles regulamentos dados por uma autoridade superior. Embora o AT tenha muitas palavras para lei, a conotação de uma palavra é muitas vezes indistinguível da de outras palavras, especialmente em séries como “os decretos e leis” ([Dt 4.1, 5](#); [5.1](#)), “os comandos, decretos e leis” ([6.1](#)), “para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na Lei de Moisés” ([1Rs 2.3](#), ARA).

A motivação para manter a lei divina está nos atos e na presença do Senhor. O prólogo do Decálogo nos lembra dos atos poderosos de Deus: “Meu povo, eu, o SENHOR, sou o seu Deus. Eu o tirei do Egito, a terra onde você era escravo” ([Êx 20.2](#)). Nos atos históricos da redenção de Israel, da revelação no Monte Sinai e da consagração de Israel para ser

seu povo, ele se envolveu com Israel como um “pai”. Ele adotou Israel para filiação e os consagrou; isto é, ele os declarou santos ([Êx 19.6](#); [31.13](#); [Lv 20.8](#); [22.32](#); cf. [Rm 9.4](#)). Às vezes, os dois conceitos de redenção e consagração são colocados juntos, mas sejam eles ou não, eles são inseparáveis. “Eu sou o SENHOR, que vos santifico” ([Lv 22.32b](#), ARA). A base da obediência pode ser declarada simplesmente por um apelo ao nome de Deus: “Eu sou Yahweh” (cf. [Lv 18.6, 21, 30](#); [19.10, 14, 16, 18, 28, 30-31, 34, 36-37](#)). O requisito de santidade prática também é baseado na experiência da presença de Deus. O Senhor ordenou a Israel que fosse santo porque ele é santo ([Lv 11.44-45](#); [19.2](#)). O “santo de Israel” habitava no meio de seu povo ([Êx 25.8](#); [29.45](#); [Nm 5.3](#); [35.34](#)).

Como poderia o rebelde Israel compreender o que Deus exigia, se não fosse por regulamentos morais, sociais, civis e regulações de culto? O Senhor havia observado que eles não tinham “o coração” para servi-lo como um povo leal à aliança ([Dt 5.29](#)). Pela própria natureza de Israel, eles não poderiam desenvolver um sistema moral e de culto adequado para agradar a Deus. Por causa da dureza de coração das pessoas, Deus tinha que revelar (ou seja, “soletrar”) sua vontade.

A Lei israelita e o Antigo Oriente Próximo

A lei de Israel refletia as práticas de seu antigo contexto do Oriente Próximo. Os códigos da lei da antiga Babilônia (Eshnunna, Hamurabi) mostram semelhanças com os códigos bíblicos. As semelhanças vão além da semelhança dos casos e incluem formulações legais (lei casuística). A lei israelita é distinta na medida em que é lei divina. Moisés é o mediador e não o promulgador da lei, como era a prática de um rei que, como Hamurabi, colocava em vigor um código legal. O próprio Senhor deu a Israel suas leis (cf. [Dt 4.5-8](#)). As leis no antigo Oriente Próximo lidavam com a ordem da sociedade. Mas as leis de Israel foram dadas para regular todos os aspectos da vida: pessoal, familiar, social e cívico. As leis eram para ensinar Israel a distinguir entre santo e profano, entre limpo e imundo e entre justo e injusto.

Leis do Antigo Testamento

O corpus legal, ou conjunto de leis, do AT não é dado em um livro ou em uma única seção. Além disso, as leis refletem o desenvolvimento do contexto do deserto (Êxodo) para o contexto da terra (Deuteronômio). O material legal do AT é complexo, cheio de variações e duplicações. É

encontrada em Êxodo (cap. [20-24](#); [25-31](#)), Levítico, Números (cap. [3-6](#); [8-10](#); [15](#); [18](#); [19](#); [28-30](#)) e Deuteronômio (cap. [5-26](#)).

Os Dez Mandamentos

Os mandamentos são simplesmente designados como “as palavras” de Deus ([Êx 20.1](#)). Eles aparecem em [Êx 20.1-17](#) e em [Dt 5.6-21](#), mas variações menores e mandamentos individuais ocorrem em outros contextos (e.g., [Êx 34.14, 17, 21](#); [Lv 19.1-8](#); [Dt 27.15-16](#)). Como parte da aliança, os mandamentos foram primeiro endereçados a Israel; eles agora formam a base da moralidade no cristianismo. A relevância permanente da lei moral é clara no NT. Nosso Senhor estabeleceu sua autoridade como intérprete de todos os mandamentos ([Mt 5.17-48](#); [12.1-14](#); [23.23-24](#)). Ele resumiu a lei em termos de amor por Deus e pelo homem (cf. [Mt 22.37-40](#); [Mc 12.28-34](#); [Lc 10.27](#); cf. [Rm 13.8-9](#); [Gl 5.14](#)). Uma vez que ele também é o Senhor do sábado, o sábado não pode ser dissociado dos outros mandamentos ([Mt 12.8](#)). O apóstolo também sustentava a lei, pois sua “ética do Espírito” reflete uma internalização da lei de Deus nos corações dos crentes (cf. [Rm 8.1-17](#); [12.1-15.13](#); [1Co 2.6-16](#); [5.1-8](#); [10.23-11.1](#); [Gl 5.13-6.10](#); [Ef 4.17-6.9](#); [Fp 2.1-18](#); [Cl 3.1-4.6](#); [1Ts 4.1-12](#); [5.12-24](#); [2Ts 3.6-15](#); [1Tm 6.3-10](#); [Tt 3.1-11](#)).

Os mandamentos foram escritos em ambos os lados das duas tábuas pelo Senhor ([Êx 32.15-16](#)). Não está claro se as tábuas eram cópias duplicadas, como os mandamentos foram divididos e como os mandamentos foram numerados. Eles eram mantidos dentro da arca da aliança como um testemunho da aliança ([40.20](#)).

O Livro da Aliança (Êx 20.23-23.19)

O propósito do código da aliança era exemplificar e colocar em movimento o mecanismo legal pelo qual Israel, enquanto nação, poderia refletir o interesse de Deus pela justiça, amor, paz e o valor da vida. As leis no Livro da Aliança são principalmente do tipo casuístico. Elas regulam a vida em uma sociedade agrícola com servos, jumentos, touros, bois, ovelhas e campos de cereais. Os regulamentos dizem respeito às relações com mulheres (incluindo viúvas), estrangeiros, órfãos; aos assuntos legais (responsabilidade, danos, propriedade); bem como às obrigações religiosas (altar, sábado). Muitas vezes a lei exige restituição, mas isso não é regra quando a vida humana está envolvida ([Êx 21.12-29](#); [22.2-3](#)), especialmente quando envolve a

família de alguém ([21.15-17](#), [22-25](#)). O código penal anexado às leis do caso deixa claro o valor da vida humana, que é protegida pela *lex talionis* (“lei da retaliação”). A *lex talionis* não aponta para uma falta de perdão no AT, mas sim pretendia ser um princípio legal que dá coerência e justiça a uma sociedade. O Livro da Aliança explica por meio de princípios e casos como Israel deve viver em comunidade como uma nação abraçando a lei de Deus e aplicando-a *justamente* (sem discriminação ou distorção dos direitos), *amorosamente* (com interesse pelas partes envolvidas) e *pacificamente*.

A lei sacerdotal

O interesse de Deus pela santidade e pureza vem a expressão nas leis sacerdotais ([Êx 25-31](#); [35-40](#); [Lv 1-27](#); [Nm 4-10](#)). Os regulamentos dizem respeito à construção do tabernáculo, à consagração e ordenação dos sacerdotes, às ofertas e sacrifícios, às regras de pureza, aos dias santos e aos votos.

O tabernáculo foi estabelecido no meio do acampamento de Israel, no deserto. Simbolizava a presença de Deus com seu povo. Os sacerdotes e levitas estavam acampados ao redor do tabernáculo para servir e proteger a santidade de Deus. Todas as tribos estavam situadas ao redor do tabernáculo, e embora seus membros não tivessem acesso a todas as partes do tabernáculo, eles tinham que estar ritualmente limpos para viver no acampamento. Qualquer um que estivesse ritualmente contaminado ([Lv 13.46](#); [Nm 5.1-3](#)) ou tivesse pecado gravemente era colocado fora do acampamento ([Lv 24.10-23](#); [Nm 15.32-36](#)). Esta regulamentação incluía até mesmo objetos que estavam contaminados ([Lv 8.17](#); [9.11](#)).

Por meio de ofertas e sacrifícios prescritos ([Lv 1-7](#); [16](#); [Nm 15.1-31](#); [28](#)), Deus assegurou Israel, individual e coletivamente, do perdão quando este havia pecado involuntariamente. As ofertas e sacrifícios concretamente expressavam o propósito do ofertante, seja perdão, dedicação ou comunhão.

Os sacerdotes e levitas ensinavam a lei de Deus ([Dt 31.9-13](#)), aplicavam seus regulamentos e serviam nos tribunais ([17.8-13](#)).

O código de santidade (Lv 17-26)

O código de santidade forma uma parte significativa do livro de Levítico. Aqui Moisés se dirigiu a todo o povo de Israel (cf. [Lv 17.2](#); [18.2](#); [19.2](#); [20.2](#); [21.24](#); [23.2](#); [24.2](#); [25.2](#); [26.46](#); [27.2](#)).

As leis estão na forma de proibições e comandos diretos. Elas dizem respeito ao lugar de sacrifício e à proibição de consumir carne com sangue (cap. 17); à proibição de relações sexuais com membros específicos da família (cap. 18); e regulamentos que promovem a piedade, santidade, justiça e amor na sociedade (cap. 19). O código penal aplica penalidades àqueles que pecam contra os regulamentos (cap. 20; 24.10–23). Os capítulos 21–24 aplicam os regulamentos dos cultos aos sacerdotes e a todos os israelitas. As instituições do ano sabático e do Ano do Jubileu regulam a remissão de dívidas, a liberdade das pessoas e a restituição da terra (cap. 25).

O código de santidade explica as qualidades exigidas de um povo santo: devoção a Deus (oferendas, sacrifícios, sacerdotes) e amor pelo homem (Lv 19.18b) demonstrada na preocupação com a justiça, a paz, a liberdade, o valor da vida humana e a preocupação com a família. Muitas das leis refletem o espírito do Decálogo (cap. 19).

Tanto promessas as quanto maldições estão ligadas ao código de santidade (cap. 26). As maldições predizem o exílio como uma consequência da violação das leis. Mas sempre subjacente às leis e penalidades está a graça do Senhor, que promete livremente perdoar os pecados das pessoas e renovar a aliança quebrada (26.44–45).

Leis de Deuterônomo

As leis Deuterônômicas são explicações e novas aplicações do Livro da Aliança tendo em vista a nova situação histórica de Israel. Israel estava prestes a entrar na Terra Prometida quando Moisés definiu para eles a lei de Deus (Dt 1.5). O elemento impessoal do Livro da Aliança é transformado aqui pelo apelo pessoal. Moisés apela fortemente a Israel para ser leal ao Senhor, à aliança e às estipulações da aliança. As leis Deuterônômicas apontam para as pessoas na terra da promessa, com um santuário central (12.5, 11–18; 14.23; 15.20; 16.5–7, 16, 21; 17.8; 18.6; 26.2; 31.11) e com um rei (17.14–20). As bênçãos e maldições motivam a lealdade da aliança (cap. 28). No entanto, Israel também está aqui seguro de que, mesmo que viole a lei de Deus, o Senhor permanece gracioso e perdoador.

Propósitos da Lei

A lei revelada no Monte Sinai tinha a intenção de levar Israel mais perto de Deus. Embora eles fossem rebeldes, Deus usou a lei como seu justo

instrumento para ensinar, de uma maneira muito específica, o que é pecado (cf. Rm 5.20; 7.7–8) e como eles deveriam trilhar um caminho que os mantivesse imaculados pelo pecado e santos ao Senhor. A lei era o mestre e o guardião de Israel (Gl 3.24). As explicações detalhadas das leis em todas as áreas da vida (trabalho, sociedade, família, culto e nação) tinham um lugar importante na forma como Deus lidava com Israel. Israel era uma nação em uma terra especial, com um governo teocrático, e precisava de um código legislativo. Além disso, a condição de Israel no Monte Sinai era tal que não podia receber revelação direta. A revelação tinha que ser mediada através de Moisés. Tinha que ser estabelecido em detalhes, porque Israel não tinha compreensão intuitiva, clara do que a revelação da santidade, justiça, retidão, amor e tolerância de Deus exigia deles. Eles haviam tomado os costumes dos egípcios e tinham que aprender a vontade divina por revelação. No entanto, Moisés e os profetas enfatizam que o propósito da lei não é a adesão estrita à lei por si só (legalismo) ou por uma recompensa (farisaísmo). Manter a lei é um ato de devoção a Deus, por quem ele é. Nosso Senhor confirmou o propósito da lei: estabelecer um modo de vida dinâmico no qual se busca continuamente o reino de Deus e sua justiça (Mt 6.33).

A lei de Deus é seu meio de santificação para o povo. Ele consagrou Israel por um ato de graça, e ele exigiu que Israel permanecesse santo. Jesus confirmou esses usos da lei pelos quais alguém pode conhecer sua pecaminosidade e pelos quais pode ser levado para Cristo. Na cruz, nosso Senhor carregou as penalidades da lei, cumpriu de uma maneira superior à presença de Deus no tabernáculo/templo, cumpriu as expectativas de expiação do Pai e demonstrou o amor do Pai. Ele, o Filho e maior do que Moisés, deu a essência da lei no resumo dos requisitos de Deus: amor a Deus e amor ao próximo (Mt 23.23–24; Lc 11.42–44). Jesus ensinou que o propósito da obediência não é primariamente receber uma recompensa, mas servir como sal (Mt 5.13) e luz (Mt 5.14–16; cf. Ef 4.17–5.20) e dar fruto (Jo 15.1–17). O propósito da lei de Deus é a transformação gradual dos seus filhos para refletirem a imagem do Filho (Rm 8.29; 2Co 3.18; Cl 3.10), serem uma imitação do Pai (Ef 5.1–2) e serem cheios do Espírito de Deus (Gl 5.18, 22–24). Com este propósito, Jesus nos deu as bem-aventuranças e o Sermão do Monte, que resumem a intenção do ensino de Moisés e dos profetas (Mt 5–7).

O propósito da lei é transformar os crentes regenerados em maturidade. A maturidade

espiritual não é um privilégio que era reservado para os crentes depois de Cristo; os santos do AT também andaram com Deus (Enoque, [Gn 5.22-24](#); Noé, [6.9](#); Abraão, [17.1](#)). Esses eram homens maduros que viviam com integridade na presença de Deus (cf. [Gn 17.1](#); [Dt 18.13](#); [Sl 15.1-2](#); [18.26](#); [101.2,6](#); [119.80](#); [Pv 11.5](#)).

Maturidade, ou integridade, é aquela resposta a Deus pela qual o crente não precisa mais viver de acordo com as vontades individuais ou com medo dos erros e pecados de omissão, mas se deleita em fazer a vontade do Senhor ([Sl 1.2](#); [112.1](#)). Desde a vinda de Cristo e Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre a vida de cada crente. Ele veio não apenas para internalizar a lei de Deus ([Jr 31.33](#)), mas também para nos ajudar a desenvolver a maturidade cristã, dando os frutos da piedade em maior plenitude ([Gl 5.22-24](#)). Considerando que maturidade e liberdade foram experimentadas por alguns santos do AT, é o presente de Deus a todos os seus filhos em Cristo ([At 2.39](#); [1Co 12.13](#)). O propósito ainda é o mesmo, “para que o servo de Deus esteja completamente preparado e pronto para fazer todo tipo de boas ações.” ([2Tm 3.17](#)), mas os meios para realizar isso e o status dos filhos de Deus são muito melhores desde o Pentecostes.

Ver também Lei Civil e Justiça; Limpeza e Imundície, Regulamentos Acerca de; Direito Penal e Punição; Gálatas, Carta aos; Hammurabi, Código de; Justificação; Romanos, Carta aos; Mandamentos, Os Dez; Torá e Tradição.

Leis dietéticas

Regulamentos de preparação e consumo de alimentos fornecidos por Deus para seu povo nos tempos do AT. As leis dietéticas faziam parte de regulamentos mais amplos sobre “pureza” que foram projetados para manter o status de Israel como um povo santo.

Pré-visualização:

- Santidade e lei dietética
- Antes de Moisés
- A lei mosaica
- Após Moisés
- Simbolismo
- Reações da igreja

Santidade e lei dietética

As leis bíblicas sobre dieta e pureza baseavam-se na ideia de santidade. O significado subjacente da palavra hebraica para “santidade” é difícil de determinar, mas provavelmente era “cortar”, ou “ser separado”, ou “ser posto à parte”. O Senhor disse a Israel: “Sereis santos para mim; porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos, para que sejais meus” ([Levíticos 20.26](#), rsv). Deus é o exemplo supremo de santidade; ele é o único separado em seu caráter e ser ([Isaías 6.3](#)). Mas Deus queria que seu povo da aliança também fosse santo. Uma das maneiras que Deus fez os israelitas diferentes dos outros povos do mundo foi dando-lhes leis dietéticas: “Eu sou o Senhor, vosso Deus; consagrai-vos e sede santos, porque eu sou santo” ([Levíticos 11.44](#), niv). Cumprir as leis dietéticas não tornava automaticamente o povo “santo” (ou seja, separado para Deus); em vez disso, era uma das maneiras que os crentes do AT podiam mostrar sua gratidão a Deus por sua libertação.

Antes de Moisés

Desde a Criação, Deus aprovou todas as variedades de frutas e vegetais como alimentos legítimos e limpos ([Gênesis 1.29](#)). Após a queda da humanidade, Deus distinguiu entre animais limpos e impuros. Na época de Noé, Deus ordenou que espécimes adicionais de animais limpos fossem levados para a arca ([7.2](#); [8.20](#)). Após o Dilúvio, Deus proibiu o consumo de sangue porque o sangue representava a vida ([9.4](#)). Para comemorar a luta do patriarca Jacó com o Anjo do Senhor, os descendentes de Jacó se abstiveram de comer um certo músculo do quadril ([32.32](#)), embora isso não fosse um mandamento de Deus.

A Lei Mosaica

A principal revelação dos padrões dietéticos do Senhor para Israel foi dada através de Moisés. As leis dietéticas são encontradas entre as regulamentações cerimoniais recebidas no Monte Sinai ([Levítico 11](#)). Moisés repetiu muitas dessas leis 39 anos depois, pouco antes do povo entrar na Terra Prometida ([Deuteronômio 14.3-21](#)). As leis dietéticas diziam respeito apenas a produtos animais, exceto pela proibição de vinho para certas pessoas ([Levítico 10.9](#); [Números 6.3-4](#); cf. [Juízes 13.14](#); [Jeremias 35.6](#)).

Cinco categorias de seres vivos foram regulamentadas para alimentação. Para ser comestível, um animal precisava ter cascos fendidos (divididos) e ruminar. De acordo com

Levítico, esse requisito excluía camelos, cavalos, coelhos e porcos ([Levítico 11.2-8](#)). A vida marinha precisava ter barbatanas e escamas (v. [9-12](#)). As aves eram comestíveis se não fossem predadoras (v. [13-19](#)); Moisés listou 20 espécies especificamente proibidas porque eram aves de rapina ou carniceiras. Insetos alados eram proibidos (v. [22-23](#)), exceto por certos tipos de gafanhotos e grilos (alimento comumente consumido por nômades do deserto). Finalmente, “os animais que se movem sobre o chão”, incluindo répteis e roedores (v. [29-31](#), niv), foram excluídos.

Outras proibições foram feitas sobre alimentos que, de outra forma, seriam considerados limpos. Por exemplo, nada encontrado já morto ([Deuteronômio 14.21](#)) ou que tivesse sido dilacerado por animais ([Levítico 17.15](#)) deveria ser comido. Alimentos poderiam se tornar impuros por contato com algo que fosse impuro, como um rato morto que por acaso caísse em um recipiente de comida ([11.32-34](#)). Um cabrito jovem não deveria ser cozido no leite de sua mãe ([Êxodo 23.19](#); [34.26](#); [Deuteronômio 14.21](#)). Quando animais limpos eram abatidos, seu sangue deveria ser drenado ([Levítico 17.14](#)). Todas as partes de gordura ([3.16](#); [7.23](#)), especialmente a cauda gorda de uma ovelha ([Êxodo 29.22](#); [Levítico 3.9](#)), eram restritas para uso em sacrifícios ao Senhor. Através de Moisés, o Senhor reiterou a proibição de comer sangue ([Levítico 17.10](#); [19.26](#); [Deuteronômio 12.16](#); [15.23](#)).

Várias razões, declaradas ou inferidas das Escrituras, explicam as leis dietéticas e aplicam-se às regulamentações de pureza da Bíblia em geral. Algumas parecem ser razões naturais; outras podem ser simbólicas ou relacionais.

Higiene

Algumas leis dietéticas, como aquelas contra comer vermes ou carne em decomposição, evitavam perigos óbvios à saúde e foram dadas para a proteção do povo. Mas a higiene por si só não pode explicar todas as regulamentações; de fato, alguns alimentos que poderiam ter sido aceitáveis do ponto de vista higiênico, como coelho ou mariscos, foram excluídos.

Aversão

Vermes e cobras são geralmente considerados repugnantes, independentemente de seu valor alimentar real. Tais animais não eram *kosher* (adequados).

Relação com a prática pagã

Ferver um cabrito no leite de sua mãe foi documentado como um rito pagão entre os contemporâneos de Moisés, os cananeus. O povo de Deus não devia imitar as práticas dos povos ao seu redor ([Deuteronômio 18.9](#)).

Após Moisés

As leis dietéticas dadas no Monte Sinai continuaram a ser reconhecidas ao longo da história de Israel. Antes do nascimento de Sansão, a mãe da criança foi avisada: “Agora veja que você não beba vinho ou outra bebida fermentada e que não coma nada impuro” ([Juizes 13.4](#), niv). Durante as guerras com os filisteus no século seguinte (c. 1041 a.C.), os soldados do rei Saul pecaram ao desconsiderar os requisitos sobre a drenagem adequada do sangue dos animais ([1 Salmo 14.32-34](#)).

Mais tarde, quando os israelitas foram exilados em terras pagãs, eles se depararam com situações em que a seleção de alimentos e seu preparo poderiam torná-los impuros ([Ezequiel 4.12-14](#)). A recusa de Daniel em se contaminar com iguarias pagãs na corte babilônica de Nabucodonosor (605 a.C.) ilustrou sua lealdade a Deus ([Daniel 1.8](#)).

Desde o dia do profeta Isaías (740 a.C.) em diante, o alimento mais abominável para os israelitas era a carne de porco ([Isaías 65.4](#); [66.3.17](#)). No período dos Macabeus, a “abominação da desolação”, que o herói judeu Judas Macabeu e seus seguidores resistiram até a morte, incluía sacrifícios de porcos no altar do templo em Jerusalém pelo governante pagão Antíoco Epifânio ([1 Macabeus 1.54,62-63](#); [2 Macabeus 6.5](#); [7.1](#)).

Simbolismo

Certos produtos alimentícios foram descartados por causa de algo que simbolizavam. Deus disse para não comer sangue: “Certifique-se de que você não coma o sangue; pois o sangue é a vida, e você não deve comer a vida com a carne” ([Deuteronômio 12.23](#), rsv). O sangue tinha uma função ritual. Era usado para fazer expiação no altar de Deus e, portanto, não devia ser comido ([Levítico 17.11-12](#)). Os escritores do NT reconheceram o sangue sacrificial do AT como um “tipo” ou prenúncio do sangue de Jesus Cristo derramado na cruz como sacrifício pelo pecado ([Hebreus 10.1.4.12](#); [1 Pedro 1.18-19](#)). Um respeito simbólico pela vida materna pode explicar por que quem encontrava um ninho de pássaro podia levar os ovos ou os filhotes, mas

tinha que deixar a mãe ave ilesa ([Deuteronômio 22.6-7](#)). A necessidade de preservar um ecossistema desértico frágil também pode ter sido um fator.

Reações da igreja

No início, a igreja primitiva, com seu pano de fundo judaico, achou difícil se desvincular das tradições dietéticas hebraicas. O Apóstolo Pedro recebeu uma visão, repetida três vezes, sobre não mais chamar de "impuro" nem os alimentos não-judaicos nem os não-judeus que os consumiam ([Atos 10.9-16](#); [11.1-10](#)). Mais tarde, um concílio em Jerusalém decidiu oficialmente não manter o cerimonialismo de Moisés na igreja, exceto que os cristãos gentios deveriam abster-se "de alimentos contaminados por ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue" ([Atos 15.20](#), niv) para não ofender os cristãos judeus. Isso foi uma aplicação do ensino do NT sobre consideração para com aqueles com consciências sensíveis. "Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todos os alimentos são puros, mas é errado para um homem comer algo que faça outro tropeçar... Mas o homem que tem dúvidas é condenado se comer, porque seu comer não provém da fé; e tudo o que não provém da fé é pecado" ([Romanos 14.20,23](#), niv).

As leis dietéticas judaicas também têm relevância para os cristãos por causa de certas promessas do AT. Deus prometeu, primeiro a Abraão e, por reiteração ou alusão, ao longo do AT, que os gentios seriam incluídos em sua aliança. Ao preservar a saúde do povo hebreu, Deus estava garantindo sua continuidade como nação. De acordo com o NT, a salvação tanto de judeus quanto de gentios foi alcançada por Cristo, um judeu. A nação através da qual Cristo veio foi protegida para que a promessa de Deus pudesse ser cumprida. Assim, as leis dietéticas não precisam ser vistas como restrições onerosas da lei; elas faziam parte do modo de Deus de realizar seu plano redentor.

Veja também Limpeza e Impureza, Regulamentos Relacionados; Levítico, Livro de.

Leite

Veja Alimentos e preparação de alimentos.

Lemuel

O rei é creditado com a escrita de [Provérbios 31.1-9](#). Nestes versos, ele apresenta ensinamentos dados por sua mãe sobre bom governo, relações sexuais e vinho. Embora tenha sido identificado com Salomão, a maioria dos intérpretes modernos rejeita essa identificação.

Lentilha

A planta de lentilha mencionada em [Gênesis 25.29-34](#), [2 Samuel 17.27-29](#), [23.11](#) e [Ezequiel 4.9](#) é uma planta anual pequena e ereta que se assemelha à ervilhaca (uma planta trepadeira com flores roxas, rosas ou brancas que pertence à família das ervilhas). Ela possui caules finos e folhas com gavinhas (partes pequenas e enroladas que ajudam a planta a subir ou se segurar em coisas).

A planta produz pequenas flores brancas com listras violetas. Suas sementes crescem em vagens achatadas que se assemelham a vagens de ervilha. Essas sementes são as lentilhas que as pessoas consomem.

Veja Alimentos e preparação de alimentos.

Leopardo

Um leopardo (*Panthera pardus tulliana*) é um grande felino selvagem manchado que vive tanto em áreas rochosas quanto em florestas, conhecido por suas habilidades de caça. É o mais comum de todos os grandes felinos selvagens. Em áreas rochosas, vive em cavernas. Em regiões florestadas, vive em vegetação densa. Nos tempos do Antigo Testamento, muitos viviam nas proximidades do Monte Hermom ([Ct 4.8](#)).

Os leopardos são menores que os tigres. Um leopardo pode crescer até 1,5 metros de comprimento com uma cauda de cerca de 0,8 metros. Seu corpo é mais proporcional do que o do tigre. Os leopardos emboscam suas presas silenciosamente. Eles frequentemente se escondem perto de vilarejos ou poços de água, esperando por longos períodos. O leopardo é um corredor rápido ([Hc 1.8](#)), escalador, e é muito gracioso em geral. Sua cor é amarelada salpicada com manchas pretas ([Jr 13.23](#)). Daniel e João tiveram visões nas quais leopardos eram símbolos de potências mundiais ([Dn 7.6](#); [Ap 13.2](#)).

O leopardo é um animal cauteloso e inteligente. É poderoso e feroz ([Jr 5.6](#); [Os 13.7](#); compare [Is 11.6](#)). O leopardo é perigoso tanto para animais de estimação quanto para pessoas. Sua pelagem manchada ajuda-o a se camuflar em seu ambiente, tornando-o quase impossível de ver nas luzes e sombras mutáveis das florestas. Os israelitas temiam os leopardos porque eles atacavam suas ovelhas e cabras. Nomes de lugares como Ninra, Bete-Ninra e Nimrim sugerem que leopardos viviam nas proximidades. Esses lugares, junto com uma região a nordeste do Mar Morto, refletem essa conexão. Notavelmente, os leopardos sobreviveram em Israel e Palestina até o século 20. Alguns ainda vagam perto do Monte Tabor e do Monte Carmelo.

Leproso, Lepra

Alguém que sofre de uma doença infecciosa crônica causada por *Mycobacterium leprae*, uma bactéria semelhante ao bacilo da tuberculose. A doença é manifesta por mudanças na pele, membranas mucosas e nervos periféricos. Na pele, muitas vezes há manchas de despigmentação, mas raramente uma perda total de pigmento, então uma mancha branca pura de pele definitivamente não é característica da lepra. A perda de sensação ao toque e temperatura é frequentemente associada às áreas despigmentadas. O espessamento da pele e a formação de nódulos causam a aparência facial semelhante a um leão, comumente associada à lepra. O envolvimento do nervo periférico pode causar paralisia de uma mão, perna ou face, ou pode causar perda de sensação tão completa que um ferimento grave ou ulceração em uma extremidade pode ocorrer sem que a pessoa afligida saiba. Os olhos, ouvidos e nariz também estão frequentemente envolvidos. Um tratamento eficaz, embora prolongado, foi desenvolvido, e às vezes pode ocorrer uma parada espontânea. A doença é propagada através do contato prolongado com um indivíduo com lepra. As crianças são mais suscetíveis do que os adultos, mas em qualquer caso a transmissibilidade é baixa.

A história inicial da lepra é cercada de incerteza. Possíveis referências à lepra foram citadas nos escritos egípcios, babilônios e indianos antigos, mas as autoridades discordam sobre se os registros se referem à lepra moderna. A ambiguidade nesses registros iniciais é significativa porque limita a ajuda que eles podem dar para nossa compreensão do significado de “lepra” no AT.

No Antigo Testamento

[Levítico 13](#) e [14](#) contêm a maioria dos detalhes sobre o que é chamado de “lepra” nas Escrituras (em versões tradicionais como a ARC e ARA). No entanto, um estudo minucioso das descrições da doença dadas nessas passagens sugere fortemente que o que agora é chamado de lepra não é a doença de pele descrita em Levítico. Se um sacerdote hoje usasse os critérios dados nesses versos, ele provavelmente declararia muitos pacientes de lepra impuros, mas ele também declararia impuros muitos indivíduos com uma variedade de outras condições de pele. A doença que chamamos lepra (ou Hanseníase) não se encaixa na descrição dada em Levítico. Os cabelos brancos referidos com tanta frequência nesses versos não são típicos da lepra e podem ser encontrados em muitas doenças de pele. Um pedaço branco de pele não é característico da lepra, nem o couro cabeludo é comumente afetado. Um período de 7 a 14 dias geralmente é inadequado para observar mudanças na doença. Se a lepra moderna está sendo descrita nesses versos, parece estranho que as características mais óbvias da doença não sejam mencionadas. O bacilo da lepra desafiou as tentativas dos bacteriologistas de cultivá-lo, então a lepra transmitida através das roupas ou de estar presente na mesma casa que essa pessoa é mais improvável de ocorrer. Portanto, a lepra bíblica não é sinônimo de lepra moderna. Consequentemente, as versões modernas não usam a palavra “lepra” em [Levítico 13](#) e [14](#); em vez disso, é traduzida como “doença de pele contagiosa” na NTLH e “doença de pele infecciosa” na NVI.

No Novo Testamento

No NT, não há descrição da doença referida como lepra, então, novamente não podemos ter certeza se é a doença moderna ou não. A lepra moderna era conhecida pelas pessoas daquela época, mas é duvidoso se elas sempre foram capazes de distinguir com precisão de outras condições de pele. A palavra grega traduzida “lepra” no NT basicamente significa “escamosa”. Os gregos a usavam para designar condições de pele semelhantes às da psoríase, e eles se referiam à lepra pela palavra que traduzimos como “elefantíase”, uma palavra não encontrada no NT. A confusão sobre o uso da palavra “lepra” se estende até a Idade Média, deixando os historiadores incertos às vezes sobre a propagação histórica da doença. Quando lemos no NT que Cristo purificou

leprosos, sabemos apenas que ele curou condições crônicas de pele consideradas contaminantes.

A atitude de Jesus em relação aos que sofrem com lepra estava em contraste acentuado com a dos rabinos de seus dias. Um rabino não comia um ovo comprado em uma rua onde havia alguém com lepra. Outro rabino atirou pedras aos leprosos para mantê-los afastados. Mas Jesus tocou um homem com lepra, demonstrando assim seu poder para superar a impureza como representada pela lepra ([Mt 8.3](#); [Mc 1.41-42](#); [Lc 5.12-13](#)).

Veja também Medicina e Prática Médica; Peste.

Lepto

Uma pequena moeda de bronze ou cobre, que vale uma fração de um centavo. A versão BKJ em [Marcos 12.42](#) usa este termo. *Veja* Moedas; Dinheiro.

Lesém

Nome alternativo para Laís, o nome anterior da cidade de Dã, em [Josué 19.47](#) (ARC). *Veja* Dã (Lugar) #1.

Lethech, meio ômer

Medida seca equivalente a cerca de 220 litros. *Veja* Pesos e medidas.

Letusim, Letuseus

Tribo fundada pelo segundo dos três filhos de Dedã, um descendente de Abraão e Quetura através da linhagem de Jocsã ([Gn 25.3](#)). Alguns sugerem que a tribo eventualmente se estabeleceu no norte da Arábia.

Leumim, Leumeus

Tribo fundada pelo terceiro dos três filhos de Dedã, um descendente de Abraão e Quetura através da linhagem de Jocsã ([Gn 25.3](#)). A tribo provavelmente se estabeleceu no norte da Arábia.

Levedura

O fermento é um pequeno fungo vivo que faz o pão crescer e aumentar de tamanho quando adicionado à massa. Na Bíblia, também é chamado de fermento.

Veja Fermento.

Levi (Pessoa)

1. Terceiro filho de Jacó com Lia ([Gn 29.34](#)). A etimologia do nome é incerta. O nome de Levi está associado à tragédia em Siquém, onde os habitantes masculinos da cidade foram cruelmente assassinados quando Levi e Simeão buscaram vingar a violação de sua irmã Diná por Siquém, o heveu. Jacó condenou o ato e antes de sua morte pronunciou um julgamento sobre o comportamento de Levi ([49.5-7](#)). De acordo com essas palavras, os descendentes de Levi seriam dispersos entre as tribos.

A tribo de Levi era composta pelos descendentes dos três filhos de Levi: Gérson, Coate e Merari. Moisés, Arão e Miriam traçaram sua genealogia até Coate ([Êx 6.16](#)). Os levitas permaneceram fiéis a Yahweh na ocasião do bezerro de ouro no Monte Horebe. Eles foram recompensados com o direito ao serviço especial dentro e ao redor do tabernáculo (cap [32](#)) e mais tarde no templo.

Veja também Levi, Tribo de.

2. Cobrador de impostos em Cafarnaum ([Mc 2.14](#)); um dos 12 discípulos que também se chamava Mateus ([Mc 2.14](#); [Lc 5.27](#); cf. [Mt 9.9](#)). *Veja* Mateus (Pessoa).

3. Filho de Melki e ancestral de Jesus ([Lc 3.24](#)). *Veja* Genealogia de Jesus Cristo.

4. Filho de Simeão e ancestral de Jesus ([Lc 3.29](#)). *Veja* Genealogia de Jesus Cristo.

Leviatã

Grande monstro marinho ou grande réptil aquático ([Jô 3.8](#); [Sl 74.14](#); [104.26](#); [Is 27.1](#)). *Veja* Animais.

Levitas

Os levitas eram descendentes de Levi, um dos doze filhos de Jacó. Deus os escolheu para servir em

funções religiosas para Israel. Embora todos os sacerdotes fossem da tribo de Levi, nem todos os levitas eram sacerdotes. Os levitas auxiliavam os sacerdotes (que eram descendentes de Arão) em suas funções no tabernáculo e, posteriormente, no templo. Diferentemente das outras tribos, os levitas não receberam um grande território na Terra Prometida, mas foram designadas cidades espalhadas por todo Israel, juntamente com pastagens. Esse arranjo permitiu que eles servissem a todo o povo de Israel em questões religiosas.

Veja Levi (pessoa) #1; Levi, Tribo de; Sacerdotes e levitas.

Levítico, Livro de

O terceiro livro do Antigo Testamento que trata amplamente dos deveres dos sacerdotes levíticos.

Resumo

- Autoria;
- Datação;
- Contexto;
- Propósito e teologia;
- Conteúdo.

Autoria

Um título alternativo tradicional de Levítico é "o terceiro livro de Moisés", que dá o devido crédito ao homem que mais merece ser chamado de seu autor. Embora o livro nunca diga que Moisés escreveu qualquer parte do material, afirma repetidamente que Deus revelou o conteúdo de Levítico a Moisés. Pode ser que Levítico não tenha sido escrito assim que foi revelado, mas há pouco a recomendar a visão crítica comum de que foi composto quase mil anos após Moisés. A ortografia e a gramática de Levítico foram, como outros livros do AT, revisadas de tempos em tempos para torná-lo compreensível para gerações posteriores de leitores judeus, mas isso não significa que o conteúdo essencial do livro tenha sido modificado.

Datação

Deus revelou algumas das leis em Levítico falando a Moisés da tenda do encontro, ou tabernáculo ([Lv 1.1](#)). Outras leis foram reveladas no Monte Sinai ([Lv 26.46](#)). Tais declarações mostram que Moisés aprendeu o conteúdo de Levítico após o

tabernáculo ter sido construído, mas antes de os israelitas deixarem o Monte Sinai. Isso se encaixa com [Êxodo 40.17](#), que diz que o tabernáculo foi erguido exatamente um ano depois que os israelitas deixaram o Egito. Eles então passaram mais um mês no Sinai, durante o qual as leis em Levítico foram dadas a Moisés. Então, um mês depois ([Nm 1.1](#)), Moisés foi ordenado a preparar o povo para deixar o Sinai e conquistar a terra prometida de Canaã.

É difícil determinar uma data exata para o êxodo dos israelitas do Egito. Datas no final do século 15 a.C. ou início do século 18 são propostas por diferentes estudiosos. Independentemente da visão adotada, a origem de Levítico deve ser um ano após o êxodo. No entanto, a certeza sobre a data exata de Levítico é irrelevante, desde que o contexto religioso do livro seja compreendido.

Contexto

Cerca de 400 anos antes do êxodo, Deus prometeu a Abraão que seus descendentes seriam muito numerosos e viveriam na terra de Canaã. A família de Abraão se multiplicou, mas, devido à fome, tiveram que ir viver no Egito. Com medo dos israelitas, os governantes do Egito os tornaram escravos.

O livro de Êxodo relata como Deus, agindo através de Moisés, retirou os israelitas do Egito de forma milagrosa. Moisés os conduziu ao Monte Sinai, onde Deus apareceu em fogo e fumaça no topo da montanha. Moisés subiu a montanha, e lá Deus lhe deu os Dez Mandamentos e explicou várias leis. Através desses atos, Deus mostrou que havia escolhido a nação de Israel para ser seu povo santo especial, diferente de todas as outras nações, porque eles demonstrariam o caráter de Deus através de seu comportamento (cf. [Êx 19.5-6](#)).

A revelação de Deus no Sinai foi única e irrepetível. Mas Ele revelou a Moisés que desejava viver entre o povo de Israel permanentemente. Foi-lhes dito para construir um palácio real portátil que fosse adequado para o divino Rei dos reis. A construção deste palácio portátil, tradicionalmente chamado de tabernáculo, é descrita em [Êxodo 35-40](#). Quando foi concluído, o fogo e a nuvem que haviam sido vistos no Monte Sinai apareceram sobre o tabernáculo como um sinal de que Deus agora estava habitando nele ([Êx 40.34-38](#)).

Êxodo também relata como Moisés foi instruído a nomear seu irmão, Arão, e os filhos de Arão para servirem no tabernáculo como sacerdotes ([Êx 28-](#)

[29](#)). Infelizmente, antes mesmo de os israelitas começarem a construir o tabernáculo, eles fizeram um bezerro de ouro sob a liderança de Arão e começaram a adorá-lo. O povo foi poupado apenas como resultado das orações de Moisés. O livro de Êxodo, portanto, deixa o leitor em suspense. O tabernáculo foi construído, mas ninguém sabe como adorar a Deus nele. Embora Arão e sua família estejam vivos, ficamos nos perguntando se eles ainda terão permissão para liderar a adoração a Deus após a idolatria do bezerro de ouro. O livro de Levítico responde a essa pergunta.

Propósito e teologia

Os Dez Mandamentos explicam de forma breve e simples como Deus espera que seu povo se comporte. Os primeiros quatro mandamentos explicam nosso dever para com Deus. O livro de Levítico segue um esquema semelhante. Os capítulos [1-17](#) mostram como Deus queria que Israel o adorasse, enquanto os capítulos [18-27](#) estão principalmente preocupados com como as pessoas devem se comportar umas com as outras. Enquanto os Dez Mandamentos são gerais e podem ser aplicados facilmente a qualquer sociedade, o livro de Levítico é muito mais detalhado e especificamente voltado para as circunstâncias especiais do antigo Israel. Se os leitores modernos desejam se beneficiar da leitura de Levítico, devem olhar além das regulamentações específicas para os princípios religiosos subjacentes que não mudam — em outras palavras, para a teologia de Levítico.

Quatro temas são muito importantes na teologia de Levítico: (1) a presença de Deus, (2) a santidade, (3) o sacrifício e (4) a aliança do Sinai.

A presença de Deus

Deus está sempre presente com Israel de uma maneira real. Às vezes, sua presença se torna visível em fogo e fumaça. Mas mesmo quando não há sinal milagroso, Deus está presente. Ele está especialmente próximo quando as pessoas o adoram e oferecem sacrifícios. Os muitos sacrifícios de animais mencionados no livro são todos trazidos ao Senhor. Quando os animais são queimados, Deus se agrada com o cheiro ([1.9](#)). Os sacerdotes que oferecem os sacrifícios devem ser especialmente cuidadosos, pois eles se aproximam mais de Deus do que outras pessoas. Se forem descuidados em seus deveres e quebrarem os mandamentos de Deus, podem morrer ([10.1-2](#)).

Deus está presente não apenas na adoração, mas em todos os deveres comuns da vida. O refrão recorrente dos capítulos posteriores, “Eu, o Senhor, sou o seu Deus” ([Lv 18.2](#); [Lv 19.3](#)), lembra aos israelitas que cada aspecto de sua vida — religião (caps. [21-24](#)), sexo (caps. [18, 20](#)), e relações com os povos vizinhos (caps. 19, 25) — é importante para Deus. O comportamento de cada israelita deve refletir o do próprio Deus ([20.7](#)). O temor a Deus deve levar as pessoas a ajudar os cegos, os surdos, os idosos e os pobres. Embora tais pessoas possam não ter como se defender contra um tratamento injusto, Deus se importa com o que acontece com elas ([Lv 19.14, 32](#); [25.17, 36, 43](#)).

A santidade

“Você deve ser santo porque eu sou santo” ([Lv 11.44-45](#); [Lv 19.2](#); [Lv 20.26](#)) poderia ser considerado o lema de Levítico. “Santo”, “limpo” e “impuro” são palavras comuns neste livro. Deus é a pessoa supremamente santa na Bíblia, e a santidade é a característica distintiva de seu caráter. Mas as criaturas terrenas também podem se tornar santas. Para se tornar santo, uma pessoa deve ser escolhida por Deus e passar pela cerimônia correta. Assim, no Sinai, todo Israel se tornou uma nação santa ([Êx 19.6](#)). [Levítico 8-9](#) explica como Arão e seus filhos foram ordenados sacerdotes. Isso os tornou mais santos do que os israelitas comuns e, portanto, capazes de se aproximar de Deus e oferecer sacrifícios.

Antes que alguém pudesse se tornar santo, precisava estar “limpo”. Limpeza em Levítico significa mais do que apenas estar livre de sujeira, embora essa ideia esteja incluída. Significa estar livre de qualquer anormalidade. Sempre que uma pessoa parece não atingir a perfeição, ela é descrita como “impura”. Assim, a pior impureza é a morte, o oposto da vida perfeita. Mas sangramentos e outras secreções e doenças de pele irregulares podem tornar alguém impuro. Animais que se movem de maneiras peculiares ou têm hábitos estranhos também são chamados de impuros ([Lv 11-15](#)).

Santidade e seu oposto, impureza, podem descrever tanto o comportamento quanto a aparência externa. Ser santo significa obedecer a Deus e agir como Deus. Os capítulos [18-25](#) explicam o que santidade significa na vida diária. Significa evitar relações sexuais ilícitas, cuidar dos pobres, ser honesto, ser justo e amar o próximo como a si mesmo. Esse tipo de comportamento tornava Israel diferente de outros povos. Através

de sua santidade, toda a nação deveria demonstrar como Deus é.

O sacrifício

Na prática, infelizmente, a nação e os indivíduos dentro dela raramente viveram à altura desses ideais de santidade. Mesmo que alguém não cometesse um pecado grave, ele ou ela estava sempre sujeito a se tornar impuro através do contato com outra pessoa, tocando um animal morto ou de alguma outra forma. Para manter contato com um Deus santo, os pecados e a impureza de Israel precisavam ser removidos. É para isso que serviam os sacrifícios. Eles traziam o perdão dos pecados e a purificação da impureza. Como o pecado afeta as relações entre Deus e os humanos de várias maneiras, Levítico fornece quatro tipos diferentes de ofertas para cobrir os diferentes casos ([Lv 1-6](#)), e explica quais sacrifícios devem ser oferecidos em quais ocasiões (caps. [7-17](#)). Todos esses rituais serviam para sublinhar a seriedade do pecado e ajudavam a preservar a paz e a comunhão entre Deus e a humanidade.

A aliança do Sinai

Todas as leis contidas em Levítico fazem parte da aliança do Sinai. Elas preenchem e aplicam os princípios dos Dez Mandamentos às circunstâncias específicas do antigo Israel. Mas elas são mais do que um conjunto de regras detalhadas, pois foram dadas como parte da aliança. Três coisas devem ser lembradas sobre esta aliança. Primeiro, a aliança criou um relacionamento pessoal. O Senhor tornou-se o rei de Israel, e Israel tornou-se seu tesouro especial, separado das outras nações do mundo. Segundo, a aliança foi baseada na graça de Deus. Ele havia feito uma promessa a Abraão e, ao salvar o povo da escravidão egípcia, demonstrou sua fidelidade à sua promessa e seu amor por Israel. Israel, por sua vez, deveria mostrar sua gratidão pela salvação guardando a lei. De forma alguma guardar a lei lhes garantia a salvação. A lei foi dada a um povo redimido. Finalmente, havia promessas e ameaças embutidas na aliança ([Lv 26](#)). Quando a nação guarda a lei, Deus promete que eles desfrutarão de boas colheitas, vitória sobre seus inimigos e Deus caminhando entre eles como fez no Éden. Mas se rejeitarem as leis de Deus, terríveis calamidades os acometerão: seca, fome, derrota e até mesmo expulsão da terra que Deus havia prometido dar a eles. Essas maldições da aliança formam o pano de fundo para as advertências dos profetas em tempos posteriores.

Conteúdo

Tipos de sacrifícios ([1-7](#))

Esses capítulos explicam como os diferentes tipos de sacrifícios deveriam ser oferecidos. A maioria desses sacrifícios também fazia parte do culto regular no tabernáculo e, mais tarde, no templo. No entanto, esses capítulos tratam de ofertas pessoais feitas quando alguém pecava, fazia um voto ou se recuperava de uma doença. Eles explicam o que o ofertante deve fazer e o que o sacerdote deve fazer, quais partes do animal devem ser queimadas, quais partes podem ser comidas pelo sacerdote e o que deve ser feito com o sangue do animal.

Primeiro, o ofertante trazia o animal para o pátio externo do tabernáculo. Na presença do sacerdote, ele colocava a mão sobre a cabeça do animal e explicava por que estava trazendo o sacrifício. Em seguida, o adorador matava o animal e o cortava em pedaços. O sacerdote então assumia. Ele recolhia o sangue que escorria do animal moribundo e o aspergia sobre o altar, e queimava pelo menos parte do animal no grande altar no pátio do tabernáculo. Esses atos eram realizados com todos os sacrifícios de animais.

A característica especial da oferta queimada ([Lv 1](#)) era que o animal inteiro, que precisava ser sem defeito, era queimado no altar. Tudo o que o sacerdote recebia era a pele. Este era o sacrifício mais comum e era oferecido em muitas ocasiões diferentes. Ao oferecer o animal inteiro a Deus no sacrifício, o adorador dedicava-se totalmente ao serviço de Deus. “Ali ele porá a mão na cabeça do animal a fim de que seja aceito como sacrifício para conseguir o perdão dos seus pecados” ([Lv 1.4](#), NTLH).

O Capítulo [2](#) aborda a oferta de cereais, que sempre acompanhava a oferta queimada, mas também podia ser oferecida sozinha. Apenas parte dessa oferta era queimada; o restante era dado aos sacerdotes para comer. Os sacrifícios constituíam uma parte importante de sua renda.

A característica especial da oferta de paz (comunhão) era que era o único sacrifício em que o ofertante podia comer parte da carne ([Lv 3](#)). Já que no período mais antigo os israelitas não tinham permissão para matar animais exceto para sacrifício (cap. [17](#)), toda refeição que incluía carne tinha que ser precedida por uma oferta de paz. [Levítico 7.11-18](#) menciona três ocasiões que poderiam motivar uma oferta de paz de “ação de graças”: quando alguém tinha algo para louvar a

Deus ou algum pecado para reconhecer; um voto prometendo um sacrifício se Deus ajudasse a sair de uma dificuldade; e uma oferta voluntária, feita apenas porque a pessoa sentia vontade.

Apesar do nome, a oferta pelo pecado ([Lv 4](#)) não era a única oferta que lidava com o pecado. Os outros sacrifícios também possibilitavam o perdão dos pecados. O significado especial deste sacrifício é enfatizado por seu ritual incomum. Em vez de o sangue ser aspergido sobre o altar, como nos outros sacrifícios, ele era cuidadosamente espalhado sobre os chifres (cantos) do grande altar no pátio ([Lv 4.30](#)) ou sobre o pequeno altar dentro do lugar santo (v. [18](#)); uma vez por ano, o sangue era aspergido sobre a arca no Santo dos Santos ([Lv 16.14](#)). O pecado torna essas diferentes partes do tabernáculo impuras, inadequadas para a presença de Deus. E se Deus não está presente no tabernáculo, a adoração não tem sentido. O sangue atua como um desinfetante espiritual, tornando o tabernáculo limpo e sagrado novamente. A oferta pelo pecado era exigida sempre que uma pessoa inadvertidamente quebrava um dos mandamentos ou sofria de uma secreção ou doença de pele que a tornava impura por uma semana ou mais (caps. [12](#), [15](#)).

A oferta pela culpa ([5.14–6.7](#)) era destinada a ofensas mais graves, como roubar propriedade sagrada ou usar deliberadamente o nome de Deus em um juramento falso. Tal ofensa era vista como estar roubando de Deus. Portanto, um carneiro tinha que ser oferecido como uma espécie de reembolso. Enquanto a pessoa pobre podia oferecer apenas um pássaro para os outros sacrifícios, um carneiro era sempre necessário para uma oferta pela culpa.

Os capítulos [6.8–7.38](#) contêm várias outras regulamentações sobre sacrifícios, principalmente especificando quanto de cada sacrifício os sacerdotes podem comer e quanto deve ser queimado. Uma regra importante para aqueles que não eram sacerdotes era que eles não deviam comer gordura ou sangue, nem comer carne sacrificial quando estivessem impuros. Se o fizessem, poderiam ser cortados de Israel ([Lv 7.21–27](#)).

Início do sacerdócio (8–10)

Embora Levítico pareça um livro de leis por conter tantas regulamentações, é realmente um livro de história que descreve os eventos ocorridos cerca de um ano após o êxodo. Esses capítulos nos lembram do verdadeiro caráter do livro, pois narram como

Moisés ordenou Arão e seus filhos como sacerdotes e como eles ofereceram seus primeiros sacrifícios.

Impressionado pela complexidade dos rituais de ordenação, o leitor moderno pode não perceber a maravilha de Arão ter sido nomeado sumo sacerdote. Afinal, foi Arão quem presidiu a fabricação do bezerro de ouro e incentivou sua adoração ([Êx 32](#)). Se Moisés não tivesse intercedido por Israel, toda a nação teria sido destruída no deserto. Aqui, o perdão gracioso de Deus é evidente. Arão, o principal pecador, é nomeado o principal mediador entre Deus e o povo. No NT, a trajetória de Pedro se assemelha à de Arão em alguns aspectos.

A grandeza do sumo sacerdócio é simbolizada pelas vestes ricamente decoradas que Arão usava. Ele e seus filhos foram ungidos com óleo, e então Moisés ofereceu os três sacrifícios mais comuns em seu nome. Eles foram confinados ao pátio do tabernáculo por uma semana, e parece provável que alguns dos rituais fossem repetidos diariamente. Dessa forma, eles foram separados do restante do povo e totalmente consagrados ao seu santo ofício.

No oitavo dia, o processo estava completo. Agora Arão e seus filhos podiam oferecer sacrifícios. Desta vez, Moisés apenas lhes instruiu sobre o que fazer; ele mesmo não ofereceu sacrifícios. O capítulo [9](#) conclui dizendo que, depois de terem oferecido os sacrifícios por si mesmos e pelo povo, fogo saiu do tabernáculo para queimar as ofertas, demonstrando assim a aprovação de Deus às suas ações.

Depois disso, [10.1–2](#) apresenta uma reviravolta inesperada: "Nadabe e Abiú, filhos de Arão, pegaram cada um o seu queimador de incenso, colocaram incenso dentro, puseram fogo e apresentaram a Deus, o Senhor, como oferta. Mas não fizeram isso de acordo com as leis de Deus, e por isso ele não aceitou a oferta. De repente, saiu fogo da presença do Senhor e os matou; e assim os dois morreram ali onde Deus estava". Não sabemos exatamente o que significa fogo profano. O importante é que os sacerdotes fizeram algo que Deus não havia ordenado. Os sacerdotes deveriam dar o exemplo de obediência total à palavra de Deus: essa é a essência da santidade. Em vez disso, decidiram seguir seus próprios planos e as consequências foram terríveis.

"Arão ficou em silêncio" ([10.3](#)). Ele foi avisado para não lamentar a morte de seus filhos, para que não fosse suspeito de aprovar o pecado deles (vv. [6–7](#)).

No entanto, apesar das ações de seus filhos, Arão e seus filhos sobreviventes foram confirmados como sacerdotes. Eles foram lembrados de que seu trabalho era “fazer diferença entre o que é e o que não é sagrado, e entre o que é impuro e o que é puro. E devem ensinar aos israelitas todas as leis que eu, o Senhor, dei a eles por meio de Moisés”. (vv. [10-11](#), NTLH). O capítulo termina com outra nota de graça. Embora os sacerdotes tenham cometido um erro ao oferecer uma das ofertas pelo pecado, Deus relevaria isso nesta ocasião.

Pureza e impureza ([11-16](#))

Distinguir entre o impuro e o puro é o tema dos capítulos [11-15](#), que preparam para as cerimônias do grande Dia da Expição do capítulo [16](#). Essas cerimônias são projetadas para purificar o tabernáculo das impurezas do povo de Israel, garantindo assim que Deus continue a habitar entre eles ([16.16.19](#)).

O Capítulo [11](#) fala sobre animais impuros, ou seja, animais que não podem ser consumidos. Os animais terrestres são abordados primeiro, seguidos por peixes e aves, e finalmente várias criaturas diversas, como gafanhotos e répteis. Para ser considerado puro, um animal terrestre deve ter cascos fendidos e ruminar; isso inclui ovelhas e gado, mas exclui porcos e camelos. Peixes devem ter barbatanas e escamas para serem comestíveis; sem elas, são considerados impuros. As aves são puras, a menos que sejam aves de rapina ou necrófagas que se alimentam de carniça. Insetos que se assemelham a aves por terem asas e duas pernas grandes para saltar — por exemplo, gafanhotos—são puros. Outros insetos voadores são impuros. Todas as criaturas rastejantes que se movem rapidamente de um lado para outro, como lagartos, são impuras.

As razões para declarar alguns animais limpos e outros impuros têm sido um grande enigma há muito tempo. Uma sugestão é que os animais impuros eram usados em sacrifícios por adoradores pagãos ou eram considerados representações de divindades pagãs. Certamente alguns animais impuros eram usados no culto pagão, mas também alguns puros, e esse fato torna essa explicação insatisfatória. Uma segunda possibilidade é que as regras eram higiênicas: os animais limpos eram seguros para comer, enquanto os impuros não. Pode haver alguma verdade nessa explicação, mas ela não é completamente adequada, pois alguns animais

limpos podem ser prejudiciais, enquanto alguns impuros são adequados para consumo.

Animais impuros não podiam ser comidos, mas não havia problema em tocá-los. Os israelitas podiam montar camelos, por exemplo. No entanto, todos os animais mortos, a menos que fossem mortos para sacrifício, eram impuros. Qualquer pessoa que tocasse a carcaça de uma criatura morta tornava-se impura e, portanto, não podia entrar no tabernáculo naquele dia ([11.39-40](#)).

Os capítulos seguintes tratam de outras condições que tornam as pessoas impuras. O capítulo [12](#) afirma que o parto, ou mais precisamente o corrimento de sangue que segue o parto, torna a mulher impura. Na teologia do Antigo Testamento, a morte é a impureza máxima, e condições que são anormais ou ameaçam levar à morte também são impuras. Quando o corrimento cessa, após um período determinado, a mãe deve trazer uma oferta queimada e uma oferta pelo pecado para expiar qualquer pecado que ela possa ter cometido e para purificar o tabernáculo que pode ter sido poluído por sua impureza.

Os capítulos [13-14](#) abordam a impureza causada por doenças de pele. Regulamentos detalhados são fornecidos para distinguir entre diferentes doenças, permitindo que os sacerdotes decidam se as pessoas estão impuras ou não. Se estiverem impuras, devem viver fora do acampamento até que sua pele sare. Tradicionalmente, a doença de pele impura foi chamada de lepra. No entanto, é improvável que isso esteja correto, já que a lepra era desconhecida no Oriente Médio nos tempos do Antigo Testamento. Na verdade, era qualquer doença que levasse a pele a descamar em manchas, como a psoríase. Isso explica por que a doença poderia melhorar espontaneamente.

Se a doença recuasse o suficiente, o doente poderia chamar o sacerdote, e se o sacerdote estivesse satisfeito com a cura, o doente poderia ser readmitido na comunidade após seguir os rituais prescritos no capítulo [14](#). Isso também explica o que deve ser feito se manchas de mofo forem encontradas em pedaços de tecido ou paredes de casas.

O capítulo [15](#) explica como os homens podem se tornar impuros através de secreções de seus órgãos sexuais, devido à gonorreia ou relações sexuais, enquanto as mulheres se tornam impuras através da menstruação ou de uma secreção de longo prazo. Parte do propósito dessas regulamentações é prevenir a prostituição sagrada,

que era comum no mundo antigo. Como as relações sexuais tornavam as pessoas impuras, elas não podiam ir adorar imediatamente depois. Além disso, a impureza da menstruação deveria desencorajar os homens de serem excessivamente íntimos com meninas solteiras.

O amplo escopo dessas regulamentações de impureza significava que quase todo israelita estaria impuro em algum momento de sua vida. Essa impureza poderia contaminar a morada de Deus, o tabernáculo, tornando impossível para Deus continuar a viver lá. Para evitar essa catástrofe, um Dia da Expição era realizado uma vez por ano. Este é o dia mais solene no calendário judaico, e as cerimônias para ele são descritas em detalhes em [Levítico 16](#).

Há três atos no Dia da Expição que são descritos neste capítulo. Primeiro, havia a oferta especial pelo pecado oferecida pelo sumo sacerdote, durante a qual o altar externo de holocaustos, o altar de incenso dentro do Lugar Santo e, finalmente, a arca no Santo dos Santos eram aspergidos com sangue para purificar cada parte do tabernáculo. Esta era a única ocasião no ano em que o sumo sacerdote entrava na presença de Deus no Santo dos Santos, e precauções elaboradas eram tomadas para proteger o sumo sacerdote da santidade de Deus ([16.2-4,11-17](#)). Havia outro ato público que representava os pecados de Israel sendo levados embora. Um bode era escolhido por sorteio. Então, o sumo sacerdote colocava suas mãos sobre sua cabeça e recitava sobre ele o pecado da nação. Este bode era então levado e conduzido a um lugar solitário; em tempos posteriores, era empurrado de um precipício. Essas ações representavam os pecados de Israel sendo carregados para longe, de modo que não pudessem perturbar a paz entre Deus e seu povo. A terceira característica importante do Dia da Expição era a oração pública e o jejum. Isso mostrava que o pecado não poderia ser eliminado sem esforço, mas apenas através de uma mudança completa de coração por cada pessoa em Israel.

Regras para a vida diária ([17-25](#))

Enquanto os capítulos iniciais de Levítico estão inteiramente focados no lado divino da religião, os capítulos posteriores se concentram mais nos deveres religiosos práticos em relação a outras pessoas. No entanto, o capítulo [17](#) repete algumas das regras sobre sacrifício e estabelece uma nova: que todo sacrifício deve ser oferecido no pátio do

tabernáculo. Isso visava evitar que as pessoas adorassem secretamente deuses pagãos.

Os capítulos [18](#) e [20](#) explicam as regras que regem as relações sexuais na antiga Israel. O capítulo [19](#) fornece mais exemplos do que significa santidade na vida cotidiana. Positivamente, significa ajudar os pobres deixando alguns grãos nos campos durante a colheita ([19.9-10](#)); pagar as pessoas prontamente (v. [13](#)); evitar fofocas (v. [16](#)); honrar os idosos, ajudar o imigrante e ser honesto nos negócios (vv. [32-36](#)). Mas a santidade vai além de ações e palavras. Deve transformar pensamentos: “Não se vingue, nem guarde ódio de alguém do seu povo, mas ame os outros como você ama a você mesmo. Eu sou o Senhor”. (v. [18](#), NTLH).

Os capítulos [21](#) e [22](#) discutem como os homens santos de Israel, os sacerdotes, devem demonstrar sua santidade em suas vidas. Primeiro, eles devem evitar se aproximar de corpos mortos, a menos que os falecidos sejam parentes muito próximos. Segundo, eles devem se casar com mulheres de reconhecida retidão moral. Terceiro, sacerdotes com deformidades — por exemplo, um sacerdote cego ou coxo — nunca podem oferecer sacrifícios. Aqui, o princípio é claro: os homens que representam Deus devem refletir a perfeição de Deus em corpos normais e saudáveis. No entanto, aqueles que estão temporariamente impuros, devido a uma doença de pele ou uma secreção, podem retomar suas funções assim que sua impureza for curada.

O capítulo [23](#) lista os principais dias sagrados e os sacrifícios que precisavam ser oferecidos em cada um. O capítulo [24](#) trata da lâmpada e do pão especial mantidos dentro do tabernáculo. Um caso de blasfêmia que ocorreu no deserto é mencionado. Como o homem realmente usou o nome sagrado de Deus em uma maldição, ele foi condenado à morte.

O capítulo [25](#) trata do ano do jubileu. Em toda sociedade, as pessoas podem se endividar. Hoje, os efeitos das dívidas são um pouco amenizados por pagamentos de assistência social do estado e descobertos bancários, mas as sociedades antigas não tinham essa ajuda disponível. As pessoas endividadas tinham que vender suas terras familiares, das quais dependiam para viver, ou, em situações mais sérias, podiam se vender como escravas. Uma vez empobrecidas dessa forma, era extremamente difícil recuperar suas terras ou sua liberdade. Mas essa lei em Levítico proporcionava uma saída. A cada 50 anos havia um jubileu. Nesse ano, todo escravo era libertado da servidão, e todos que haviam vendido suas terras as recebiam de

volta gratuitamente. Assim, todos que caíam em dívida tinham a chance de recomeçar. Embora essa lei fosse projetada principalmente para ajudar os pobres, ela também servia para prevenir a acumulação de muita riqueza nas mãos de poucos homens ricos.

Bênçãos, maldições e votos (26-27)

O capítulo [26](#) contém as bênçãos e maldições que tradicionalmente encerravam uma aliança. Israel é prometido grande prosperidade material e espiritual se cumprir a lei, mas é avisado de que a tragédia ocorrerá se desobedecer.

O capítulo [27](#) é um apêndice que trata de votos e outras ofertas feitas a Deus. Quando uma pessoa promete dar algo a Deus, isso se torna sagrado e não pode ser retirado a menos que um pagamento adequado seja feito em seu lugar. Este capítulo estabelece as regras para essas dedicações.

Veja também Arão; Moisés; Ofertas e sacrifícios; Sacerdotes e levitas; Tabernáculo; Templo.

Lia

Lia era filha de Labão e irmã mais velha de Raquel.

Ela se tornou a esposa de Jacó, que havia enganado seu pai Isaque para receber a bênção destinada a Esaú ([Gênesis 27.5-40](#)). Para escapar da ira de Esaú e encontrar uma esposa ([Gênesis 27.46-28.2](#)), Jacó foi para seu tio Labão na Mesopotâmia ([Gênesis 27.43; 28.2](#)). Ele se apaixonou por Raquel, a filha mais nova de Labão, e concordou em trabalhar para Labão por sete anos para se casar com ela ([Gênesis 29.17-18](#)).

Quando o casamento chegou, Labão enganou Jacó dando-lhe Lia, a filha mais velha, em vez de Raquel ([Gênesis 29.21-25](#)). Labão justificou isso dizendo que a filha mais velha deve se casar primeiro ([Gênesis 29.26](#)). Lia foi descrita como tendo "olhos fracos", enquanto Raquel era "formosa e bela" ([Gênesis 29.17](#)).

Jacó trabalhou por mais sete anos para se casar com Raquel, a quem ele amava profundamente ([Gênesis 29.20](#)). Lia, que não era favorecida como Raquel, teve seis filhos e uma filha antes que Raquel tivesse algum filho ([Gênesis 29.31-30.22](#)):

1. Rúben;
2. Simeão;
3. Levi;

4. Judá;
5. Issacar;
6. Zebulom;
7. Diná.

A incapacidade de Raquel de ter filhos era uma tristeza significativa para ela, e ela até trocou mandrágoras, uma planta acreditada para garantir a concepção, com Lia para tentar conceber ([Gênesis 30.14-17](#)).

Os filhos de Lia tornaram-se importantes na história de Israel. Seu filho Levi tornou-se o ancestral dos sacerdotes, e seu filho Judá foi o ancestral da linha real da qual Jesus Cristo descendeu ([Gênesis 3.15; 12.2-3; 2 Samuel 7.16; Mateus 1.1](#)).

Veja também Jacó #1.

Libação

Ritual de derramar um líquido, como óleo ou vinho, no chão como sacrifício. *Veja* Ofertas e sacrifícios.

Líbano

Região mencionada apenas no AT, embora suas cidades, incluindo Tiro e Sidom, sejam nomeadas no NT. O nome Líbano geralmente se refere à dupla cordilheira que começa perto de Tiro e corre para o nordeste seguindo a costa mediterrânea. As duas faixas do Líbano são paralelas uma à outra, o Líbano a oeste e o Anti-Líbano a leste. O nome Líbano é derivado da raiz hebraica *l-b-n*, que significa "branco", que pode refletir o calcário branco das montanhas ou a neve que ficava nas montanhas durante seis meses ([Jr 18.14](#)).

Geografia

No extremo sul, as cordilheiras do Líbano são uma continuação direta das colinas do norte da Galileia, com o Monte Hermon (Siriom, Senir) muito proeminente na faixa Anti-Líbano, subindo até 2.813,3 metros. As duas faixas são divididas por um amplo vale, o vale do Líbano ([Js 11.17](#)) ou "a entrada de Hamate" ([Nm 34.8](#)), a moderna Beqa'a.

No sul, a cordilheira do Líbano é separada das colinas da Galileia por um profundo desfiladeiro leste-oeste, pelo qual o rio Litani flui, desembocando no Mediterrâneo um pouco ao

norte de Tiro. Em seus trajetos superiores, segue o Vale de Beqa'a em uma direção nordeste quase até Baalbek. A cordilheira do Líbano, com cerca de 160,9 quilômetros de comprimento, se estende para o norte até o vale leste-oeste de Nahr el-Kebir e é marcada por uma série de picos. No sul estão Gebel Riha, Tomat e Gebel Niha (que variam de 1.636,7 a 1.898,9 metros, de altura) a leste de Sidom. No centro estão Gebel Baruk, Gebel Kuneiyiseh e Gebel Sunnin (2.200,7 metros, 2.100,1 metros e 2.599,9 metros de altura, respectivamente) a leste de Beirute. "Gebel" ou "Jebel" significa montanha em árabe. Mais ao norte, a leste de Tripoli, fica Qurnet es-Sauda, que atinge 2.999,2 metros, e Qurnet Aruba, com cerca de 2.231,1 metros de altura.

Essas altas montanhas capturam a chuva que vem do Mediterrâneo, fornecendo boas chuvas às áreas de montanha e à faixa costeira; além das montanhas, a chuva cai. É ao longo da faixa costeira entre as montanhas e o mar que os fenícios prosperaram e cidades como Tiro, Sarepta, Sidom, Berito (Beirute), Biblos (Geba) e Tripoli foram estabelecidas. A área costeira tem uma série de promontórios que são extensões da cordilheira, pequenas penínsulas. A estrada costeira tinha que ser cortada ao redor ou através dessas esporas. Um bom exemplo é o promontório de Nahr el-Kelb, um pouco ao norte de Beirute.

No lado leste da faixa do Líbano está o Vale de Beqa'a. O rio Orontes nasce no norte deste vale e flui em direção ao norte até desaguar no Mediterrâneo ao norte da antiga Ugarit. Toda esta região do vale era conhecida na literatura clássica como Coele-Síria (Vale da Síria). Era o "berço" dos romanos.

A leste do Vale de Beqa'a fica a cordilheira Anti-Líbano, na qual o rio Barada nasce e flui para o leste em direção ao oásis fértil de Damasco. O Monte Hermom, na parte sul da cordilheira, era conhecido como Siroim pelos fenícios e Senir pelos amorreus ([Dt 3.9](#)).

Recursos

O Líbano era famoso na antiguidade por suas ricas florestas de abeto e cedro. As áreas costeiras, o Vale de Beqa'a e as encostas inferiores das montanhas eram adequadas para oliveiras, árvores frutíferas e vinhedos, bem como algumas colheitas de grãos. Um produto importante vinha do mar: um molusco da classe gastrópode do qual um corante vermelho ou púrpura era obtido. O nome "fenício" deriva do grego *phoinos*, vermelho-púrpura. Lã tingida de

púrpura estava disponível em Ugarit por volta de 1500 a.C. Os fenícios tiveram um monopólio nesta indústria por centenas de anos. O povo de Israel, que usou uma grande quantidade de corante púrpura em seus móveis do tabernáculo ([Êx 26](#)) e as roupas de seus sacerdotes ([Êx 28.4-6](#); [39.1, 28-29](#)), provavelmente obteve o corante dos fenícios.

O rei Salomão tinha relações de comércio significativas com a Fenícia. Para construir o templo em Jerusalém, cedro e abeto foram obtidos de Hirão I de Tiro ([1Rs 5.6, 9, 14](#); [7.2](#); [10.17, 21](#); [2Cr 2.8, 16](#)). Salomão pagou por esta madeira em trigo e azeite ([1Rs 5.11](#)). As árvores foram enviadas flutuando pelo mar até uma área dentro do território de Salomão e transportadas dali para Jerusalém. As árvores de cedro e abeto do Líbano e do Anti-Líbano forneciam navios para Tiro ([Ez 27.5](#)), barcas e móveis sagrados para o Egito e madeira para a construção do segundo templo em Jerusalém ([Ed 3.7](#)).

Dos portos do Líbano, os fenícios negociavam com muitas terras. Eles dominaram a arte da construção naval, e seus navios eram usados em tempos de paz e guerra. Uma imagem vívida das atividades dos negociantes de Tiro, Sidom, Geba e Arvade é dada em [Ezequiel 27](#), onde a extensão e a natureza de seu comércio são dadas em detalhes consideráveis.

História

A área se tornou de interesse para os egípcios durante a quarta dinastia (ca. 2600 a.C.), quando o faraó Snefru adquiriu 40 cargas de cedro do Líbano. Biblos caiu sob influência egípcia durante a 12ª dinastia (ca. 1980-1800 a.C.) e os egípcios deram ornamentos de ouro em troca de cedro. Durante a 18ª dinastia (ca. 1552-1306 a.C.), o Egito conquistou a Síria, e os registros falam regularmente de cedro sendo tomado como tributo. Mais tarde, um enviado de Ramsés XI chamado Wenamon pagou caro pelo cedro (ca. 1100 a.C.).

Quando o poder egípcio diminuiu, os Assírios controlavam a área e tomaram grandes quantidades de cedro como tributo dos dias de Tiglate-Pileser I (ca. 1100 a.C.) em diante. Nabucodonosor e a nação babilônica também controlavam o Líbano e tiravam grandes quantidades de cedro para construir templos e palácios. O danificar das florestas do Líbano foi mencionado por Isaías ([Is 14.8](#)) e Habacuque ([Hb 2.17](#)). Nos séculos posteriores, o Líbano passou sucessivamente sob o domínio dos persas, gregos e romanos.

Nos tempos do NT, as cidades de Tiro e Sidom geralmente são acopladas ([Mt 15.21](#); [Mc 3.8](#); [7.24.31](#); [Lc 6.17](#); [10.13-14](#); [Atos 12.20](#)), embora às vezes elas sejam referidas sozinhas [Atos 21.3, 7](#). Uma mulher grega que era siro-fenícia é referida em [Marcos 7.26](#). Jesus pregou nessas áreas durante seu ministério. Na poesia bíblica, os altos cedros do Líbano eram um símbolo de majestade e força ([Jz 9.15](#); [2Rs 14.9](#); [Sl 92.12](#); [104.16](#); [Is 35.2](#); [60.13](#)). Eles também eram um símbolo de orgulho terreno que seria quebrado diante da ira de Deus um dia ([Sl 29.5](#); [Is 2.13](#); [10.34](#); [Jr 22.6](#); [Ez 31.3](#)).

Liberdade

Na Bíblia, liberdade significa ser liberto de algo que controla ou prejudica as pessoas. Pode significar liberdade física — como quando Deus resgatou os israelitas da escravidão no Egito. Mas também pode significar liberdade espiritual — ser liberto do pecado e da morte através de Jesus Cristo.

Veja também Liberdade.

Liberdade

A qualidade ou estado de ser livre. No mundo antigo, a escravidão era comum. A lei de Moisés estabelecia que um escravo hebreu poderia servir por seis anos e seria libertado no sétimo ano ([Êx 21.2](#)). Esta lei é o contexto para [Jeremias 34](#). Jeremias deixa duas coisas claras: as pessoas conheciam a lei, mas muitos não a obedeciam. Mesmo assim, a lei mostrava que a liberdade era importante. Após cada 49 anos, havia um ano especial chamado jubileu. Durante esse tempo, todas as propriedades retornariam aos seus proprietários originais e os escravos seriam libertados ([Lv 25.8-24](#); compare [Ez 46.17](#)).

Liberdade para os escravos

A liberdade pode ser concedida a um escravo por outras razões. O escravo deve ser libertado se o proprietário causar a perda de um olho ou dente do escravo ([Êx 21.26-27](#)). Jó reflete que no Sheol ou na morte “o escravo está livre de seu mestre” ([Jó 3.19](#)). Em outro versículo, ele expressa gratidão pela liberdade do jumento selvagem ([39.5](#)).

O Messias e a liberdade

Quando o Messias (o escolhido de Deus) vier, uma de suas tarefas será “proclamar liberdade aos

cativos” ([Is 61.1](#)). Os crentes do Antigo Testamento pensavam nessa liberdade em termos de libertação do domínio estrangeiro. No entanto, o Messias está focado principalmente em libertar os espíritos das pessoas. Liberdade é um modo de vida diante de Deus. É também uma libertação do pecado.

Liberdade no Novo Testamento

No Novo Testamento, a liberdade às vezes é vista como uma libertação literal do cativeiro. Por exemplo, todos os quatro Evangelhos referem-se ao costume judaico de libertar um prisioneiro na Páscoa (veja [Mc 15.6-15](#)). Há também referências à libertação de prisioneiros (veja [At 3.13](#); [16.35](#)). Paulo encorajou escravos cristãos a conquistarem sua liberdade, se pudessem ([1Co 7.21](#)). Ele pediu a um proprietário de escravos, Filemom, que libertasse o escravo Onésimo. Onésimo era um escravo que fugiu (veja [Fm](#)). Paulo não argumentou pela liberdade da escravidão como parte do evangelho cristão. Em vez disso, ele enfatizou a liberdade em Cristo para todos os crentes. Todos são livres em Cristo, tanto os que são livres quanto os que são escravos.

Verdadeira liberdade por meio de Jesus

A liberdade que realmente importa é a que Jesus oferece. Jesus afirma que as pessoas são verdadeiramente livres quando o Filho as liberta ([Jó 8.36](#)). Paulo celebra a liberdade que Jesus Cristo traz ([Rm 7.24-25](#)). A mesma ideia pode ser expressa ao dizer que a verdade liberta as pessoas ([Jó 8.32](#)). É importante entender essas palavras, pois Jesus é a própria verdade ([Jó 14.6](#)). Este não é o conceito filosófico de que o erro escraviza os homens enquanto a verdade tem um efeito libertador. A verdade aqui é aquela que está associada a Jesus, “a palavra da verdade, o evangelho” ([Cl 1.5](#)). Paulo afirma: “Ora, o Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” ([2Co 3.17](#)).

Liberdade do pecado

O Novo Testamento argumenta que as pessoas, por si mesmas, não conseguem derrotar o pecado. O mundo moderno é prova disso. Podemos tentar fazer o bem, mas o mal é poderoso demais para nós. Não conseguimos fazer o bem que desejamos ([Rm 7.21-23](#)). No entanto, por causa da obra salvadora de Cristo, o poder do pecado é quebrado. “Porque em Cristo Jesus a lei do Espírito de vida te libertou da lei do pecado e da morte.” ([Rm 8.2](#)). Esta

verdade é apresentada muitas vezes e expressa de diferentes maneiras.

Liberdade da lei religiosa

Há outra liberdade que pertence ao cristão. Os cristãos são libertos da lei. No primeiro século, muitos viam o caminho da salvação como a observância dos mandamentos de Deus. Isso era frequentemente incentivado entre alguns judeus. Alguns dos primeiros cristãos parecem ter adotado essa ideia deles. A ideia parece óbvia: se levarmos vidas boas, estaremos bem com Deus.

O problema com essa posição é que não levamos vidas boas. O pecado é muito forte. Há um problema adicional. Jesus não morreu pelo caminho da lei. Isso é enfatizado especialmente em Gálatas. Paulo argumenta fortemente que a salvação não é pelo caminho da lei, mas pela fé ([Rm 4; Gl 3](#)). Ele reclama das pessoas que se infiltraram para espionar a liberdade que tinham em Cristo Jesus ([Gl 2.4](#)). Ele aponta que, já que Cristo nos libertou, não devemos nos submeter a qualquer forma de escravidão ([5.1](#)).

Liberdade para a criação

Paulo escreveu que um dia, toda a criação será "libertada da escravidão da corrupção" ([Rm 8.21](#)). A criação, de alguma forma, compartilhará da liberdade da glória dos filhos de Deus. Isso aponta para um futuro maravilhoso para a criação. E não devemos perder de vista a "glória" que a liberdade dos filhos de Deus representa.

Usando a liberdade com sabedoria

Podemos desejar aproveitar a liberdade, já que não fazemos nada para ganhar nossa salvação. A Bíblia nos adverte a não abusar de nossa liberdade ([Rm 6.1-4; Gl 5.13; 1Pe 2.16](#)). Devemos viver como pessoas livres. Não devemos transformar nossa liberdade em um meio de nos tornarmos escravos do pecado.

Veja também Escravo, escravidão.

Libertação, libertador

Libertação significa resgatar ou salvar alguém. Um libertador é a pessoa que realiza o resgate. As Escrituras ensinam que o objetivo final de Deus é resgatar as pessoas da maldição do pecado, da morte, de Satanás e do inferno.

Libertação no Antigo Testamento

O Antigo Testamento mostra Deus libertando Seu povo escolhido de três coisas:

1. Escravidão no Egito;
2. Estando em cativeiro na Babilônia;
3. Sendo atacado por diferentes grupos que vivem na Palestina.

Os cristãos veem esses resgates como uma referência a Jesus Cristo. Jesus é o maior libertador (resgatador) de todos.

O substantivo "libertador" aparece muitas vezes no Antigo Testamento. Em três ocasiões, a palavra se refere a um ser humano:

1. Otniel libertou Israel da opressão de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia ([Jz 3.8-10](#));
2. Eúde libertou Israel de Eglom, rei de Moabe ([Jz 3.15.30](#));
3. [Juizes 18.27-29](#) afirma que "não havia ninguém para livrar" Laís da conquista pela tribo de Dã.

Outros usos de "libertador" referem-se ao próprio Deus como um libertador pessoal de seu povo ([2Sm 22.2; Sl 18.2; 40.17; 70.5; 144.2](#)).

O conceito básico do Antigo Testamento de libertador é expresso por uma palavra hebraica que significa "parente próximo". Um parente próximo era responsável por ajudar um indivíduo em dificuldade e redimi-lo da escravidão. Deus enviou ajuda quando seu povo estava em perigo. Ele também agiu como seu libertador no Êxodo do Egito ([Êx 3.7.8](#)).

Libertação no Novo Testamento

No Novo Testamento, Jesus citou uma passagem messiânica ([Is 61.1.2](#)) como descrevendo sua missão de proclamar libertação (ou livramento) aos cativos ([Lc 4.18](#)). Em [At 7.35](#), Moisés é chamado de libertador de Israel. Em [Romanos 11.26](#), o apóstolo Paulo parafraseou [Isaías 59.20](#), dizendo: "Eu virei a Sião como Redentor." Isso se refere a Jesus Cristo.

Veja também Messias; Redentor, redenção.

Libertinagem

Uma ausência de restrição moral, especialmente no comportamento sexual.

Veja Lascívia.

Libertinos

Um libertino era um escravo liberto de origem judaica. A única referência a libertinos no Novo Testamento está em [At 6.9](#) (em uma versão mais literal). A maioria das versões modernas da Bíblia traduz este termo latino como "Homens Livres" (NTLH) porque se refere ao seu status legal, não a uma localização geográfica.

Libertinos aparecem com grupos de várias partes do império. Isso poderia significar que os libertinos eram um grupo da região de Liberatum, no Norte da África. Naquela época, essa região estava sob jurisdição romana. No entanto, uma compreensão mais provável é que as pessoas que se reuniam na sinagoga dos libertinos eram judeus que foram escravos. Filo, um judeu helenístico de Alexandria, escreve sobre judeus que Pompeu capturou durante suas conquistas e depois levou para Roma em 63 a.C. Ele os vendeu como escravos, mas mais tarde eles se tornaram livres. Quando libertados, esses judeus se estabeleceram em várias partes do império: Cirene, Alexandria, Cilícia e Ásia.

De acordo com [At 6.9](#), esses judeus de língua grega adoravam em uma sinagoga própria em Jerusalém. Eles não conseguiam falar o aramaico de seus compatriotas palestinos. Em 1913, R. Weill encontrou uma inscrição em Jerusalém relacionada a um certo Teódoto, filho de Vettenos. A inscrição refere-se a uma sinagoga que se encaixa na descrição de [At 6.9](#).

A igreja primitiva precisava discutir sua fé com os libertinos desta sinagoga. Estevão era um cristão anteriormente nomeado como diácono para lidar com problemas que surgiam no elemento de língua grega da igreja ([At 6.1-6](#)). Ele se destaca como um defensor habilidoso da fé em Jesus Cristo ao debater com a sinagoga dos libertinos.

Verja também Libertos.

Libertos

Os libertos eram membros de uma sinagoga judaica em Jerusalém ([At 6.9](#)), que foram capturados e

levados para Roma pelo general Pompeu, que viveu de 106–48 a.C. Esses judeus foram posteriormente libertados da escravidão.

Pompeu descobriu que os judeus seguiam seus costumes religiosos e nacionais de forma tão rigorosa que não eram úteis como escravos. Por isso, foram libertados.

Nem todos os libertos retornaram a Jerusalém. Alguns permaneceram em Roma. O escritor romano Plínio descreveu o liberto como um "plebeu sem importância".

O nome "libertos" (ou "homens livres" na Nova Tradução na Linguagem de Hoje) vem de uma palavra latina que designa uma pessoa que foi libertada da escravidão, ou o filho de alguém que já foi escravo.

Veja Libertinos.

Líbia, Líbios

Um país e seus habitantes a oeste do Egito. Nos textos hebraicos antigos, três palavras diferentes eram usadas para descrever a Líbia e seu povo. Essas palavras podem ser confusas de entender hoje por duas razões. Primeiro, alguns dos textos antigos são obscuros. Segundo, escritores de tempos passados frequentemente usavam a palavra "Líbia" para se referir a qualquer parte da África que não fosse o Egito.

A partir do século 12 a.C., os líbios serviram nos exércitos do Egito e da Etiópia ([2Cr 12.3](#); [16.8](#); [Na 3.9](#)). Um de seus líderes mais famosos foi Sisaque, que veio da Líbia. Mais tarde, ele se tornou um governante poderoso que invadiu outras terras.

O profeta Ezequiel disse que a Líbia seria derrotada junto com outras nações ([Ez 30.5](#)). O livro de Daniel também menciona que os líbios estavam entre os povos conquistados ([Dn 11.43](#)). O livro de Isaías menciona brevemente os líbios, chamando-os pelo nome hebraico "Pul" ([Is 66.19](#), em uma versão mais literal).

Um homem chamado Simão, que era de uma cidade chamada Cirene na Líbia, foi forçado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Jesus no dia em que Jesus foi crucificado ([Mt 27.32](#); [Mc 15.21](#); [Lc 23.26](#)). Cirene fica no leste da Líbia. Mais tarde, quando o Espírito Santo veio aos seguidores de Jesus em Jerusalém no Dia de Pentecostes, pessoas da Líbia estavam entre a grande multidão que se reuniu lá ([At 2.10](#)).

Libna

1. Um dos locais onde os israelitas acamparam durante a jornada no deserto. Ficava entre Rimom-Perez e Rissa ([Nm 33.20.21](#)).
Veja Peregrinações no deserto.
2. Uma cidade-estado cananeia no sul da Palestina. Sob a liderança de Josué, Israel conquistou e destruiu Libna ([Js 10.29-31](#); [12.15](#)). Estava no território de Judá ([15.42](#)). Mais tarde, os levitas a receberam como herança ([Js 21.13](#); [1Cr 6.57](#)).

A Bíblia menciona três eventos posteriores relacionados a Libna:

3. Durante o reinado do rei Jeorão de Judá, Libna se rebelou contra ele quase ao mesmo tempo que Edom também se rebelou. Judá os trouxe sob controle ([2Rs 8.22](#); [2Cr 21.10](#));
4. Depois que o rei Senaqueribe da Assíria capturou a cidade de Laquis, ele atacou Libna ([2Rs 19.8](#); [Is 37.8](#)).
Anteriormente, Isaías havia afirmado ao rei Ezequias que haveria um boato que faria com que o rei invasor interrompesse sua campanha militar contra Judá e retornasse à sua própria terra. Enquanto Senaqueribe cercava e atacava Libna, a profecia de Isaías se cumpriu ([2Rs 19.7,8](#));
5. A mãe de Jeoás e Zedequias, dois dos últimos reis de Judá, era de Libna ([2Rs 23.31](#); [24.18](#); [Jr 52.1](#)).

Libni

1. Filho de Gérson, neto de Levi e irmão de Simeí ([Êx 6.17](#); [Nm 3.18](#); [1Cr 6.17,20](#)). Ele foi o pai de três filhos e o fundador da família libnita ([Nm 3.21](#)). Libni também é chamado de Ladã em [1Cr 23.7-9](#) e [26.21](#).
2. O filho de Mali, pai de Simeí, é um descendente de Levi através da linhagem de Merari ([1Cr 6.29](#)).

Libnitas

Qualquer descendente de Libni. Ele era um filho de Gérson da tribo de Levi ([Nm 3.21](#); [26.58](#)).

Veja Libni #1.

Libra

Uma medida romana (*litra* em grego) equivalente a cerca de 12 onças, ou 0,3 quilograma (três quartos de libra). É mencionada apenas em [João 12.3](#) e [19.39](#).

Veja Pesos e Medidas.

Lícia

O país está localizado na parte sudoeste da província romana da Ásia (comumente conhecida como Ásia Menor), limitado a noroeste por Cária, ao norte por Frígia e Pisídia, a nordeste por Panfília, e a oeste, sul e leste pelo Mar Mediterrâneo. A geografia da região combina terreno montanhoso acidentado com vales férteis formados pela descida de vários pequenos rios até o mar. As regiões montanhosas produzem azeitonas, uvas e madeira, enquanto os vales são responsáveis pela produção dos grãos cultivados na área. Nas desembocaduras dos rios estão localizados os principais portos marítimos do país. Dois deles, Pátara e Mirra, são de interesse para os estudantes do NT.

Pátara, localizada no sudoeste da Lícia no vale do rio Xanto, era a sede do oráculo de Apolo. [Atos 21.1](#) menciona-a como o porto onde Paulo, ao concluir sua terceira viagem missionária, embarcou em um navio com destino à Fenícia (alguns manuscritos

incluem aqui uma parada adicional em Mirra). Mirra, localizada no sudeste da Lícia, é mencionada em [Atos 27.5-7](#) como o porto onde Paulo e Júlio, um centurião romano, embarcaram em um navio alexandrino com destino a Roma. Quando os ventos vinham do oeste, era prática dos navios de grãos alexandrinos com destino à Itália navegar ao norte ao longo da costa da Palestina e Síria e ao oeste ao longo da costa sul da Ásia Menor. Isso tornava os portos da Lícia lugares naturais para os navios se abrigarem em preparação para a etapa final da viagem à Itália.

A história da região está intimamente ligada à da Ásia Menor. Entre todos os povos do oeste da Ásia Menor, Lícia foi a única capaz de resistir ao ataque dos reis da Lídia. No entanto, em 546 a.C., foi forçada a submeter-se à dominação persa. Com a invasão de Alexandre, o Grande, em 333 a.C., Lícia ficou sob o controle dos Ptolomeus (308–197 a.C.) e dos Selêucidas (197–189 a.C.). Quando os romanos derrotaram Antíoco III em Magnésia (189 a.C.), Lícia foi dada a Rodes, uma ilha ao largo de sua costa oeste. Vinte anos depois, Roma concedeu a Lícia o status de estado independente. Este status manteve-se até 43 d.C., quando o Imperador Cláudio declarou Lícia uma província romana. Sob a reorganização provincial de Vespasiano em 74 d.C., foi unida à Panfília.

[1 Macabeus 15.23](#) fornece evidências de uma comunidade judaica considerável na Lícia por volta de 139 a.C. O NT não fornece evidências de cristãos nesta área. No entanto, uma carta da Lícia escrita em 312 d.C. ao Imperador Maxêncio, em oposição ao cristianismo, indica a presença de cristãos nesta região nos primeiros séculos da igreja.

Licônia

Região no interior sul da província romana da Ásia (também chamada de Ásia Menor), ao norte das Montanhas Taurus. Antes da ocupação romana, era limitada ao norte pela Galácia, ao sul pela Cilícia, a leste pela Capadócia e a oeste pela Frígia e Pisídia. Como muitos de seus estados vizinhos, a Licônia foi governada pelos Selêucidas após a conquista de Alexandre, o Grande. Quando os romanos derrotaram os Selêucidas no oeste da Ásia Menor (190 a.C.), a Licônia foi dada aos Atálidas de Pérgamo. Permaneceu sob seu controle até 130 a.C., quando seu rei morreu e seu reino foi dissolvido. A área foi subsequentemente administrada pelos romanos, que anexaram a seção norte do território licaônio à Galácia, a seção

leste à Capadócia e a seção sul à Cilícia. Em 37 d.C., a Licônia oriental ganhou independência da Capadócia e foi conhecida como Licônia Antioquiana. Na época de Cristo, a Licônia havia essencialmente sido reduzida a uma área étnica no sul da Galácia e deve ser considerada como tal em todas as referências do NT.

O território estava situado em um planalto alto e árido. O solo era geralmente de má qualidade, embora existissem áreas férteis no sul, ao redor das principais cidades de Listra e Derbe. Consequentemente, as principais ocupações eram a criação de ovelhas e cabras, com alguma agricultura no sul. Licônia era atravessada por uma importante rota comercial entre Síria, Éfeso e Roma.

É discutível se Icônio era uma cidade da Licônia. Alguns estudiosos acreditam que era a capital e principal cidade, enquanto outros a consideram uma cidade frígia. Esta última posição parece ser apoiada em Atos, onde se diz que Paulo foge de Icônio para Listra e Derbe, “cidades do distrito da Licônia” ([At 14.6](#)) — lugares onde a língua licaônica era falada (v. [11](#)). É provável que dentro do território político da Galácia houvesse várias áreas étnicas e que Paulo tenha cruzado uma fronteira étnica na tentativa de encontrar segurança dos judeus descontentes de Icônio.

O apóstolo Paulo fez três visitas à Licônia. Durante sua primeira viagem missionária, a pregação do evangelho foi muito eficaz e muitos discípulos foram feitos ([At 14.21-22](#)). De fato, quando Paulo curou um homem aleijado em Listra, os líderes do culto pagão desejaram adorá-lo como um deus (vv. [11-18](#)). Ele visitou a área novamente em sua segunda viagem missionária. Foi aqui que ele conheceu Timóteo e pediu que ele se juntasse à sua companhia ([16.1-5](#)). Uma visita final (durante sua terceira viagem, onde seu propósito era fortalecer os crentes) é indicada por [Atos 18.23](#).

Inscrições cristãs posteriores indicam que, no final do terceiro século, a região da Licônia tinha um dos sistemas eclesiásticos mais desenvolvidos da Ásia Menor.

Lida

Um nome do Novo Testamento para Lode, uma cidade localizada a sudoeste de Jerusalém na Sefelá ([At 9.32-38](#)).

Veja Lode.

Lídia (lugar)

Nome designando uma área geográfica mencionada em [Jeremias 46.9](#), [Ezequiel 27.10](#) e [30.5](#). Em outras versões, é listado como “Lude” (veja ARC). No entanto, a identificação de Lídia com Lude no AT não é certa. Jeremias menciona Lude em conexão com os países norte-africanos de Pute (Líbia) e Etiópia ([Jr 46.9](#)). Ezequiel menciona Lude em conexão com Pute e Pérsia ([Ez 27.10](#)), assim como Arábia ([30.5](#)). Josefo considerou que os lídios foram fundados por Lude (*Antiquities* 1.6.4).

Em qualquer caso, parece que Lídia se refere a uma província na parte ocidental da província romana da Ásia (atual Turquia), limitada ao norte por Mísia, a leste por Frígia, ao sul por Cária e a oeste pelas cidades gregas na Jônia. Ela está listada entre as províncias tomadas pelos romanos do rei sírio Antíoco, o Grande, e dadas a Eumenes II, o rei de Pérgamo, após a batalha de Magnésia em 190 a.C.

A capital da Lídia, Sardes, estava localizada consideravelmente no interior, e a província nunca demonstrou nenhum desenvolvimento marítimo significativo. Heródoto referiu-se à Lídia como uma terra fértil e abundante em prata (*Guerras persas* 5.49), enquanto Tácito mencionou os países ricos ao redor de Sardes (*Anuais* 4.55). Segundo Heródoto, os lídios “foram a primeira nação a introduzir o uso de moedas de ouro e prata, e os primeiros a vender bens a varejo” (*Guerras persas* 1.94).

Na época do Novo Testamento, Lídia havia se tornado parte da província romana da Ásia, sendo entregue a Roma em 133 a.C. pelo rei de pérgamo, Átalo III. Cinco das igrejas às quais o livro do Apocalipse foi dirigido estavam em Lídia (Éfeso, Esmirna, Sárdis, Filadélfia e Laodiceia).

Veja também Lude, luditas.

Lídia (Pessoa)

Lídia era uma mulher não judia que se tornou cristã após ouvir Paulo pregar na cidade de Filipos ([At 16.14,40](#)). Ela era uma empresária que vendia tecidos roxos caros. Lídia veio da cidade de Tiatira, na região de Lídia, localizada na parte ocidental da província romana da Ásia (comumente conhecida como Ásia Menor).

Atos descreve Lídia como “uma adoradora de Deus” (ou “temente a Deus”), indicando que ela era uma gentia atraída pelo Judaísmo. Ela se converteu ao Cristianismo e foi batizada por Paulo. Em seguida, Lídia convidou Paulo e Silas para ficarem em sua casa durante o tempo que passaram em Filipos.

Ligar e desligar

Termos que Jesus usou para descrever a autoridade especial que ele deu aos seus seguidores. Jesus mencionou as ações de ligar e desligar em duas ocasiões diferentes.

Jesus concede autoridade a Pedro

Após a confissão de Pedro de que Jesus era o Messias, Jesus disse a ele: “Eu lhe darei as chaves do reino dos céus. O que você ligar na terra será ligado nos céus, e o que você desligar na terra será desligado nos céus” ([Mt 16.19](#)). Mais tarde, Jesus deu a mesma autoridade para ligar e desligar a todos os discípulos ([18.18](#)).

Somente o Evangelho de Mateus inclui estas palavras específicas sobre ligar e desligar. De acordo com o Evangelho de João, Jesus disse algo semelhante aos discípulos após a ressurreição: “Se perdoarem os pecados de alguém, estarão perdoados; se não os perdoarem, não estarão perdoados” ([Jo 20.23](#)). É difícil entender exatamente que tipo de autoridade Jesus deu e até onde ela se estendeu.

Qual é o significado de “ligar e desligar”?

“Ligar” e “desligar” traduzem duas palavras gregas. As palavras gregas vêm do aramaico, a língua que Jesus falava. No tempo de Jesus, os mestres judeus usavam essas palavras de duas maneiras:

1. **Autoridade de ensino:** os mestres da lei de Deus diziam que uma ação estava "ligada" quando a proibiam, ou "desligada" quando a permitiam. Jesus mencionou esse papel de ensino quando disse: "Os escribas e fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Portanto, pratiquem e observem tudo o que eles lhes disserem" ([Mt 23.2-3](#)). Entre os maiores rabinos judeus, Shammai "ligou" muitas ações que o professor mais liberal Hillel "desligou".
2. **Decisões legais:** as pessoas também usavam essas palavras ao tomar decisões sobre punição ou liberdade. "Ligar" significava julgar alguém como culpado, enquanto "desligar" significava declará-lo inocente.

Ambos os conjuntos de significados foram utilizados para interpretar os dois textos em Mateus.

O significado preciso das palavras em Mateus deve ser entendido com base em seu uso de situações específicas e na compreensão geral do Novo Testamento sobre a autoridade dos apóstolos. Em [Mateus 16.19](#), a autoridade de Pedro para ligar e desligar está conectada ao recebimento das "chaves do reino do céu". Nos Evangelhos, o "reino do céu" ou "reino de Deus" é onde Deus governa. É a "comunidade" de pessoas que ele governa como Senhor. Como um símbolo, Pedro recebeu as chaves desse reino, desse "edifício". O povo de Deus é descrito como seu edifício ([1Co 3.9.16-17](#); [Ef 2.20-22](#); [1Pe 2.4-5](#)). As chaves simbolizam a autoridade dada a Pedro como aquele que confessou Jesus como Senhor ([Mt 16.16](#)). Pedro representa todos aqueles discípulos que fazem a mesma confissão.

De acordo com [Mateus 23.13](#), os escribas eram considerados guardiões do reino porque o conhecimento de Deus lhes havia sido dado ([Lc 11.52](#)). Mas eles falharam nesse dever e impediram as pessoas de entrar no reino de Deus. Portanto, a tarefa deles foi dada a Pedro, que falou em nome dos 12 discípulos. Esses discípulos representavam o novo povo de Deus (veja [Mt 21.43](#)).

Veja também Chaves do Reino.

Ligúria

A tradução da KJV para jacinto em [Êxodo 28.19](#) e [39.12](#).

Veja pedras preciosas.

Lilith

Hebraico para a criatura noturna referida em [Isaías 34.14](#). De acordo com a mitologia hebraica, Lilith foi a primeira esposa de Adão, que foi substituída por Eva; posteriormente, Lilith tornou-se um demônio feminino.

Língua Grega

Linguagem do povo grego.

A língua grega é um bonito, rico e bem sintonizado instrumento de comunicação. É uma ferramenta apropriada tanto para o pensamento vigoroso quanto para a devoção religiosa. Durante seu período clássico, o grego era a língua de uma das maiores culturas do mundo. Durante esse período cultural, língua, literatura e arte floresceram mais do que guerra. A mente grega estava preocupada com ideais de beleza. A língua grega refletia arte em seus diálogos filosóficos, sua poesia e seus discursos majestosos.

A língua grega também era caracterizada por força e vigor. Era capaz de variedade e efeitos impressionantes. O grego era uma linguagem de argumento, com um vocabulário e estilo que poderiam penetrar e esclarecer fenômenos em vez de simplesmente contar histórias. O grego clássico desenvolveu elaboradamente muitas formas a partir de algumas raízes de palavras. Sua sintaxe complexa permitia que arranjos complexos de palavras expressassem nuances precisas de significado.

História Antiga

Embora os antecedentes do grego sejam desconhecidos, os primeiros vestígios do que poderia ser chamado de antecedentes do grego antigo aparecem em documentos micênicos e minoicos (1400–1200 a.C.) que usam três roteiros diferentes: hieróglifos minoicos (o mais antigo), linear A e linear B (o mais recente). Linear B, geralmente considerado "pré-grego", é escrito em

um roteiro silábico encontrado em tábuas de argila descobertas na ilha de Creta e no continente grego.

A civilização e o roteiro micênicos terminaram repentinamente com as invasões dóricas (1200 a.C.), e a escrita parece ter desaparecido por vários séculos. Mais tarde, por volta do século VIII a.C., a escrita grega apareceu em um roteiro diferente. Esse roteiro era baseado em um alfabeto presumivelmente emprestado dos fenícios e depois adaptado ao sistema de som da fala grega e direção da escrita. O grego foi escrito primeiro da direita para a esquerda, como as línguas semíticas ocidentais, depois em um padrão de ida e volta, finalmente da esquerda para a direita. Vários dialetos apareceram durante o período arcaico (século VIII a VI a.C.): Doriano, Eoniano, Aqueano e Eólico.

Durante o período clássico (século V a IV a.C.), a cultura grega atingiu seu zênite literário e artístico. O grego clássico (ou Ático) era caracterizado pela sutileza da sintaxe e um uso expressivo de partes (pequenas e sem flexão, muitas vezes intraduzíveis). À medida que a cidade de Atenas atingia o controle cultural e político, o dialeto ático também ganhou prestígio. Com as conquistas macedônias, o grego ático, combinado com influências de outros dialetos (especialmente jônico), se tornou a língua internacional da área do Mediterrâneo oriental.

Helenismo e o dialeto Koiné

As conquistas de Alexandre, o Grande, encorajaram a propagação da língua e da cultura gregas. Os dialetos regionais foram em grande parte substituídos por “helenístico” ou grego “koiné” (comum). O grego koiné é um dialeto preservado e conhecido através de milhares de inscrições que refletem todos os aspectos da vida diária. O dialeto koiné adicionou muitas expressões vernaculares ao grego ático, tornando-o assim mais cosmopolita. Simplificar a gramática também a adaptou melhor a uma cultura mundial. A nova língua, refletindo a fala simples e popular, se tornou a linguagem comum do comércio e da diplomacia. A língua grega perdeu grande parte de sua elegância e nuance finamente sombreada como resultado de sua evolução de clássico para koiné. No entanto, manteve suas características distintivas de força, beleza, clareza e poder retórico lógico.

É significativo que o apóstolo Paulo tenha escrito sua carta aos cristãos em Roma no idioma grego, em vez de em latim. O Império Romano da época

era um mundo culturalmente grego, exceto por transações governamentais.

A Septuaginta

Durante os séculos imediatamente antes de Cristo, o Mediterrâneo oriental estava passando não apenas pela helenização, mas também pela semitização. Ambas as influências podem ser observadas na tradução grega do AT.

A tradução das Escrituras Hebraicas para o grego era um evento da época. A Septuaginta (a primeira tradução grega do AT) mais tarde teve uma forte influência no pensamento cristão. Uma consequência necessária de escritores hebraicos usando a língua grega foi que um espírito grego e formas gregas de pensamento influenciaram a cultura judaica. Os judeus logo se apropriaram do vocabulário grego rico e refinado, algumas expressões para ideias que estavam além do escopo da terminologia hebraica. Além disso, antigas expressões gregas adquiriram significados novos e estendidos nesta tradução do AT por judeus de língua grega.

O AT grego tem sido muito significativo no desenvolvimento do pensamento cristão. Muitas vezes, o uso de uma palavra grega na Septuaginta fornece uma chave para seu significado no NT. O dialeto do AT de “grego judeu” às vezes é visto nas passagens do NT traduzidas muito literalmente; em outras ocasiões, a tradução do NT dos textos do AT é muito livre.

Grego do Novo Testamento

Embora a maioria dos autores do NT fosse judaica, eles escreveram em grego, a linguagem universal de seu tempo. Além disso, o apóstolo João parece ter estado familiarizado com alguma filosofia grega, o que influenciou seu estilo. João usou “palavra” (logos grego) em referência a Cristo ([Jo 1.1](#)), e várias outras expressões abstratas. João pode ter sido influenciado pelo centro egípcio de Alexandria, onde a filosofia grega e o aprendizado hebraico haviam se fundido de uma maneira única.

O apóstolo Paulo também estava familiarizado com os autores gregos ([Atos 17.28](#); [1Co 15.33](#); [Tt 1.12](#)). Assim, os oradores e filósofos gregos influenciaram a língua de Paul, bem como os profetas e estudiosos hebreus.

Exatamente qual dialeto de hebraico ou aramaico que Jesus falou, é debatido. É certamente possível que Jesus também falava grego. O fato é que os Evangelhos foram originalmente escritos como

textos gregos. Os registros em grego dos ensinamentos e realizações de Jesus prepararam o caminho para o evangelho se espalhar por toda a cultura de língua grega.

A dignidade e restrição do grego koiné usado pelos escritores cristãos não era nem tão artificial e pedante quanto alguns escritos clássicos, nem tão trivial e vulgar quanto o koiné falado.

As palavras gregas assumiam um significado mais rico e espiritual no contexto das Escrituras. Influenciado pela simplicidade e rica vivacidade do estilo semítico, o NT não foi escrito em uma língua específica do “Espírito Santo” (como alguns estudiosos medievais acreditavam), mas em grego koiné (comum), em grande parte por autores de pensamento semítico. Dezenas de milhares de papiros desenterrados no Egito no início do século XX fornecem paralelos lexicais e gramaticais com a linguagem bíblica, revelando que fazia parte do fundamento linguístico daquela era. No entanto, o grego do NT era “livre”, muitas vezes criando seu próprio idioma. Os escritores cristãos influenciaram o pensamento grego introduzindo novas expressões para transmitir sua mensagem sobre Jesus Cristo.

Influência semítica

Como o grego do Novo Testamento combina a sinceridade do pensamento hebraico com a precisão da expressão grega, a sutil delicadeza do grego muitas vezes interpreta conceitos hebraicos. A influência semita é mais forte nos Evangelhos, no livro do Apocalipse e na Carta de Tiago. Livros como Lucas e Hebreus exibem um estilo mais tipicamente grego. As epístolas do NT misturam a sabedoria do hebraico e a filosofia dialética do grego. Os sermões registrados no NT combinam a mensagem profética hebraica com a força oratória grega.

Além de citações diretas e alusões da Septuaginta, uma influência semítica generalizada no grego do NT foi observada em muitas áreas. Por exemplo, a sintaxe do grego do NT contém muitos exemplos de estilo semítico.

Vocabulário

O vocabulário grego do NT é abundante e suficiente para transmitir apenas a tonalidade de significado que o autor deseja. Por exemplo, o NT usa duas palavras diferentes para “amor” (para dois tipos de amor), duas palavras para “outro” (outro do mesmo, ou outro de um tipo diferente) e várias

palavras para vários tipos de conhecimento. Significativamente, algumas palavras são omitidas, tais como eros (um terceiro tipo de amor) e outras palavras comumente empregadas na cultura helenística daquela época.

Além disso, as palavras gregas muitas vezes assumiam novos significados no contexto do evangelho, decorrentes de uma combinação de novos ensinamentos com uma moralidade exaltada. Os escritores não hesitaram em usar palavras como “vida”, “morte”, “glória” e “ira” de novas maneiras para expressar novos pensamentos. Às vezes, o significado literal de uma palavra quase desaparece, como quando os autores usam “água”, “lavar-se” e “batismo” para o poder espiritualmente purificador de Cristo. O vocabulário do NT também contém palavras encontradas em outros lugares apenas no AT grego, como “circuncisão”, “idolatria”, “anátema”, “diáspora” e “Pentecostes”. Palavras emprestadas do hebraico ou aramaico incluem aleluia e amém (hebraico), e *abba*, *mamom*, e *corbã* (aramaico).

Para entender o significado de uma palavra do NT, então, um léxico de grego clássico é útil, mas não suficiente. Devemos também saber como a palavra é usada no AT grego, nos escritos helenísticos, e nas inscrições e documentos que representam a linguagem da vida cotidiana. Os documentos de papiro fornecem muitas ilustrações do significado das palavras do NT. Por exemplo, a palavra grega para “contribuição” ([1Co 16.1](#)), que antes se pensava ser limitada ao NT, é comumente usada com o mesmo significado nos papiros. Muitas palavras gregas, uma vez definidas com base no grego clássico, receberam um significado mais nítido à luz de seu uso nos papiros.

Gramática

Como em outras línguas indo-europeias, o significado das palavras gregas é afetado pela adição e alteração de vários prefixos e sufixos (o processo conhecido como inflexão). Embora seu sistema de inflexão seja simplificado em comparação com o grego clássico, o grego do NT é mais flexionado do que muitas línguas. O significado grego é, portanto, menos suscetível à ambiguidade do que o português.

Em contraste com o hebraico, o grego tem um gênero neutro, bem como masculino e feminino. As muitas e precisas preposições gregas são sutis, tendo vários significados dependendo de seu contexto. O grego do NT usa apenas cerca de metade das partículas usadas no grego clássico.

O sistema de verbos gregos, muito mais complicado do que o do hebraico, é capaz de nuances de significado difíceis de expressar até mesmo em português. Cada verbo grego tem cinco aspectos, que os gramáticos chamam de tempo, modo, voz, pessoa e número.

Tempo

O tempo do verbo grego lida principalmente com o *tipo de ação*, em vez do *tempo de ação*, como em português. Em grego, há três tipos básicos de ação: *durativo*, expresso no presente, imperfeito e (às vezes) futuro; *simples* ou pontual, expresso no aoristo e (muitas vezes) futuro; e *completo*, expresso no tempo perfeito (os resultados da ação passada continuam no presente) e mais-que-perfeito (os resultados estão confinados ao passado).

Os tempos verbais gregos são muitas vezes difíceis de traduzir para o português; o tempo de ação, bem como o significado básico do tronco do verbo (como se trata um objeto) devem ser sutilmente misturados com o tipo de ação em uma única ideia.

Modo

O modo mostra como a ação de um verbo deve ser entendida. A ação é real? (Use o modo indicativo). A ação é exigida por alguém? (Use o modo imperativo). A ação depende de outras condições? (Use o modo subjuntivo ou optativo). A ação é basicamente descritiva de outro substantivo? (Use um particípio). A ação é basicamente substantiva? (Use um infinitivo). Na gramática, um substantivo é uma palavra ou grupo de palavras que funcionam para identificar qualquer um de uma classe de pessoas, lugares ou coisas em geral; os dois últimos exemplos não são estritamente modos, mas eles são usados dessa maneira pelos gramáticos. Os modos dão a um escritor grego uma rica escolha de expressão verbal.

Voz

A voz de um verbo descreve se a ação é dirigida para fora (ativo), para dentro (no meio) ou para trás sobre o assunto da frase (passivo).

Pessoa

A pessoa de um verbo diz quem está fazendo a ação, se eu (primeira pessoa), você (segunda pessoa) ou outra (terceira pessoa).

Número

O número do verbo mostra se a ação é realizada por uma pessoa (singular) ou mais de uma pessoa (plural).

Estilo

O NT contém uma variedade de estilos de escrita em seu uso do grego. Os Evangelhos exibem especialmente características semitas. Mateus usa um estilo menos pitoresco do que o de Marcos e, em alguns aspectos, próximo ao estilo de Lucas, Atos, Hebreus, Tiago e 1 Pedro. O estilo de Lucas varia do de Marcos e Mateus; é elegante. O estilo bastante simples de João contém muitos semitismos.

Entre as cartas do apóstolo Paulo, diferenças de estilo foram observadas. O menos literário e mais direto em expressão são suas Cartas aos Tessalonicenses. As pastorais (1-2 Timóteo, Tito) têm um estilo mais próximo do koiné do que a maioria das outras epístolas — não tão judaicas, e não tão influenciado pela Septuaginta quanto suas outras cartas.

A Carta aos Hebreus combina elegância com o estilo judaico-grego. A carta de Tiago, embora alta em qualidade, não é tão sensível em estilo quanto os hebreus. Menos elegante é 1 Pedro, que é fortemente influenciado pela Septuaginta e, portanto, reflete o estilo semítico.

A Carta de Judas contém uma dicção elevada e um pouco pesada, e mostra a influência do estilo judaico. Segunda Pedro, assemelhando-se a Judas em seu estilo alto, é ainda mais influenciada pela Septuaginta.

O livro de Apocalipse tem um estilo geralmente simples, mas mostra considerável influência semítica em seu uso de paralelismo e redundância. Os estudiosos linguísticos identificaram uma série de erros gramaticais aparentes no grego do Apocalipse.

Língua Hebraica

Língua do povo judeu. O nome hebraico não é aplicado pelo AT à sua própria língua, embora o NT use o nome dessa forma. No AT, a língua hebraica é chamada literalmente de "a língua de Canaã" ([Is 19.18](#), ARC) ou "a língua dos judeus" ([Neemias 13.24](#)).

Resumo:

- Origem e história
- Família de línguas
- Características
- Escrita e gramática hebraica
- Estilo
- Legado

Origem e história

Na Idade Média, uma visão comum era que o hebraico era a língua primitiva da humanidade. Mesmo na América colonial, o hebraico ainda era referido como "a mãe de todas as línguas". A pesquisa linguística agora tornou essa teoria insustentável.

O hebraico é, na verdade, um dos vários dialetos cananeus que incluíam o fenício, o ugarítico e o moabita. Outros dialetos cananeus (por exemplo, o amonita) existiram, mas deixaram inscrições insuficientes para investigação acadêmica. Esses dialetos já estavam presentes na terra de Canaã antes de sua conquista pelos israelitas.

Até cerca de 1974, os testemunhos mais antigos da língua cananeia foram encontrados nos registros de Ugarit e Amarna, datando dos séculos 14 e 15 a.C. Algumas palavras e expressões Cananeias apareceram em registros egípcios anteriores, mas a origem do Cananeu era incerta. Entre 1974 e 1976, no entanto, quase 17.000 tábuas foram desenterradas em Tell Mardikh (antiga Ebla) no norte da Síria, escritas em um dialeto semítico até então desconhecido. Como possivelmente datam de 2400 a.C. (talvez até mais cedo), muitos estudiosos pensam que essa língua pode ser o "Antigo Cananeu" que deu origem ao hebraico. Em 1977, quando outras 1.000 tábuas foram descobertas, apenas cerca de 100 inscrições de Ebla haviam sido relatadas. As línguas mudam ao longo de um longo período de tempo. Por exemplo, o português usado na época de Luiz de Camões pode parecer mais com o espanhol para aqueles que fala o português contemporâneo. Embora o hebraico não fosse exceção ao princípio geral, como outras línguas semíticas, ele permaneceu notavelmente estável ao longo de muitos séculos. Poemas como o Cântico de Débora ([Jz 5](#)) tendiam a preservar a forma mais antiga da língua. As mudanças que ocorreram mais tarde na longa história da língua são mostradas na presença de palavras arcaicas (frequentemente preservadas na linguagem poética) e uma diferença geral de estilo.

Por exemplo, o livro de Jó reflete um estilo mais arcaico do que o livro de Ester.

Vários dialetos hebraicos aparentemente existiam lado a lado nos tempos do AT, como refletido no episódio envolvendo a pronúncia da palavra hebraica "chibolete/sibolete" ([Jz 12.4-6](#)). Parece que os israelitas a leste do Jordão pronunciavam a letra inicial com um som forte de "ch", enquanto aqueles em Canaã davam a ela o simples som de "s". Os estudiosos também identificaram características do hebraico que poderiam ser descritas como refletindo as partes norte ou sul do país.

Família de línguas

O hebraico pertence à família de línguas semíticas; essas línguas eram usadas desde o Mar Mediterrâneo até as montanhas a leste do vale do Rio Eufrates, e desde a Armênia (Turquia) no norte até a extremidade sul da península arábica. As línguas semíticas são classificadas como do sul (árabe e etíope), do leste (acadiano) e do noroeste (aramaico, siríaco e cananeu — hebraico, fenício, ugarítico e moabita).

Características

O hebraico, assim como as outras línguas semíticas antigas, concentra-se mais na observação do que na reflexão. Ou seja, as coisas são geralmente observadas de acordo com sua aparência como fenômenos, não analisadas quanto ao seu ser ou essência interior. Os efeitos são observados, mas não são rastreados através de uma série de causas.

A vivacidade, concisão e simplicidade do hebraico tornam a língua difícil de traduzir completamente. É incrivelmente conciso e direto. Por exemplo, [Salmo 23](#) contém 55 palavras; a maioria das traduções requer cerca do dobro para traduzi-lo. As duas primeiras linhas, com barras separando as palavras individuais em hebraico no original, são:

O Senhor/[é] meu pastor/

Eu irer necessitar/não

Assim, são necessárias oito palavras em português para traduzir quatro palavras em hebraico.

O hebraico não usa expressões distintas e separadas para cada nuance de pensamento. Alguém disse: "Os semitas foram as pedreiras cujos grandes blocos brutos os gregos apararam, poliram e ajustaram. Os primeiros deram a religião; os últimos, a filosofia".

O hebraico é uma língua pictórica na qual o passado não é apenas descrito, mas pintado verbalmente. Não é apenas uma paisagem que é apresentada, mas um panorama em movimento. O curso dos eventos é reencenado na visão da mente. (Note o uso frequente de “eis”, um hebraísmo levado para o NT). Expressões hebraicas comuns como “ele se levantou e foi”, “ele abriu os lábios e falou”, “ele levantou os olhos e viu” e “ele levantou a voz e chorou” ilustram a força pictórica da língua.

Muitas expressões teológicas profundas do AT estão intimamente ligadas à língua e à gramática hebraicas. Mesmo o nome mais sagrado de Deus, “o Senhor” (Yahweh), está diretamente relacionado ao verbo hebraico “ser” (ou talvez “causar a ser”). Muitos outros nomes de pessoas e lugares no AT só podem ser melhor compreendidos com um conhecimento prático do hebraico.

Escrita e gramática hebraica

Alfabeto e escrita

O alfabeto hebraico consiste em 22 consoantes; sinais para vogais foram desenvolvidos e adicionados tardiamente na história da língua. A origem do alfabeto é desconhecida. Os exemplos mais antigos de um alfabeto cananeu foram preservados no alfabeto cuneiforme ugarítico do século 14 a.C.

O antigo estilo de escrever as letras é chamado de escrita fenícia ou paleo-hebraica. É o predecessor do alfabeto grego e de outros alfabetos ocidentais. A escrita usada nas bíblias hebraicas modernas (aramaica ou quadrada) tornou-se popular após o exílio de Israel na Babilônia (século sexto a.C.). O estilo mais antigo ainda era usado esporadicamente no início da era cristã em moedas e para escrever o nome de Deus (como nos Rolos do Mar Morto). O hebraico sempre foi escrito da direita para a esquerda.

Consoantes

O alfabeto cananeu das línguas fenícia e moabita tinha 22 consoantes. A língua cananeia mais antiga refletida no ugarítico tinha mais consoantes. O árabe também preserva algumas consoantes do Antigo Cananeu encontradas no ugarítico, mas ausentes no hebraico.

Vogais

No escrita original consonantal do hebraico, as vogais eram simplesmente compreendidas pelo

escritor ou leitor. Com base na tradição e no contexto, o leitor forneceria as vogais necessárias. Após o colapso da nação em 70 d.C., a dispersão dos judeus e a destruição de Jerusalém levaram o hebraico a se tornar uma “língua morta”, não mais amplamente falada. A perda da pronúncia e compreensão tradicionais tornou-se então mais uma possibilidade, então os escribas judeus sentiram a necessidade de estabelecer permanentemente os sons das vogais.

Primeiro, letras vogais chamadas “mães da leitura” (*matres lectionis*) foram adicionadas. Estas eram consoantes usadas especialmente para indicar vogais longas. Estas foram adicionadas antes da era cristã, como revelam os Manuscritos do Mar Morto.

Mais tarde (por volta do quinto século d.C.), os escribas chamados Massoretas adicionaram sinais vocálicos para indicar vogais curtas. Pelo menos três sistemas diferentes de sinais vocálicos foram empregados em diferentes épocas e lugares. O texto usado hoje representa o sistema elaborado pelos escribas massoréticos que trabalharam na cidade de Tiberíades. As vogais, cada uma das quais pode ser longa ou curta, são indicadas por pontos ou traços colocados acima ou abaixo das consoantes. Certas combinações de pontos e traços representam sons vocálicos muito curtos, ou “meia-vogais”.

Ligação

O hebraico junta muitas palavras que, nas línguas ocidentais, seriam escritas separadamente. Algumas preposições (be-, “em”; le-, “para”; ke-, “como”) são prefixadas diretamente ao substantivo ou verbo que introduzem, assim como o artigo definido ha-, “o/a” e a conjunção va-, “e”. Sufixos são usados para pronomes, seja na relação possessiva ou acusativa. A mesma palavra pode ter simultaneamente um prefixo e um sufixo.

Substantivos

O hebraico não tem gênero neutro; tudo é masculino ou feminino. Objetos inanimados podem ser masculinos ou femininos, dependendo da formação ou do caráter da palavra. Geralmente, ideias abstratas ou palavras que indicam um grupo são femininas. Os substantivos são derivados de raízes e são formados de várias maneiras, seja por modificação de vogais ou pela adição de prefixos ou sufixos à raiz. Ao contrário do grego e de muitas línguas ocidentais, os substantivos compostos não são característicos do hebraico.

O plural em hebraico é formado adicionando -im para substantivos masculinos (serafins, querubins) e -ot para substantivos femininos.

Três terminações de caso originais indicando nominativo, genitivo e acusativo desapareceram durante a evolução do hebraico. Para compensar a falta de terminações de caso, o hebraico recorre a vários indicadores. Objetos indiretos são indicados pela preposição *le-*, “para”; objetos diretos pelo sinal objetivo *’et*; a relação genitiva colocando a palavra antes do genitivo no “estado construto” ou forma abreviada.

Adjetivos

O hebraico é deficiente em adjetivos. “Um coração duplo” é indicado no hebraico original por “um coração e um coração” ([Sl 12.2](#)), e “dois pesos diferentes” é na verdade “uma pedra e uma pedra” ([Dt 25.13](#)); “toda a família real” é “a semente do reino” ([2Rs 11.1](#)).

Os adjetivos que existem em hebraico não têm formas comparativas ou superlativas. A relação é indicada pela preposição *de*. “Melhor do que você” é expresso literalmente em hebraico como “bom de você”. “A serpente era mais sutil do que qualquer outra besta” é literalmente “a serpente era sutil de todas bestas” ([Gn 3.1](#)). O superlativo é expresso por várias construções diferentes. A ideia de “muito profundo” é literalmente “profundo, profundo” ([Ec 7.24](#)); a “melhor canção” é literalmente “canção das canções” (compare “rei dos reis”); “o mais santo” é literalmente “santo, santo, santo” ([Is 6.3](#)).

Verbos

Os verbos hebraicos são formados a partir de uma raiz que geralmente consiste em três letras. A partir dessas raízes, as formas verbais são desenvolvidas por uma mudança de vogais ou pela adição de prefixos ou sufixos. As consoantes da raiz fornecem a espinha dorsal semântica da língua e dão uma estabilidade de significado não característica das línguas ocidentais. As vogais são bastante flexíveis, conferindo ao hebraico uma considerável elasticidade.

O uso do verbo hebraico não é caracterizado por uma definição precisa de tempos verbais. Os tempos hebraicos, especialmente na poesia, são amplamente determinados pelo contexto. As duas formações de tempo são o perfeito (ação concluída) e o imperfeito (ação incompleta). O imperfeito é ambíguo. Ele representa o modo

indicativo (presente, passado, futuro), mas também pode representar modos como o imperativo, optativo e jussivo ou coortativo. Um uso distintivo do tempo perfeito é o “perfeito profético”, onde a forma perfeita representa um evento futuro considerado tão certo que é expresso como passado (e.g., veja [Is 5.13](#)).

Estilo

Vocabulário

A maioria das raízes hebraicas originalmente expressava alguma ação física ou denotava algum objeto natural. O verbo “decidir” originalmente significava “cortar”; “ser verdadeiro” originalmente significava “estar firmemente fixado”; “ser correto” significava “ser reto”; “ser honrado” significava “ser pesado”.

Termos abstratos são estranhos ao caráter do hebraico; por exemplo, o hebraico bíblico não tem palavras específicas para “teologia”, “filosofia” ou “religião”. Conceitos intelectuais ou teológicos são expressos por termos concretos. A ideia abstrata de pecado é representada por palavras como “errar o alvo” ou “torto” ou “rebelião” ou “transgressão” (“atravessar”). Mente ou intelecto é expresso por “coração” ou “rins”, e emoção ou compaixão por “entranhas” (veja [Is 63.15](#), ARC). Outros termos concretos em hebraico são “chifre” para força ou vigor, “ossos” para si mesmo, e “semente” para descendentes. Uma qualidade mental é frequentemente representada pela parte do corpo considerada sua encarnação mais apropriada. Força pode ser representada por “braço” ou “mão”, raiva por “narina”, desagrado por “rosto caído”, aceitação por “rosto brilhante”, pensar por “dizer”.

Alguns tradutores tentaram representar uma palavra hebraica sempre pela mesma palavra em português, mas isso leva a sérios problemas. Às vezes, há um desacordo considerável sobre a exata nuance de significado de uma palavra hebraica em uma determinada passagem. Uma única raiz frequentemente representa uma variedade de significados, dependendo do uso e contexto. A palavra para “abençoar” também pode significar “amaldiçoar, cumprimentar, favorecer, louvar”. A palavra para “julgamento” é usada também para “justiça, veredicto, penalidade, ordenança, dever, costume, maneira”. A palavra para “força” ou “poder” também significa “exército, virtude, valor, coragem”.

Mais ambiguidade surge do fato de que algumas consoantes hebraicas representam duas

consoantes originais diferentes que se fundiram na evolução da língua. Duas palavras que à primeira vista parecem idênticas podem ser rastreadas até duas raízes diferentes. Para um exemplo desse fenômeno em português, compare "manga" (fruta) com "manga" (parte da roupa).

Sintaxe

A sintaxe hebraica é relativamente descomplicada. Poucas conjunções subordinadas ("se", "quando", "porque", etc.) são usadas; as frases geralmente são coordenadas usando a simples conjunção "e". As traduções em inglês de textos bíblicos geralmente tentam mostrar a conexão lógica entre frases sucessivas, mesmo que nem sempre seja clara. Em [Gn 1.2-3.1](#), todos, exceto três dos 56 versículos, começam com "e", no entanto, a nlt traduz essa conjunção de várias formas como "então" ([1.3](#)), "assim" ([1.27](#)), "e" ([1.31](#)), e "mas" ([2.6](#)).

O estilo hebraico é animado pelo uso do discurso direto. O narrador não se limita a afirmar que "tal e tal pessoa disse que..." (discurso indireto). Em vez disso, as partes falam por si mesmas (discurso direto), criando uma narrativa viva que permanece mesmo após leituras repetidas.

Poesia

A poesia hebraica utiliza uma variedade de dispositivos retóricos. Alguns deles — como assonância, aliteração e acrósticos — só podem ser apreciados no hebraico original. Mas o paralelismo, a característica mais importante da poesia hebraica, é evidente mesmo na tradução para o português. Entre as muitas formas possíveis de paralelismo, existem quatro categorias comuns: (1) sinfônico, um estilo repetitivo em que linhas paralelas dizem a mesma coisa com palavras diferentes; (2) antitético, um estilo contrastante em que pensamentos contrários são expressos; (3) completivo, com uma linha paralela completando o pensamento da primeira; (4) climático, em que uma linha paralela ascendente retoma algo da primeira linha e o repete. Numerosas outras formas de paralelismo enriquecem a poesia hebraica. As variações possíveis de paralelismo são quase sem fim.

Figuras de linguagem

O hebraico abunda em figuras de linguagem expressivas baseadas no caráter e modo de vida do povo hebreu. Certas expressões estranhas, mas bem conhecidas, encontradas na literatura da língua portuguesa vêm do estilo hebraico, como

"menina do olhos" ([Dt 32.10](#); [Sl 17.8](#); [Pv 7.2](#); [Zc 2.8](#)). E em outros idiomas, algumas expressões derivadas do hebraico ainda existem, como no inglês: "pele dos meus dentes" ([Jó 19.20](#)). Alguns dos modos de expressão hebraicos mais marcantes são difíceis de transferir para o português, como "descobrir o ouvido", significando "divulgar, revelar". Outros são mais familiares, como "endurecer o pescoço" para "ser teimoso, rebelde"; "inclinor ou inclinar o ouvido" para "ouvir atentamente".

Legado

O português e várias outras línguas modernas foram enriquecidas pelo hebraico. O português até contém várias "palavras emprestadas" do hebraico. Algumas dessas tiveram ampla influência ("amém", "aleluia", "jubileu"). Muitos nomes próprios hebraicos são usados em línguas modernas para pessoas e lugares, como Davi, Jônatas/João, Miriã/Maria, Belém (o nome de várias cidades e vilas brasileiras e de outros países que falam o português).

Muitas expressões hebraicas comuns foram inconscientemente aceitas nas figuras de linguagem em português, como em "boca da caverna" e "face da terra". Algumas figuras, como "Leste do Éden", foram usadas como títulos de livros e filmes.

Línguas de fogo

Uma frase em [Atos 2.3](#), descrevendo a aparência física do Espírito. As línguas de fogo parecem cumprir a previsão de João Batista de que o Messias batizaria com o Espírito Santo e com fogo ([Mt 3.11](#); [Lc 3.16](#)). Os discípulos são descritos como estando cheios do Espírito Santo, cumprindo a promessa do Antigo Testamento que João Batista e Jesus repetiram sobre o batismo do Espírito.

Veja também Pentecostes.

Línguas, Falar em

Falar em línguas é quando alguém fala em um idioma que não aprendeu. Este é um dom especial de Deus. A palavra grega para isso é *glossolalia*, que significa "falar em línguas". É uma combinação da palavra *laleo* ("falar") e *glossa* ("língua").

Primeira aparição na igreja primitiva

A primeira vez que as pessoas falaram em línguas foi no Dia de Pentecostes. Nesse dia, o Espírito Santo encheu 120 cristãos que estavam reunidos. Eles começaram a louvar a Deus em muitos idiomas diferentes que nunca haviam aprendido. Pessoas de cerca de 16 nações diferentes que estavam em Jerusalém puderam entender o que os cristãos estavam dizendo, pois cada pessoa ouviu a mensagem (as boas-novas sobre Jesus) em sua própria língua ([At 2.8-11](#)).

Outras ocasiões em que as pessoas falaram em línguas

Mais adiante no livro de Atos, outros grupos de pessoas também falaram em línguas quando receberam o Espírito Santo ([10.46](#); [19.6](#)). No entanto, nem todos falaram em línguas quando receberam o Espírito (veja [8.15-17](#)). Isso mostra que falar em línguas não era o único sinal de que alguém havia recebido o Espírito Santo. A Bíblia ensina que todos os crentes recebem o Espírito Santo quando se tornam parte da igreja, que é chamada de corpo de Cristo ([1Co 12.13](#)). A verdadeira evidência de que o Espírito Santo está agindo na vida de alguém é o "fruto do Espírito" conforme descrito em [Gálatas 5.22-23](#):

- Amor;
- Alegria;
- Paz;
- Paciência;
- Bondade;
- Benignidade;
- Fidelidade;
- Gentileza; e
- Autocontrole.

Falar em línguas: uso público e privado

Nos dias da igreja primitiva, alguns cristãos falavam em línguas e outros não. Paulo ensinou que um intérprete deve estar presente se o falar em línguas fosse feito publicamente na igreja. Se ninguém pudesse interpretar, as línguas deveriam ser usadas em particular como uma forma de orar e adorar a Deus. Nesses casos, a pessoa está falando consigo mesma e com Deus ([1Co 14.28](#)). Isso é diferente de falar em línguas durante reuniões da

igreja, o que requer que alguém interprete a mensagem para que todos possam entender.

No entanto, sob certas condições descritas por Paulo, falar em línguas pode se tornar um dos dons espirituais usados no ministério para a igreja para o bem comum. A principal preocupação é que falar em línguas em público não deve ser reduzido a simplesmente orar ou falar sem interpretação.

Regras para o uso de línguas na igreja

O apóstolo Paulo estabeleceu regras claras sobre o uso de línguas durante as reuniões da igreja. Essas regras visam garantir que o dom de falar em línguas beneficie a igreja e não se torne uma forma de busca por realização pessoal ([1Co 14.27-33](#)):

1. Apenas uma, duas ou três pessoas devem falar em línguas durante um culto.
2. Essas pessoas devem falar uma de cada vez, e não todas ao mesmo tempo.
3. Deve haver alguém presente que possa explicar (interpretar) o que está sendo dito em línguas. Se ninguém puder interpretar, a pessoa não deve falar em línguas durante o serviço.
4. A pessoa que fala em línguas não deve ser a mesma que interpreta a mensagem ([1Co 12.10](#)).
5. Se houver muitas pessoas falando em línguas e não houver intérpretes suficientes, as pessoas devem orar pela capacidade de interpretar ([1Co 14.13](#)).
6. Depois que alguém interpreta as línguas para uma linguagem comum, outros devem avaliar se a mensagem está de acordo com a verdade de Deus.
7. Pessoas com o dom de discernimento (a capacidade de saber se algo é realmente de Deus) devem testar tudo o que é dito ([1Co 12.10](#)).

As pessoas devem sempre manter o controle de si mesmas durante a adoração. Elas não devem atribuir comportamentos incomuns ao fato de

estarem "arrebataadas pelo Espírito". Deus traz paz e unidade, não desordem e confusão.

Paulo ensinou que os cristãos não devem buscar especificamente o dom de falar em línguas. Em vez disso, devem desejar dons que ajudem todos a entender claramente a mensagem de Deus ([1Co 12.31](#); [14.1.5](#)). No entanto, se alguém tem o dom de línguas, não deve ser impedido de usá-lo, desde que siga essas regras e o utilize para ajudar os outros.

Veja Batismo do Espírito; Dons espirituais.

Linha de Prumo, Prumo

Corda com um peso anexado, usada para garantir que uma parede esteja reta.

Linho

Tecido confeccionado de fibra bruta de linho. *Veja* Tecido e fabricação de tecidos.

Linho (Planta)

Linho (*Linum usitatissimum*) é uma das várias plantas deste gênero. Um tipo é amplamente cultivado tanto para o óleo de linhaça de suas sementes quanto para as finas fibras têxteis de seus caules. O linho é a fibra têxtil mais antiga conhecida. O tecido feito é chamado de linho. O algodão aparece apenas uma vez na Bíblia ([Et 1.6](#)). Não há menção de qualquer outra planta fibrosa sendo cultivada no Egito ou em Israel e nas áreas circundantes nos tempos bíblicos. Por essa razão, os especialistas acreditam que o linho era o material usado para fazer roupas além das de lã.

As pessoas também utilizavam linho para itens domésticos, tais como:

- toalhas ([Jo 13.4-5](#)),
- guardanapos ([11.44](#)),
- cintos e roupas íntimas ([Is 3.23](#); [Mc 14.51](#)),
- redes ([Is 19.8-9](#)), e
- linhas de medição ([Ez 40.3](#)).

Os sacerdotes que serviam no templo tinham que usar apenas roupas de linho. Os judeus eram

estritamente proibidos de usar tecido feito de uma mistura de lã e linho ([Lv 19.19](#); [Dt 22.11](#)).

As pessoas nos tempos bíblicos usavam pelo menos três tipos de linho, e cada tipo tinha usos específicos. A Bíblia menciona o linho comum de textura mais grosseira em [Lv 6.10](#), [Ez 9.2](#), [Dn 10.5](#) e [Ap 15.6](#). Menciona um segundo tipo de linho de melhor qualidade em [Êx 26.1](#) e [39.27](#). Um terceiro tipo de linho de textura mais fina e alto custo aparece em [1Cr 15.27](#), [Et 8.15](#), e [Ap 19.8](#).

A planta de linho comum cresce de 0,3 a 1,2 metros de altura. Ela possui um caule simples, esguio e semelhante a um fio, e muitas pequenas folhas verdes em forma de lança. A falha da colheita de linho é listada como uma das punições de Deus ([Os 2.9](#)). As mulheres judias produziam linho a partir das fibras de linho como uma indústria doméstica ([Pv 31.13.19](#)). Elas confeccionavam desde roupas comuns até as vestes e aventais usados por sacerdotes e servos do templo. As pessoas também usavam linho para pavios em lâmpadas ([Is 42.3](#)).

Veja Tecido e fabricação de tecido.

Lino

Um cristão em Roma que se juntou a Paulo para enviar saudações a Timóteo ([2Tm 4.21](#)). Dois escritores da igreja primitiva, Irineu de Lyon e Eusébio de Cesareia, escreveram que os apóstolos Pedro e Paulo escolheram Lino para ser o bispo (líder da igreja) de Roma. Eusébio o identificou com o Lino a que Paulo se refere no final de 2 Timóteo. Ele disse que serviu por 12 anos como bispo. Outros documentos da igreja primitiva, incluindo as *Constituições Apostólicas*, também afirmam que este Lino foi o mencionado por Paulo em sua carta.

Liqui

Filho de Semida da tribo de Manassés ([1Cr 7.19](#)).

Lira

Instrumento de cordas composto por um corpo, travessa e, às vezes, uma caixa de ressonância. *Consulte* Instrumentos musicais (Harpa, Cítara).

Lírio

Uma planta com flores grandes, coloridas e em forma de trombeta. O lírio é uma das plantas mais conhecidas mencionadas na Bíblia. No entanto, os estudiosos discordam sobre a quais plantas exatamente a Bíblia se refere quando fala de lírios. É provável que vários tipos diferentes de plantas (talvez cinco ou seis) sejam chamados de "lírios" na versões da Bíblia.

A maioria dos especialistas acredita que o "lírio do campo" mencionado em [Mateus 6.28](#) é a anêmona-da-Palestina ou flor-do-vento, *Anemone coronaria*. Jesus disse que esses lírios eram mais belos do que o rei Salomão em toda a sua glória. Essas flores crescem abundantemente em todo Israel e nas áreas circundantes. Elas são mais comumente escarlates (vermelhas) ou amarelas. A anêmona-da-Palestina também pode ser azul, roxa, rosa ou branca. A flor pode crescer até 7 centímetros de diâmetro.

Outra possibilidade é a camomila da Palestina, *Anthemis palaestina*, uma flor branca comum que se assemelha a uma margarida. Quando a camomila seca, as pessoas a recolhem como feno e a jogam na fornalha para queimar.

Alguns estudiosos sugerem que o "lírio" pode ser o *Lilium chalconicum*, o lírio escarlate ou Martagon. A descrição [Cântico dos cânticos 5.13](#) ("seus lábios são como lírios") se encaixaria melhor nesta planta do que na anêmona-da-Palestina. Este versículo parece descrever uma planta rara de beleza excepcional. O lírio escarlate é raro em Israel e nas áreas circundantes. Alguns especialistas em plantas duvidam que ele cresça lá.

Veja também Lírio-d'água.

Lírio d'água

Um lírio d'água é um tipo de planta aquática com folhas planas e flutuantes e flores belas e vistosas. As decorações de lírios esculpidos mencionadas em [1 Reis 7.19-26](#) e [2 Crônicas 4.5](#) provavelmente foram projetadas para se parecer com flores de lírios d'água. Poucas flores podem igualar a beleza do lótus egípcio ou lírio d'água (*Nymphaea lotus*). Ela se assemelha a uma grande rosa branca e cresce abundantemente na superfície do rio Nilo.

O comum lírio d'água branco europeu (*Nymphaea alba*) também seria familiar para o povo de Israel. Ela cresce na Europa, na Terra Santa e no Norte da

África. No entanto, não é tão comum no Egito quanto o lótus branco.

Outra lírio d'água que os israelitas provavelmente conheciam é o lótus azul (*Nymphaea caerulea*). Suas folhas têm de 30,5 a 40,6 centímetros de diâmetro. Possui flores azul-claras que medem de 7,6 a 15,2 centímetros de diâmetro.

Veja também Lírio.

Lisânias

O tetrarca (governador romano) de Abilene (a área a oeste de Damasco) de 27 a 28 d.C. O Evangelho de Lucas menciona Lisânias como governante no início do ministério de João Batista ([Lc 3.1](#)). Esta é a única referência a ele no Novo Testamento.

Josefo menciona um Lisânias que sucedeu seu pai, Ptolemeu, como rei de Cálcis. No entanto, ele foi morto por Marco Antônio em 36 a.C. Não há outra referência a qualquer Lisânias nos escritos antigos. Além disso, este segundo Lisânias não poderia ter vivido durante o tempo de João Batista. Assim, alguns estudiosos bíblicos assumem que Lucas estava errado em sua linha do tempo dos eventos. Em defesa de Lucas, alguns estudiosos dizem que Josefo menciona "Ábila de Lisânias." Esta era uma área dada a Agripa II por Cláudio em 53 d.C. Mas essa referência pode ser ao Lisânias que governou Cálcis 90 anos antes.

A prova mais convincente de que o relato de Lucas está correto vem de uma antiga inscrição em pedra encontrada em Ábila. Esta inscrição registra que alguém chamado Ninfeu, que havia sido escravo mas foi libertado por Lisânias, dedicou um templo. A dedicação foi escrita: "pela salvação do Senhor Imperial e de toda a sua casa por Ninfeu, um liberto de Lisânias, o tetrarca."

O título "Senhor Imperial" é importante porque foi usado apenas para o Imperador Tibério e sua mãe Livia (que era a viúva do imperador anterior, Augusto) quando governaram juntos. Isso nos ajuda a determinar quando Lisânias governou. Deve ter sido entre 14 d.C., quando Tibério se tornou Imperador, e 29 d.C., quando Livia morreu.

Essa evidência demonstra que a linha do tempo de Lucas é historicamente precisa.

Lísias

1. Um comandante romano que escreveu uma carta a Félix sobre o apóstolo Paulo ([At 23.26](#)).
Veja Cláudio Lísias.
2. Um alto oficial durante o governo de Antíoco IV Epifânio. Por volta de 166–165 a.C., Antíoco foi lutar contra os partos e deixou Lísias encarregado da Síria ([1Mc 3.31–37](#)). Lísias enviou os generais Ptolomeu, Nicanor e Górgias para controlar Judas Macabeu na Judeia. Então, ele próprio liderou um ataque contra Judas.

Por fim, Antíoco Epifânio assinou e aprovou um tratado de paz (2Mc 11). O acordo encerrou as leis severas contra os judeus. Depois disso, Judas purificou o Templo e retomou os sacrifícios diários. Em 164 a.C., Antíoco Epifânio morreu. Lísias retornou à Judeia com o jovem rei Antíoco V Eupátor. Eles derrotaram Judas Macabeu em Betzaquaria e começaram a atacar Jerusalém. No entanto, problemas em Antioquia os forçaram a voltar para a Síria. Lá, em 162 a.C., Demétrio I tomou o poder e mandou executar tanto Lísias quanto Antíoco V.

Lisímaco

1. De acordo com as Adições a Ester, ele é o filho de Ptolemeu de Jerusalém e tradutor do livro de Ester para o grego.
2. Menelau nomeou seu irmão Lisímaco para atuar como seu substituto no sumo sacerdócio. Ele próprio havia suplantado Jasão como sumo sacerdote. Sendo um homem mau, Menelau consentiu em atos de sacrilégio cometidos por Lisímaco contra o templo, incluindo o roubo de muitos vasos de ouro. O povo reagiu contra Lisímaco, que então tentou subjugar-los com 3.000 homens. Ele falhou. No processo, o povo, usando pedras e blocos de madeira, derrotou Lisímaco e seus homens, matando Lisímaco perto do repositório de riquezas.

Listra

Uma cidade localizada na região da Licaônia, dentro da província romana da Galácia.

Listra no Novo Testamento

As principais histórias sobre Listra na Bíblia vêm do livro de Atos, com uma menção em [2 Timóteo 3.11](#). Durante a primeira viagem missionária de Paulo, ele e Barnabé chegaram a Listra após enfrentarem oposição na cidade vizinha de Icônio. Eles continuaram a visitar Derbe e as áreas ao redor dessas cidades ([At 14.6](#)).

Enquanto estava em Listra, Paulo curou um homem que não podia andar (v. [8](#)). Ao verem esse milagre, as pessoas locais ficaram muito animadas. Eles acreditavam que Barnabé era Zeus (o rei dos deuses gregos) e Paulo era Hermes (o mensageiro dos deuses gregos). Eles pensaram que Paulo era Hermes porque ele era o principal orador, já que Hermes era conhecido por ser um mensageiro que entregava palavras dos deuses às pessoas (vv. [9–21](#)). Em algumas versões da Bíblia em português, Zeus e Hermes são chamados por seus nomes latinos, Júpiter e Mercúrio.

Cultura local e religião

A maioria das pessoas em Listra pertencia a um pequeno grupo da região da Anatólia. Elas falavam sua própria língua local, conhecida pelos pesquisadores a partir de antigas inscrições em pedra encontradas na área. As pessoas ainda falavam essa língua até o final do século VI d.C. O antigo sistema de vilarejo da Anatólia continuou nesta cidade mercantil, mesmo depois que os romanos assumiram o controle da cidade.

Zeus era considerado o mais poderoso de todos os deuses gregos, e Hermes era seu filho que servia como mensageiro entre os deuses e os humanos. O povo de Listra acreditava fortemente nesses deuses. Descobertas arqueológicas apoiam o que Lucas escreveu no livro de Atos sobre isso. Pesquisadores encontraram uma pedra antiga com uma inscrição que fala sobre a dedicação de uma estátua de Hermes a Zeus. Outra pedra com uma inscrição sobre “Zeus diante da cidade”, o que ajuda a explicar [Atos 14.13](#), onde menciona “o sacerdote de Zeus, cujo templo estava em frente da cidade”.

Localização e conexões

Derbe e Listra pertenciam à mesma região política. Icônio estava localizada em outra região política. A geografia, o comércio e a vida social de Listra eram mais parecidos com Icônio do que com Derbe, apesar da fronteira política que os separava. Parece que as duas cidades se comunicavam com frequência. [Atos 16.1-2](#) liga Listra e Icônio como lugares onde Timóteo era bem conhecido e respeitado.

Liteira

Um grande sofá usado para transportar oficiais ([Ct 3.7-10](#); [Is 66.20](#)). Também é traduzido como “carroça” ou “carruagens.”

Veja Viagem.

Literatura de sabedoria

A literatura de sabedoria refere-se a escritos no Antigo Testamento que se concentram na sabedoria. Neste contexto, sabedoria significa compreender como viver bem e tomar boas decisões.

Os principais livros bíblicos desse gênero são Jó, Provérbios e Eclesiastes. Algumas partes dos Salmos e dos livros dos Profetas também contêm escritos de sabedoria.

A literatura de Sabedoria inclui diferentes tipos de sabedoria. O livro de Provérbios ensina principalmente a sabedoria moral, mostrando às pessoas como viver de maneira boa e correta. Os livros de Jó e Eclesiastes exploram a sabedoria intelectual, abordando grandes questões sobre a vida humana e tentando entender por que as coisas acontecem da forma que acontecem.

A literatura de sabedoria é uma parte importante do Antigo Testamento. Ela é encontrada na terceira seção da Bíblia Hebraica, chamada de Escritos. Inclui Provérbios, Eclesiastes (também conhecido como Koheleth) e Jó. Existem também salmos de sabedoria (por exemplo, [Sl 1](#), [32](#), [34](#), [37](#)) e passagens de sabedoria nos Profetas (como as parábolas de Isaías).

No Antigo Testamento Grego e na Bíblia Católica Romana (um conjunto de livros que algumas igrejas incluem em suas Bíblias), existem mais dois livros de sabedoria:

- Eclesiástico foi escrito por Jesus Ben Siraque durante o segundo século a.C.
- A Sabedoria de Salomão é uma obra de autor desconhecido que demonstra como as ideias de sabedoria judaica evoluíram durante um período em que a cultura grega era muito influente

Provérbios

Para entender a literatura de sabedoria do Antigo Testamento, começamos com o livro de Provérbios. Este livro ensina sobre moralidade, ou seja, como viver uma vida boa. Embora seja baseado na crença em Deus, muita de sua sabedoria se aplica à vida cotidiana.

A ideia mais importante em Provérbios é o respeito por Deus. No entanto, o livro se concentra principalmente em ensinar comportamentos básicos de boa conduta. Ele fala sobre ser honesto, ter autocontrole, ser justo e usar o bom senso. Também mostra como a vida pode dar errado para as pessoas que não seguem essa sabedoria.

Provérbios foi escrito para ensinar. Hoje, podemos lê-lo como qualquer outro livro. No passado, porém, os jovens aprendiam com professores sábios. Eles tentavam memorizar os ditados curtos e poéticos, que os ajudariam a se guiar ao longo de suas vidas. Provérbios ensina que existe uma boa maneira de viver, baseada em fazer o que é certo. Viver dessa forma leva ao sucesso porque segue a sabedoria daquele que criou toda a vida (Deus).

Os sábios professores que escreveram Provérbios eram como guias. Eles não criaram novas ideias sobre a vida nem tentaram responder a perguntas difíceis. Em vez disso, compartilharam o conhecimento mais valioso: como viver bem. A sabedoria é “mais preciosa do que joias; tudo o que a gente deseja não se pode comparar com ela. A sabedoria oferece uma vida longa e também riquezas e honras. Ela torna a vida agradável e guia a pessoa com segurança em tudo o que faz” ([Pv 3.15-17](#)).

Eclesiastes

O livro de Eclesiastes revela a sabedoria de alguém que viveu uma longa vida e observou o mundo de diversas formas. O escritor possuía uma fé profunda, fruto de experiências difíceis, e não de uma vida fácil. O autor de Eclesiastes compreendeu que a vida nem sempre é justa. Ele percebeu que

peessoas boas nem sempre têm vidas boas, e pessoas más nem sempre sofrem por suas ações. Muitas vezes, pessoas boas sofrem sem alívio, enquanto pessoas más desfrutam da vida sem preocupações.

O escritor buscava justiça no mundo. Ele observava a vida com cuidado e honestidade, mas nem sempre via a justiça sendo feita. Ele também procurava a verdade última, mas até isso parecia fora de alcance. Ele sentia que tudo na vida era sem sentido, como tentar pegar o vento!

Embora Eclesiastes pareça duvidoso e negativo, na verdade demonstra grande fé. O autor manteve sua crença em Deus mesmo quando o mundo parecia cheio de maldade e coisas sem sentido. Este é um tipo forte de fé. O autor de Eclesiastes não podia ser tão esperançoso quanto alguns outros escritores da Bíblia, como os profetas. Mas ele se apegou à verdade básica de Deus quando tudo o mais, incluindo sua compreensão, falhou. O livro de Eclesiastes pode ser reconfortante para pessoas que veem o mundo como ele realmente é, com toda a sua dor e aparente falta de sentido.

Jó

O livro de Jó examina os problemas da vida do ponto de vista de alguém que está sofrendo. Enquanto o escritor de Eclesiastes observava a tristeza da vida de fora, Jó a sentia pessoalmente. Jó conhecia e vivia de acordo com os antigos provérbios de sabedoria. Ele era um homem bom que seguia os ensinamentos encontrados no livro de Provérbios. Antes de seus problemas, Jó acreditava que viver uma vida boa levaria à felicidade e ao sucesso.

Mas então, tudo na vida de Jó desmoronou. Ele perdeu seus bens, sua terra e seu bom nome. Seus filhos morreram, e ele ficou muito doente. Tudo isso fez Jó questionar a sabedoria na qual sempre acreditou.

A história de Jó levanta grandes questões sobre a vida e Deus:

1. Como Deus pode ser justo quando a vida parece tão injusta?
2. Como Deus pode ser justo quando pessoas más frequentemente prosperam na vida ([Jó 21.7-15](#))?

3. Se o sofrimento de Jó é um exemplo da vida humana, a criação de Deus realmente demonstra bondade e ordem?

Essas são perguntas difíceis, e o livro de Jó não oferece respostas simples.

A parte mais importante da história de Jó é quando ele encontra Deus face a face nos capítulos [38-42](#). Este encontro ajuda a colocar a sabedoria em sua devida perspectiva. Mostra que sempre haverá aspectos sobre Deus e seus caminhos que as pessoas não podem compreender totalmente. Nossas mentes não são capazes de entender completamente toda a sabedoria de Deus.

Sabedoria significa tentar conhecer melhor a Deus. No entanto, nunca podemos saber tudo sobre Deus apenas pensando e aprendendo. Deus é sempre maior do que nossas mentes podem compreender.

A história de Jó nos ensina algo novo sobre sabedoria. Mesmo que as perguntas de Jó não tenham sido respondidas diretamente, elas perderam importância quando ele encontrou Deus. O encontro com Deus transformou Jó completamente. Portanto, a sabedoria mais profunda não está em encontrar respostas para as maiores perguntas, mas em encontrar o Deus vivo.

Conclusão

A literatura de sabedoria na Bíblia nos ensina muitas coisas. Ela combina ideias de três livros principais: Provérbios, Eclesiastes e Jó. Há um conhecimento fundamental sobre como viver bem. Essa sabedoria é importante para os jovens aprenderem à medida que crescem. Viver por essa sabedoria pode não te deixar rico, mas pode te ajudar a viver bem mesmo quando a vida é difícil. A parte mais importante dessa sabedoria é respeitar a Deus.

À medida que as pessoas envelhecem, muitas vezes percebem que a vida e o mundo não são simples. Às vezes, isso faz com que as pessoas queiram desistir da sabedoria básica que aprenderam quando eram jovens. O livro de Eclesiastes pode ajudar nesses momentos. Ele ensina que, mesmo quando a vida parece sem sentido, ainda devemos acreditar em Deus e respeitá-lo. Os últimos versículos de Eclesiastes ([12.13-14](#)) nos lembram dessa verdade importante.

Algumas pessoas podem enfrentar momentos muito difíceis, assim como Jó na Bíblia. Nessas situações, a sabedoria tem seus limites. Nem

sempre conseguimos encontrar respostas para nossas perguntas sobre por que coisas ruins acontecem. O livro de Jó ensina que, nesses momentos, o mais importante é sentir a presença de Deus, mesmo que não compreendamos tudo.

Literatura judaica, extrabíblica

Escritos judaicos antigos que não fazem parte da Bíblia, mas nos ajudam a entender a história, crenças e práticas judaicas. Esses textos foram escritos entre aproximadamente 200 a.C. e 500 d.C. Eles incluem:

1. A Mishná: Uma coleção de leis e tradições judaicas que foram transmitidas oralmente antes de serem escritas por volta de 200 d.C. Essas leis explicam como seguir os mandamentos encontrados no Antigo Testamento.
2. O Talmude: Uma vasta coleção de ensinamentos e discussões judaicas sobre a lei. Ele contém a Mishná, além de um extenso comentário de professores judeus. Existem duas versões: o Talmude de Jerusalém (concluído por volta de 400 d.C.) e o Talmude Babilônico (concluído por volta de 500 d.C.).
3. Os Targums: Traduções da Bíblia Hebraica para o Aramaico (a língua comum de muitos judeus naquela época). Essas traduções frequentemente incluem explicações adicionais para ajudar os leitores a compreenderem o texto.

Esses escritos são importantes porque nos mostram como o povo judeu entendia e praticava sua fé nos tempos antigos. Eles também nos ajudam a compreender melhor o mundo em que Jesus viveu.

Veja Mishná; Talmude; Targum.

Livro

Um conjunto de folhas escritas ou um pergaminho que contém registros ou uma história. Normalmente, são feitos de madeira, pergaminho

ou papiro. Livros encadernados com páginas foram desenvolvidos posteriormente, após o período bíblico.

A Bíblia contém vários textos que são chamados de "livros" porque cada documento era um livro antes de ser adicionado à Bíblia. A Bíblia possui 66 livros (p. ex., Gênesis, Isaías, Mateus e Apocalipse).

O Livro da Lei

O livro mais importante para os antigos israelitas era o Livro da Lei ([2Rs 22.8](#)). Este livro era importante porque foi dado por Deus a Moisés ([Js 23.6](#); [Mc 12.26](#)). Também era importante porque continha a aliança mosaica (p. ex., [Êx 20](#)). Deus disse a Josué para meditar nele dia e noite ([Js 1.8](#)). Os profetas referiam-se a ele constantemente, especialmente ao livro de Deuteronômio. O Livro da Lei foi encontrado durante a renovação do templo no reinado de Josias. Isso levou a importantes reformas religiosas ([2Rs 22.8-13](#)).

Livros citados na Bíblia

Alguns livros especificamente mencionados como fontes na Bíblia são:

- O livro das Guerras do Senhor ([Nm 21.14](#))
- O livro de Jaser ([Js 10.13](#); [2Sm 1.18](#))
- O livro dos atos de Salomão ([1Rs 11.41](#))
- O livro das Crônicas dos reis de Judá ([1Rs 14.29](#))

Muitos textos proféticos são mencionados nos livros de Crônicas como fontes para o livro:

- As crônicas de Samuel, o Vidente
- As crônicas de Natã, o Profeta
- As crônicas de Gade, o Vidente ([1Cr 29.29](#))
- A profecia de Aías, o silonita ([2Cr 9.29](#))

O uso de fontes proféticas em Crônicas mostra que os israelitas viam sua história como um registro da atividade de Deus.

Veja Escrita.

Livro da Aliança

O termo "Livro da Aliança" aparece em dois lugares no Antigo Testamento:

1. Um documento que Moisés leu para o povo de Israel no Monte Sinai ([Êx 24.7](#));
2. Um documento foi encontrado no templo pelo sacerdote Hilquias. Hilquias encontrou o documento enquanto o templo estava sendo reparado durante o reinado do rei Josias ([2Rs 23.2.21](#); [2Cr 34.30](#)).

O Livro da Aliança no Monte Sinai

A palavra "aliança" refere-se às leis de aliança que Deus fez com o povo de Israel durante o tempo de Moisés. Em hebraico, "livro" pode significar qualquer documento escrito, incluindo textos em argila, tábuas de pedra ou rolos de pergaminho. As alianças antigas eram frequentemente escritas. O principal desafio em entender as duas referências ao "livro da aliança" é determinar o que exatamente estava nesses documentos.

O livro que Moisés leu no Monte Sinai pode ter se referido tanto aos Dez Mandamentos quanto a toda a seção de [Êxodo 20-23](#), sem as partes narrativas. Quando o povo ouviu, eles responderam: "Tudo o que o Senhor falou, faremos". Isso mostra que o documento continha leis ou regras, mas não podemos saber exatamente o que estava nele.

A Bíblia diz que Moisés escreveu este livro ([Êx 24.4](#)). Isso não significa que não poderia incluir os Dez Mandamentos, mesmo que a Bíblia afirme claramente que Deus escreveu esses mandamentos ([32.15-16](#)). É possível que Moisés também tenha escrito os Dez Mandamentos em uma fase anterior ([Êx 19.25](#); [20.1](#)).

O Livro da Aliança de Josias

O conteúdo do "livro da aliança" que o rei Josias leu para o povo de Judá não é claramente conhecido. Alguns estudiosos tentaram descobrir o que havia nele analisando as reformas que Josias realizou. Eles acreditam que essas reformas correspondem aos ensinamentos do livro de Deuteronômio.

No entanto, essa abordagem apresenta vários problemas:

1. Algumas das reformas de Josias não são mencionadas em nenhum lugar na Lei. Por exemplo, ele queimou os carros do sol ([2Rs 23.11](#)). Isso sugere que Josias pode ter feito suas próprias interpretações com base na Lei. Isso torna difícil saber quanto de sua reforma veio diretamente do livro da aliança e quanto veio de seu próprio entendimento.
2. O relato em [2 Crônicas 34.30-33](#) mostra que grande parte da reforma aconteceu *antes* da descoberta do Livro da Aliança.

Por outro lado, 2 Reis afirma claramente que algumas das reformas de Josias foram baseadas no Livro da Aliança. O livro deve ter contido instruções sobre a celebração da Páscoa ([2Rs 23.21](#)). Provavelmente também continha regras sobre médiuns, feiticeiros e outras práticas de adoração de ídolos, a menos que Josias tenha feito essas reformas com base em sua própria compreensão do texto.

Além disso, o livro continha avisos de que Deus traria destruição se o povo não seguisse as palavras de Deus ([2Rs 22.16-19](#)). Isso sugere que o "Livro da Aliança" de Josias era maior do que [Êxodo 21-23](#). No livro mais antigo, a Páscoa é mencionada apenas como a Festa dos Pães Asmos ([Êx 23.15](#)). [Êxodo 22.18](#) pode possivelmente ser a base para a ação de Josias contra os feiticeiros. Mas em [Êxodo 21-23](#), não há um aviso de julgamento por desobediência forte o suficiente para explicar a redação em [2 Reis 22.16-19](#). A coisa mais próxima disso é [Êxodo 23.33](#).

Finalmente, o Livro da Aliança de Josias também é chamado de Livro da Lei ([2Rs 22.8](#)). Isso sugere que muitas outras referências ao Livro da Lei em todo o Antigo Testamento podem também estar se referindo ao Livro da Aliança.

Veja também Êxodo, Livro de; Lei, Conceito bíblico de.

Livro da Lei

Outro nome para "o livro da aliança", um documento encontrado no templo por Hilquias, o sacerdote, durante as reformas do templo realizadas pelo rei Josias.

Veja Livro da Aliança.

Livro da Vida

Um termo usado para se referir a um registro mantido no céu.

A frase aparece sete vezes no Novo Testamento ([Ep 4.3](#); [Ap 3.5](#); [Ap 13.8](#); [Ap 17.8](#); [Ap 20.12](#); [Ap 20.15](#); [Ap 21.27](#)).

A ideia vem do Antigo Testamento, onde várias passagens descrevem Deus mantendo um registro de seu povo. Exemplos incluem [Êxodo 32.32](#); [Salmo 87.6](#); [Daniel 7.10](#); [12.1](#); e [Malaquias 3.16](#). Essas passagens mostram que Deus registra tanto as ações fiéis quanto a desobediência de seu povo. Algumas passagens sugerem que Deus também pode manter registros de outras nações (p. ex., [Sl 87.6](#)). Em [Salmo 69.28](#), encontramos a frase “Livro da Vida”, e as linhas poéticas ao redor referem-se à vida física.

[Daniel 7.10](#), [12.1](#) e [Malaquias 3.16](#) conectam registros divinos com o julgamento final e eventos do tempo do fim. Essas passagens descrevem nomes e feitos como evidência diante de um juiz. [Lucas 10.20](#) e [Hebreus 12.23](#) compartilham essa ideia, mas não mencionam um “livro”. No entanto, um registro celestial é assumido. Em [Filipenses 4.3](#), Paulo usa o termo “Livro da Vida” para dar esperança sobre o futuro com Deus.

No livro de Apocalipse, o “Livro da Vida” é um registro celestial que contém os nomes das pessoas que permanecem fiéis a Deus. Ele aparece pela primeira vez em Apocalipse na carta à igreja em Sardes ([Ap 3.5](#)). Jesus, que é chamado de “o Cordeiro”, mantém este livro ([Ap 13.8](#); [21.7](#)). Se o nome de uma pessoa for encontrado no livro, ela tem permissão para entrar na nova Jerusalém ([Ap 20.15](#); [21.27](#)). Se o nome de alguém não estiver escrito lá, seu julgamento é a destruição final. Apocalipse nos diz que esses nomes foram “escritos desde a fundação do mundo” ([Ap 13.8](#); [17.8](#)). Isso mostra que Deus sempre conheceu e cuidou de seu povo.

Veja também Livro de memórias.

Livro de Baruque

O livro chamado Baruque, que trabalhou como secretário do profeta Jeremias. Algumas tradições

da igreja o incluem em seu cânon (a lista oficial de livros da Bíblia), mas outras não.

Na antiguidade, as pessoas escreveram vários livros, mas disseram que Baruque os escreveu. As pessoas sabiam que Baruque trabalhou com Jeremias, então esses livros eram populares.

O livro de Baruque fala sobre como Deus é justo e sábio em tudo o que Deus faz. Também diz que Deus ouvirá quando as pessoas estiverem arrependidas de seus pecados. O livro diz que o povo judeu merece ser punido por Deus porque pecou. Mas também diz que Deus é bondoso. No final, o livro diz ao povo de Israel para não ficar triste. Diz que Deus cuidará deles e os tornará grandes novamente.

Introdução

O livro de Baruque narra a história dos judeus exilados na Babilônia. Eles jejuam, choram e oram por sua situação difícil, lembrando-se de sua desobediência a Deus. Eles planejam arrecadar dinheiro para enviar ao sumo sacerdote em Jerusalém, para que ofertas possam ser feitas pelos exilados. Eles também enviam o livro de Baruque. O livro foi lido para os judeus na Babilônia. Os exilados pedem que o livro seja lido nos dias de festa, nas “estações designadas” e seja incorporado à liturgia (a disposição formal de orações, hinos e outras práticas usadas no culto). Eles solicitam que o sumo sacerdote ore pelo bem-estar do rei babilônico Nabucodonosor e de seu filho, para que “o Senhor nos dê força, e ele ilumine nossos olhos, e vivamos sob a proteção de... Belsazar, seu filho, e os sirvamos por muitos dias e encontremos favor aos seus olhos” ([Br 1.12](#)).

Confissão e oração por misericórdia

A confissão e a oração por misericórdia seguem a introdução. O povo judeu reconhece que seu infortúnio é resultado de seu próprio pecado. Eles admitem que Deus é justo e pedem por Sua misericórdia e perdão. “A justiça pertence ao Senhor nosso Deus, mas a vergonha de rosto a nós e a nossos pais, como neste dia” ([Br 2.6](#)). O povo judeu pede a Deus que não os puna por sua desobediência. Em particular, eles pedem que não sejam punidos por não terem servido ao rei da Babilônia. “Ouve, ó Senhor, nossa oração e nossa súplica, e por amor de ti mesmo nos liberta, e concede-nos favor aos olhos daqueles que nos levaram ao exílio” ([Br 2.14](#)).

Sabedoria

Os judeus são instruídos a seguir a lei de Deus e redescobrir a sabedoria que vem da Torá. Eles são orientados a seguir Deus e não confiar na riqueza. Esta sabedoria não é abstrata, mas prática, como pode ser encontrada no Antigo Testamento. O propósito desta seção é estabelecer que os exilados ainda são especiais para Deus e têm um ministério futuro.

Lamento e Esperança

A seção final é uma lamentação (uma expressão de profunda tristeza) seguida pela esperança na glória que Deus planejou para Israel: "Tira a veste do teu luto e aflição, ó Jerusalém, e reveste-te para sempre da beleza da glória de Deus. Reveste-te com o manto da justiça de Deus; coloca na tua cabeça o diadema da glória da Eternidade" ([Br 5.1-2](#)).

A carta de Jeremias

Tradicionalmente, "A Carta de Jeremias" é incluída após o quinto capítulo. Este documento é, na verdade, um texto religioso que condena a idolatria. Supostamente, foi enviado aos judeus que estavam sendo levados para o exílio na Babilônia.

Quem escreveu o livro de Baruque? Quando foi escrito?

O livro de Baruque foi provavelmente escrito por vários autores. Pode ter sido editado pelo escritor da introdução. A "confissão" é emprestada de Daniel 9. As orações seguintes por perdão são semelhantes aos textos proféticos no Antigo Testamento. A seção de sabedoria Poesia é muito diferente, pois se assemelha a [Jó 28-29](#). O chamado final para a esperança provavelmente usou [Isaías 40-45](#) como inspiração.

A data do livro tem sido amplamente discutida. O livro foi provavelmente escrito em hebraico e traduzido para o grego. O tradutor foi possivelmente a mesma pessoa que traduziu o livro de Jeremias para a Septuaginta (uma antiga versão grega do Antigo Testamento). A data de 582 a.C. foi sugerida com base em evidências internas da primeira seção. No entanto, datas posteriores são mais prováveis, possivelmente até tão tarde quanto o segundo século a.C.

Como o livro de Baruque influenciou a igreja?

Embora o livro fosse popular entre os judeus que não viviam na terra de Israel, sua influência foi

maior na igreja cristã primitiva. Os primeiros teólogos o citavam com frequência. A Igreja Católica Romana aceitou o livro de Baruque em seu cânon no Concílio de Trento (1545-1563).

Livro de Eclesiastes

O livro de Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento, Eclesiastes, é filosófico. Ele levanta questões profundas sobre o significado e a natureza da vida humana.

O título grego "Eclesiastes" vem da Septuaginta, que é a tradução grega do Antigo Testamento. A antiga tradição judaica nomeava livros com base em suas primeiras palavras. Assim, o título hebraico de Eclesiastes é "As Palavras de Qoheleth, Filho de Davi, Rei em Jerusalém". Também é chamado de "Qoheleth".

O termo "Qoheleth" é o título que o autor usa para si mesmo ao longo do livro ([Ec 1.1-2.12](#); [7.27](#); [12.8-10](#)). É a forma participial hebraica de um verbo que significa "reunir", e provavelmente se refere a alguém que fala em uma assembleia. A palavra é frequentemente traduzida como "o Pregador" em português. Devido à natureza filosófica do livro, o título pode também indicar o papel do autor como líder entre os homens sábios.

Resumo

- Autor
- Data
- Propósito e Ensino Teológico
- Conteúdo

Autor

A autoria de Eclesiastes levanta questões complexas, e os estudiosos bíblicos não concordam. A tradição judaica antiga também estava dividida. Alguns atribuíram o livro ao Rei Ezequias e seus seguidores, enquanto outros o creditavam ao Rei Salomão.

As pessoas frequentemente usam evidências internas para apoiar a ideia de que Salomão escreveu Eclesiastes. O primeiro versículo credita o livro ao "filho de Davi". Outras passagens (como [Eclesiastes 1.16-17](#) e [2.6-7](#)) também parecem se referir a Salomão, que se tornou rei após Davi no reino unido de Israel. Aqueles que discordam da autoria de Salomão veem essas referências como

ferramentas literárias. Eles acreditam que um autor desconhecido posterior usou a sabedoria de Salomão para expressar seus próprios pensamentos sobre o propósito e o significado da vida.

Algumas passagens no livro sugerem que Salomão não o escreveu. Alguns estudiosos argumentam que, se Salomão o tivesse escrito, ele não teria usado o passado sobre seu reinado "sobre Israel, em Jerusalém" ([Ec 1.12](#)). Os defensores da autoria salomônica observam que o verbo hebraico "era" também pode significar "tornou-se", indicando que Salomão havia se tornado rei em Jerusalém.

Algumas pessoas afirmam que [Eclesiastes 1.16](#) sugere que o texto foi escrito por alguém que viveu muito depois de Salomão. Elas argumentam que Salomão não poderia ter afirmado ser mais sábio do que "todos os que vieram antes de mim que governaram Jerusalém", pois isso implica uma longa linha de reis antes dele. No entanto, o autor pode ter se referido a homens sábios proeminentes em vez de reis (veja [1Rs 4.31](#)).

Um desafio principal em atribuir Eclesiastes a Salomão é que a história do Antigo Testamento não menciona um avivamento espiritual durante sua vida. No entanto, isso não é um argumento decisivo, pois os pensamentos do livro são muito pessoais. Os livros históricos do Antigo Testamento focam em eventos históricos e só mencionam detalhes pessoais quando se relacionam aos planos de Deus na história nacional. Seria, na verdade, surpreendente se os escritores históricos incluíssem as lutas profundamente pessoais encontradas em Eclesiastes.

Determinar o autor é desafiador, mas não há evidências contundentes contra a autoria de Eclesiastes por Salomão.

Data

A maioria dos estudiosos que acredita que Salomão escreveu Eclesiastes pensa que ele o fez em seus últimos anos como rei, por volta de 940 a.C. Isso situaria o livro na era de ouro da sabedoria israelita, sendo escrito por um dos principais mestres da sabedoria.

Aqueles que negam que Salomão escreveu o livro discordam sobre sua data, mas a maioria acredita que foi escrito após o exílio. Uma data macabéia (por volta de 165 a.C.) é difícil de sustentar porque fragmentos do segundo século a.C. foram encontrados em Qumran. Além disso, o livro apócrifo de Eclesiástico, provavelmente escrito no

início do segundo século a.C., foi fortemente influenciado por Eclesiastes. Esses fatores deixam pouco tempo para que o livro fosse escrito e se espalhasse durante o período macabeu.

Alguns estudiosos conservadores, como Franz Delitzsch e E. J. Young, acreditam que o livro é do século V a.C. Muitos outros pensam que é do século III a.C.

Evidência interna

As pessoas tentaram datar o livro de Eclesiastes usando supostas referências históricas. No entanto, as observações sombrias em passagens como [Eclesiastes 1.2-11](#) e [3.1-15](#) podem apenas refletir as opiniões do autor sobre a futilidade da vida. Isso não significa necessariamente que o livro foi escrito durante um período de declínio nacional ou decadência social em Israel, o que não corresponderia ao reinado de Salomão.

As pessoas afirmam que o livro se refere a ideias filosóficas gregas. Isso sugere que foi escrito após as conquistas de Alexandre, o Grande, que espalharam a cultura grega para a região Siro-Palestina, de 356 a 323 a.C..

Uma ideia filosófica importante é a "mídia dourada" introduzida por Aristóteles. A mídia dourada sugere evitar extremos para encontrar satisfação na vida. Ela aparece em [Eclesiastes 7.14-18](#). Esta ideia também está presente na literatura de sabedoria egípcia (*Instrução de Amen-em-opet* 9.14) e na literatura de sabedoria aramaica. Em um exemplo notável de sabedoria aramaica, *As Palavras de Ahiqar*, a mídia dourada é expressa como "Não seja doce demais, ou eles te engolirão; não seja amargo demais, ou eles te cuspirão". A mídia dourada não pertence a um tempo ou cultura específicos; ela representa uma sabedoria básica compartilhada por pessoas de diferentes épocas e origens.

Considerações linguísticas

O principal desafio em datar Eclesiastes é a sua linguagem. O hebraico usado em Eclesiastes é único. Ele difere em estilo e linguagem de livros do Antigo Testamento do século V, como Esdras, Neemias e Zacarias.

Alguns estudiosos acreditam que o aramaico teve uma forte influência na linguagem de Eclesiastes. Eles sugerem que o livro foi escrito em uma época em que o aramaico era influente entre os falantes de hebraico. Outros argumentam que as

características únicas do hebraico mostram semelhanças com os dialetos cananeus-fenícios.

As pessoas costumam dizer que o hebraico no livro é semelhante ao hebraico mishnaico posterior, especialmente no uso do pronome relativo. No entanto, a linguagem de Eclesiastes difere da Mishná em outros aspectos.

A linguagem utilizada pode sugerir que o livro foi escrito mais tarde. No entanto, Salomão pode ter adotado um estilo literário influenciado pela literatura fenícia. Este estilo poderia ter se tornado padrão para o gênero de Eclesiastes. Durante o reinado de Salomão, as interações entre a Palestina e a Fenícia eram comuns.

Propósito e ensino teológico

O livro de Eclesiastes mostra que a vida parece sem sentido se não incluímos Deus em nossa visão de mundo. Ele explica que podemos encontrar verdadeira satisfação em um mundo que parece ser feito de ciclos intermináveis e cansativos. As pessoas se sentem presas neste mundo sem saída. Segundo Qoheleth, podemos encontrar liberdade ao temer a Deus e confiar que Ele julgará tudo de forma justa. Portanto, a vida tem um objetivo e propósito, mesmo que nem sempre pareça assim na história e na natureza.

A principal ideia religiosa do livro é que Deus se importa com os eventos humanos e suas injustiças. Ele julgará cada ação. Portanto, a vida tem um propósito e as ações humanas são significativas.

As pessoas costumam dizer que Qoheleth tem uma visão negativa da vida. Ao ler passagens como [Eclesiastes 1.12-14,18](#) e [2.1-9,18-23](#), percebe-se seu senso de impotência sobre o que parecia uma existência vazia. No entanto, a perspectiva negativa de Qoheleth era sobre a vida sem Deus. Para ele, uma vida assim não tinha significado.

O livro transmite uma mensagem positiva, embora muitas vezes seja ignorada. Qoheleth fala em termos absolutos ao apresentar seu argumento. Existe um bem absoluto para as pessoas que vivem em um mundo aparentemente sem sentido. Esse bem é desfrutar dos presentes de Deus. Assim, Qoheleth não é completamente pessimista. Quando ele considera a influência de Deus no mundo, torna-se otimista. No entanto, quando vê a vida sem Deus, sente-se pessimista, pois essa perspectiva só leva ao desespero.

A "teologia do contentamento" de Qoheleth é clara em passagens como [Eclesiastes 2.24-25, 3.10-13](#) e

[3.22](#). A primeira passagem parece mostrar uma visão da vida focada no prazer, fazendo da alimentação e da bebida o principal propósito. A expressão "comer e beber" é um idioma semítico que representa as rotinas diárias (veja [Jeremias 22.15](#); [Lucas 17.27-28](#)). Qoheleth usa essa expressão para significar que se deve desfrutar dos dons de Deus. A vida é para ser desfrutada, não apenas suportada.

Em [Eclesiastes 3.10-13](#), Qoheleth apresenta um grande mistério da humanidade: Deus colocou a ideia de eternidade na mente humana. Isso significa que a mente pode pensar além dos limites físicos. No entanto, essa habilidade não revela todos os planos de Deus. Portanto, é sábio que uma pessoa aceite os limites humanos e aprecie o conhecimento que Deus fornece.

[Eclesiastes 3.16-4.3](#) é uma parte desafiadora do livro. Qoheleth percebe a injustiça da vida e acredita que Deus permite isso para testar as pessoas, mostrando que elas são como animais. A mesma ideia aparece em [Eclesiastes 8.11](#), onde Qoheleth observa que quando o mal não é punido, isso incentiva mais transgressões. Em [Eclesiastes 3.18](#), ele afirma que a injustiça existe para separar os bons dos maus. A frase hebraica deve ser traduzida como "em si mesmos", significando que sem Deus, os humanos não são melhores que os animais. Sem uma crença em Deus, não se pode saber o que acontece após a morte ([Ec 3.21](#)). Qoheleth acredita que essas injustiças serão corrigidas no Dia do Julgamento. Portanto, é sábio estar contente com o plano de Deus e não se preocupar com o futuro ([Ec 3.22](#)).

A chave para entender o livro de Eclesiastes é a frase "debaixo do sol". Esta frase mostra a perspectiva de Qoheleth. Ele não está dizendo que todas as experiências humanas são sem sentido. Em vez disso, ele observa a vida "debaixo do sol", ou sem Deus, como sem sentido. O apóstolo Paulo deu uma visão semelhante do mundo em [Romanos 8.20-23](#). No entanto, ele acrescentou que Deus usa tudo no mundo para bons resultados para seu povo ([Rm 8.28](#)). O ponto de vista de Qoheleth também é útil.

As pessoas frequentemente interpretam Qoheleth como expressando uma visão epicurista da vida, sugerindo que comer e beber são o maior bem da humanidade. No entanto, em [Eclesiastes 2.1-8](#), ele testa o prazer e o considera fútil. Ele conclui que o prazer não é um bem absoluto. As passagens sobre comer e beber referem-se apenas a desfrutar das

coisas boas e necessárias que vêm das mãos de Deus.

Conteúdo

A vaidade do ciclo da história e da natureza (1.1-11)

Qoheleth começa observando o vazio da vida e a falta de propósito da natureza. O trabalho humano não alcança nada ([Ec 1.3](#)), e o ciclo interminável da vida parece sem sentido ([1.4-11](#)).

A vaidade da própria experiência de Qoheleth (1.12-2.26)

Nesta seção dramática, Qoheleth reflete sobre a futilidade de partes de sua vida que outros poderiam valorizar. Ele se lembra de sua busca por sabedoria, mas considera a filosofia humana inútil ([Ec 1.12-18](#)). Sua busca pelo prazer ([Ec 2.1-11](#)) também termina em futilidade. Diante disso, Qoheleth não vê o prazer como o maior objetivo da vida. A busca por verdades filosóficas verdadeiras é cansativa e inútil ([Ec 2.12-17](#)). O trabalho humano também é em vão ([Ec 2.18-23](#)) porque não se pode saber quem se beneficiará de seus esforços ([Ec 2.21](#)). Qoheleth conclui que o maior bem é aceitar alegremente a orientação de Deus ([Ec 2.24-26](#)), adicionando uma nota otimista à sua mensagem.

A situação da humanidade separada de Deus (3.1-22)

A conhecida afirmação de Qoheleth de que tudo na vida tem seu tempo ([Ec 3.1-9](#)) é frequentemente vista como fatalista. No entanto, esses versículos provavelmente descrevem como as circunstâncias da vida não podem ser alteradas. Os humanos estão presos em um ciclo contínuo sem escape, mas podem pensar além do mundo físico ([Ec 3.11](#)). Este é o mistério da humanidade. Sem considerar Deus, as pessoas não são melhores do que os animais ([Ec 3.19-20](#)).

Conclusões resultantes das observações de Qoheleth (4.1-16)

O autor começa com uma visão sombria da vida ([Ec 4.1-3](#)), mas depois compartilha compreensões duradouras. Por exemplo, ele observa que enfrentar os desafios da vida é mais fácil com um parceiro do que sozinho ([Ec 4.9-12](#)).

A vaidade de viver apenas para si mesmo (5.1-6.12)

Qoheleth critica fortemente uma vida egoísta ao focar em Deus ([Ec 5.1-2,4-6](#)). Ele condena o mau uso da riqueza e demonstra preocupação com os pobres ([Ec 5.8-6.9](#)), temas posteriormente destacados no Novo Testamento.

Sabedoria para viver (7.1-8.17)

Este exemplo de Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento utiliza um padrão proverbial ([Ec 7.1-13](#)) e referências pessoais ([Ec 7.23-29](#)) para mostrar como encontrar a verdadeira satisfação. A passagem destaca o valor da sabedoria divina. Qoheleth ensina que Deus é a fonte tanto da adversidade quanto da prosperidade ([Ec 7.14](#)). Ele aconselha aceitar ambos como vindos de Deus. Ao aplicar a sabedoria à autoridade governamental ([Ec 8.2-9](#)), Qoheleth aconselha obedecer às autoridades. O apóstolo Paulo deu conselhos semelhantes em [Romanos 13](#). Qoheleth é otimista ([Ec 8.13](#)), enfatizando a importância de temer a Deus. O autor não é totalmente pessimista, pois mostra que temer a Deus leva à verdadeira satisfação.

Observações sobre as aparências de injustiças da vida (9.1-18)

“Debaixo do sol”, ou seja, à parte de Deus, parece não haver diferenças entre as pessoas ([Ec 9.1-6.11-12](#)). As pessoas muitas vezes ignoram e não agradecem grandes feitos ([Ec 9.13-16](#)). No entanto, uma pessoa ainda deve estar contente porque a vida oferece alguns benefícios ([Ec 9.7-10](#)).

Sabedoria e insensatez (10.1-20)

No Antigo Testamento, sabedoria significa conhecer Deus, enquanto a insensatez significa rejeitar Deus. Qoheleth mostra que a sabedoria leva à honra e satisfação, enquanto a insensatez leva à ruína.

Conclusão de Qoheleth — Tema a Deus (11.1-12.14)

O livro de Eclesiastes começa declarando que tudo é sem sentido, mas termina com Qoheleth enxergando Deus além de suas visões sombrias. [Eclesiastes 11](#) começa afirmando que os humanos não podem compreender os caminhos de Deus. As pessoas devem aproveitar a vida, mas devem lembrar que Deus as julgará no futuro ([Ec 11.9-](#)

[10](#)). Após descrever lindamente a velhice ([Ec 12.1-8](#)) e instar o leitor a respeitar Deus enquanto jovem, Qoheleth compartilha sua conclusão. O principal dever de uma pessoa é respeitar Deus ([Ec 12.13-14](#)). Os prazeres da juventude desaparecerão como bolhas, e sem Deus, a pessoa acabará sem nada. A verdadeira satisfação vem apenas de respeitar Deus. A vida sem Deus é o maior vazio.

Veja também Salomão (Pessoa); Sabedoria; Literatura de Sabedoria.

Livro de Esdras

O livro de Esdras é um dos livros históricos do Antigo Testamento, descrevendo a história de Israel. Ele continua a narrativa do final de 2 Crônicas e compartilha eventos intimamente ligados ao livro de Neemias.

Resumo

- O que é o livro de Esdras?
- Qual é o contexto do livro de Esdras?
- Qual é a origem da informação no livro de Esdras?
- Quando o livro de Esdras foi escrito?
- Em quais idiomas foi escrito o livro de Esdras? Quais são suas diferentes versões?
- Por que o livro de Esdras foi escrito? Sobre o que trata?

O que é o livro de Esdras?

Ao longo da história, muitos estudiosos religiosos consideraram os livros de Esdras e Neemias como partes de um único livro. No tratado do Talmude Baba Bathra 15a, os rabinos e escribas viam Esdras e Neemias como um só livro. O historiador judeu Josefo também os considerava como um único livro ao listar 22 livros do Antigo Testamento (Apion 1.8). Alguns pais da igreja, como Melito de Sardes e Jerônimo, também os viam como um único livro. A Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) os combinou em um livro chamado 2 Esdras para diferenciá-lo de outro livro chamado 1 Esdras. Mais tarde, a Bíblia Latina (Vulgata) os dividiu em dois livros: Esdras tornou-se 1 Esdras e Neemias tornou-se 2 Esdras.

Qual é o contexto do livro de Esdras?

Em 539 a.C., o Rei Ciro da Pérsia assumiu o controle da Babilônia, e o povo judeu ficou sob o domínio persa. Aqui estão os reis persas que governaram durante este período importante:

- Ciro governou de 539 a 530 a.C. Ele permitiu que o povo judeu e outros cativos retornassem à sua terra natal ([Ed 1](#));
- O reinado de Cambises ocorreu de 529 a 522 a.C.;
- Gaumata governou em 522 a.C. Ele assumiu o controle do reino à força;
- Dario I governou de 521 a 486 a.C. (veja [Ed 5.6](#));
- Xerxes I governou de 486 a 465 a.C. Ele é chamado de Assuero no Antigo Testamento (veja [Ed 4.6](#));
- Artaxerxes I governou de 465 a 424 a.C. (veja [Ed 4.7-23](#); [7.1-10.44](#)).

Esdras e Neemias realizaram seu trabalho durante o período entre o Rei Ciro e o Rei Artaxerxes I. No entanto, alguns especialistas acreditam que Esdras viveu mais tarde, durante o reinado do Rei Artaxerxes II, que governou de 404 a 359 a.C.

Qual é a origem da informação no livro de Esdras?

Muitas pessoas acreditam que o próprio Esdras coletou e escreveu o material deste livro. Nos capítulos [7-10](#), Esdras escreve usando palavras como "eu" e "mim" para narrar sua própria história. Ele provavelmente utilizou esses relatos pessoais como a parte principal do livro e adicionou outras informações de diferentes fontes.

Algumas partes do livro estão escritas em aramaico, uma língua antiga diferente do hebraico. Algumas pessoas pensaram que isso significava que o livro foi escrito após o tempo de Esdras. No entanto, o aramaico usado no livro de Esdras é muito semelhante aos papiros aramaicos do século V a.C. da comunidade judaica em Elephantina, Egito. Isso sugere que o livro pode ter sido escrito durante o tempo de Esdras.

O livro de Esdras combina diferentes tipos de escritos. Inclui histórias pessoais de Esdras, documentos oficiais do governo, decretos reais e

outros registros históricos. O livro utiliza quatro tipos principais de fontes para narrar sua história.

Histórias pessoais de Esdras

Em algumas partes do livro, Esdras escreve na primeira pessoa do singular (usando palavras como "eu") para contar sua própria história ([Ed 7.27-9.15](#)). Essas seções são cercadas por partes escritas em narrativa de terceira pessoa, onde outra pessoa conta a história sobre Esdras ([Ed 7.1-26](#); [10](#)). Esses relatos pessoais provavelmente foram retirados de relatórios que Esdras escreveu sobre seu trabalho.

Documentos em aramaico

O aramaico era a língua oficial usada pelo Império Persa para assuntos governamentais. Vários documentos no livro de Esdras estão escritos em aramaico. Uma carta de reclamação foi enviada a Artaxerxes I sobre a reconstrução das muralhas da cidade, e Esdras incluiu a resposta oficial ([Ed 4.8-23](#)). Há também uma carta de Dario I e a resposta do rei ([Ed 5.1-6.18](#)). Uma ordem oficial de Artaxerxes permitiu que Esdras retornasse para casa, incluindo uma lista de itens dados a ele ([Ed 7.12-26](#)). Esses documentos estão em aramaico porque eram cartas oficiais entre funcionários do governo.

Listas em hebraico

Esdras incluiu várias listas de nomes escritos em hebraico. Essas listas tinham diferentes propósitos:

- Uma ordem oficial do governo persa permitiu que o povo judeu retornasse à sua terra natal ([Ed 1.2-4](#)). Esta foi uma versão judaica do comando geral do Rei Ciro, mostrando que ele se importava com todas as pessoas sob seu domínio. O mesmo comando aparece novamente em aramaico em [6.3-5](#), provavelmente copiado do documento real original;
- Listas de pessoas que retornaram para reconstruir sua terra natal ([Ed 2](#); também [Ne 7](#));
- Uma lista de pessoas que voltaram com Esdras quando o Rei Artaxerxes I deu permissão ([Ed 8.1-14](#));
- Listas de homens que se casaram com mulheres que não seguiam a fé judaica ([Ed 10.18-43](#)).

Narrativa

Esdras escreveu as partes restantes do livro ele mesmo. Ao relatar eventos que ocorreram antes de seu tempo, como o retorno do primeiro grupo da Babilônia, ele provavelmente utilizou histórias que foram escritas ou transmitidas oralmente. Para eventos que ocorreram durante seu próprio tempo, ele escreveu sobre o que viu e fez pessoalmente.

Quando o livro de Esdras foi escrito?

Os historiadores geralmente identificam o Artaxerxes mencionado em [Esdras 7.1](#) como Artaxerxes I Longímano. Isso significa que Esdras chegou a Jerusalém em 458 a.C. ([Ed 7.8](#)). Ele começou seu trabalho lá cerca de 13 anos antes de Neemias, que veio a Jerusalém em 445 a.C.

No entanto, nem todos concordam com essas datas. Alguns historiadores acreditam que Neemias trabalhou durante o reinado do Rei Artaxerxes I, que governou de 464 a 424 a.C. Mas Esdras veio depois, durante o reinado do Rei Artaxerxes II Mnemon, que governou de 404 a 359 a.C. Essa ideia cria um problema porque [Neemias 8.2](#) diz que Esdras trabalhou com Neemias.

Mais evidências vêm de alguns documentos judaicos antigos encontrados no Egito (chamados papiros de Elefantina) datados de cerca de 407-400 a.C. Esses documentos mencionam duas pessoas importantes:

- Joana, que era o sumo sacerdote em Jerusalém;
- Sanbalate, que era o governador da Samaria.

Joana era neto de Eliasibe, e sabemos que Neemias trabalhou com Eliasibe ([Ne 3.1.20](#)). A Bíblia menciona que Neemias foi a Jerusalém duas vezes:

- No 20º ano de Artaxerxes (ou 445 a.C., [Ne 2.1](#));
- Novamente no 32º ano (ou 433 a.C., [Ne 13.6](#)).

Durante esse período, Eliasibe atuou como sumo sacerdote e colaborou com Esdras.

Esta linha do tempo apoia as datas tradicionais para quando o livro de Esdras foi escrito. Se Esdras tivesse vindo durante o reinado do Rei Artaxerxes II (por volta de 397 a.C.), ele teria chegado tarde demais para trabalhar com Joana como sumo sacerdote.

Em quais idiomas foi escrito o livro de Esdras? Quais são suas diferentes versões?

A maior parte do livro de Esdras está escrita em hebraico, exceto por três seções [4.7](#), [6.18](#) e [7.12-26](#), que estão escritas em aramaico.

O estilo de hebraico usado em Esdras é semelhante ao de outros livros escritos na mesma época, como Daniel, Ageu e 2 Crônicas. É diferente do hebraico usado em livros posteriores, como Eclesiástico.

As partes em aramaico de Esdras são escritas em um estilo semelhante ao dos papiros de Elefantina, datados de cerca de 407-400 a.C.. O livro também utiliza vários nomes e palavras persas, como Bigvai, Mitredate e Elam. Todas essas pistas linguísticas sugerem que o livro foi escrito no século V a.C..

A versão hebraica tradicional de Esdras (chamada de Texto Massorético) foi cuidadosamente copiada ao longo do tempo e parece estar completa. A versão Septuaginta é ligeiramente mais curta. Entre os antigos pergaminhos judaicos encontrados perto do Mar Morto, apenas pequenas partes de [Esdras 4](#) e [5](#) foram descobertas.

Por que o livro de Esdras foi escrito? Sobre o que trata?

O livro de Esdras narra um dos eventos mais significativos na história judaica: o retorno do povo

judeu à sua terra natal após ter sido exilado na Babilônia. A narrativa se concentra em dois eventos principais:

- Primeiro, em 538 a.C., um grupo de judeus voltou para casa sob a liderança de Zorobabel (caps. [1-6](#));
- Em segundo lugar, cerca de 80 anos depois, em 458 a.C., outro grupo retornou liderado pelo próprio Esdras (caps. [7-10](#)).

Esdras escreve sobre esses eventos do ponto de vista de um sacerdote. Ele destaca a importância de o povo retornar à sua terra e reconstruir sua comunidade. Esses eventos moldariam o futuro do povo judeu de várias maneiras significativas.

Não sabemos muito sobre o trabalho de Esdras no governo persa, mas ele parece ter sido um líder importante. Ele era como um alto funcionário do governo que ajudava a gerenciar os assuntos judaicos. A maior parte de seu trabalho ocorreu na área a oeste do Rio Eufrates, que os persas chamavam de província "Além do Rio".

O Rei Artaxerxes confiava em Esdras e deu-lhe plenos poderes para tomar decisões que ajudariam tanto o povo judeu quanto o Império Persa ([Ed 7.21-26](#)). O livro lista a história familiar de Esdras em [Esdras 7.1-5](#). Ele é descrito como um professor que conhecia muito bem a lei de Moisés. Por ser descendente do sacerdote Zadoque, ele tinha autoridade para ensinar os outros sobre as leis de Deus (chamadas de Torá, que contém as regras e ensinamentos que Deus deu a Moisés).

O capítulo [4](#) fala sobre pessoas que tentaram impedir os judeus de reconstruir o templo e as muralhas da cidade. Esdras organizou este capítulo por eventos semelhantes, em vez de na ordem em que aconteceram. Ao descrever como as pessoas se opuseram à reconstrução do templo no passado ([Ed 5.1-5](#)), ele também escreveu sobre problemas semelhantes acontecendo em seu próprio tempo. Pessoas tentaram impedir os judeus de reconstruir as muralhas de Jerusalém ([Ed 5.7-23](#)).

Houve um longo intervalo de tempo entre o reinado do Rei Xerxes (também chamado Assuero) e os primeiros anos do reinado do Rei Artaxerxes. Durante esse período, algumas pessoas reclamaram aos governantes persas que o povo judeu estava reconstruindo o muro de Jerusalém. Devido a essas reclamações, o trabalho de

construção teve que ser interrompido por um tempo.

Isso nos ajuda a entender que Esdras estava escrevendo sobre como os inimigos continuavam tentando prejudicar o povo judeu. Sabemos que Reum e Sinsai (dois desses inimigos) viveram na década de 460 a.C., durante o início do reinado do Rei Artaxerxes I. Eles não poderiam ter se oposto à construção do templo na década de 520 a.C., pois não estavam vivos naquela época.

A primeira parte deste capítulo aborda as dificuldades que o povo judeu enfrentou ao tentar reconstruir seu templo destruído. Começa com seu retorno para casa durante o reinado do Rei Ciro ([Ed 4.1-5](#)) e continua até a época do Rei Dario ([Ed 4.24](#)). Em 520 a.C., o profeta Ageu encorajou o povo a iniciar a construção do novo templo.

No capítulo [5](#), Esdras continua narrando a história do templo. Ele descreve como o povo judeu enfrentou muitos problemas e atrasos enquanto tentava construí-lo. Os oficiais persas precisaram vasculhar seus registros antigos antes de encontrarem o documento original que concedia permissão para construir o templo ([Ed 5.7-6.5](#)).

Veja Esdras (pessoa) #1; Período pós-exílico.

Livro de Ester

Um livro do Antigo Testamento que narra a história de uma mulher judia que protege seu povo após se casar com um rei não judeu.

Resumo

- Quem escreveu o livro de Ester?
- Quando e onde o livro de Ester foi escrito? Por que foi escrito?
- O livro de Ester é considerado parte da Bíblia?
- Qual é o contexto do livro de Ester?
- Qual é a mensagem do livro de Ester?

Quem escreveu o livro de Ester?

Não sabemos quem escreveu o livro de Ester. A referência em [9.20](#) de que Mordecai “registrou essas coisas” implica que parte, se não todo, o livro foi escrito por ele. A ausência do nome de Deus no livro de Ester pode ser devido ao fato de que o autor pretendia que o livro se tornasse parte do

registro oficial da corte persa. O uso do nome de Deus poderia ter impedido isso.

O autor do livro tinha amplo conhecimento sobre a vida e os costumes na corte persa (o local onde o rei residia e governava). Por essa razão, algumas pessoas acreditam que Mordecai pode ser a mesma pessoa que um homem chamado Morduca. Morduca era um oficial da corte persa (alguém que trabalhava para o rei) durante o reinado de dois reis:

1. Dario I, que governou de 521 a 486 a.C.;
2. Xerxes, que governou de 486 a 464 a.C.

Quando e onde o livro de Ester foi escrito? Por que foi escrito?

O tempo e o local exatos em que o livro de Ester foi escrito não são certos. Algumas pessoas acreditam que foi escrito logo após 465 a.C. Essa ideia vem da menção do livro ao Rei Assuero, que pode ser o mesmo que o Rei Xerxes. Xerxes morreu em 465 a.C.

No entanto, muitos estudiosos acreditam que ele foi escrito mais tarde. Um livro chamado *Eclesiástico*, escrito por volta de 180 a.C., menciona eventos dessa época posterior. Também menciona heróis judeus, mas não fala sobre Ester ou Mordecai. Isso sugere que o livro de Ester pode não ter sido escrito ainda.

Alguns estudiosos acreditam que o livro de Ester foi escrito durante o período dos macabeus, entre 167 e 160 a.C. Outros pensam que a história de Ester pode ter origem em um antigo conto religioso (história cultural) da antiga Babilônia. Nessa visão, Ester pode ser baseada em Ishtar, uma deusa da crença babilônica. Mordecai pode ser baseado em Marduque, um deus da crença babilônica. A referência mais antiga fora da Bíblia à Festa de Purim (um evento descrito no livro de Ester) é [2 Macabeus 15.36](#). Este livro foi provavelmente escrito por volta de 75 a.C.

O livro de Ester afirma registrar eventos que ocorreram na Pérsia em algum momento durante o século V a.C. Esses eventos narram a história de como Ester se tornou rainha. Se o livro foi escrito após os eventos que descreve, pode ter tido um propósito especial. Poderia ter sido escrito para dar esperança ao povo judeu durante um período em que estavam sendo maltratados (perseguidos).

Um propósito claro do livro de Ester é explicar a origem do feriado judaico chamado Purim. Isso é descrito em [Ester 9.16–28](#). O termo “purim” provavelmente está relacionado à palavra assíria *puru*, que significa uma pequena pedra usada para lançar sortes.

O livro de Ester é considerado parte da Bíblia?

O principal problema que algumas pessoas veem com o livro de Ester é que ele não menciona Deus diretamente. Também não fala claramente sobre a orientação de Deus (providência) nos eventos da história. Isso é incomum para um livro na Bíblia. Portanto, alguns estudiosos judeus e cristãos questionam se ele deveria ser incluído no cânon da Bíblia (a lista oficial de livros considerados como Escritura).

Mas, ao olharmos mais de perto, podemos perceber a orientação de Deus na história:

- [Ester 4.16](#) menciona jejum (abstinência de comida por um período), o que muitas vezes implica que as pessoas também estão orando;
- Ester estar no lugar certo na hora certa parece ser mais do que apenas sorte;
- A queda de Hamã (o vilão da história) também parece ser orientada por Deus.

O livro mostra como Deus protege seu povo, mesmo quando eles estão sendo maltratados. Isso fez dele um livro favorito para muitos judeus ao longo da história. No entanto, algumas partes do livro são difíceis de entender hoje. O tratamento severo dos filhos de Hamã ([9.13,14](#)) não é algo que aceitaríamos atualmente.

Embora o livro de Ester tenha ensinamentos práticos, algumas pessoas ainda questionam se ele realmente pertence à Bíblia. Na Bíblia judaica, Ester faz parte de um grupo de cinco livros chamados de Megilote (Megila). Os outros livros deste grupo são Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes e Lamentações. A Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) contém 107 versículos extras no livro de Ester. Essas adições fazem parte dos Apócrifos nas versões em português da Bíblia.

As pessoas têm debatido se Ester deveria estar na Bíblia há muito tempo. Mesmo durante a Reforma

(cerca de 500 anos atrás), as pessoas ainda discutiam isso. Hoje, alguns cristãos evangélicos ainda têm dúvidas sobre o valor do livro. No entanto, a maioria das pessoas aceita Ester como parte da Bíblia por duas razões principais:

1. Tanto os judeus quanto os cristãos o aceitaram como parte de seus livros sagrados por um longo tempo;
2. Isso mostra como Deus cuida do povo judeu, o que é uma ideia importante na Bíblia. (Você pode ler mais sobre essa ideia em [Rm 9–11](#); [Ap 7.14](#)).

Qual é o contexto do livro de Ester?

Algumas pessoas notaram alguns problemas com a história no livro de Ester:

1. O historiador Heródoto afirma que a esposa do rei Xerxes se chamava Amestris. No entanto, o livro de Ester menciona uma esposa chamada Ester. É possível que o rei Xerxes tenha tido mais de uma esposa;
2. O livro parece indicar que Mordecai foi enviado para longe de sua casa (exilado) em 597 a.C. Se isso for verdade, Mordecai teria cerca de 120 anos durante o reinado do Rei Xerxes. No entanto, o texto de [2.5,6](#) pode significar que foi o bisavô de Mordecai quem foi enviado embora, e não Mordecai;
3. Algumas partes da história (veja [1.4](#); [2.7,12](#); [7.9](#); [9.16](#)) podem parecer difíceis de acreditar para os leitores modernos:
 - um banquete que durou 180 dias;
 - Tratamento de beleza de Ester por 12 meses;
 - uma força de 25,3 metros (83 pés) de altura;
 - os judeus matando 75.000 súditos de Xerxes.

Algumas pessoas acham que esses detalhes parecem mais histórias inventadas (mitológicas) do que história real. Mas é importante lembrar que,

às vezes, coisas que parecem inacreditáveis acabam sendo verdadeiras quando aprendemos mais sobre a história.

Várias coisas no livro de Ester mostram que ele está ambientado em um período real da história. Assuero, o rei na história, é geralmente considerado a mesma pessoa que o Rei Xerxes. Seu pai era o Rei Dario. Encontramos inscrições e esculturas em relevo do tempo de Dario. Uma escultura em relevo mostra Dario sentado em seu trono com Xerxes em pé atrás dele.

As pessoas acreditavam que Xerxes era facilmente influenciável em sua vida pessoal. Aqueles que desejavam agradá-lo (cortesãos bajuladores) podiam mudar sua opinião com facilidade. No entanto, na guerra, Xerxes era um líder forte e lutou arduamente para alcançar seus objetivos. Ele suprimiu uma rebelião no Egito e, em seguida, reuniu uma marinha para atacar Atenas, uma cidade na Grécia. Os gregos venceram uma grande batalha naval em um local chamado Salamina em 480 a.C., o que salvou a Grécia de ser completamente dominada pela Pérsia. Xerxes acabou perdendo a guerra e retornou para viver em seus belos palácios nas cidades de Persépolis e Susã. Após isso, Xerxes deixou de adorar os deuses do Egito e da Babilônia e passou a seguir Ahuramazda, um deus persa conhecido como o espírito do bem.

Qual é a mensagem do livro de Ester?

O livro de Ester narra uma história que ocorreu há muito tempo na Pérsia, atualmente conhecida como Irã. A história é sobre o Rei Assuero, que governou um vasto império da Índia à Etiópia (1.1-9). A principal cidade de seu império era chamada Susã (Shushan), na Pérsia.

A história começa quando a Rainha Vasti desobedece ao rei. Por causa disso, ela deixa de ser rainha. O rei então procura uma nova rainha (1.10-22). Ele escolhe uma jovem judia chamada Hadassa, que também é conhecida como Ester (2.1-18). Ester vive com seu parente Mordecai porque não tem pais.

Pouco depois de Ester se tornar rainha, ela e Mordecai ajudam a salvar a vida do rei (versículos 19-23). Isso se torna importante mais tarde na história. Um homem chamado Hamã se torna muito poderoso na corte do rei. Hamã não gosta de Mordecai, então ele elabora um plano para matar todos os judeus no império (cap. 3). Mordecai pede à Rainha Ester que ajude a salvar o povo judeu.

Ester pede aos judeus em Susã que jejem e orem por ajuda. Então, ela vai falar com o rei (cap. 4).

Uma noite, o rei não consegue dormir por causa do que Ester lhe contou (5.1-6.1). Ele lê sobre como Mordecai salvou sua vida e decide honrar Mordecai. Isso acontece justamente quando Hamã está planejando machucar Mordecai (cap. 6). O rei descobre o plano maligno de Hamã. Hamã é punido sendo enforcado (cap. 7). O rei então faz uma nova lei para proteger o povo judeu. Ele também honra Mordecai e lhe dá um importante cargo (cap. 8). Os judeus, com a permissão do rei, mataram os soldados que anteriormente os teriam matado no plano de Hamã (9.1-16). Depois disso, eles têm uma grande celebração (9.17-10.3). Esta celebração se tornou um feriado chamado Purim. Durante o Purim, as pessoas festejam, dão presentes e ajudam os pobres.

Veja Ester (pessoa); Pérsia, persas.

Livro de Êxodo

Segundo livro da Bíblia, contendo a história da libertação de Deus do povo de Israel da escravidão no Egito. Poucos livros do Antigo Testamento são tão importantes, tanto a histórica quanto teologicamente, como o livro de Êxodo.

Historicamente, o evento do êxodo foi o nascimento de Israel como uma nação. No Monte Sinai, um grupo de tribos que eram descendentes de Abraão se tornou uma nação governada por Deus. O livro de Êxodo explica como os israelitas foram capazes de reassentar a terra que Deus havia prometido a Abraão e dá a base para esta vida religiosa, política e social.

Teologicamente, o livro de Êxodo é tão frequentemente referido no AT e no NT que os teólogos falam de um “tema do êxodo”. No [Salmo 68](#), por exemplo, Davi recebeu segurança em lembrar que seu Deus era o mesmo que resgatou Israel do Egito. O profeta Jeremias comparou a futura reunião de Israel com seu êxodo do Egito como um evento ainda mais milagroso ([Jr 16.14-15](#)). O retorno de Jesus e seus pais do Egito está associado com o êxodo em [Mateus 2.13-15](#). A libertação do povo judeu do Egito foi interpretada como um protótipo para a libertação de Deus de todo seu povo, tanto Israel quanto a igreja. Assim, a mensagem do livro de Êxodo é fundamental para entender o plano de Deus de salvação em toda a Bíblia.

O título em português “Êxodo” vem da Septuaginta, uma tradução pré-cristã do AT para o grego. A palavra significa “uma saída” ou “partida” e se refere ao resgate de Israel do Egito. O título hebraico é Shemoth (“esses são os nomes”), das palavras de abertura do livro, referindo-se aos nomes dos filhos de Jacó que se juntaram a José no Egito.

Resumo

- Autor
- Data
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

De acordo com a tradição, Êxodo e todo o Pentateuco (primeiros cinco livros da Bíblia) foram escritos por Moisés. Êxodo foi provavelmente escrito no Monte Sinai ou logo após os eventos que aconteceram lá, de acordo com esta visão. Há muito a apoiar essa alegação: (1) O livro afirma que Moisés escreveu as palavras de Deus em pelo menos um livro ([Êx 17.14](#); [24.2.7](#); [34.27-28](#)). De acordo com [Dt 31.9,24](#), Moisés registrou a lei de Deus em um livro que foi depositado ao lado da arca da aliança como uma testemunha de Deus. (2) Muitos escritores do AT se referiram a porções de Êxodo como a “lei de Moisés” ([Jo 8.31](#); [Mt 4.4](#)). O NT, incluindo o testemunho de Jesus, chama Moisés de autor ([Mc 7.10](#); [12.26](#); [Jo 1.45](#); [7.19](#)).

Várias outras teorias sobre a origem de Êxodo foram propostas. Alguns estudiosos creditam Moisés com a autoria de quase todo o livro. Um escritor afirma que Moisés era um desconhecido xequê do deserto que nunca sequer conheceu os israelitas. Alguns críticos pensam que detectam no livro vários documentos de vários períodos na história de Israel que foram finalmente reunidos por um editor séculos após a morte de Moisés. Outros isolaram várias formas literárias, como o “Cantares de Moisés” ([Êx 15](#)), e traçaram seu desenvolvimento. Outra interpretação diz que a história do Êxodo foi passada de boca em boca por muitas gerações antes de ser escrita.

Embora tais teorias sejam sustentadas por estudiosos bíblicos, elas negam o que o texto do livro afirma repetidamente: que Moisés escreveu Êxodo. O livro de Êxodo contém evidências de ter sido escrito por uma testemunha. Apenas tal

pessoa se lembraria, por exemplo, que havia 12 fontes e 70 palmeiras em Elim ([Êx 15.27](#)). O autor mostra um conhecimento completo da vida, costumes e linguagem da corte egípcia. Alguns dos materiais usados para construir o tabernáculo, como madeira de acácia para seus móveis ([25.10](#)) e couro fino (possivelmente peles de grandes animais marinhos) para a cobertura externa (v. [5](#)), são encontrados no Egito e na Península do Sinai, mas não na Palestina. O livro parece assim ter tido um cenário no deserto.

Moisés não foi apenas comissionado por Deus para escrever o livro de Êxodo, mas ele também era bem qualificado. Ele foi “instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e ele era poderoso em suas palavras e atos” ([At 7.22](#), ARA). Além disso, os 40 anos gastos no deserto de Midiã e Sinai lhe deram um conhecimento completo da geografia e da vida selvagem das regiões através das quais os israelitas viajaram. Os eventos do Êxodo — libertação dos egípcios e a entrega da lei por Deus — foram tão centrais para a história de Israel que Moisés tomou precaução especial para preservar o registro para que pudesse ser passado às gerações seguintes.

Data

Se alguém aceitar a visão tradicional de que Moisés escreveu Êxodo, então o livro deve ser datado no tempo de Moisés. Duas datas são geralmente sugeridas para o êxodo do Egito.

A visão “Data tardia”

Esta visão diz que o faraó que oprimiu os israelitas era Seti I (Sethos, ca. 1304–1290 a.C.) e o faraó do êxodo era Ramsés II (ca. 1290–1224 a.C.). O êxodo teria assim ocorrido em 1290, e a conquista de Canaã teria começado em 1250. Há dois argumentos principais para esta visão: (1) De acordo com [Êx 1.11](#), os israelitas foram forçados a construir a cidade-armazém de Ramsés; portanto, Ramsés II deve ter governado na época. Mas a cidade de Ramsés poderia ter existido mais cedo sob um nome diferente e então foi renomeada após Ramsés II quando ele a reconstruiu. Ou poderia ter havido um monarca anterior chamado Ramsés que comissionou sua construção. (2) Há evidências arqueológicas de movimentos de pessoas e destruição generalizada em Canaã por volta de 1250 a.C. Se esta destruição fosse causada pela conquista hebraica sob Josué, colocaria o êxodo por volta de 1290. Mas poderia ter facilmente sido o resultado da turbulência social e anarquia no

período dos juízes israelitas, ou das atividades militares dos povos vizinhos.

A visão “Data inicial”

Esta visão diz que o faraó da opressão era Tutmés III (ca. 1504–1450 a.C.) e o faraó do êxodo era Amenófis II (ca. 1450–1424 a.C.). Assim, o êxodo teria ocorrido por volta de 1440, e a conquista teria começado por volta de 1400. Três principais argumentos apoiam essa visão: (1) Se o quarto ano do rei Salomão fosse 966 a.C., então os 480 anos de [1Rs 6.1](#) colocariam o êxodo em 1446. (2) Se o tempo de Jefté fosse 1100 a.C., então os 300 anos de [Jz 11.26](#) datariam a conquista em 1400. (3) A data tardia não deixaria tempo suficiente para o período dos juízes, que a maioria das cronologias indica que durou entre 300 e 400 anos. Com base em tais referências bíblicas à data do Êxodo, a data inicial parece preferível.

Contexto

Alguns eventos no Egito durante o período coberto pelo livro de Êxodo lançaram luz adicional sobre o registro bíblico. [Êx 12.40](#) registra que os israelitas viveram no Egito por 430 anos. Isso colocaria o assentamento de Jacó e sua família em Gósen ([Gn 47.4.11](#)) por volta de 1870 a.C., durante a poderosa 12ª dinastia do Reino do Meio do Egito. Por volta da virada do século, duas dinastias mais fracas se seguiram. Os invasores semitas da Ásia começaram a se infiltrar no norte (ou Inferior) do Egito. Esses estranhos, conhecidos como hicsos, foram capazes de deslocar a dinastia nativa com seu próprio rei por volta de 1730. Esse era o “novo rei” que “não conhecia José” ([Êx 1.8](#)). Sendo eles mesmos estrangeiros, eles estavam naturalmente interessados sobre os israelitas, que eram muitos e poderosos demais para eles (v. [9](#)). A escravidão era a solução mais fácil para o problema dos israelitas. Os reis hicsos poderiam usar a nova fonte de trabalho para ampliar Ramessés, naquela época a capital do Baixo Egito.

Apenas por volta de 1580 a.C. foram os egípcios, liderados por Ahmose, capazes de expulsar os hicsos e restabelecer uma linha egípcia de reis. Porque os israelitas ainda estavam se multiplicando, apesar de seu trabalho duro, os faraós da 18ª dinastia continuaram sua escravidão e decretaram que todos os filhos homens deveriam ser mortos. Quando Moisés nasceu (ca. 1560 a.C.), esse édito ainda estava em efeito. Tutmés I (1539–1514), o grande construtor do império e terceiro dessa dinastia, era faraó.

O único herdeiro legal sobrevivente de Tutmés I foi uma filha, Hatshepsut. Seu marido assumiu o nome Tutmés II (1514–1504). Quando ele morreu, outro dos descendentes do faraó foi nomeado o sucessor — Tutmés III (1504–1450), que tinha dez anos na época. Hatshepsut tomou o reino do jovem governante e o controlou por 22 anos (1503–1482). Uma mulher de vontade tão forte poderia ter a coragem de desobedecer ao comando de seu pai salvando a vida de um bebê hebreu e criando-o no palácio em Tebas.

Hatshepsut, que continuou a governar apesar da coroação de Tutmés III, possivelmente destinado a Moisés ter o trono, ou pelo menos uma posição alta no reino. Tutmés III, uma vez que ele tinha pleno poder após a morte de Hatshepsut, teria estado ansioso para acabar com Moisés. A fuga apressada de Moisés para o deserto após matar o superintendente se encaixa bem com tais possibilidades históricas. A morte de Tutmés III em 1450 a.C. abriu o caminho para Moisés voltar e confrontar o faraó Amenhotep II com a ordem de Deus: “Deixe meu povo ir”.

Propósito e ensino teológico

O propósito do livro de Êxodo é mostrar como a promessa de Deus a Abraão ([Gn 15.12–16](#)) foi cumprida quando o Senhor resgatou os descendentes israelitas de Abraão da escravidão egípcia. Também explica a origem do festival da Páscoa, o início da nação pelo estabelecimento de Deus de uma aliança com Israel e a entrega da lei no Monte Sinai.

O livro de Êxodo conta a história emocionante de um Deus poderoso, criador do universo, além de todas as limitações de tempo e espaço, que intervém na história em nome de um grupo impotente de escravos. Deus derrota o governante do maior império na terra e então leva seu povo oprimido dessa terra para a liberdade. Êxodo é a história de uma única família que providencialmente cresce e se transforma em uma multidão. Através da aliança de Deus, uma nação é formada, e através de sua lei, a nação recebe estabilidade e é separada de todos os seus vizinhos. O livro de Êxodo fala de um homem incomum, com 80 anos de preparação sendo divididos entre o palácio de um rei e o pasto de um sacerdote nômade. Moisés é um líder relutante, mas ele desafia o faraó, fala com Deus face a face, e escreve quase um quarto das Escrituras hebraicas.

O Deus de Êxodo é fiel. Ele faz promessas e as mantém. [Gn 15.13–16](#) registra uma profecia

incrível: “Então o Senhor disse a Abrão: ‘Saiba com certeza que seus descendentes serão estrangeiros em uma terra que não é deles, e serão escravos lá, e eles serão oprimidos por quatrocentos anos; mas trarei julgamento sobre a nação a qual eles servem, e depois sairão com grandes posses. . . E eles voltarão aqui na quarta geração’ ” (ARA). Em resposta a esta promessa, José, “no final de sua vida, fez menção do êxodo dos israelitas e deu instruções sobre seu sepultamento” (Hb 11.22, NTLH).

Essa promessa fornece um pano de fundo para o drama da redenção no qual o livro de Êxodo se concentra. A redenção pode ser definida como “libertação do poder de um domínio estrangeiro, e prazer da liberdade resultante”. Fala de um libertador e o que ele faz para alcançar a libertação. O livro de Êxodo está cheio do vocabulário da redenção. Fala do Deus que “se lembra” de sua promessa aos patriarcas hebreus (Êx 2.24; 6.5). Deus “desce para livrar” os israelitas (3.8), ou “salvá-los” (14.30; 15.2), a fim de “trazê-los” da terra do Egito (3.10–12). A redenção envolve esses aspectos:

1. O Senhor é o autor da redenção. Em Êxodo 6.1–8, quando Deus respondeu à oração de Moisés para libertar seu povo, ele usou o pronome “Eu” 18 vezes para enfatizar que ele era o iniciador da ação. Os descendentes hebreus de Abraão haviam conhecido Deus principalmente pelo nome hebraico “El”, um título comum no antigo Oriente Próximo para a divindade suprema. Mas em Êxodo, Israel aprendeu que Deus é “Jeová” ou “Yahweh”. Esse é seu nome pessoal, um lembrete de que ele é o Deus da aliança que pessoalmente se importa com o bem-estar de seu povo. Em Êxodo 3.14, Deus disse a Moisés: “Eu sou quem sou” ou “Eu serei quem serei”. Alguns estudiosos pensam que a declaração mostra que o nome Yahweh vem do verbo hebraico “ser”. Em qualquer caso, o conceito de “nome” na cultura hebraica é sinônimo de “caráter”. Conhecer o nome de Deus é conhecer algo de seu caráter. Israel conhecia Deus como aquele que é eternamente autoexistente, mas presente com eles onde quer que fossem, agindo em seu nome (Êx 3.12; 33.14–16).

2. A razão para a redenção era a promessa de Deus aos antepassados dos israelitas. Quando Deus ouviu o gemido do povo de Israel, ele se lembrou de sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó (Êx 2.24; cp. 6.5). Em resposta a sua necessidade, ele selecionou um agente de redenção, o relutante Moisés. Moisés esgotou todos os possíveis

pretextos, mas Deus não aceitaria um não como uma resposta. Moisés é um exemplo vívido de como Deus prepara, capacita e sustenta seus servos escolhidos, usando-os para realizar seu propósito.

3. O motivo da redenção era a graça e amor de Deus (Êx 15.13; 20.6; 34.6–7). O propósito da redenção era que Israel e os egípcios pudessem conhecer a Deus (6.7; 7.5; 8.10; 14.18). O Senhor trabalhou para que todos os que estavam envolvidos — Moisés, os israelitas, Faraó e os egípcios — tivessem certeza de que Ele, somente é Deus. A compreensão hebraica do conhecimento não é somente intelectual, mas orientada pela experiência. A resposta desejada à ação de Deus não é mera presença mental, mas também fé e obediência.

4. A redenção é alcançada no Êxodo por milagres (4.21) — todos os processos naturais controlados sobrenaturalmente por Deus. Eles são descritos de várias maneiras como sinais e maravilhas (7.3), grandes atos de julgamento (6.6; 7.4) e “o dedo de Deus” (8.19). Tais milagres não eram fogos de artifício frívolos, mas obras propositais de Deus. Alguns dos milagres provam que Moisés foi enviado por Deus. As pragas milagrosas provaram que Deus é supremo, pois cada um deles era um desafio direto a um dos deuses ou deusas do Egito: Osíris, o deus do rio, Hequete, a deusa sapo, Ra (Re), o deus sol, Hator a deusa gado. Os milagres no deserto provaram que Deus cumpre todas as necessidades de seu povo.

5. O faraó era o vilão — uma imagem da humanidade rebelde confrontada pelo comando de Deus (Êx 4.21–23). Dez vezes o faraó endureceu seu coração. No entanto, de certo modo, foi Deus quem endureceu o coração do faraó, influenciando a decisão do rei de desafiá-lo.

6. A Páscoa marcou a compra da redenção (Êx 12.23–27; 15.16). Era um exemplo claro de salvação por substituição. Quando o anjo da morte viu o sangue nos umbrais das portas e nas traves de madeira, ele passou por cima.

7. Os destinatários da redenção de Deus em Êxodo eram os israelitas. Deus os tomou como seu próprio povo especial (6.7), e eles não eram mais livres para fazer o que quisessem. Mesmo antes do êxodo, ele havia os reivindicado, dizendo a Faraó: “Israel é meu filho primogênito, e eu digo a vocês: ‘Deixe meu filho ir para que ele me sirva’ (4.22–23, ARA).

8. A demanda de redenção era obediência. Com base em sua libertação dos israelitas da escravidão, Deus estabeleceu os Dez Mandamentos (20.1–17) e

o resto da lei para que eles obedecessem. As pessoas, embora rápidas em prometer sua obediência (19.8; 24.3), foram ainda mais rápidas em desobedecer (32.8). Porque o Senhor é santo e quer que seu povo seja santo e totalmente dedicado (34.14), ele deve punir a iniquidade. Mas sendo compassivo, ele também perdoa. Ao longo dos séculos da história de Israel, Deus suplicou ao seu povo através dos profetas para se lembrar do êxodo e se arrepender (veja [Mq 6.3-4](#)). Os fiéis responderam em gratidão com o “cântico da redenção” de Moisés ([Êx 15](#); cp. [Ap 15.3-4](#)).

Conteúdo

O livro de Êxodo pode ser dividido em quatro seções, cada uma descrevendo um aspecto dos relacionamentos de Deus com os israelitas durante o século 15 a.C.

A Revelação de Deus (Êx 1-6)

O livro de Êxodo começa com os 70 descendentes de Jacó que se juntaram a José no Egito pela a duração de um período de fome que estava afligindo sua terra (cp. [Gn 46-50](#)). Após mais de um século de prosperidade para os israelitas na terra de Gosén, uma nova dinastia é estabelecida no Egito onde os líderes não são amigáveis em relação a Israel. Para conter o rápido crescimento do povo hebreu, os egípcios os forçam a trabalho duro, construindo cidades de armazenamento para o faraó.

Um comando adicional exige que todos os filhos homens israelitas sejam mortos no nascimento. Os superintendentes das parteiras não obedecem, no entanto, e Deus as recompensa — não para mostrar sua aprovação de sua mentira, mas porque elas temem e obedecem a Deus em vez do que ao faraó. Um novo comando pede que todos os bebês israelitas homens sejam afogados no rio Nilo. Uma criança especial, que escapa quando a filha de Faraó tem seu cesto pescado do Nilo, é Moisés. Ironicamente, a mãe de Moisés é paga pela princesa para criar seu próprio filho, que cresce no palácio como o filho adotivo da princesa.

Como adulto, Moisés escolhe se identificar com seus parentes hebreus, um tributo à instrução inicial dada a ele por seus pais piedosos (veja [Hb 11.24-26](#)). Ele sai para libertar Israel dos egípcios, um homem de cada vez. Mas ele tem que fugir para Midiã, na borda leste da Península do Sinai ou na Arábia além do topo norte do Golfo de Áqaba. Moisés se casa na casa de Jetro, também chamado de Reuel. Reuel (“amigo de Deus”) é provavelmente

o nome pessoal do homem, e Jetro (“excelência”) seu título. Jetro é chamado de “sacerdote de Midiã” ([Êx 2.16](#)). Alguns estudiosos sugerem que Moisés aprendeu sobre Yahweh de Jetro e posteriormente ensinou esta religião aos israelitas — uma teoria conhecida como a “hipótese queneita”. Porém, a Bíblia apresenta visões diferentes: Moisés e os israelitas já sabiam sobre Deus antes de deixarem o Egito ([Êx 1.21](#); [At 7.24-25](#)), e Deus pessoalmente revelou seu nome, Yahweh, para Moisés na sarça ardente ([Êx 3.14-15](#)). Jetro parece acreditar apenas depois que ele vê que Deus resgatou Israel dos egípcios ([18.10-11](#)).

Enquanto seu futuro libertador está em Midiã, os israelitas continuam a ser oprimidos e clamam a Deus em sua miséria ([2.23-25](#)). Deus responde descendo a seu povo. Ele veio para resgatar Israel ([3.8](#)). Ele aparece a Moisés em uma sarça ardente e se identifica como o mesmo Deus que prometeu aos patriarcas uma terra da qual “flui leite e mel” ([3.17](#)). Moisés levará os israelitas para lá, ajudado por seu irmão, Arão.

Assegurado de que a presença de Deus e os sinais milagrosos o acompanham, Moisés toma sua esposa Zípora e seus dois filhos e parte para o Egito. No caminho, o Senhor o encontra e busca colocá-lo à morte ([4.24](#)). Essa é provavelmente a maneira hebraica de dizer que Deus o atinge com uma doença mortal. Moisés, que vai libertar o povo de Deus, negligenciou o sinal da aliança ao falhar em circuncidar um de seus filhos ([Gn 17.14](#)). Moisés se recupera após o rito ser realizado e continua para o Egito, encontrando Arão no Monte Sinai. Sua recepção pelos israelitas é mais cordial do que a de Faraó, que se nega a honrar o Deus que enviou Moisés. Em vez de libertar os israelitas para oferecer sacrifícios a seu Deus no deserto, ele aumenta seus fardos. O povo se queixa com Moisés, e Moisés se queixa com Deus. Deus aparece novamente a Moisés ([Êx 6](#)), reafirmando que Israel será liberto pelo poder divino. O plano de Deus não é um fracasso — ele está apenas começando a colocá-lo em ação.

A Libertação de Deus (Êx 7-19)

Os capítulos [7-12](#) registram dez pragas com as quais Deus aflige os egípcios. Mesmo antes do primeiro deles, o faraó endureceu seu coração para desafiar a Deus ([7.13](#)). Há três ciclos de três pragas cada:

As primeiras três pragas afetam tanto os egípcios quanto os israelitas; os israelitas são protegidos das seis finais. Os mágicos egípcios são capazes de

duplicar as duas primeiras pragas, mas quando a terceira ataca, eles admitem: “Este é o dedo de Deus” (8.19). Porém, em cada ocasião, ou Moisés rejeita a oferta que é incompleta, ou faraó termina a negociação sem fazer o que Moisés pediu (8.25-29; 10.8-11,24-29). As primeiras pragas são meramente desagradáveis, mas as finais são destrutivas e infligem muito sofrimento. Uma vez muitas das pragas são comuns a essa área, elas mesmas não são milagrosas. O milagre é como os fenômenos são multiplicados e limitados à terra do Egito.

As nove pragas servem para endurecer ainda mais o coração do faraó, então Deus prepara um golpe final. A morte de cada macho primogênito, entre animais e humanos, será o golpe fatal. Deus adverte os israelitas a se prepararem para sair. Para evitar o anjo da morte, eles devem colocar sangue de um cordeiro ou cabrito macho de um ano, sem defeito, em suas portas. Enquanto eles estão comendo a refeição da Páscoa, o anjo da morte começa a se mover pela terra do Egito. Na angústia, o faraó expulsa os israelitas da terra; os escravos estão finalmente livres. Assim como ele prometeu, o Senhor vai diante dos filhos de Israel em uma coluna de nuvem de dia e de fogo à noite.

Mas mais uma vez o coração do faraó é endurecido e ele vêm em perseguição. Deus divide as águas do mar com um grande vento. O significado literal do nome dado que corpo de água é “mar de juncos”. Poderia se referir a qualquer linha costeira onde a água é suficientemente rasa para que tais plantas cresçam (veja 1Rs 9.26, onde o mesmo termo se refere ao Golfo de Áqaba perto de Elote). Seja qual for o local, Deus entrega aos egípcios sua derrota final. O resgate está completo.

Moisés e os israelitas respondem com fé renovada no Senhor e com um cântico de vitória e louvor (Êx 14.31-15.21). Em breve, no entanto, a ação de graças se transforma em murmuração por causa da água amarga (15.22-26), falta de carne e pão (16.1-15) e falta de água (17.1-7). Em cada situação, Deus providencia para a sua necessidade. Ele também lhes dá vitória sobre os amalequitas (vv. 8-16). Quando os israelitas se aproximam do Monte Sinai, a família de Moisés se reúne a ele, acompanhada por Jetro. Jetro agora confessa sua fé no Deus dos israelitas e compartilha de uma refeição de comunhão com os líderes. Ele também assiste Moisés ao reorganizar o sistema judicial, então retorna para Midiã (capítulo 18).

Os israelitas chegam ao Monte Sinai, também chamado de Horebe (3.1), e se preparam para

encontrar o Senhor que os resgatou em cumprimento de sua promessa a Moisés (v. 12). O Senhor estabelece sua aliança com Israel, tomando-os como sua própria posse, “um reino de sacerdotes, minha nação santa”. Eles respondem rapidamente: “Certamente faremos tudo o que o Senhor nos pedir” (19.5-8, NTLH).

A Instrução de Deus (Êx 20-24)

O Deus que redime um povo, que literalmente “os compra de volta da escravidão”, tem o direito de fazer certas demandas deles. Os mandamentos que Deus dá a Israel no Sinai não são requisitos pesados, mas diretrizes protetoras para viver como o povo de Deus (20.2-3).

A Lei (ou Torá, que significa “instrução”) revelada no Sinai consiste em três partes:

1. Os Dez Mandamentos (capítulo 20), abordando o relacionamento de uma pessoa com Deus e outras pessoas. Com base na natureza de Deus (e, portanto, permanente), os Dez Mandamentos são únicos na história das nações.
2. Os julgamentos (capítulos 21-23), regulamentos sociais para governar o povo como uma teocracia, semelhante de muitas maneiras aos códigos de lei dos vizinhos de Israel.
3. Ordenanças (capítulos 24-31) regulando cerimônias religiosas.

Todas as leis são dadas a Moisés durante as semanas que ele passa com Deus no monte.

Os Dez Mandamentos formam a base de todas as outras leis em Israel (20.1-17). Os primeiros cinco lidam com honrar o Senhor, os segundos cinco com respeitar o próximo. O último mandamento lida com os pensamentos e intenções, em vez de ações específicas. Assim, forma uma proteção contra todos os pecados não incluídos nos primeiros nove.

Os julgamentos registrados nos capítulos 21-23 lidam com relacionamentos senhor-escravo (21.1-11), ofensas puníveis com a morte (vv. 12-17), compensação por lesão a pessoas ou danos à propriedade (21.18-22.15), vários relacionamentos interpessoais (22.16-23.9) e sábados, festas e a oferta das primícias (23.10-19). Muitos dos julgamentos não entrariam em vigor até que Israel se estabelecesse na Terra Prometida. Assim, essa seção da Lei se encerra com uma advertência solene contra ser rebelde e adotar caminhos pagãos. Também contém uma promessa brilhante de que Deus expulsará os inimigos de Israel, protegerá seu povo da doença e concederá

prosperidade, se eles obedecerem aos mandamentos do Senhor ([23.22, 25-27](#)).

[Êxodo 24](#) registra uma reafirmação da aliança entre Deus e Israel, enquanto Moisés a sela com o sangue de um sacrifício. Em resposta, Deus aparece aos líderes do povo, dando-lhes um vislumbre de seu esplendor. Então Moisés sobe o monte mais uma vez para receber as tábuas de pedra contendo os mandamentos, bem como instruções adicionais sobre a tenda do encontro (tabernáculo), o sacerdócio e a adoração.

A presença de Deus com seu povo (Êx 25-40)

Antes do Senhor redimir os israelitas, ele disse a Moisés: “Eu farei de você meu próprio povo especial, e eu serei seu Deus. E vocês saberão que eu sou o Senhor, seu Deus, que os resgatou de sua escravidão no Egito” ([6.7](#), NTLH). Moisés havia visto essa promessa maravilhosa ser cumprida, mas um passo adicional permaneceu: “Eu quero que o povo de Israel me construa uma residência sagrada onde eu possa viver entre eles” ([25.8](#)). A habitação de Deus entre seu povo é possível porque Deus havia descido para libertar o povo e porque eles haviam se comprometido a atender às suas demandas. Deus pede uma contribuição de todos os corações que estavam dispostos a dar, e ele mostra a Moisés um padrão detalhado do tabernáculo e suas mobílias. Arão e seus filhos são separados para servir na tenda. As estipulações para as várias ofertas, incluindo o Dia da Expição, são dadas. Deus diz a Moisés que ele escolheu Bezalel e Ooliabe para construir o tabernáculo e criar suas mobílias, tendo os enchido de seu Espírito.

Enquanto isso, os israelitas, que tão recentemente prometeu obediência total, ficam impacientes enquanto Moisés permanece por 40 dias no monte. Eles exigem que Arão faça um ídolo para eles. Sob pressão, Arão obedece e forma um bezerro de fundição, uma representação de uma divindade pagã ([32.4](#)).

O Senhor informa a Moisés da idolatria, folia e imoralidade do povo e diz que ele está zangado o suficiente para destruir todos eles e começar novamente com a prole de Moisés. Moisés implora por Israel até que o Senhor se arrependa, então desce do monte para punir o povo. Moisés implora novamente por perdão por Israel, e Deus em misericórdia perdoa seu pecado terrível ([34.8-10](#)).

Uma vez mais Deus se oferece para fazer uma aliança com seu povo ([34.10](#)). Moisés passa outros

40 dias com o Senhor, escrevendo os mandamentos em tábuas para substituir aqueles que foram esmagados quando ele viu o bezerro de ouro. Quando ele retorna para o povo, seu rosto brilha de estar na presença de Deus, e ele deve mantê-lo coberto.

Agora que Israel foi restaurado a favor de Deus, a construção do tabernáculo pode começar. As contribuições são tão generosas que Moisés deve conter o povo de trazer mais. Finalmente, tudo está pronto. Moisés examina o tabernáculo, e é erguido no primeiro dia do primeiro mês, quase um ano após a primeira Páscoa. Os sacerdotes são consagrados, as lâmpadas são acesas e o primeiro sacrifício queimado é oferecido. Uma nuvem desce, enchendo o tabernáculo com a glória do Senhor. Deus habita entre seu povo, o objetivo da redenção foi alcançado, e o drama do livro de Êxodo chegou ao fim.

Veja também Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Egito, egípcio; O Êxodo; Festas e Festivais de Israel; História de Israel; Moisés; Pragas do Egito; Tabernáculo; Templo; Os dez mandamentos.

Livro de Habacuque

O oitavo livro dos profetas menores no Antigo Testamento.

Resumo

- Quem escreveu o livro de Habacuque?
- Quando o livro de Habacuque foi escrito?
- Qual é o contexto do livro de Habacuque?
- Por que o livro de Habacuque foi escrito? O que ele ensina sobre Deus?
- Qual é a mensagem do livro de Habacuque?

Quem escreveu o livro de Habacuque?

Sabemos muito pouco sobre Habacuque, exceto o que aprendemos com o próprio livro de Habacuque. O livro o chama de profeta ([Hc 1.1; 3.1](#)). Um profeta era alguém que transmitia as mensagens de Deus ao povo de Israel.

A oração do capítulo [3](#) inclui várias notas sobre música ([Hc 3.1,3,9,13,19](#)). Essas notas musicais sugerem que Habacuque pode ter contribuído com a música no templo. Se isso for verdade, ele pode ter pertencido a uma das famílias levitas

(sacerdotes que serviam no templo). Um livro apócrifo chamado Bel e o dragão menciona Habacuque como “o filho de Jesus da tribo de Levi”, o que pode apoiar essa ideia.

O livro nos mostra que Habacuque se importava profundamente com o certo e o errado. Ele estava perturbado pelas injustiças que ocorriam em sua sociedade.

Quando o livro de Habacuque foi escrito?

Não podemos ter certeza exata de quando Habacuque escreveu seu livro, mas o texto nos dá algumas pistas. Em [Habacuque 1.5-6](#), Habacuque fala sobre Deus “levantando” os caldeus. Os caldeus eram grupos de tribos que viviam em parte do império assírio. Eles frequentemente causavam problemas para seus governantes assírios.

Em 625 a.C., os caldeus se rebelaram com sucesso contra o controle assírio. Seu líder, Nabopolassar, tornou-se rei e governou de 625 a 605 a.C. Os caldeus então assumiram o controle de toda a Babilônia e começaram a expandir seu território.

Muitos estudiosos acreditam que Habacuque escreveu sua profecia pouco antes de 625, durante o reinado do rei Josias (que governou de 640 a 609 a.C.). No entanto, [Habacuque 1.6](#) pode estar se referindo a um período posterior, quando os caldeus já eram conhecidos por serem guerreiros ferozes. Habacuque descreve os caldeus como marchando pelo mundo para conquistá-lo ([1.6-8](#)). Sua reputação de força militar se encaixa melhor com o período após a batalha de Carquemis em 605 a.C.. Nesta batalha, o rei Nabucodonosor II derrotou o Egito e fez da Babilônia uma importante potência mundial. Sua reputação também pode vir de quando capturaram a cidade de Nínive em 612 a.C..

Os problemas sociais que Habacuque descreve parecem coincidir com o final do reinado do rei Josias. Mesmo que Josias tenha feito muitas reformas religiosas após encontrar o livro da lei no templo ([2Rs 22.8](#)), Habacuque diz que a sociedade estava cheia de “destruição e violência” ([Hc 1.3](#)). Os tribunais eram injustos, e as pessoas boas estavam sendo maltratadas (versículo [4](#)).

Como Habacuque pode ter falado sobre problemas no mundo todo, não apenas em Judá, seu ministério provavelmente começou entre 612 e 605 a.C. Ele provavelmente continuou pregando durante o reinado do rei Jeoaquim, que governou de 609 a 598 a.C.

Qual é o contexto do livro de Habacuque?

O período após a morte do rei Josias foi um dos mais difíceis na história de Judá. Em 612 a.C., os babilônios destruíram a cidade assíria de Nínive. Em dois anos, eles eliminaram todo o domínio assírio restante na região da Mesopotâmia.

O Egito, que havia sido amigável com a Assíria, tentou tomar o controle das partes ocidentais do antigo império assírio. Os egípcios marcharam para Carquemis, uma cidade importante no Rio Eufrates. O rei Josias tentou detê-los, mas morreu na batalha.

Os egípcios então fizeram de Jeoaquim rei em vez de Jeoaquaz, que deveria ter sido o próximo rei após Josias. Jeoaquim teve que seguir as ordens do Egito, e o povo de Judá foi obrigado a pagar pesados impostos. Durante esse período, a fé de muitas pessoas começou a enfraquecer. As reformas religiosas sob Josias não trouxeram bênçãos para a nação. Em vez disso, eles perderam sua liberdade. A sociedade mudou de relativamente estável para cheia de opressão e violência (veja [Jr 22.17](#)).

Em 604 a.C., os babilônios se moveram para a área Siro-Palestina, encontrando pouca resistência. O rei Jeoaquim transferiu sua lealdade para o rei Nabucodonosor da Babilônia, que continuou avançando para o sul. Quando o exército do faraó Neco lutou contra os babilônios, ambos os lados perderam muitos soldados, e Nabucodonosor retornou à Babilônia. Jeoaquim então mudou de lado novamente e apoiou o Egito. Em 598 a.C., os babilônios retornaram à Siro-Palestina, iniciando uma campanha que terminaria com a queda de Jerusalém em 586 a.C.

Por que o livro de Habacuque foi escrito? O que ele ensina sobre Deus?

O Livro de Habacuque nos ajuda a entender duas coisas principais:

- como o povo de Deus deve refletir sobre o mal no mundo, e
- como Deus traz justiça quando as pessoas cometem o mal.

Habacuque faz perguntas importantes sobre como Deus atua na história. Estas podem ser suas próprias perguntas ou perguntas que outras pessoas estavam fazendo. Por exemplo, ele pergunta por que Deus parece não agir enquanto o mal persiste. Deus responde que pune o mal no seu próprio tempo e à sua maneira.

O livro demonstra que o mal não prevalece para sempre. Ao longo da história, governantes e nações malignas caíram. As pessoas que confiam em Deus devem observar a história com fé, acreditando que Deus governa de maneira justa.

Embora o livro não explique por que Deus permite que o mal exista, ele ensina que as pessoas fiéis verão a obra de Deus na história através da perspectiva da fé. No capítulo 3, Habacuque observa a história e descreve como Deus ajudou seu povo.

Uma das ideias mais importantes do livro é que Deus controla tudo o que acontece. Mesmo nações que não seguem a Deus estão sob o controle Dele. Nações surgem e caem não por acaso, mas porque Deus permite que isso aconteça.

Qual é a mensagem do livro de Habacuque?

Primeira pergunta de Habacuque e a resposta de Deus (1.1-11)

O livro começa com Habacuque fazendo algumas perguntas difíceis a Deus. Ele observa muitas injustiças em sua sociedade e pergunta a Deus por quanto tempo Ele permitirá que isso continue. Muitas pessoas fazem essa mesma pergunta ao verem o mal em um mundo governado por Deus, que está no controle.

A resposta de Deus surpreendeu Habacuque. Deus disse que já estava agindo em relação ao mal no mundo. Ele estava enviando os caldeus para punir o povo de Judá. A Bíblia descreve os caldeus como um exército poderoso que destrói tudo em seu caminho (Hc 1.6-11). Esta resposta perturbou Habacuque. Ele se perguntou por que Deus usaria pessoas tão cruéis para realizar seus propósitos.

A primeira pergunta de Habacuque leva a várias outras questões. Por que Deus parece ignorar o problema do mal? Por que Deus permite que ele continue? Muitas vezes, parece que Deus não responde quando as pessoas esperam que Ele o faça.

Quando Deus responde, Ele revela que usará os babilônios para punir o mal em Judá. A oração de Habacuque foi respondida, mas não era o que ele esperava. Em vez de usar uma nação justa, Deus usaria uma nação odiada e má para corrigir os erros de Seu próprio povo. Embora isso fosse confuso para Habacuque, ele foi confortado pelo fato de que Deus ainda estava no controle da história (Hc 1.5-6). Deus governa a ascensão e

queda das nações, usando até mesmo nações más para realizar sua vontade.

Segunda pergunta de Habacuque e a resposta de Deus (1.12-2.5)

A primeira pergunta de Habacuque não foi completamente respondida pela primeira resposta de Deus. Ele aceitou que Deus estava usando os babilônios para punir os pecados de Judá (Hc 1.12). Mas ele faz outra pergunta a Deus: "Tu não podes tolerar a injustiça. Então, por que toleras os infiéis? Por que ficas em silêncio enquanto os ímpios devoram aqueles mais justos do que eles?" (Hc 1.13). Habacuque sugere que Deus vê o que os caldeus maus fazem, mas não os pune por seus erros. Habacuque ainda não consegue entender como Deus pode usar uma nação má para punir seu próprio povo.

Mas Habacuque aprendeu algo importante com a primeira resposta de Deus. Ele começou dizendo que Deus é eterno, ao contrário dos babilônios que confiavam apenas em sua força militar: "Ó Senhor, meu Deus, meu Santo? Não morreremos. Ó Senhor" (Hc 1.12). O profeta provavelmente estava pensando no versículo anterior, que contrasta a confiança dos caldeus em sua própria força militar com o Deus de Judá, que é eterno e inabalável.

O problema de Habacuque ainda não estava resolvido. Em seguida, ele descreveu os caldeus como agressivos, comparando-os a pescadores que capturam pessoas em suas redes e depois adoram suas redes (Hc 1.15-16). Ele perguntou a Deus se os caldeus continuariam a destruir outras nações (Hc 1.17).

Depois de fazer essas perguntas, Habacuque esperou pela resposta de Deus (Hc 2.1). Deus lhe disse para escrever a resposta claramente porque era importante, embora não fosse acontecer imediatamente (Hc 2.2,3).

Então, Deus deu um dos versículos mais importantes no Antigo Testamento sobre fé: "mas o justo viverá pela fé" (Hc 2.4). Este versículo tornou-se central para os ensinamentos de Paulo e a reforma protestante. Paulo citou Hc 2.4 ao discutir a justificação pela fé (Rm 1.17; Gl 3.11). Esta passagem também foi importante no livro de Hebreus do Novo Testamento (Hb 10.38-39).

No Antigo Testamento, "fé" significa "firmeza" ou "força". A palavra é usada para descrever coisas que dão forte apoio, como batentes de portas (2Rs 18.16; Is 22.23). Quando se refere a Deus, significa fidelidade ou compromisso inabalável com suas

promessas. Para as pessoas, significa confiar completamente em Deus e em suas promessas. No Antigo Testamento, fé significa confiar ativamente e seguir a Deus. Não é apenas uma ideia. Fé significa realmente se comprometer com Deus de todo o coração. Esse tipo de fé se manifesta através da confiança em Deus, em vez de seguir regras religiosas.

Em [Habacuque 2.4](#), Deus diz que as pessoas justas viverão mantendo sua confiança firme em Deus, mesmo durante tempos difíceis. Jesus compartilhou esse ensinamento em sua parábola sobre o semeador, que fala sobre sementes crescendo em diferentes tipos de solo ([Mt 13.21](#)). Tiago também escreveu sobre a importância de permanecer fiel durante tempos difíceis ([Tg 1.12](#)).

A resposta de Deus a Habacuque foi clara: Deus pune o mal, mas no seu próprio tempo e maneira. Pessoas que realmente confiam em Deus continuarão acreditando, mesmo quando o mal não é punido rapidamente. A verdadeira fé significa confiar que Deus governa o mundo da maneira correta.

Uma canção de escárnio celebrando a derrota dos caldeus ([2.6-20](#))

Após sugerir que os caldeus iriam declinar e ser derrotados, Habacuque escreve uma canção de escárnio (destinada a humilhar os caldeus) sobre o que acontecerá com eles. Suas palavras se tornaram realidade quando os medos e persas mais tarde derrotaram o império babilônico.

Em sua canção de escárnio, Habacuque diz que os "credores" da Babilônia se levantarão contra ela ([Hc 2.7](#)). Isso sugere que outras nações aparecerão de repente para destruir Babilônia. Babilônia será derrotada por causa de como tratou outras nações. [Habacuque 2.8](#) diz: "Porque você saqueou muitas nações, o restante do povo saqueará você." O princípio de justiça retributiva do Antigo Testamento ensina que a justiça de Deus se aplica a todos, não apenas aos seus seguidores.

O rei Nabucodonosor construiu muitos edifícios na Babilônia, mas Habacuque diz que até mesmo esses edifícios clamam contra a maneira cruel como foram construídos ([Hc 2.9-12](#)).

Habacuque fala contra os caldeus devido à sua extrema crueldade e ao tratamento vergonhoso dos povos cativos. Ele usa uma metáfora vívida para ilustrar isso, comparando-a a embriagar as pessoas para expor sua vergonha ([Hc 2.15](#)).

No final de sua canção, Habacuque critica os caldeus por adorarem ídolos feitos de madeira e pedra ([Hc 2.18-19](#)). Os caldeus, assim como outros povos pagãos, acreditavam que seu sucesso vinha desses ídolos. Mas, como os ídolos são impotentes para ajudá-los, Babilônia cairá.

Habacuque termina com um contraste poderoso: enquanto as pessoas adoram ídolos sem vida, o verdadeiro Deus está vivo em seu templo. Ele diz a todos para ficarem quietos e esperarem pelo julgamento de Deus. "Mas o Senhor está em Seu santo templo; cale-se diante Dele toda a terra" ([Hc 2.20](#)). Deus é real e está no controle. Habacuque instrui todos a ficarem quietos e aguardarem o julgamento de Deus.

A oração de Habacuque ([3.1-19](#))

A profecia de Habacuque termina com uma oração semelhante a alguns salmos do Antigo Testamento. Esta oração inclui um título ([Hc 3.1](#)) e várias notações musicais.

Alguns estudiosos argumentam que este capítulo pode não pertencer originalmente a Habacuque. Eles acreditam que ele pode ter sido adicionado no período pós-exílico (após o retorno dos judeus de Babilônia) porque parece diferente do restante do livro. No entanto, também é possível que o próprio profeta, ou um escriba trabalhando para ele, tenha adicionado o salmo à sua coleção de profecias. As notações musicais neste capítulo não significam que a oração teve que ser escrita em um período posterior, pois muitos salmos antigos têm notações musicais semelhantes.

A oração está em conformidade com as mensagens anteriores de Habacuque. Ela fala sobre como Deus julgará seus inimigos ([Hc 3.16](#)) e louva a Deus que está no controle ([Hc 3.3](#)). Estas são as principais ideias dos capítulos anteriores.

Esta oração demonstra o quanto a fé de Habacuque cresceu. Anteriormente, ele questionava como Deus estava agindo no mundo. Agora, após ver como Deus atua na história, sua fé se tornou forte e segura.

Veja também Habacuque (pessoa); História de Israel; Profecia; Profeta, profetisa.

Livro de Jasar

O Livro de Jasar era um antigo livro hebraico de canções que não existe mais. Provavelmente, era

uma coleção de canções que celebravam os grandes feitos dos heróis hebreus.

Referências ao Livro de Jasar no Antigo Testamento

O Antigo Testamento menciona este livro em alguns lugares. Primeiro, ele aparece quando Josué ordena que o sol e a lua parem de se mover durante sua batalha com cinco reis ([Js 10.13](#)). Segundo, é mencionado quando Davi escreve uma canção triste sobre as mortes de Saul e Jônatas ([2Sm 1.17-27](#)).

Pode haver uma terceira menção do livro no Antigo Testamento. Quando Salomão dedicou o templo, ele proferiu palavras especiais ([1Rs 8.12-13](#)). Essas palavras podem ter sido escritas no Livro de Jasar. De acordo com a Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento), o escritor de [1Rs 8.12-13](#) usa a mesma linguagem que [Js 10.12-13](#). O escritor então pergunta se as palavras de Salomão foram escritas no "Livro de Cânticos".

Alguns estudiosos acreditam em duas coisas sobre esta terceira menção.

1. Eles acreditam que a questão sobre o Livro de Cânticos pode ter sido perdida do texto hebraico ao longo do tempo. Eles pensam assim porque a citação completa aparece na tradução grega após a oração de Salomão em [1Rs 8.14-53](#).
2. Eles acreditam que algumas letras hebraicas podem ter sido trocadas. Isso explicaria por que a tradução grega diz "Cânticos" em vez de "Jasar".

Se essas ideias estiverem corretas, então as palavras de Salomão em [1Rs 8.12-13](#) teriam feito parte do Livro de Jasar.

O Livro de Cânticos

Alguns estudiosos acreditam que "Livro de Cânticos" pode, na verdade, ser o nome correto para este livro, em vez de "Livro de Jasar". Eles têm várias razões para pensar isso:

1. Todas as partes que conhecemos deste livro são poemas ou canções.
2. Os estudiosos têm encontrado dificuldade em explicar exatamente o que a palavra "Jasar" significa em hebraico.

3. A palavra "Jasar" é semelhante a várias palavras hebraicas que significam "cantar".

Devido a essas conexões, alguns estudiosos acreditam que "Livro de Cânticos" descreve melhor o conteúdo do livro do que "Livro de Jasar".

O que estava no Livro de Jasar?

Não podemos saber com certeza exatamente que tipo de livro era o Livro de Jasar. No entanto, ao observarmos as três passagens que o mencionam, podemos ver que provavelmente continha muitos tipos diferentes de canções:

- A primeira passagem mostra Josué pedindo a Deus para que o dia dure mais tempo. Ele precisava de mais luz do dia para que o povo de Israel pudesse vencer uma batalha importante.
- O segundo trecho contém a bela canção de Davi sobre Saul e Jônatas após a morte deles.
- A terceira passagem são as palavras de Salomão no templo. Nessas palavras, Salomão louva a Deus como sendo mais poderoso do que as cerimônias religiosas e o mundo natural.

Quando o Livro de Jasar foi escrito?

Sabemos ainda menos sobre quando e como o Livro de Jasar foi criado do que sabemos sobre o que ele continha. Alguns estudiosos acreditam que era uma coleção de canções de antes do tempo em que os reis governavam Israel. Alguns estudiosos pensam que era uma tradição oral da época do rei Salomão. Outros sugerem que era uma ferramenta para preservar eventos importantes na história de Israel durante o tempo em que os reis governavam Israel. Isso levou à sugestão de que o Cântico de Miriã em [Êxodo 15.21](#) e o Cântico de Débora em [Juizes 5](#) podem ter feito parte da coleção.

Muitos estão interessados no livro. Isso levou algumas pessoas a criarem cópias falsas do livro ou a reivindicarem erroneamente outros escritos como sendo parte dele.

Livro de Jeremias

O segundo livro profético na ordem dos Profetas do Antigo Testamento.

Resumo

- Autor
- Autenticidade
- O Livro de Jeremias e a Septuaginta
- Contexto
- Data
- Origem e destino
- Propósito
- Ensino
- Esboço e conteúdo

Autor

A maioria dos estudiosos concorda que o profeta de Anatote escreveu o livro de Jeremias, mas algumas questões permanecem sobre certas partes, especialmente [Jeremias 52](#). O uso da terceira pessoa não refuta a autoria de Jeremias. Jeremias usou a primeira, segunda e terceira pessoa no mesmo contexto. Por exemplo, [Jeremias 32.6-7](#) afirma: “Disse, pois, Jeremias [terceira pessoa]: Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: [primeira pessoa]... filho de Salum, teu tio, virá a ti [segunda pessoa]”.

A passagem do tempo argumenta fortemente contra Jeremias ter escrito [Jeremias 52](#). Jeremias nasceu por volta de 657 a.C.. Evil-Merodaque libertou Jeoaquim ([Jr 52.31](#)) cerca de 95 anos depois. [Jeremias 52.33](#) descreve eventos que continuam além deste período. A questão da localização também sugere que Jeremias não o escreveu, pois Jeremias viveu no Egito ([Jr 43.6-7](#)) enquanto Jeoaquim estava na Babilônia. Além disso, Jeremias termina sua escrita com [Jeremias 51](#), tornando [Jeremias 52](#) uma adição editorial. Como [Jeremias 52](#) é semelhante a [2 Reis 24.18-25.30](#), outras partes de Jeremias que se assemelham a seções de 2 Reis podem ter sido escritas por outra pessoa.

A tabela abaixo exibe essas seções e inclui passagens harmônicas em 2 Crônicas. A primeira coluna apresenta a sequência histórica em ordem

cronológica. A última coluna oferece um breve resumo do conteúdo.

Baruque trabalhou como secretário de Jeremias. O relacionamento deles durou muitos anos. O profeta encorajou e abençoou seu ajudante ([Jr 45.5](#)). De acordo com os costumes locais, o escriba poderia escrever algumas das mensagens do profeta com suas próprias palavras. Isso não negaria a inspiração divina.

Autenticidade

Muitas referências em fontes bíblicas e não bíblicas confirmam que Jeremias viveu e escreveu a maior parte do livro que leva seu nome. Exemplos incluem [Daniel 9](#), [Eclesiástico 49](#), *Antiguidades* de Josefo 10, e o Talmude: *Baba Bathra*. Livros bíblicos contemporâneos e histórias seculares da Babilônia, Egito e Pérsia confirmam a veracidade das seções históricas de Jeremias.

Alguns estudiosos tentaram desacreditar as partes de Jeremias que não foram incluídas na Septuaginta. Eles atribuíram algumas seções a escritores posteriores devido a diferenças de estilo, como [Jeremias 30-33](#), ou diferenças de ortografia, como visto em [Jeremias 27-29](#). Eles também apontaram questões linguísticas, como [Jeremias 10.11](#), que está em aramaico, possivelmente como uma nota adicionada.

Críticos também duvidaram da autoria de Jeremias porque acreditavam que algumas profecias foram escritas mais tarde do que o contexto sugere. Eles achavam que a escrita preditiva deveria ocorrer apenas após os eventos acontecerem. No entanto, essas razões não são suficientes para duvidar de sua autenticidade. O texto hebraico deve ser priorizado sobre a Septuaginta. Durante esse período, os judeus comumente interagiam com o aramaico (veja [Esdras 4-7](#); [Daniel 2-7](#)), explicando a presença do aramaico. Um escritor pode usar estilos diferentes devido a várias situações e propósitos. Baruque pode ter escrito ou editado partes deste livro. Para os crentes, previsões antes dos eventos não são problemáticas.

O Livro de Jeremias e a Septuaginta

A tradução de Jeremias na Septuaginta apresenta questões únicas que precisam de atenção. Os tradutores da Septuaginta cometeram erros, deixando de fora cerca de 2.300 palavras hebraicas. Após [Jeremias 23](#), erros, omissões e ordem misturada mostram confusão. No entanto, os Manuscritos do Mar Morto contêm textos com

ordens tanto hebraicas quanto da Septuaginta, mostrando que ambos são antigos. Ambas as versões sofreram com erros de escribas e o tempo. A Septuaginta se desvia mais do original, mas oferece pistas valiosas para resolver alguns problemas de texto. Uma mudança importante na Septuaginta é a remoção de [Jeremias 46-51](#) da ordem hebraica. Esses capítulos são colocados onde [25.13b-14](#) foi removido. Eles são renumerados [26-31](#) e estão misturados e alterados em relação à ordem do Texto Massorético Hebraico.

Contexto

Tudo que se relaciona ao contexto já foi discutido acima.

Veja Jeremias (Pessoa) #1.

Data

A ordem das mensagens de Jeremias é um grande problema que não pode ser totalmente resolvido. No entanto, o livro foi escrito durante o ministério de Jeremias, aproximadamente entre 627 e 586 a.C.

Origem e destino

Jeremias iniciou seu ministério em Anatote e depois se mudou para Jerusalém. Ele permaneceu lá até ter que se juntar aos refugiados desobedientes no Egito por volta de 584 a.C. Antes da deportação do rei Jeoaquim em 597 a.C., Jeremias falou ao rei e ao povo em Judá. Mais tarde, ele também se dirigiu aos cativos na Babilônia, como visto em [Jeremias 29](#). Após se mudar para o Egito, ele falou aos judeus lá.

Propósito

A missão de Deus para Jeremias definiu seu papel: "Hoje, estou lhe dando poder sobre nações e reinos, poder para arrancar e derrubar, para destruir e arrasar, para construir e plantar" ([Jr 1.10](#)). Jeremias, como um "governador chefe" sobre nações, deveria desafiar os sistemas religiosos e sociais existentes, pregando contra pecados morais e espirituais. A destruição física pelos egípcios, assírios e babilônios confirmou a verdade falada por Jeremias. Ele condenava consistentemente os erros morais e religiosos, instava à submissão ao castigo de Deus através da Babilônia e prometia bênçãos para aqueles que obedecessem. Quando Zedequias buscou conselho ([Jr 38.14](#)), a resposta de Jeremias foi previsível. Quando os líderes refugiados perguntaram se deveriam ir para o

Egito, a resposta já estava clara ([Jr 42.3](#)). As pessoas frequentemente rejeitavam a mensagem de Deus, fingindo buscar Sua vontade, mas sem a intenção de segui-la.

Parte do propósito de Jeremias é olhar para o futuro distante, quando a nova aliança substituirá a antiga ([Jr 31.31-37](#)). Naquele tempo, um povo transformado, focado na obediência e não no pecado, receberá o reino prometido de Deus.

Ensino

Quando uma nação peca, ela enfrenta punição. Esta verdade é muito clara. Tanto os não-judeus quanto os judeus enfrentam o mesmo julgamento porque Deus não é apenas o Deus de Israel.

Os indivíduos não são ignorados nos julgamentos divinos sobre as nações. Deus mostra a cada pessoa o caminho da vida e da morte ([Jr 21.8](#)) e exorta cada um a escolher a vida ([27.13](#)).

Jeremias destaca a pecaminosidade humana ao perguntar se as pessoas podem mudar a cor da pele ou os leopardos suas manchas ([Jr 13.23](#)). A pecaminosidade humana é profunda demais para ser medida ([Jr 17.9-10](#)). As pessoas até amam mentiras ([Jr 5.30-31](#)). No entanto, Deus promete transformar aqueles que o invocam ([Jr 33.3](#)), dando-lhes um "coração" ([24.7](#); [32.38-41](#)) como parte da nova aliança ([Jr 31.33-35](#)). O Messias, que completa a obra de salvação, é chamado de O Senhor Nossa Justiça, o Rei, um Ramo justo, Davi um Ramo justo ([Jr 23.5-6](#); [33.15-16](#)).

Uma nação futura será composta por pessoas que aceitam essa salvação. Após passarem por um período difícil, os judeus reconhecerão a verdadeira identidade de seu Messias. Eles acreditarão, aceitarão com sincero arrependimento, serão purificados e reunidos de todos os países pelo Deus todo-poderoso.

Esboço e conteúdo

Muitas pessoas não percebem uma ordem clara, mas uma leitura atenta de Jeremias revela uma organização por conteúdo. O esboço a seguir sugere isso:

1. Introdução (1)
2. Profecias contra os judeus ([2-25](#))
3. História — Eventos e dificuldades de Jeremias antes do Cerco ([26-29](#))

4. O Livro da Esperança, escrito durante o Cerco (30-33)
5. História — Eventos e dificuldades de Jeremias após o Cerco (34-45)
6. Profecias contra as nações (46-51)
7. Conclusão (52)

O profeta inicia seu ministério falando contra os pecados de Jerusalém ([Jr 2.1-3.5](#)). Ele continua com mensagens semelhantes (até [Jr 4](#)) e conclui com palavras de julgamento ([Jr 5-6](#)). A mensagem no portão do Templo ([Jr 7-10](#)) leva a uma proclamação contra aqueles que quebram a aliança ([Jr 11-13](#)). O lamento pela seca ([Jr 14](#)) e as dificuldades subsequentes ([Jr 15](#)) são semelhantes a muitas outras expressões de tristeza. Jeremias, como outros profetas, utiliza lições objetivas. Alguns exemplos incluem:

1. A faixa de linho podre ([Jr 13](#))
2. O jarro quebrado ([Jr 19](#))
3. Figos ([Jr 24](#))
4. Um jugo de boi ([Jr 27-28](#))
5. Lições objetivas humanas ([Jr 35](#))
6. O próprio profeta.

O celibato de Jeremias ([Jr 16.1-24](#)), a recusa de simpatia ([16.5-7](#)) e a evitação de festas ([16.8-9](#)) ilustram e apoiam sua mensagem.

Jeremias escolheu lugares específicos para entregar suas mensagens e deixar seu ponto claro. Ele ficou no portão público, onde os reis entravam e saíam, para anunciar que o julgamento, simbolizado pelo fogo, viria através do portão ([Jr 17.19,27; 39.3](#)). Depois, ele visitou a casa do oleiro ([Jr 18](#)) e mais tarde foi a Hinom ou Tofete, que mais tarde seria chamado de Vale da Matança ([Jr 19](#)).

Jeremias enfrentou perseguição, mencionada pela primeira vez em [Jeremias 1.8](#) e prevista em [1.19](#). Começou em sua aldeia natal ([Jr 11.19-23](#)). Seus parentes se juntaram à oposição ([Jr 12.6](#)). A oposição pública levou a espancamentos e prisão em troncos ([Jr 20.2-3](#)). Jeremias queria ficar em silêncio para evitar o sofrimento ([Jr 20.9](#)), mas sentia-se compelido a falar. Como resultado, aqueles que ele conhecia o insultaram, zombaram, aterrorizaram e acusaram, chegando até a buscar sua morte ([Jr 20.7-18](#)). Ele escapou da morte por parte de sacerdotes, profetas e pessoas graças a alguns amigos leais ([Jr 26.8-24](#)).

Quando suas profecias começaram a se cumprir, o ódio aumentou. Ele foi espancado e preso por muitos dias sob acusações falsas ([Jr 37.14-17](#)). Um breve alívio na casa da guarda ([Jr 37.21](#)) durou apenas alguns dias. Os oficiais exigiram sua morte novamente ([Jr 38.4](#)) e o colocaram em uma cisterna, onde ele afundou na lama ([38.6](#)). Seu resgate ([Jr 38.10](#)) salvou sua vida, mas ele permaneceu preso na casa da guarda ([Jr 38.28](#)). Seus escritos foram destruídos ([Jr 36.23](#)), e suas palavras foram negadas e rejeitadas ([Jr 43.1-7; 44.16](#)).

O "Livro da Esperança" ([Jr 30-33](#)) inclui algumas palavras de julgamento ([32.28-35](#)). Outras partes da profecia contêm alguns momentos positivos ([Jr 3.11-18; 16.14-16; 23.2-8; 29.10-14](#)). Em um volume geralmente sombrio, esses quatro capítulos oferecem um alívio bem-vindo. O auge da esperança, também destacado na mais longa citação do Novo Testamento de Jeremias (veja [Hb 8.8-12](#)), prediz uma nova aliança ([Jr 31.31-40](#)). Outras profecias também descrevem o fim da lei e dos rituais mosaicos (e.g., [Jr 3.16](#)) e a nova aliança ([Jr 32.40; 33.19-26](#)).

Sabemos pouco sobre as ações ou mensagens de Jeremias entre 594 e 589 a.C. Os conselheiros de Zedequias planejaram secretamente se libertar da Babilônia formando alianças com nações vizinhas. Um traidor, possivelmente de Edom, pode ter informado a Babilônia sobre a conspiração. Após o ataque da Babilônia, Zedequias pediu a Jeremias uma mensagem de esperança, mas não recebeu nenhuma.

A fidelidade dos recabitas ao voto nazireu ([Jr 35](#)) começou durante o tempo de Jeoaquim, mas serve como uma lição durante o cerco. Os recabitas obedeceram a uma ordem humana, enquanto os judeus rejeitaram uma ordem divina. Os recabitas serão abençoados ([Jr 35.18-19](#)), mas Judá será julgado ([Jr 35.15-17](#)). A leitura do rolo por Jeoaquim e sua rejeição desdenhosa dele ([Jr 36](#)) mostra a afirmação profética ([35.15](#)) de que a destruição vem após a rejeição da mensagem de Deus através dos profetas.

[Jeremias 37](#) destaca o cerco com outra pergunta de Zedequias. [Jeremias 35-36](#) estão fora de ordem e servem como exemplo. [Jeremias 37.11](#) descreve o momento em que o cerco foi levantado em 589 a.C., quando Nabucodonosor forçou o exército do Faraó Hofra a voltar para o Egito. Durante essa pausa, Jeremias tentou participar de uma reunião familiar perto de Anatote para resolver questões familiares. Esta viagem pode ter sido para iniciar uma compra

de terras feita dois anos depois ([Jr 32.6-15](#)). No entanto, ao sair da cidade, as autoridades o prenderam por supostamente desertar para os babilônios e o encarceraram em uma masmorra até que Zedequias lhe concedeu condição especial de prisioneiro.

Os oficiais do rei tinham uma forte razão para acusar Jeremias de rebelião. Jeremias havia encorajado soldados a deixarem o exército ([Jr 21.9; 38.2](#)). Eles acreditavam que traidores mereciam a morte, então achavam que Jeremias também merecia morrer ([Jr 38.4-5](#)). A violência daquela época levou os oficiais a escolherem um método cruel de execução: deixar Jeremias morrer de fome e afundar na lama no fundo de uma cisterna antiga. Um etíope bondoso chamado Ebede-Meleque o resgatou. Logo depois, Jeremias falou novamente suas profecias de julgamento, incluindo uma mensagem ao rei que refletia sua própria provação recente: "Os teus pacificadores te incitaram e prevaleceram contra ti; e, agora, que se atolaram os teus pés na lama, eles voltaram atrás" ([Jr 38.22](#)).

[Jeremias 39.1-43.7](#) descreve eventos desde a queda de Jerusalém em 586 a.C. até a fuga para o Egito. Inclui:

- A libertação de Jeremias ([Jr 39](#))
- A nomeação e o assassinato de Gedalias ([Jr 40-41](#))
- Um aviso de Deus para não ir ao Egito ([Jr 42](#))
- A teimosa desobediência do povo ([Jr 43.1-7](#))

Os escritos mais recentes de Jeremias estão em [Jeremias 44](#). O público incluía judeus idólatras ([Jr 44.4-6](#)) de várias partes do Egito, chegando até Assuã (Patros). Jeremias repetiu o apelo de profetas anteriores para rejeitar falsos deuses e escolher Jeová, mas o povo não ouviu ([Jr 44.15-16](#)).

A mensagem para Baruque ([Jr 45](#)), escrita por volta de 605 a.C., está incluída aqui para completar a parte principal do livro. Esta seção começa com a tarefa de "derrubar" e "desarraigar" ([Jr 1.10](#)) e termina com as mesmas palavras hebraicas ([45.4](#)). Se Baruque queria ganhar status na corte judaica como seu irmão Seraías ([Jr 51.59](#)), foi aconselhado que seria inútil, pois o desastre estava por vir, como mostram os capítulos anteriores.

Os oráculos contra as nações ([Jr 46-51](#)), introduzidos por um título de superscrição ([46.1](#)),

formam um estilo único semelhante a [Isaías 13-23](#), [Ezequiel 25-32](#) e [Amós 1.3-2.16](#).

Algumas profecias contra nações estrangeiras em Jeremias têm datas. Essas datas indicam que foram escritas em momentos diferentes durante seu ministério, mas foram posteriormente reunidas no livro.

A profecia contra o Egito começa com uma descrição vívida da expulsão do Egito de Carquemis em 605 a.C. após uma breve ocupação ([Jr 46.1-12](#)). A segunda mensagem ([Jr 46.13-26](#)) pode descrever

1. O ataque ao Egito em 601 a.C., quando Neco deteve Nabucodonosor na fronteira
2. O ataque em 589 a.C., quando Hofra falhou em ajudar Zedequias

Ou, mais provavelmente:

1. A invasão do Egito por Nabucodonosor em 568 a.C. ocorreu quando a Babilônia explorou a fraqueza do Egito para assumir o controle

Nessa época, Nabucodonosor estabeleceu seu trono de julgamento conforme previsto ([Jr 43.10](#)) e emitiu sentenças de morte para todos os rebeldes, incluindo judeus envolvidos em conspirações antibabilônicas. A conclusão do oráculo do Egito ecoa parte do Livro da Esperança ([Jr 46.27-28](#), veja também [30.10-11](#)).

As mensagens contra Edom, Arábia, as cidades fenícias e Amom geralmente condenam o orgulho, a crueldade e a idolatria. O oráculo contra Elão é único. Nenhum outro profeta fala de julgamento contra esse povo, que vivia a leste da Babilônia e tinha raro contato com Judá. Jeremias previu que Elão enfrentaria a destruição, mas depois seria restaurado. Ezequiel inclui os elamitas entre os habitantes do Sheol (o lugar para onde vão os mortos) ([Ez 32.24](#)).

O julgamento final revela a atitude justa do profeta. Suas mensagens lhe trouxeram respeito e gentileza dos babilônios, ao contrário da crueldade deles para com outros judeus. No entanto, quando Deus falou contra a Babilônia, Jeremias transmitiu as palavras de Deus, apesar de seu próprio conforto, assim como havia falado contra o Egito, quando permanecer em silêncio teria sido mais seguro.

[Jeremias 51](#) termina com "as palavras de Jeremias".

[Jeremias 52](#) repete fatos históricos que Jeremias havia declarado anteriormente como profecia. Esses fatos também estão parcialmente registrados como história em [Jeremias 39](#) (veja também [2Rs 25](#) e [2Cr 36](#)). O editor de Jeremias quis encerrar o livro com uma confirmação histórica da profecia de Jeremias. No entanto, ele incluiu fatos adicionais que não são encontrados em outros lugares.

Veja também Israel, História de; Jeremias (Pessoa) #1; Profecia; Profeta, Profetisa.

Livro de Jó

Um livro do Antigo Testamento que pertence à categoria escritural conhecida como os Escritos.

Resumo

- Autor
- Dados
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

A autoria do livro de Jó é uma questão desafiadora. Isso ocorre porque ninguém é creditado como autor, e alguns estudiosos acreditam que o livro é uma combinação de várias obras literárias.

Alguns estudiosos acreditam que o livro é uma obra composta devido a inconsistências entre suas seções. Eles veem o prólogo ([Jó 1-2](#)) e o epílogo ([42.7-17](#)) como separados do texto principal. Essas partes mostram Jó como um homem de caráter moral perfeito. No entanto, os diálogos retratam um Jó mais humano, cujas declarações sobre Deus podem ser ousadas e surpreendentes.

Jó é apresentado como um homem de caráter moral impecável no início. Ele rejeita o conselho de sua esposa para amaldiçoar Deus, como observado no prólogo ([Jó 2.9-10](#)). Ele também não amaldiçoa Deus nos diálogos. O ponto principal do livro parece ser que, mesmo alguém com alto caráter moral, luta para entender os caminhos de Deus. Após as desventuras em [Jó 1](#) e [2](#), e um período de luta interior durante os sete dias e noites antes de falar ([2.11-13](#)), Jó enfrenta questões profundas. O forte caráter moral de Jó é evidente nos diálogos.

Mesmo que ele não compreenda Deus, ele fala com sinceridade diante dele.

Algumas pessoas acreditam que certas partes do livro foram adicionadas posteriormente. Estas incluem:

- Discursos de Eliú ([Jó 32-37](#))
- Discurso de Deus ([Jó 38-41](#))
- O discurso da sabedoria em [Jó 28](#)

Alguns estudiosos acreditam que o autor final utilizou essas obras existentes para criar uma estrutura para sua própria escrita.

A estrutura principal do livro, com um prólogo, diálogos e um epílogo, pode não ser resultado de uma edição complexa. O Código de Hamurabi possui uma estrutura semelhante, assim como uma obra egípcia antiga chamada *Uma Disputa sobre o Suicídio*.

Em relação à questão da autoria, é melhor afirmar que o autor é desconhecido. Sua teologia está claramente focada em Yahweh, então ele provavelmente era hebreu. Suas habilidades de escrita eram impressionantes, pois ele criou uma das melhores obras da história.

Data

A autoria do livro é incerta, o que também torna a data indefinida. A maioria dos estudiosos modernos acredita que o livro foi escrito no período pós-exílico, por volta do século V a.C. Alguns acham que foi escrito perto do final do exílio. Outros sugerem que é da época de Salomão, enquanto alguns o situam na era dos patriarcas.

A evidência interna sugere que o livro se passa em tempos antigos. Não há referências a instituições levíticas. Jó oferece sacrifícios por sua família, semelhante ao período anterior ao sacerdócio ([Jó 1.5](#)). A riqueza de Jó, descrita em gado, reflete a era patriarcal ([Jó 1.3](#)).

A linguagem do livro sugere uma data antiga. Alguns elementos linguísticos mostram formas mais antigas do hebraico, semelhantes às do material épico ugarítico. Jó pode ter vivido no segundo milênio a.C. Se o livro, ou parte dele, foi escrito nessa época, pode ser o primeiro material escrito no cânon bíblico. O livro pode ter alcançado sua forma final durante a era salomônica, quando grande parte da Literatura de Sabedoria Hebraica foi criada.

Contexto

O livro de Jó faz parte dos materiais do Antigo Testamento conhecidos como Literatura de Sabedoria. Esta literatura aborda questões fundamentais da vida humana. Os israelitas não foram os únicos povos antigos a criar Literatura de Sabedoria. Culturas pagãs também produziram esse tipo de material, muitas vezes tentando explicar eventos humanos dentro de suas crenças religiosas.

Várias obras antigas semelhantes ao livro de Jó do Antigo Testamento são conhecidas em culturas antigas. Existe um livro sumério que não corresponde ao livro bíblico em escopo literário ou profundidade emocional. Ele narra a história de um jovem cuja tristeza se transforma em alegria após ele suplicar ao seu deus pessoal. Na crença suméria, os deuses eram responsáveis tanto pelo bem quanto pelo mal. Apenas apaziguá-los poderia prevenir o mal que eles poderiam causar. O livro não tenta explicar ou explorar o problema do mal no mundo.

Um livro babilônico, muitas vezes chamado de *Eu Louvarei o Senhor da Sabedoria*, é semelhante ao Jó sumério em filosofia. O escritor descreve vividamente seu sofrimento. Ninguém pode ajudá-lo. Ele questiona se seus rituais religiosos realmente agradam a um deus. Um emissário do deus Marduque aparece em um sonho e alivia seu sofrimento. A obra termina com louvor a Marduque, afirmando que suas oferendas deixaram os deuses felizes.

Outro trabalho, "Um Diálogo sobre a Miséria Humana", é semelhante ao livro bíblico de Jó. Ele explora como adorar divindades parece não ter impacto na qualidade de vida de alguém. Um personagem nesta obra diz ao sofredor que os caminhos dos deuses são difíceis de entender e que os humanos são naturalmente falhos. O sofredor apela aos deuses, mas o diálogo termina sem resolver o problema.

Essas obras literárias não se comparam ao livro de Jó do Antigo Testamento em termos de teologia ou filosofia. Elas apenas oferecem uma visão fatalista da vida, vendo-a como controlada pela vontade imprevisível dos deuses. No entanto, esses documentos, datando do segundo ao primeiro milênio a.C., podem ser a base literária para o livro de Jó. O livro de Jó poderia fornecer uma resposta inspirada às profundas questões daquele período histórico. Portanto, esse tipo de literatura pode sugerir uma datação antiga para o livro de Jó.

Propósito e ensino teológico

O principal propósito do livro de Jó tem intrigado estudiosos bíblicos por muito tempo. É difícil afirmar que o livro resolve o problema do mal. Quando se espera uma resposta, Deus faz perguntas em vez de fornecer explicações.

Alguns sugerem que o principal objetivo é responder: "Por que os justos sofrem?" O livro aborda essa questão, mas também apresenta outros temas. No final, temos apenas as palavras dos consoladores e as declarações de Eliú sobre o assunto, o que não é muito. Isso pode levar alguém a questionar o propósito dos longos diálogos e das lutas internas de Jó. Quando Deus fala do redemoinho, não há explicação para por que os justos sofrem. Em vez disso, Jó aprende a aceitar seu lugar no universo.

É melhor tentar uma abordagem diferente para o livro. Para identificar o tema principal de uma obra literária, observe o prólogo e o epílogo. O prólogo indica o que o autor pretende realizar, e o epílogo revela o que o autor acredita ter alcançado.

No início de Jó, o autor habilmente cria suspense. Aprendemos sobre o caráter moral perfeito de Jó. Então Satanás desafia: "toca em tudo o que ele tem, e ele certamente te amaldiçoará na tua face" ([Jó 1.11](#)). Nos perguntamos se Jó amaldiçoará Deus e perderá sua fé, mas então ouvimos sua forte declaração de confiança: "O Senhor deu, e o Senhor tirou. Bendito seja o nome do Senhor" ([Jó 1.21](#)).

O escritor aumenta o suspense quando Satanás planeja prejudicar Jó. A esposa de Jó contribui para o teste dizendo: "Amaldiçoe a Deus e morra!". Nós nos perguntamos se este teste quebrará a fé de Jó. O suspense termina quando descobrimos que "Em tudo isso, Jó não pecou com o que disse" ([Jó 2.10](#)).

O autor introduz os amigos de Jó na história. Eles permanecem em silêncio por sete dias. Perguntamo-nos o que Jó está pensando. Ele ainda é um homem de fé forte ou sua confiança está diminuindo à medida que a doença afeta seu corpo? Quando Jó fala e amaldiçoa o dia em que nasceu, o suspense aumenta. O autor nos faz questionar: A fé de Jó permanecerá forte?

Às vezes, acreditamos que isso acontecerá. Jó faz várias declarações fortes de fé. Ele afirma que Deus o justificará. Uma das declarações mais poderosas do livro está em [Jó 19.25-27](#): "Mas eu sei que o meu redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. Mesmo depois que a minha pele for destruída, ainda em minha carne verei a Deus. Eu o

verei por mim mesmo; meus olhos o contemplarão, e não como um estranho. Como meu coração anseia dentro de mim!" Em outros momentos, Jó demonstra profundas dúvidas sobre o controle de Deus sobre o universo. O suspense continua. Ao longo dos diálogos, seguimos o padrão da luta de Jó. É uma luta emocional onde Jó fala de um profundo desespero e de uma fé elevada.

No epílogo, o suspense é resolvido. As provações de Jó não enfraqueceram sua fé. Ele emerge vitorioso, com uma crença humilde. Ele finalmente pode dizer a Deus: "Eu sei que Tu podes fazer todas as coisas e que nenhum plano Teu pode ser frustrado. Tu perguntaste: 'Quem é este que oculta Meu conselho sem conhecimento?' Certamente falei de coisas que não entendia, coisas maravilhosas demais para eu saber" ([Jó 42.2-3](#)).

O propósito do escritor é claro. No início, ele pergunta: "A fé de Jó resistirá apesar das provações?". Os diálogos aumentam o suspense, e o final o resolve. Jó permanece fiel a Deus durante seu sofrimento. Aprendemos que a fé de Jó é autêntica.

O livro de Jó é um estudo sobre a fé e como o sofrimento a afeta. Ensina que uma pessoa verdadeiramente justa permanece fiel a Deus, mesmo quando a justiça divina parece demorada. Essa pessoa pode não entender tudo o que Deus faz, mas sua fé no bom plano e na sabedoria de Deus permanece forte. Esse tipo de fé é uma parte do conceito geral de fé na Bíblia. Não depende de ações, mas depende inteiramente de Deus.

O Novo Testamento também mostra uma ligação entre fé e sofrimento. Em [Tiago 1.12](#), provações e fidelidade estão conectadas: "Bendito é o homem que persevera sob provação, porque quando ele tiver passado no teste, receberá a coroa da vida que Deus prometeu àqueles que O amam" (veja também [1 Pedro 1.3-7](#)). Essas passagens sugerem que as provações testam a fé, revelando se ela é verdadeira ou falsa. A fé que não é verdadeira não resistirá ao sofrimento ([Mateus 13.20-21](#)). O livro de Jó também liga fé e provações, mostrando a natureza da fé genuína, que permanece forte apesar do sofrimento.

Este livro contém princípios importantes:

- Ensina que o pecado leva à punição. As palavras dos consoladores contêm alguma verdade, apoiadas pelas Escrituras, mas explicam apenas parcialmente o papel do sofrimento na vida.
- O livro também mostra que o sofrimento nos ensina, pois é uma forma de disciplina de Deus.
- Quando Deus fala do redemoinho, aprendemos que o sofrimento faz parte da vida e devemos confiar na sabedoria do Criador. Nesta parte, Deus se revela pessoalmente. Jó diz: "Meus ouvidos já tinham ouvido falar de Ti, mas agora meus olhos Te veem" ([Jó 42.5](#)). Durante as provações, precisamos mais de um Deus próximo do que de uma explicação filosófica do mal.
- O livro também destaca como o sofrimento gera a verdadeira retidão. Jó começa como um homem justo, mas sua retidão se aprofunda através do sofrimento. No final, Jó se torna mais humilde, compreende seu lugar no universo e aceita a sabedoria de Deus.

Conteúdo

O prólogo ([1.1-2.13](#))

Esta parte do livro explica o que causou o sofrimento de Jó. No início, ele é apresentado como um homem rico que se importava profundamente com sua família.

Em uma cena dramática no céu, Satanás aparece e o Senhor pergunta: "Você considerou o Meu servo Jó? Pois não há ninguém na terra como ele, um homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal" ([Jó 1.8](#)). Satanás responde: "Mas estenda a Sua mão e toque em tudo o que ele tem, e ele certamente O amaldiçoará na Sua face" ([Jó 1.11](#)). Isso leva à primeira das grandes calamidades de Jó, a perda de sua família e posses.

Outro encontro entre o Senhor e Satanás resulta no sofrimento físico de Jó. Esta terrível doença prepara o cenário para os diálogos que estão por vir. Ao longo disso, o escritor deixa claro que Jó não

peca. Ele resiste ao pedido de sua esposa para amaldiçoar Deus e à tentação de abandonar Deus após perder seus filhos. No entanto, a cena calma muda com os diálogos à medida que ouvimos as queixas de Jó. Perguntamo-nos se Jó perdeu sua fé em Deus.

Três amigos de Jó vêm para confortá-lo. Eles se sentam em silêncio com ele por sete dias, hesitantes em falar. Após esse período de silêncio, eles começam a conversar com Jó.

Os diálogos (3.1-31.40)

O primeiro ciclo (3.1-14.22)

Em [Jó 3](#), Jó questiona por que Deus permitiu que ele nascesse. Ele se pergunta por que alguém destinado a sofrer recebeu a vida.

Elifaz é o primeiro dos amigos de Jó a falar. Ele parece educado, mas na verdade é insensível. Ele acredita que Jó deve ter pecado; caso contrário, por que ele sofreria tanto ([Jó 4.7-11](#))? Elifaz acha que as perguntas de Jó mostram uma atitude negativa em relação a Deus. Ele exorta Jó a confiar no Senhor ([Jó 4.8](#)) e a parar de ficar com raiva de Deus, pois a raiva só levará à ruína ([Jó 5.2](#)). Elifaz vê um lado positivo no sofrimento, afirmando que é disciplina do Todo-Poderoso ([Jó 5.17](#)).

Jó responde dizendo que sua raiva é justificada por causa do terrível sofrimento que está enfrentando ([Jó 6.1-7](#)). Ele também reclama que Elifaz está errado por não mostrar bondade. Ele compara Elifaz a um leito de rio seco no deserto que não oferece água na estação quente e seca ([Jó 6.14-23](#)).

O próximo consolador, Bildade, é ainda mais insensível do que Elifaz. Ele também acusa Jó de pecar. Sua falta de compaixão fica evidente quando menciona os filhos de Jó, culpando suas mortes por possíveis pecados em suas vidas ([Jó 8.4](#)).

Bildade, assim como Elifaz, exorta Jó a buscar a Deus ([Jó 8.5](#)), assegurando-lhe que Deus responderá ([8.6](#)). Ele descreve os problemas de Jó como consequências de se afastar de Deus ([Jó 8.11-19](#)), mas garante-lhe que Deus não rejeitará uma pessoa inocente ([Jó 8.20](#)).

Jó responde a Bildade com uma pergunta poderosa: “como pode um mortal ser justo diante de Deus?” ([Jó 9.2](#)). Ele então descreve o imenso poder de Deus, visível no universo ([Jó 9.3-12](#)). Jó se sente impotente diante deste Deus poderoso. Ele acredita que não pode argumentar com Deus ou provar sua inocência porque Deus é poderoso demais para ser desafiado.

Jó também reclama que não consegue ter uma audiência justa com Deus porque Deus acha que ele é culpado. O fato de Deus tê-lo punido com sua aflição mostra que Deus não o vê como inocente ([Jó 9.14-24](#)). Jó continua sua resposta e novamente questiona a sabedoria de Deus em criá-lo ([Jó 10.18-22](#)).

Zofar fala em seguida. Ele acusa Jó de pecado ([Jó 11.4-6](#)). De forma insultuosa, ele diz que Deus “conhece o engano dos homens. Se Ele vê iniquidade, não toma nota? Mas um homem sem juízo não pode se tornar sábio mais do que o potro de um jumento selvagem pode nascer homem!” ([Jó 11.11-12](#)).

Jó fica com raiva por causa das acusações insultuosas de Zofar ([Jó 12.2-3](#)). Ele pede a Deus que pare de afligi-lo e exige que Deus fale ([Jó 13.20-28](#)).

O segundo ciclo (15.1-21.34)

O segundo ciclo de discussões segue o mesmo padrão do primeiro. Elifaz, Bildade e Zofar continuam acusando Jó, atribuindo sua desgraça ao pecado. À medida que a história avança, os oradores se concentram mais em suas próprias alegações. Eles não respondem aos argumentos uns dos outros de forma tão direta quanto no primeiro conjunto de diálogos.

O terceiro ciclo (22.1-31.40)

Na terceira série de diálogos, apenas Elifaz e Bildade falam. Eles acusam Jó de pecado de forma mais severa. Elifaz afirma: “Não é grande a tua maldade? Não são intermináveis as tuas iniquidades?” ([Jó 22.5](#)). Este terceiro diálogo é incomum porque Jó fala mais do que nos outros. Enquanto o argumento de Bildade dura apenas seis versículos, a resposta de Jó se estende por seis capítulos ([Jó 26-31](#)).

[Jó 31](#) é importante. Nele, Jó afirma que é inocente. A sinceridade de Jó é evidente. Ele declara que tem sido moralmente puro ([Jó 31.1-4](#)), não mentiu ([31.5-8](#)) e não cometeu adultério ([31.9-12](#)). Ele demonstra preocupação pelos outros ([Jó 31.13-23](#)) e não confiou na riqueza ([Jó 31.24-28](#)). Ele termina com uma forte declaração de sua inocência ([Jó 31.29-40](#)).

Um padrão começa a se formar. Jó lentamente se distancia de seus amigos durante a discussão. Eles insistem que o pecado está causando seus problemas, enquanto Jó afirma fortemente sua inocência. O escritor habilmente constrói a história de modo que o leitor encontre pouco de incomum

nas declarações dos amigos. Embora possamos concordar com suas palavras, não podemos apoiar suas atitudes. O pecado realmente traz punição, mas os amigos se concentram apenas nisso. O próximo amigo, Eliú, destacará outro propósito do sofrimento.

Percebemos a honestidade nas alegações de inocência de Jó. No entanto, se confiarmos tanto em Jó quanto em seus consoladores, enfrentamos o mesmo problema de Jó. Não sabemos a verdade. Não entendemos por que Jó sofre.

O discurso de Eliú (32.1-37.24)

Eliú é um jovem que ouve Jó e seus amigos com crescente impaciência (Jó 32.3). Ele está muito ciente de sua juventude (Jó 32.6-22), mas quando fala, demonstra uma compreensão mais profunda do sofrimento do que seus companheiros.

Eliú destaca que Deus se comunica de várias maneiras e que o sofrimento serve como disciplina (Jó 33.19), mostrando a bondade de Deus (Jó 33.29-33). Embora Elifaz tenha mencionado essa ideia em seu primeiro discurso (Jó 5.17), Eliú dá mais importância a ela, focando em como o sofrimento revela o amor de Deus. No entanto, parece que essa não é a resposta completa. Outro aspecto surge nas palavras de Deus.

A voz do redemoinho e a resposta de Jó (38.1-42.6)

Nesta seção, Deus fala. Ele faz muitas perguntas a Jó sobre a Criação. Deus pergunta: "Onde você estava quando lancei os fundamentos da terra?" Então, com sarcasmo, ele acrescenta: "Conte-me, se você tem entendimento" (Jó 38.4).

Deus fala sobre os mares e pergunta a Jó quem fez as bacias oceânicas (Jó 38.8-11). Ele descreve o amanhecer e pergunta a Jó, "você já ordenou a manhã ou designou ao amanhecer o seu lugar" (Jó 38.12). Outras perguntas se relacionam a:

- Luz (Jó 38.19-21)
- Neve (Jó 38.22-24)
- Chuva (Jó 38.25-30)
- As constelações (Jó 38.31-33)
- Tempestades (Jó 38.34-38)
- Animais (Jó 38.39-39.30)

Jó percebe a imensidão do poder de Deus demonstrado na Criação. Provavelmente, Jó se

sentiu pequeno e insignificante ao refletir sobre a força de Deus.

As perguntas visam mais do que apenas fazer Jó se sentir insignificante. Elas também têm a intenção de fazê-lo sentir vergonha de suas suposições. O sarcasmo nesta parte é afiado, e pode-se imaginar Jó afundando mais nas cinzas a cada pergunta. Na seção sobre a luz (Jó 38.19-21), as perguntas "Onde está o caminho para a morada da luz? Você sabe onde a escuridão reside, para que possa levá-la de volta ao seu limite? Você conhece os caminhos para sua morada?" são seguidas por "Certamente você sabe, pois você já nasceu! E o número dos seus dias é grande!". Na seção sobre as constelações, Deus pergunta a Jó, "Você pode amarrar as correntes das Plêiades ou soltar o cinto de Orion?" (Jó 38.31).

Jó tem sido ousado em suas declarações a Deus durante os diálogos. Ele exigiu que Deus falasse com ele (Jó 13.22) e acusou Deus de ser injusto (Jó 19.6-7; 24.1; 27.2). Agora, ao lembrar-se do poder do Todo-Poderoso, Jó começa a entender seu verdadeiro lugar no universo.

As perguntas importantes nesta série estão em Jó 40.15-41.34. Aqui, em uma ordem incomum, Deus direciona a atenção de Jó para Beemote (Jó 40.15) e Leviatã (41.1). Alguns estudiosos veem esses como figuras míticas, mas é provável que sejam representações literárias de animais reais conhecidos por seu tamanho e força. Muitos estudiosos sugerem que o Beemote é um hipopótamo e o Leviatã é um crocodilo. As descrições desses animais apoiam essa ideia. Essas referências a dois animais poderosos concluem a seção onde a voz de Deus fala do redemoinho. Esta seção está cheia de suspense. No final, o leitor vê que Jó aprendeu sua lição (Jó 42.1-3).

Essas perguntas chegaram a Jó com grande urgência por uma razão importante. Jó percebeu que ele não controla o universo — Deus o faz. Jó teve que enfrentar o poder de Deus e aprender que ele é apenas uma parte desta vasta criação que demonstra o poder de Deus. Ao exigir que Deus falasse com ele, Jó tentou controlar Deus.

Ao sugerir que Deus era injusto, ele julgou Deus, tornando-se igual ou superior a Deus. Deus exigiu que Jó enfrentasse o poder do universo e reconsiderasse suas reclamações. Jó queria um Deus que ele pudesse controlar; Deus exigia submissão. Jó queria um mundo governado à sua maneira; Deus criou um mundo para ser governado à sua maneira. Jó imaginou um falso Deus que seguiria seus desejos. Ao reconhecer o controle de

Deus, Jó viu que o sofrimento tem um propósito. Jó pode não entender esse propósito, mas ele faz parte da criação de Deus. Não é surpresa que Jó começou a encontrar paz e a reconhecer a autoridade de Deus ([Jó 42.5-6](#)).

Esta seção de perguntas é seguida por uma resposta poderosa de Jó. Ele reconhece o poder de Deus ([Jó 42.2](#)). Ele admite que não entendia completamente coisas maravilhosas demais para ele ([Jó 42.3](#)), e ele se arrepende em pó e cinzas ([Jó 42.6](#)).

O epílogo ([42.7-17](#))

A parte final do livro começa criticando os consoladores de Jó. Eles são condenados porque não falaram corretamente ([Jó 42.7](#)). Isso parece incomum, já que suas palavras pareciam ortodoxas. No entanto, eles não forneceram a resposta correta para o problema do sofrimento. A resposta deles era incompleta e, portanto, perigosa. Eles retrataram Deus como um ser rigoroso que usava o sofrimento apenas para punir o pecado. Ao contrário da resposta de Eliú, eles não consideraram a possibilidade da presença amorosa de Deus no sofrimento.

Embora Jó tenha dito algumas coisas duras sobre Deus, ele não foi criticado. O texto afirma que Jó falou corretamente sobre Deus ([Jó 42.8](#)). Isso provavelmente se refere às palavras finais de Jó em [Jó 42.1-6](#), onde, purificado pelo sofrimento, ele humildemente se submeteu à soberana vontade de Deus.

Veja também Jó (Pessoa) #2; Sabedoria; Literatura de Sabedoria.

Livro de Joel

Um livro do Antigo Testamento e o segundo dos profetas menores.

Resumo

- Autor;
- Dados;
- Conteúdo;
- Mensagem.

Autor

No primeiro versículo, o livro de Joel é descrito como a "mensagem que o SENHOR Deus deu a Joel, filho de Petuel". As Escrituras não fornecem mais informações sobre Joel ou Petuel. O nome Joel era comum; há 13 Joéis diferentes no Antigo Testamento. Com base no livro, parece que Joel não era um sacerdote, mas estava intimamente ligado aos sacerdotes do templo, e ele provavelmente era um homem de Jerusalém. Não podemos afirmar mais do que isso.

Data

Os estudiosos têm muitas opiniões sobre a data de Joel, o que torna difícil ter certeza. O livro pode datar de depois que os exilados judeus retornaram a Jerusalém da Babilônia, especificamente após Neemias reconstruir as muralhas de Jerusalém por volta de 400 a.C. As razões que apoiam isso incluem:

1. [Joel 3.2](#) diz que o povo de Judá e Jerusalém foi espalhado entre as nações e sua terra foi dividida. No entanto, eles retornaram, e sua cidade agora tem muros novamente ([Jl 2.9](#));
2. Quando é feito um chamado para oração e jejum, os sacerdotes e anciãos devem liderar ([Jl 1.13; 2.16,17](#)). O livro não menciona um rei. Havia reis até o exílio, mas não por 400 anos depois;

3. Os profetas antes do exílio—Amós, Oseias, Isaías, Miquéias e Jeremias—criticavam frequentemente o povo por oferecer sacrifícios enquanto ignoravam os caminhos de Deus em suas vidas diárias. Após o exílio, profetas como Ageu e Malaquias incentivaram e demonstraram profunda preocupação com a oferta de sacrifícios. Os profetas pré-exílicos frequentemente repreendiam o povo pela adoração de ídolos, o que não era um problema após o exílio. Joel parece alinhar-se mais com os profetas após o exílio do que com os profetas antes do exílio;
4. Este livro não menciona o reino do norte de Israel. Ele discute Judá e Jerusalém até Ló. Quando menciona "Israel", parece referir-se ao mesmo povo que Judá e Jerusalém ([II 2.27; 3.16](#)). Antes do reino do norte cair para os assírios em 722 a.C., esperaríamos uma maneira diferente de falar;
5. Os outros reinos mencionados são Edom, Tiro e Sidom, os filisteus e os gregos. O texto não menciona Síria, Assíria e Babilônia, que foram inimigos de longa data e causaram muito sofrimento antes do exílio. Os reinos mencionados foram importantes para o povo após o exílio, e somente então os gregos se tornaram significativos na Palestina.

Alguns estudiosos acreditam que esses argumentos são fracos e que o livro pode se encaixar em uma data anterior. Às vezes, é sugerido que o livro seja colocado junto aos profetas do século VIII a.C., Oseias e Amós, nas Escrituras hebraicas. No entanto, a ordem dos livros no cânon profético não determina sua data. Obadias, um profeta de depois do exílio, está entre os profetas do século VIII a.C., Amós e Miquéias. No Antigo Testamento Grego, Joel está em uma posição diferente da Bíblia hebraica. Joel e Amós provavelmente estão juntos porque [Amós 1.2](#) compartilha palavras com o final de Joel ([II 3.16](#)). Alguns que apoiam uma data anterior ao exílio para o livro o colocam no século IX, durante o início do

reinado de Joás, quando ele era jovem demais para governar. Outros sugerem que foi pouco antes da morte de Josias em 609 a.C. devido a referências a um inimigo do norte, semelhante a Jeremias, e apelos para que o povo retornasse ao Senhor com todo o coração ([II 2.12](#)).

Conteúdo

[1.1-12](#)

Uma praga de gafanhotos, pior do que qualquer outra anterior, atingiu a terra ([II 1.2-4](#)). Os bebedores foram instados a ver as videiras arruinadas e as figueiras desfolhadas ([II 1.5-7](#)). As pessoas foram levadas a lamentar pelos campos destruídos, especialmente os sacerdotes, que não podiam mais oferecer ofertas de cereais e libações ao Senhor ([II 1.8-10](#)). Os agricultores tiveram que lamentar sua colheita arruinada, sentindo profunda tristeza pelos frutos perdidos da terra ([II 1.11,12](#)).

[1.13-20](#)

Devido aos eventos, o povo foi convocado a orar e jejuar. Os sacerdotes deviam se apresentar diante do Senhor em pano de saco, lamentando porque não podiam trazer ofertas ([II 1.13](#)). Anciãos e pessoas em geral tinham que vir ao templo para orar ([II 1.14](#)). Esta crise, com colheitas perdidas e sem pasto para ovelhas e gado, era um sinal do Dia do Senhor que estava por vir, para o qual todos deveriam se preparar ([II 1.15-18](#)). O profeta só podia clamar a Deus ao ver a devastação da terra ([II 1.19,20](#)).

[2.1-11](#)

Nesta seção, o profeta descreve um tempo em que o juízo de Deus ameaça toda a terra. É um momento para soar o alarme, pois um grupo grande e poderoso se aproxima, mais ameaçador do que qualquer outro antes. Também adverte sobre a vinda do "Dia do Senhor", um dia de escuridão e tristeza ([II 2.1,2](#)). A terra é devastada pelo fogo; o que antes era como o Jardim do Éden torna-se um deserto ([II 2.3](#)). Esta invasão se assemelha a uma carga de cavalaria, e os insurgentes soam como carros de guerra roncando. Todos sentem angústia à medida que avançam. Eles marcham como guerreiros, rompem as defesas, escalam muros das cidades e entram nas casas como ladrões ([II 2.4-9](#)).

Alguns interpretam esta descrição como uma imagem de exércitos de nações que se opõem a Israel, usados pelo Senhor para julgar seu povo. No

entanto, como são descritos como cavalos em batalha, com "barulho como carros de guerra," e "atacam como soldados valentes" parece que a praga de gafanhotos ainda é o foco. A nuvem escura de gafanhotos no céu e seu efeito devastador na terra prenunciam o Grande Dia em que o Senhor julgará todas as pessoas. Naquele dia, céu e terra tremerão; o sol, a lua e as estrelas escurecerão ([II 2.10.11](#)).

[2.12-17](#)

O profeta exorta o povo a retornar humildemente ao Senhor e se arrepender, para que possam receber sua misericórdia e graça. Assim, eles podem novamente oferecer ofertas de cereais e libações ao Senhor seu Deus como faziam antes ([II 2.14](#)). Eles devem declarar um jejum e reunir todos, jovens e velhos, para uma assembleia solene. Mesmo os recém-casados devem comparecer. Os sacerdotes devem liderar o povo em oração, pedindo a Deus que os poupe ([II 2.14-17](#)).

[2.18-27](#)

O povo voltou-se para Deus conforme o profeta pediu. Em resposta, o Senhor mostrou compaixão e prometeu renovar seu grão, vinho e óleo, e remover sua desgraça ([II 2.18.19](#)). A "praga de gafanhotos que vem do Norte" recuaria, e Deus restauraria as pastagens, árvores frutíferas e vinhas da terra ([II 2.20-22](#)). O povo se alegraria, e com a bênção das chuvas do início e do fim, a terra se tornaria muito produtiva novamente. As perdas da praga de gafanhotos seriam restauradas ([II 2.23-25](#)). As pessoas teriam bastante comida e louvariam a Deus. Elas saberiam que o único Deus vivo estava entre elas, e não sentiriam mais vergonha ([II 2.26.27](#)).

[2.28-32](#)

O profeta percebeu que as bênçãos após a praga de gafanhotos sugeriam bênçãos ainda maiores no futuro. O juízo serviu como um aviso para o grande e terrível Dia do Senhor. Deus faria mais por seu povo no futuro. Ele derramaria seu Espírito sobre todos, independentemente de idade ou status ([II 2.28.29](#)). Haveria sinais incríveis no céu e na terra ([II 2.30.31](#)). Todos que invocassem o nome do Senhor experimentariam sua salvação ([II 2.32](#)).

[3.1-15](#)

O Dia do Senhor tem um significado profundo para Israel e todas as nações. O povo de Deus encontrará restauração ao se voltar para Ele. Aqueles que os

dispersaram, tomaram suas terras e os venderam como escravos enfrentarão seu julgamento ([II 3.1-3](#)). Tiro, Sidom e os filisteus devem responder por suas ações. Eles tomaram a prata e o ouro do Senhor, removeram Seu povo de sua terra e os venderam como escravos para os gregos. Os filhos desses traficantes de escravos também foram vendidos como escravos ([II 3.4-8](#)). As nações deveriam se preparar para a guerra, transformando arados em espadas e foices em lanças. No entanto, esta não é uma batalha entre exércitos humanos. Aqueles que lutaram contra o Deus vivo deveriam enfrentá-Lo como um guerreiro poderoso ([II 3.9-11](#)). Este guerreiro poderoso virá para executar o juízo. A cena muda de um campo de batalha para um tribunal de justiça. Grandes multidões estarão diante do Senhor "no vale de Josafá" no Dia do Senhor. Será um dia de profunda escuridão para aqueles que se fizeram inimigos do Todo-Poderoso ([II 3.12-15](#)).

[3.16-21](#)

Depois que as pessoas falarem e fizerem o pior, Deus falará e agirá. Ele se mostrará como o "defensor" do seu povo ([II 3.16](#)). A cidade deles estará então segura de invasões por estrangeiros ([II 3.17](#)). Sua terra será muito produtiva ([II 3.18](#)). Por causa da violência que Egito e Edom fizeram a Judá, eles se tornarão desolados ([II 3.19](#)). Israel será vingado e restaurado, e todos verão que a casa do Senhor está em Jerusalém com seu povo ([II 3.20.21](#)).

Este resumo do livro sugere que Joel enfrentou uma praga de gafanhotos e a viu como um aviso de um julgamento maior de Deus. Ele também falou de uma restauração e bênção maiores se o povo retornasse a Deus com oração e jejum. Alguns interpretam os inimigos no livro, especialmente em [Joel 2](#), como inimigos humanos. Outros veem o livro inteiro como uma profecia de batalhas futuras, particularmente uma batalha final entre o Senhor e seus inimigos. Alguns acreditam que há dois profetas ou que o livro tem duas partes escritas em momentos diferentes. No entanto, a interpretação mencionada acima parece ter menos problemas e fornece uma compreensão clara do livro.

Mensagem

Qual é a importância duradoura da mensagem de Joel? Como a maioria dos profetas do Antigo Testamento, Joel falou sobre misericórdia e juízo. Uma praga de gafanhotos foi um aviso do juízo de Deus sobre todas as pessoas e nações, tanto na

história quanto no grande Dia do Senhor, quando todos estarão diante dele. A mensagem de Joel instava ao arrependimento com base nos eventos de seu tempo. Isso é semelhante à resposta de Jesus quando perguntado se aqueles que sofreram em desastres eram pecadores piores. Jesus disse que não eram, mas advertiu: "se não se arrependerem dos seus pecados, todos vão morrer" ([Lc 13.5](#)). Através de Joel, Deus chamou as pessoas a retornarem a ele por misericórdia. Junto com a misericórdia, havia esperança de maiores bênçãos de Deus. Ele prometeu derramar seu Espírito sobre todos. Esta promessa ([Jl 2.28](#)) ganhou importância quando citada no Novo Testamento durante o sermão de Pedro no Pentecostes ([At 2.16-21](#)). Estas palavras têm sido verdadeiras para a igreja cristã desde então. Joel nos assegura que Deus vive entre seu povo e aqueles que se voltam para ele nunca ficarão envergonhados.

Veja também Israel, História de; Profecia; Profeta, profetisa.

Livro de Jonas

O quinto livro dos 12 Profetas Menores na disposição tradicional dos livros do AT é uma narrativa literária em vez de uma série de oráculos proféticos. Ele relata as experiências de Jonas após desobedecer a uma ordem do Senhor que o direcionava a pregar ao povo de Nínive. Vários eventos extraordinários registrados no livro o tornaram o centro de muita controvérsia quanto à sua interpretação.

Resumo:

- Autor(a)
- Autenticidade
- Data
- Contexto
- Propósito
- Conteúdo

Autor

O livro de Jonas tem sido tradicionalmente atribuído a Jonas, filho de Amitai, um profeta de grande influência, que ministrou durante o reinado de Jeroboão II de Israel ([2Rs 14.25](#)).

O conteúdo do livro descreve Jonas como uma pessoa intensamente patriótica, mas seu

patriotismo equivocado o levou a se rebelar diante da possibilidade de os antigos inimigos de Israel receberem o perdão de Deus. Uma das lições mais importantes do livro surge quando Deus repreende a atitude exclusivista de Jonas ([Jn 4.6-11](#)).

Jesus utilizou duas das experiências de Jonas como sinais para sua geração. Os três dias e noites que Jonas passou no grande peixe serviram como uma analogia da morte e ressurreição de Jesus ([Mt 12.38-41](#)). Além disso, a resposta positiva dos ninivitas à pregação de Jonas foi usada por Jesus como uma condenação ao fracasso de muitos em sua geração em acreditar nele ([Lc 11.32](#)).

Autenticidade

Os elementos incomuns no livro de Jonas levaram a visões amplamente divergentes sobre sua natureza. Não apenas o relato de Jonas sendo engolido pelo peixe fez alguns pensarem que o livro tem uma natureza fabulosa, mas também o relato do arrependimento do povo de Nínive ([Jn 3.5](#)) foi considerado altamente improvável.

A historicidade do livro tem sido defendida por destacados estudiosos bíblicos. A abordagem básica desses estudiosos tem sido contrapor os argumentos daqueles que negam sua historicidade e destacar o que é considerado evidência positiva da historicidade do livro, nas alusões de Jesus à profecia e na antiga tradição judaica.

Os opositores da autenticidade de Jonas apontam as seguintes dificuldades: (1) O uso da expressão "rei de Nínive" ([3.6](#)) parece ser uma imprecisão, pois Nínive era a capital da Assíria. Um contemporâneo teria se referido ao rei como o rei da Assíria; (2) O uso do tempo passado para descrever a cidade de Nínive ([3.3](#)) parece indicar uma data muito posterior àquela que a visão tradicional da autoria do livro permitiria; (3) O tamanho da cidade de Nínive é descrito de forma muito exagerada ([3.3](#)); (4) O arrependimento em massa dos ninivitas carece de apoio histórico; (5) É improvável que um ser humano pudesse sobreviver dentro de um peixe por um período prolongado de tempo.

Com relação ao uso de "rei de Nínive", deve-se notar que expressões semelhantes podem ser encontradas no AT. Acabe, o rei de Israel, é chamado de "rei de Samaria" ([1Rs 21.1](#)), e Ben-Hadade, o rei da Síria, é designado como "rei de Damasco" ([2Cr 24.23](#)). A designação "rei de Nínive" não é, portanto, anômala.

O uso do passado para descrever a cidade de Nínive pode ser considerado apenas um passado narrativo simples, descrevendo o tamanho da cidade na época em que Jonas profetizou lá.

A descrição do tamanho da cidade (“três dias para atravessá-la a pé”) pode indicar o tempo necessário para atravessar os subúrbios incluídos no distrito administrativo de Nínive.

O arrependimento dos ninivitas não deve ser entendido como uma conversão em massa a lavé, o Deus de Israel. O livro de Jonas descreve a resposta deles como arrependimento diante da destruição iminente ameaçada por Jonas ([In 3.4](#)). Embora a história secular não registre tal evento, há evidências de que tal resposta era possível. Em menos de uma década (765–759 a.C.), a cidade de Nínive havia experimentado um eclipse total do sol e duas pragas sérias. Pode-se entender como os cidadãos de Nínive podem ter sido preparados para a pregação deste profeta que veio a eles de uma maneira tão incomum.

Também é importante notar que um dos reis da Assíria, Adadenirari III, limitou sua adoração ao deus Nabu. Se o ministério profético de Jonas esteve ativo durante o reinado dele (810–783 a.C.), é possível que o monoteísmo judaico representado por Jonas tenha encontrado um ambiente mais favorável do que normalmente se esperaria em uma sociedade pagã.

A participação dos animais na penitência nacional que seguiu a pregação de Jonas ([3.7–8](#)) não é desconhecida na história. O historiador Heródoto registra um evento semelhante no Império Persa.

O evento que cria a maior dificuldade, no entanto, é a experiência de Jonas no peixe. Muitas vezes foi apontado que os esôfagos da maioria das baleias não são grandes o suficiente para admitir um objeto do tamanho de um homem. Mas o livro não diz que foi uma baleia que engoliu Jonas, mas simplesmente um grande peixe ([1.17](#)). Mesmo assim, é possível que um cachalote engula um objeto tão grande quanto um homem.

Numerosos exemplos de indivíduos sendo engolidos por baleias foram citados no passado. Embora muitos desses relatos possam ser desconsiderados como fantasia, seria errado rejeitar todos eles sem análise crítica (Um relato interessante de uma dessas experiências pode ser encontrado na *Princeton Theological Review* 25, 1927, p. 636). A experiência de Jonas no grande peixe não precisa ser considerada uma impossibilidade absoluta. As atividades de Deus na

história muitas vezes foram acompanhadas por eventos incomuns ou milagrosos.

As dificuldades do livro de Jonas levaram muitos a considerá-lo uma parábola profética em vez de um registro histórico. A interpretação mais comum é que o livro expressa as preocupações universais de Deus. Como tal, critica o nacionalismo exclusivo dos judeus. Alguns sugerem que essa atitude de mente fechada se encaixa melhor no período pós-exílico, quando o ódio de Israel por seus antigos captores ainda era muito amargo.

Existem várias dificuldades com essa visão. Embora haja várias parábolas no AT, nenhuma é tão extensa quanto o livro de Jonas. Além disso, como os principais elementos de uma parábola simbolizam pessoas, objetos ou conceitos que contribuem para o ensino principal da parábola, os defensores dessa visão têm dificuldade em mostrar como o relato da experiência de Jonas no peixe contribui para a lição central da parábola.

Outra abordagem ao livro é considerá-lo como uma alegoria extensa. Uma alegoria é uma forma literária cujos elementos básicos são destinados a simbolizar ou explicar aspectos da vida real aos quais são análogos. O significado pretendido geralmente é evidente ou explicado pelo autor. No Antigo Testamento, as alegorias são formas literárias curtas usadas para dar força a uma declaração. O livro de Jonas não parece se encaixar nessa categoria. É um relato narrativo sem significado evidente atribuído às várias pessoas, objetos e eventos mencionados.

Não parece haver uma razão convincente para rejeitar a historicidade do livro de Jonas com base nos argumentos geralmente apresentados. Jesus referiu-se ao relato de Jonas de uma maneira que parece implicar sua aceitação de sua validade.

Data

Se Jonas fosse o filho de Amitai citado em [2 Reis 14.25](#), a profecia teria que ser datada no reinado de Jeroboão II de Israel (793–753 a.C.). Jonas seria então um dos grandes profetas do século VIII que ministraram durante a Idade de Prata de Israel.

Aqueles que acreditam que o livro foi escrito por um autor diferente de Jonas situam a escrita em vários momentos, desde o período após a queda de Nínive até bem dentro do período pós-exílico.

Contexto

Escavações arqueológicas no local da antiga Nínive revelaram muitos artefatos e obras literárias que indicam que foi um centro cultural por grande parte de sua história. No período do Médio Império Assírio, a cidade de Nínive foi amplamente expandida e tornou-se um centro administrativo. Alguns dos reis assírios mais poderosos governaram a partir de Nínive.

A cidade de Calá, ao sul de Nínive, tinha uma área muito menor que Nínive, mas abrigava quase 70.000 pessoas. A descrição da vasta população de Nínive na profecia de Jonas parece se adequar a isso.

Propósito

O propósito do livro de Jonas é ensinar que a graça de Deus não está limitada ao povo hebreu. Essa lição é transmitida no clímax dramático do livro. Jonas, cheio de autopiedade, lamenta a perda da planta que lhe dava sombra. Deus destaca a preocupação de Jonas com a planta em nítido contraste com sua própria preocupação com as milhares de pessoas de Nínive.

O livro claramente estabelece que a misericórdia de Deus não era posse exclusiva do povo hebreu da época de Jonas, mas estava disponível para todos através do arrependimento. Até mesmo os inimigos de Israel poderiam experimentar a misericórdia de Deus.

Conteúdo

O livro de Jonas começa com uma ordem do Senhor ao profeta, direcionando-o a pregar ao povo de Nínive. Jonas estava relutante em ir a Nínive porque sabia que os ninivitas se arrependeriam. Ele, portanto, se encontraria na posição difícil de proclamar a misericórdia de Deus aos odiados assírios. Assim, ele fugiu de Jope, embarcando em um navio, numa tentativa inútil de escapar da presença de Deus. Ele embarcou com destino a Társis, uma colônia fenícia no sul da Espanha. Era o mais longe para o oeste que Jonas poderia fugir dentro do escopo do mundo mediterrâneo antigo (1.1-3).

No entanto, Deus não permitiria que seu servo desobedecesse sem ser disciplinado (1.4-16). O amor de Deus exigia a disciplina de Jonas. O processo de disciplina começou com uma tempestade de origem divina (1.4). No meio da fúria aterrorizante dessa tempestade, os marinheiros estavam ocupados com súplicas a suas

divindades pagãs individuais e com o lançamento de carga excessiva ao mar (1.5). Em meio a toda a comoção, Jonas estava dormindo no porão do navio.

Os marinheiros ainda não sabiam que Jonas era o verdadeiro problema. O capitão do navio acordou Jonas e pediu-lhe que orasse ao seu deus por livramento da tempestade (1.6).

Sem receber resposta às suas súplicas, os marinheiros decidiram lançar sortes na tentativa de determinar quem a bordo era a causa da ira do deus que havia trazido a tempestade sobre eles (1.7); a sorte indicou que Jonas era o culpado. Os marinheiros então queriam saber qual deus era responsável pela tempestade e por quê. O testemunho de Jonas foi simples e direto: ele era um hebreu que adorava o Senhor que criou tanto a terra quanto o mar (1.9).

Os marinheiros perguntaram a Jonas o que deveriam fazer com ele, já que a tempestade estava aumentando em sua fúria (1.11). O capitão já havia dito a Jonas para rezar ou perecer. Agora Jonas revelou que rezar não resolveria, apenas seu sacrifício poderia aplacar a fúria da tempestade (1.12). Ele pediu que o jogassem no mar.

Antes de cederem ao pedido de Jonas, os marinheiros lutaram para salvar o navio (1.13). Falhando em sua tentativa, eles o lançaram ao mar (1.15). Imagine a impressão causada nesses marinheiros quando a tempestade cessou assim que o corpo de Jonas estava no mar. A experiência fez com que a tripulação do navio temesse o Senhor, e eles ofereceram um sacrifício e fizeram votos a ele (1.16).

Mas Deus não havia terminado com Jonas, pois preparou um grande peixe para engoli-lo (1.17). Jonas esteve no ventre do peixe por três dias e três noites (cf. Mt 12.38-41). De dentro do peixe, Jonas orou a Deus (Jn 2.1) e agradeceu por ouvir sua oração e salvá-lo da morte no mar (2.7-8). A libertação de Jonas o levou a um ponto de renovada devoção a Deus (2.9). É significativo que sua oração refletisse um profundo conhecimento pessoal dos Salmos (cf. Sl 3.8; 5.7; 18.4-19; 30.2-3; 31.6.22; 39.9; 42.6-7; 59.17; 69.1-2; 120.1; 142.3; 144.2).

A resposta definitiva às orações de Jonas veio quando Deus lhe deu a oportunidade de obedecer à sua missão e cumprir seus votos. A criatura marinha cuspiu Jonas na praia (Jn 2.10).

O escritor agora volta sua atenção para o trato de Deus com a cidade de Nínive (cap. 3-4). Jonas se

arrependeu de sua desobediência e manifestou esse arrependimento indo a Nínive para declarar a mensagem de Deus (3.1-3). Ao chegar em Nínive, ele começou a proclamar a mensagem de Deus. Os habitantes da cidade foram informados de que tinham 40 dias (3.4), mas evidente e imediatamente responderam.

O povo e seu rei se arrependeram em roupas feitas de pano grosseiro e com jejum (3.5-6). Após se arrependerem em particular, o rei fez uma proclamação pública para reforçar a resposta à mensagem de Deus (3.7-9).

A aceitação de Deus do arrependimento de Nínive (3.10) fez com que a atitude relutante de Jonas retornasse e ele reclamasse (4.1-3). Seu recente salmo de louvor orante a Deus (2.1-9) agora se transformou em murmúrio amargo. Jonas orou novamente a Deus (4.2), revelando sua razão para se recusar a obedecer à primeira missão. Ele tinha conhecimento pessoal da natureza amorosa e perdoadora de Deus e ressentia-se de que esse amor e perdão fossem estendidos aos inimigos de seu país. Em um abandono tolo, Jonas pediu para morrer em vez de ver a obra de Deus entre os ninivitas (4.3).

A compaixão de Deus havia sido manifestada a Nínive, mas ele também iria mostrar compaixão novamente a Jonas por meio de ilustração e instrução (4.4-11). A pergunta tranquila de Deus, "Jonas, você acha que tem razão para ficar com tanta raiva assim?" deve ter sondado o íntimo de Jonas (4.4). Mas o profeta preferiu se abrigar em um refúgio temporário no lado leste de Nínive (4.5), esperando para ver se algo aconteceria.

Deus acrescentou uma planta (algo com grandes folhas) ao número de objetos da natureza que ele usou em seus tratos com Jonas (4.6). Esta provisão para o conforto de Jonas trouxe-lhe alegria. Mas a planta foi destruída por um verme enviado por Deus (4.7). Então Deus enviou o vento quente siroco para secar o ar, aumentar o calor e intensificar o sofrimento de Jonas (4.8). Novamente, Jonas implorou para morrer.

Pela segunda vez, Deus questionou Jonas: "Jonas, você acha que está certo ficar com raiva por causa dessa planta?" (4.9). O ponto da ilustração estava sendo enfatizado para o profeta insensível. Jonas, no entanto, respondeu com mais amargura (4.9). Jonas estava muito agitado porque a perda da planta o afetou pessoalmente, mesmo que ele não tivesse nada a ver com sua criação (4.10). O Senhor lavé havia criado o homem. O Senhor estava

preocupado com o bem-estar dos ninivitas. O Grande Criador não tinha o direito de se inquietar com a destruição de Nínive, com seus 120.000 crianças e todos os seus animais (4.11)? Assim como Jonas desejou a preservação da planta, Deus desejou ainda mais intensamente a preservação de Nínive.

Consulte também Jonas (Pessoa); Profecia; Profeta, Profetisa.

Livro de Memorial

Um livro de memorial é um registro que Deus mantém, listando os nomes das pessoas que o honram e obedecem.

O livro é mencionado uma vez no Antigo Testamento (Ml 3.16). O profeta Malaquias falava durante uma época em que muitas pessoas estavam se afastando de Deus. Pessoas más estavam ficando ricas e orgulhosas. Parecia que Deus não estava fazendo nada a respeito.

Malaquias disse que Deus ainda estava observando e se lembraria daqueles que permaneceram fiéis. Um dia, ele mostraria a diferença entre os justos e os ímpios.

Veja Livro da Vida.

Livro de Neemias

Um dos últimos livros históricos dos judeus.

Resumo

- Qual é o contexto do livro de Neemias?
- Quem escreveu o livro de Neemias?
- Quão precisa é a história no livro de Neemias?
- Qual é a linha do tempo dos eventos no livro de Neemias?
- Por que o livro de Neemias é importante?
- Qual é a mensagem do livro de Neemias?

Qual é o contexto do livro de Neemias?

Em 597 a.C., o rei Nabucodonosor da Babilônia levou o primeiro grupo de pessoas de Jerusalém para o exílio, forçando-as a deixar sua terra natal. Em 586 a.C., os babilônios retornaram a Jerusalém. Desta vez, destruíram a cidade e queimaram o templo. Em seguida, levaram cerca de 60.000 a

80.000 pessoas a mais para Babilônia. As pessoas que foram forçadas a deixar Jerusalém (chamadas de exilados) se estabeleceram em diferentes áreas da Babilônia. Elas tinham alguma liberdade lá. Podiam cultivar e administrar negócios. Alguns deles se tornaram ricos. Os líderes judeus continuaram a guiar seu povo. Professores religiosos chamados profetas, como Ezequiel, ajudaram as pessoas a permanecerem fiéis a Deus.

Um novo líder chamado Ciro, o grande, tornou-se rei da Pérsia de 559 a 530 a.C. Isso trouxe nova esperança ao povo judeu que vivia na Babilônia. Ciro era um governante sábio e instruído. Logo após conquistar a Babilônia, ele fez um anúncio oficial ([Esdras 1.2-4](#)). Este anúncio deu ao povo judeu permissão para retornar à sua terra natal.

Dois grupos distintos de exilados retornaram a Judá. Eles construíram um novo santuário em Jerusalém no local do templo do Rei Salomão em 516 a.C. Mais tarde, o Rei Artaxerxes I governou a Pérsia de 464 a 424 a.C. Durante seu governo, mais dois grupos retornaram da Babilônia para Jerusalém. O primeiro grupo veio com seu líder Esdras em 458 a.C. O segundo grupo veio com Neemias em 445 a.C.

A partir deste novo começo, Judá tornou-se o que as pessoas chamavam de teocracia — um lugar onde Deus era considerado o governante supremo e suas leis guiavam todas as partes da vida. O povo judeu comprometeu-se a seguir as leis de Deus integralmente. Eles optaram por viver separadamente de outros povos e fizeram de Jerusalém o centro de sua vida comunitária.

Quem escreveu o livro de Neemias?

A narrativa pessoal de Neemias constitui uma grande parte do livro que leva seu nome. Esta narrativa revela um homem de nobreza e profunda devoção religiosa. Ele era compassivo, inteligente e patriota. Era generoso e fiel, tinha bom senso político, zelo religioso e uma dedicação total a Deus. Possuía uma habilidade organizacional excepcional e era um líder dinâmico.

Ao mesmo tempo, Neemias era capaz de ser implacável. Ele era muito rigoroso ao confrontar o pecado e os erros morais de seus companheiros israelitas ([Neemias 5.1-13](#)). Ele também não tinha paciência para as tramas de poderosos inimigos não-judeus ([13.8.28](#)). Portanto, não é surpreendente que Neemias tenha inspirado um povo desanimado. Ele foi capaz de motivá-los a agir. Eles tiveram uma resposta positiva à

abordagem rigorosa de Neemias para a situação deles ([2.4](#); [13.14.22.31](#)).

Qual é a precisão histórica do livro de Neemias?

O historiador judeu Josefo e outros escritores antigos comentam sobre a história deste período. Eles afirmam que os livros de Esdras e Neemias formavam um único livro na antiga Bíblia Hebraica, intitulado "o livro de Esdras". O manuscrito hebraico mais antigo que separa os dois livros data de 1448. As Bíblias Hebraicas modernas referem-se a eles como os livros de Esdras e Neemias. Nos manuscritos do Antigo Testamento grego (a Septuaginta), eles também eram um único livro. O escritor da igreja primitiva Orígenes, no início do terceiro século, é o primeiro a atestar uma divisão. Os estudiosos geralmente reconhecem que a narrativa pessoal de Neemias é autêntica, formando uma parte importante do livro.

Papiros antigos confirmam a estrutura histórica do livro. Arqueólogos descobriram esses papiros entre 1898 e 1908 em Elefantina, uma ilha no alto Nilo. Foi aqui que Psamético II (593-588 a.C.) estabeleceu uma colônia judaica. Os papiros de Elefantina estão bem preservados e escritos em aramaico. Eles são os restos literários do século V a.C. dessa colônia judaica do período persa.

O item mais importante entre os papiros é uma cópia de uma carta enviada ao governador persa de Judá em 407 a.C. Três anos antes, os egípcios destruíram o templo judaico em Elefantina. Este desastre motivou uma carta para Joanã, o sumo sacerdote em Jerusalém (veja [Ne 12.12-13](#)). Na carta para o governador em Judá, eles pediram permissão para reconstruir seu templo. Eles mencionaram que haviam enviado um pedido semelhante a Delaías e Selamias, os filhos de Sambalate (inimigo de Neemias, [2.10.19](#); [4.1](#)).

Os papiros de Elefantina revelam que Sanbalate era governador da província de Samaria. Tobias era governador da província de Amom na Transjordânia (região do outro lado do Rio Jordão) ([Ne 2.10.19](#)). Portanto, isso é evidência de que havia em Judá uma autoridade dupla, civil e religiosa. O sumo sacerdote de 408-407 a.C. era Joanã ([12.13](#)).

Qual é a cronologia dos eventos no livro de Neemias?

Há a questão sobre se Esdras ou Neemias chegou a Jerusalém primeiro. Os estudiosos têm debatido

intensamente sobre isso. A chegada de Neemias em 445 a.C. é amplamente aceita pelos estudiosos, enquanto a data da chegada de Esdras é debatida. Alguns estudiosos acreditam que Esdras chegou 13 anos antes de Neemias, em 458 a.C., mas outros discordam. As evidências históricas e textuais para as datas exatas são complexas. Portanto, uma discussão detalhada sobre elas aqui não é prática. No entanto, uma pessoa pode alcançar uma compreensão dos valores espirituais do livro. Podemos entender a mensagem do livro, independentemente de sabermos ou não a ordem exata dos eventos. Enquanto os estudiosos continuam a discutir e debater quando as coisas aconteceram, isso não altera as principais lições que podemos aprender com o livro.

Por que o livro de Neemias é importante?

Quando os exilados retornaram a Jerusalém, Judá não era nem uma nação nem um corpo político. Apenas uma coisa lhes restava: sua religião. Eles eram o “remanescente” (o grupo sobrevivente) do povo escolhido de Yahweh. Deles surgiria o novo e glorioso Israel. Foi essa visão que explica a rigidez de Neemias.

Neemias era insistente para que o povo judeu mantivesse a pureza e exclusividade de sua fé e prática religiosa. Isso visava reviver sua vida nacional e reconstruir os muros da cidade (6.15). A reconstrução dos muros da cidade era um símbolo tanto de sua pureza religiosa quanto cultural. Neemias também insistiu na separação do paganismo (pessoas que não adoravam o Deus de Israel). Ele proibiu o casamento com não-judeus (Ne 13.23-28) e impôs a observância cuidadosa das leis do sábado (vv. 15-22).

Portanto, é difícil exagerar a importância do livro de Neemias. Juntamente com o livro de Esdras, ele fornece a única narrativa hebraica contínua desse período na história judaica. Este foi o tempo em que o Judaísmo foi fundado. Os judeus eram inflexíveis em sua segregação de outras culturas. Eles tinham uma honra apaixonada pela lei que Deus deu através de Moisés.

Certamente, Ageu, Zacarias e Malaquias também contribuem para o entendimento do período. No entanto, Neemias e Esdras oferecem uma narrativa contínua desse tempo. O retorno dos exilados da Babilônia para Jerusalém dá continuidade à história da redenção. Os propósitos salvadores de Deus para seu povo antigo prosseguem, culminando na vinda de Jesus Cristo.

A história do retorno da Babilônia para Jerusalém sob Neemias enfatiza a religião da comunidade. No entanto, fatores secundários são importantes de serem notados. Neemias focou na segurança política de Judá. Ele acreditava que a estrutura política e legal de Israel era essencial. Isso garantiria a independência de Israel em relação a Samaria. Ele reconstruiu as muralhas da cidade e reassentou a população (Ne 7.4; 11.1-2). Eles o nomearam governador da nova província.

Os livros de Neemias e Esdras não mencionam nada sobre restaurar o reino através de um dos descendentes do Rei Davi. Eles também não falam sobre o Messias (o líder escolhido e prometido por Deus) ou o reino de Deus que incluiria todas as pessoas. Em vez disso, Neemias permanece completamente leal ao rei persa. Este rei está muito disposto a ajudar quando Neemias pede permissão para reconstruir Jerusalém (Ne 2.4-9). No entanto, o rei ainda faz o povo judeu pagar impostos (5.4.15).

Aqueles que retornaram do exílio se abrigaram atrás das novas muralhas da cidade. Eles se reuniram ao redor do Segundo Templo, concluído em 516 a.C. O governante persa reconheceu “o livro da Lei de Moisés” (Ne 8.1) como a lei da terra de Judá. Tornou-se central para a devoção e adoração judaica. A restauração da nação deu origem ao judaísmo, protegendo-os e separando-os dos gentios.

Eles iniciaram instituições religiosas durante o exílio babilônico. Quando as trouxeram para Jerusalém, elas se estabeleceram solidamente. Eles liam a Lei e os Profetas na sinagoga e ofereciam orações. Os escribas que ensinavam e copiavam a lei judaica trabalhavam com devoção e foco. O Sinédrio (o conselho governante judaico) continuou a servir à nova teocracia.

O remanescente judeu do século V a.C. é semelhante à igreja cristã moderna. Ambos compartilham o desafio da reconstrução espiritual e da renovação, essenciais aos propósitos de Deus.

Qual é a mensagem do livro de Neemias?

No inverno de 445 a.C., Neemias estava vivendo em Susã, a antiga capital de Elam, onde o rei persa mantinha sua corte (1.1). Lá, Neemias ocupava uma posição de honra e influência (Ne 2.1). De Jerusalém, chegou um grupo de judeus, e o irmão de Neemias estava entre eles. Ele descreveu as condições em Jerusalém, o que deixou Neemias muito triste e perturbado (1.2-4). Quatro meses

depois, e após muita oração, ele viajou para Jerusalém com soldados para protegê-lo (1.5-2.11). Após uma inspeção de três dias na cidade, Neemias percebeu que reconstruir os muros deveria ser sua principal tarefa (2.12-3.32).

O povo ficou animado com a reconstrução de sua cidade. No entanto, isso gerou problemas com alguns inimigos que haviam escondido seu ódio. Sanbalate, Tobias e Gesém eram oponentes poderosos, engenhosos e astutos. Através de zombarias e rumores, eles insinuaram que o trabalho nos muros era uma forma de rebelião contra o rei (Ne 2.19; 4.1-3,7-14; 6.1-9). Mas Neemias lidou com todas as tentativas de parar o trabalho com oração. Ele se recusou a desviar-se de seu objetivo. Houve também oposição de traidores do próprio povo (6.10-19). Apesar de toda a oposição, eles reconstruíram os muros de Jerusalém (v. 15). O povo celebrou essa conquista com grande alegria (12.27-43).

Esdras, que era tanto sacerdote quanto escriba (um professor da lei de Deus), leu da lei de Moisés e os levitas a explicaram (Ne 8.1-8). O povo respondeu de várias maneiras. Eles se sentiram tristes por causa de seus pecados, mas também sentiram alegria por causa da bondade de Deus (vv. 9-18). Eles ficaram sem comida por um tempo para que pudessem se concentrar na oração (9.1-37). Eles fizeram uma nova promessa de seguir seu acordo especial (a aliança) com Deus (9.38-10.29). Eles prometeram obedecer aos mandamentos, regras e leis de Deus (10.30-39).

Neemias 11 e 12 referem-se a diferentes cargos e deveres civis e religiosos. Esses capítulos listam os nomes das pessoas designadas para essas tarefas. Em seguida, há a decisão de excluir todos os estrangeiros do judaísmo (13.1-3).

Neemias viajou de volta para Susã para informar ao rei persa sobre seu trabalho em Jerusalém. O rei permitiu que ele permanecesse afastado de suas funções por mais tempo. Quando Neemias retornou a Jerusalém, descobriu que muitos novos problemas haviam surgido.

Havia um conflito entre seu inimigo Tobias e o sacerdote Eliasibe (Ne 13.4-9). O povo não conseguiu fornecer aos levitas dinheiro suficiente para manter o templo (vv. 10-14). O povo estava desobedecendo às leis do sábado (vv. 15-22). Os judeus estavam se casando com não-judeus (vv. 23-32). Por causa desses casamentos com pessoas de outras nações, as crianças não estavam aprendendo a falar hebraico, a língua do seu povo

(vv. 23-25). Neemias sabia que esses problemas eram perigosos. Se o povo judeu se tornasse muito parecido com as nações ao seu redor, eles poderiam parar de seguir os caminhos de Deus. Então, ele estabeleceu regras rígidas sobre manter-se separado de outros grupos.

O livro de Neemias termina de forma abrupta. Mostra como ele lidou de maneira rigorosa e enérgica com as pessoas que quebraram as novas regras. Ele implementou essas mudanças com base nas novas regras e práticas do judaísmo.

Veja também Linha do tempo da Bíblia (Antigo Testamento); Esdras, Livro de; Esdras (Pessoa) #1; História de Israel; Judaísmo; Neemias (Pessoa) #3; Período Pós-exílico.

Livro De, Gênesis,

Primeiro livro da Bíblia.

Resumo

- Nome
- Autor
- Data
- Propósito
- Estrutura
- Conteúdo

Nome

O nome Gênesis vem para o português como uma transliteração da palavra grega que significa “origem” ou “princípio”. Este nome foi dado ao livro na tradução grega das Escrituras hebraicas, conhecida como Septuaginta. Gênesis reflete tanto o conteúdo do livro quanto o nome hebraico para ele, que é tirado de sua primeira palavra, *bereshith*, “no princípio”.

Autor

A autoria de Gênesis está intimamente relacionada com a autoria de todo o Pentateuco (lit. “cinco volumes”, os primeiros cinco livros da Bíblia, que em hebraico são chamados de Torá). Fica claro que a Bíblia considera o autor humano desses livros como Moisés. Em várias ocasiões, o Senhor ordenou a Moisés que escrevesse várias coisas: “em um livro” (Êx 17.14) “escreva essas palavras” (34.27). O Pentateuco relata que “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” (24.4); ele escreveu o

itinerário das peregrinações do êxodo ([Nm 33.2](#)); “Moisés escreveu esta lei” ([Dt 31.9](#)). (Aqui não é certo que todos os cinco livros estejam sendo mencionados, mas deve-se referir a pelo menos a maior parte de Deuteronômio). Em [Êx 24.7](#), é dito que Moisés leu o Livro da Aliança, que ele devia ter acabado de completar.

O resto do AT é testemunha da escrita do Pentateuco por Moisés. Davi se referiu à “lei de Moisés” ([1Rs 2.3](#)). No tempo de Josias, foi encontrado no templo o “livro da Lei do Senhor ... dado através de Moisés” ([2Cr 34.14](#), NTLH). Dia a dia, Esdras lia de “o livro da Lei de Deus” ([Ne 8.1](#), NTLH).

No NT, Jesus se refere ao “livro de Moisés” ([Mc 12.26](#); [Lc 20.37](#)) e menciona os mandamentos ou declarações de Moisés ([Mt 8.4](#); [19.8](#); [Mc 7.10](#); cp. [Lc 16.31](#); [24.44](#)). Os judeus também citaram a Torá como vindo de Moisés, e Jesus não os contradisse.

De Gênesis em especial, pode ser dito que Moisés tinha a oportunidade e capacidade de escrever o livro. Ele poderia ter escrito durante seus anos no Egito ou enquanto exilado com os Queneus. Como o líder reconhecido dos israelitas, ele teria tido acesso, ou talvez até a guarda dos registros que Jacó trouxe de Canaã. Ele foi “instruído em toda a sabedoria dos egípcios” ([At 7.22](#)) e provavelmente poderia ter escrito em vários idiomas e em vários tipos de escrita (hieroglíficos, cuneiformes, hebraico antigo). Embora Moisés estivesse admiravelmente equipado para a tarefa de escrever, deve-se lembrar que ele não estava montando uma composição humana, mas estava escrevendo sob a inspiração de Deus ([2Pe 1.21](#)). Podemos concluir com confiança que Moisés foi o autor humano de Gênesis.

A visão liberal da autoria de Gênesis é que o livro é um composto editorial — uma visão apresentada pela primeira vez por um médico francês, Jean Astruc, que sugeriu que os diferentes nomes para Deus indicavam diferentes documentos ou fontes para a escrita do livro. Os críticos superiores alemães expandiram a visão do uso de documentos na escrita de Gênesis e o desenvolveram para a Hipótese de Graf-Wellhausen-Kuenen, que também pode ser chamada de teoria JEDP da autoria do livro. Esta visão sustenta que havia quatro documentos básicos: (1) J, que usa o nome YHWH (Jeová ou Yahweh) para Deus, data de cerca do século 9 a.C. e vem de Judá; (2) E usa o nome Elohim, data do século 8, e vem do reino do norte; (3) D é Deuteronômio e deveria vir do tempo de Josias, por volta de 621 a.C.; e (4) P é o elemento

sacerdotal, que lida com questões do sacerdócio e ritual, que datam do quinto século a.C. ou mais tarde. Alguns podem datar porções de Gênesis tão tardiamente quanto o período helenístico. De acordo com esta teoria, os vários documentos foram misturados por editores, de modo que havia um JE, JED e assim por diante.

A ciência da arqueologia desacreditou muitas das postulações extremas desses críticos, e o trabalho de W. F. Albright e seus seguidores fizeram muito para restaurar a confiança na historicidade de Gênesis. Dentro das últimas décadas, as narrativas patriarcais e o relato de José voltaram a ser alvo de forte ataque, mas essas visões são extremas, e grande parte das evidências apresentadas por Albright e estudiosos anteriores como R. D. Wilson, W. H. Green e outros ainda tem validade.

Data

A data do livro também é uma questão de debate. Mesmo entre aqueles que aceitam a autoria mosaica, há debate sobre quando Moisés viveu. Com base nos dados bíblicos, Moisés deveria ter vivido no século 15 a.C. (cp. [Jz 11.26](#); [1Rs 6.1](#)), mas muitos estudiosos se inclinam em direção a uma data do século 13. Como descrito acima, a visão liberal da data de Gênesis seria do nono ao quinto séculos a.C., com a edição final chegando por volta do quinto século ou talvez até mais tarde.

Propósito

Gênesis esboça a origem de muitas coisas: o universo, a terra, plantas, animais e a humanidade. Dá os começos de instituições humanas, profissões e ofícios. Descreve a origem do pecado e morte, e ilustra o trabalho insidioso de Satanás na vida humana. Acima de tudo, Gênesis relaciona o início da história da redenção com o anúncio de um Redentor que estava para vir ([Gn 3.15](#)). Nomeia os primeiros progenitores na linhagem do Messias e o início do povo hebreu através de quem a Bíblia e o Salvador vieram. Gênesis também dá uma história seletiva de pessoas e eventos como visto da perspectiva dos propósitos de Deus.

Estrutura

O livro é dividido em 11 partes de comprimento desigual, cada uma desencadeada pela expressão “essas são as gerações [descendentes, história] de” ([2.4](#); [5.1](#); [6.9](#); [10.1](#); [11.10.27](#); [25.12.19](#); [36.1](#); [37.2](#)). Apenas três vezes a fórmula coincide com o primeiro verso de um capítulo. Geralmente chamado de título ou inscrição, a expressão serve

como um tipo de ligação entre o que precede e o que segue.

Conteúdo

A Criação (1.1-2.25)

Esses dois capítulos têm sido um campo de batalha científico-teológico por muitos anos, enquanto pesquisadores e estudantes tentaram investigar as origens do universo e da vida. Grande parte das evidências não está sujeita ao escrutínio científico, pois a ciência, por definição, exige que a evidência deve ser reproduzível por experiência.

A declaração de [Gênesis 1.1](#) permanece a mais grandiosa, mais precisa e mais acurada das origens: “No início, Deus criou os céus e a terra”. Ele fez isto *ex nihilo* (“do nada”) por sua palavra ([Hb 11.3](#)); ele falou a palavra de comando e aconteceu ([Gn 1.3,6,9,11,14,20](#); [Sl 33.6,9](#)).

A data do início é desconhecida. Os cosmogonistas uniformitários (estudantes das origens do universo que acreditam que os eventos naturais sempre seguiram um padrão uniforme; cp. [2Pe 3.3-7](#)) supuseram que o início do universo foi há bilhões de anos. Mas alguns criacionistas postulam um mundo de milhares de anos.

Para acomodar idades geológicas e a existência de animais extintos, alguns intérpretes propuseram um intervalo entre [Gn 1.1](#) e [1.2](#), com [Gn 1.2-2.3](#) representando uma segunda ou nova criação. Mas isso é conjectura. O mesmo é a ideia de que cada dia representa uma era geológica.

Como o texto mostra, há uma correlação entre os primeiros três dias e os segundos três dias. O primeiro dia viu a criação da luz; o quarto dia, os portadores da luz. O dia dois foi o tempo da criação do firmamento (melhor, “expansão”), que dividia as águas; dia cinco, pássaros e criaturas aquáticas abundantes. No dia três, Deus fez a terra seca e plantas; no dia seis, ele criou os animais terrestres e o homem. Ele fez o homem à imagem de Deus ([Gn 1.26](#)), “um pouco menos do que Deus” ([Sl 8.5](#)), e lhe deu domínio sobre a terra. Ele fez tudo “de acordo com seus tipos”, de modo que cada tipo é distinto e único. A perfeição de sua obra é afirmada em que “Deus viu que era bom” ([Gn 1.4,10, 12,18,21](#); “muito bom”, v. [31](#)). O sétimo dia era um tempo de cessação da atividade de criar e serviu como um tipo para o dia de descanso da humanidade ([2.1-3](#)).

A crítica acadêmica vê [2.4-25](#) como uma duplicação em conflito com [Gn 1.1-2.3](#). Para os estudiosos conservadores, o segundo capítulo é o

mesmo relato de uma perspectiva diferente. O capítulo [1](#) dá a Criação do ponto de vista da sequência; o capítulo [2](#) mostra isso em vista da centralidade da humanidade na obra criativa de Deus.

O capítulo [2](#) dá detalhes da criação do homem da “poeira do chão” (v. [7](#)) e a mulher de uma costela do homem (v. [21-22](#)). Ela foi criada para ser “uma companheira que o auxiliará” (vv. [18-20](#)). Eles foram criados como adultos maduros, com o dom da fala e com grande inteligência. Adão tinha imaginação e vocabulário suficientes para nomear todas as espécies animais (v. [19](#)).

A localização do Jardim do Éden é dada (vv. [10-14](#)). Dois dos quatro rios, o Tigre e o Eufrates, podem ser identificados com certeza. Então o homem vivia neste belo jardim na felicidade da inocência.

A história da humanidade do Éden até Babel (3.1-11.26)

A Queda

A perda do Éden e a ruptura na comunhão com Deus é o capítulo mais triste da história humana. A serpente, o diabo, se aproximou de Eva com a mesma filosofia que ele sempre usa: dúvida da palavra de Deus ([Gn 3.1](#)), negação da morte (v. [4](#)) e a sugestão de igualdade com Deus (v. [5](#)). Ele ganhou acesso à sua vontade enganando-a com a promessa de que o fruto a tornaria tão sábia quanto Deus é ([Gn 3.5](#); cp. [1Jo 2.16](#)). Eva foi enganada, mas quando ela ofereceu o fruto a Adão, ele o tomou de bom grado, sabendo o que ele estava fazendo ([Gn 3.6](#); cp. [1Tm 2.14](#)). Mais tarde, ele tentou repreender Deus por lhe dar a esposa que lhe deu o fruto ([Gn 3.12](#)). A comunhão com Deus foi quebrada (v. [8](#)), mas Deus veio buscar Adão e o encontrou.

Com o pecado veio o julgamento, e o Senhor pronunciou julgamento justo sobre a serpente, a mulher e o homem. A terra também foi “sujeita à frustração” e agora geme enquanto aguarda a renovação ([Rm 8.21-22](#)). Deus deu esperança ao homem e uma promessa de um Redentor ([Gn 3.15](#)), que deveria esmagar a cabeça da serpente. Adão e Eva foram forçados a sair do Jardim, este foi tornado inacessível a eles.

A impaciência da humanidade é mostrada na expectativa de Eva de que seu filho Caim era o Libertador prometido. Em vez disso, ele desenvolveu uma atitude errada em relação a Deus e ficou tão enciumado de seu irmão mais novo que ele o assassinou. Apreendido por Deus e

confrontado por seu crime, Caim mostrou apenas autocomiseração e foi para o leste do Éden, onde ele construiu uma cidade (4.1-16). O capítulo 4 termina com outro contraste: o Lameque, que pediu por vingança, enquanto outros começaram a invocar o nome do Senhor.

As gerações de Adão

Esta tabela genealógica (5.1-32) traz a humanidade ao tempo de Noé e ao Dilúvio. A longevidade dos patriarcas ante-diluvianos parece muito impressionante para nós, mas deve-se lembrar que a terra ainda não havia sido submetida à poluição e que os efeitos do pecado na raça humana ainda eram nominais. O refrão “e ele morreu” nos lembra da mortalidade do homem. Para Enoque, no entanto, havia algo melhor: “Ele desfrutou de um relacionamento próximo com Deus ao longo de sua vida. Então, de repente, ele desapareceu porque Deus o levou” (5.24, NTLH).

O Dilúvio

Com o aumento da população veio uma erupção de pecado (6.1-5). À medida que os homens se multiplicavam, assim fez sua corrupção. A condenação universal do verso 5 mostra um mundo pronto para julgamento. Noé, no entanto, “encontrou favor do Senhor”, pois ele era um homem justo e irrepreensível que andava com Deus (6.8-9).

O Senhor planejou aniquilar a raça humana, mas ele decidiu a salvar Noé e sua família. Com a intenção de inundar a terra, Deus instruiu Noé a construir uma arca. Noé foi instruído a levar os animais a bordo da arca, dois a dois, macho e fêmea, para a preservação de cada espécie. Quando tudo estava em prontidão, o Dilúvio veio: “as águas subterrâneas explodiram na terra, e a chuva caiu em poderosas torrentes do céu” (7.11, NTLH). Choveu por 40 dias e 40 noites. As montanhas mais altas foram cobertas, e a vida fora da arca pereceu. “Mas Deus se lembrou de Noé” e enviou um vento para evaporar as águas (8.1). Eventualmente, a arca veio a parar nas montanhas de Ararate (v. 4). Noé fez um sacrifício ao Senhor, e o Senhor determinou que ele nunca mais traria tal destruição sobre a terra.

O Dilúvio é outro dos atos de Deus que tem sido muito debatido. Muitos argumentaram a favor de uma inundação local, que afetou apenas parte da Mesopotâmia. Os arqueólogos apontaram para vários estratos de inundação na escavação dos montes das cidades da Mesopotâmia como evidência para o relato do dilúvio e citaram as

várias histórias de inundação dessa área como a fonte do registro de Gênesis. O épico de Gilgamesh dá um conto interessante deste herói, que foi em uma missão para visitar Utnapishtim, o cuneiforme Noé, em busca da vida eterna. A história do dilúvio contada por Utnapishtim tem muitos paralelos com Gênesis, mas há contrastes maiores, que demonstram que a Bíblia preserva o verdadeiro relato.

Tanto o relato de Gênesis quanto as referências a ele no NT (cp. 2Pe 3.6) favorecem a visão de que o dilúvio não foi um episódio menor na área do Tigre-Eufrates, mas foi uma catástrofe mundial sem precedentes. Os geólogos cristãos afirmam que o Dilúvio teve efeitos de longo alcance na própria terra. As histórias do dilúvio são quase universalmente conhecidas, dando apoio à conclusão de que o Dilúvio cobriu toda a terra. Após o Dilúvio, Deus abençoou Noé e seus filhos, Cam, Sem e Jafé. Deus fez uma aliança com Noé, prometendo que ele nunca mais enviaria um dilúvio em todo o mundo. Como um sinal disso, ele estabeleceu o arco-íris.

Noé foi o primeiro lavrador do solo, e ele plantou uma vinha (9.20). Noé ficou bêbado do vinho que ele fazia e estava deitado descoberto em sua tenda. Cam o viu e relatou isso aos seus irmãos, que discretamente o cobriram. Cam e seu filho Canaã foram amaldiçoados; Sem e Jafé foram abençoados.

A história das Nações

“Esta é a história das famílias de Sem, Cam e Jafé, os três filhos de Noé. Muitas crianças nasceram após o Dilúvio” (10.1, NTLH). Este capítulo lista os descendentes dos três filhos de Noé, na ordem de Jafé (vv. 2-5), Cam (v. 6-20) e Sem (vv. 21-31). Muitos dos nomes de seus descendentes são preservados em tribos e nações do mundo.

A Torre de Babel

O edifício da Torre de Babel (“Portão de Deus”) ilustra a perversidade do homem e sua tendência de querer independência de Deus. O desejo do homem de deslocar Deus segue o exemplo fatídico de Lúcifer e é um princípio básico de muitas seitas. Deus frustrou os projetos dos construtores de Babel confundindo suas línguas, de modo que o projeto parou (11.1-9). O local desta torre não é conhecido com certeza. Alguns o associam com Birs Nimrud, não muito longe das ruínas da cidade da Babilônia. Gn 11.10-25 pega a linhagem de Sem e a leva até Tera, o pai de Abrão.

A história de Abraão (11.27–25.10) e Isaque (21.1–28.5)

Abrão veio de Ur dos caldeus, uma cidade próspera. A cidade tinha um imponente zigurate (torre do templo), com muitos templos, armazéns e residências. Abrão e Sarai, sua meia-irmã e esposa, foram com seu pai para Harã na Síria, que como Ur era um centro da adoração do deus da lua, Sin (ou Annar).

O Chamado de Abrão

O chamado de Deus veio a Abrão, orientando-o a deixar seus parentes e se mudar para uma terra que o Senhor lhe mostraria (12.1; cp. At 7.2–3). Abrão obedeceu. Aos 75 anos, ele, Sarai e seu sobrinho Ló deixaram Harã e foram para Siquém, onde o Senhor apareceu a ele e prometeu essa terra aos seus descendentes.

A fome levou Abrão para o Egito (Gn 12.10–20). Por causa da beleza de Sarai, ele temia que alguém pudesse matá-lo para ficar com ela, então ele a fez passar por sua irmã. Ela foi levada para o harém do faraó. Quando o Senhor atormentou Faraó por causa disso, a mentira de Abrão foi descoberta e Sarai foi devolvida a ele.

Abrão e Ló

Abrão e Ló retornaram a Canaã, onde surgiu uma contenda entre os pastores de Abrão e os pastores de Ló. Abrão sugeriu que eles deveriam se separar, e ele deu a Ló a escolha de território. Ló escolheu o vale do Jordão bem regado e as cidades da planície, Sodoma e Gomorra (capítulo 13).

A invasão dos Quatro Reis do Oriente

Os quatro reis que invadiram ao longo da Estrada do Rei na Transjordânia não podem ser identificados com certeza. Esses reis foram bem-sucedidos em seu ataque contra as cinco cidades da planície e partiram com muitos despojos e muitos cativos, incluindo Ló. Abrão tomou 318 servos, nascidos em sua casa, e partiu atrás deles. Com um ataque surpresa, Abrão recuperou tanto Ló, quanto os despojos. Em seu retorno, ele foi encontrado por Melquisedeque, rei de Jerusalém, a quem Abrão pagou dízimos (capítulo 14).

A Aliança

O Senhor prometeu a Abrão um filho como herdeiro, e em uma cerimônia noturna impressionante, Deus fez uma aliança com Abrão e lhe prometeu a terra do rio do Egito (Wadi el Arish) até o Eufrates (capítulo 15). Por causa de sua própria esterilidade, Sarai deu sua empregada

egípcia, Agar, a Abrão. Agar deu à luz Ismael, o progenitor dos povos árabes. Quando surgiram problemas entre as mulheres, Sarai enviou Agar para longe, que era seu direito de acordo com os costumes do Oriente Próximo (como ilustrado pelas tábuas de Nuzi). Deus mostrou misericórdia a Agar e prometeu que ela teria uma grande posteridade (capítulo 16).

Deus repetiu sua promessa a Abrão sobre seus descendentes e mudou os nomes de Abrão (“pai exaltado”) e Sarai a Abraão (“pai de muitos”) e Sara (“princesa”). Um sinal da aliança da circuncisão foi dado a Abraão (capítulo 17). Esta operação já havia sendo praticada entre os egípcios por vários séculos.

A destruição das cidades da Planície

O Senhor e dois anjos apareceram a Abraão e anunciaram o nascimento do herdeiro prometido dentro de um ano, bem como proclamaram a destruição iminente de Sodoma e Gomorra, sobre a qual Abraão barganhou com Deus (18.22–33). Ló e sua família imediata foram resgatados de Sodoma, e as cidades foram destruídas por Deus com enxofre e fogo (19.24–25). As duas filhas de Ló, desejando preservar a linhagem familiar, embebedaram o pai e tiveram relações sexuais com ele. Moabe e Amom, inimigos de Israel em tempos posteriores, foram o resultado.

Em Gênesis 20.1–18, Abraão novamente apresentou Sara como sua irmã e teve problemas com Abimeleque, rei de Gerar.

Isaque

Quando Isaque nasceu (21.1–3), surgiram problemas novamente entre Sara e Agar. Agar foi expulsa uma segunda vez, e mais uma vez, foi amparada pelo Senhor.

Uma discordância surgiu entre Abraão e Abimeleque sobre um poço, mas eles fizeram uma aliança de paz em Berseba (21.25–34).

Deus testou a fé de Abraão pedindo-lhe para sacrificar Isaque no Monte Moriá, que provavelmente é o mesmo local que Davi comprou de Araúna, o jebuseu (2Sm 24.16–25), o lugar onde o templo deveria estar. Como Abraão estava prestes a usar a faca, Deus o chamou e lhe mostrou um carneiro preso em um arbusto. Isaque foi libertado e o animal foi sacrificado em seu lugar.

Sara morreu em Hebrom, e Abraão comprou a caverna de Macpela como um lugar de sepultamento de Efrão, o hitita (capítulo 23), em

uma transação típica dos negócios do Oriente Próximo. Para encontrar uma esposa para Isaque, Abraão enviou seu servo Eliezer de volta para a terra de Harã, e o Senhor dirigiu Eliezer a Rebeca (capítulo [24](#)).

O Capítulo [25](#) registra o casamento de Abraão com Quetura, que lhe deu vários filhos. Abraão morreu com a idade de 175 anos e foi enterrado na caverna de Macpela por seus dois filhos, Isaque e Ismael.

A história de Jacó e Esaú (25.19–37.1)

Rebeca deu à luz filhos gêmeos, Esaú e Jacó. Quando os meninos cresceram, Esaú vendeu seu direito de primogenitura a Jacó por um prato de ensopado vermelho ([25.27–34](#)).

Quando a fome chegou à terra, Isaque foi para Gerar, como seu pai havia feito (capítulo [20](#)), e repetiu a mentira de seu pai chamando sua esposa de sua irmã ([26.1–11](#)). Surgiram problemas com os filisteus sobre poços, mas Isaque era um homem pacífico e preferia cavar novos poços em vez de lutar por poços antigos (vv. [17–33](#)).

Na velhice de Isaque, quando sua visão já havia falhado, Rebeca conspirou com Jacó para enganar Isaque e fazer com que ele desse a Jacó a bênção do primogênito, que por direito pertencia a Esaú. Esta bênção oral tinha validade legal e era irrevogável, de acordo com as antigas tábuas de Nuzi. Temendo pela vida de Jacó nas mãos de Esaú, Rebeca decidiu enviar Jacó a Harã para encontrar uma esposa de seu próprio povo. Em Betel, Deus apareceu a Jacó em um sonho de uma escada que levava ao céu; Deus renovou com Jacó a promessa feita a Abraão e Isaque ([28.10–22](#)).

Jacó chegou a Harã, encontrou seu tio Labão, e foi empregado por ele (capítulo [29](#)). Seu salário por sete anos de trabalho deveriam ser a filha mais nova de Labão, Raquel, como sua esposa. Mas Labão substituiu por Lia, de modo que Jacó teve que trabalhar mais sete anos por Raquel. O Senhor fez Jacó prosperar, mas ele continuamente tinha problemas com Labão. O Senhor levou Jacó de volta para Canaã ([31.3](#)), então ele saiu secretamente com suas esposas, filhos e propriedades. Labão os perseguiu porque seus deuses domésticos estavam desaparecidos (a posse desses “deuses” tornava o detentor herdeiro da propriedade do dono, de acordo com o costume de Nuzi). Raquel os havia tomado, mas os escondeu com sucesso de seu pai, e Labão voltou para Harã.

Temendo um encontro com Esaú enquanto eles atravessavam Edom, Jacó enviou presentes a seu

irmão e dividiu seu próprio grupo em dois campos por segurança. Nesta jornada de retorno, Jacó teve uma luta inesperada com o Anjo do Senhor, e ele foi deixado como um coxo e um novo nome, Israel (capítulo [32](#)).

O encontro com Esaú foi amigável, e Jacó foi para Siquém (capítulo [33](#)), onde seus filhos mataram os siquemitas homens por causa do abuso sexual de sua irmã Diná (capítulo [34](#)). Deus disse a Jacó para ir a Betel e construir um altar ao Senhor. Todos os ídolos de deuses estrangeiros foram enterrados ([35.1–4](#)). Em Betel, Deus reafirmou sua promessa de uma posteridade e a terra (vv. [9–15](#)). Raquel morreu no caminho para Belém, enquanto dava à luz Benjamim, o 12º e último filho de Jacó. Isaque morreu em Hebrom aos 180 anos de idade e foi enterrado na caverna de Macpelá por Esaú e Jacó.

[Gênesis 36](#) registra “as gerações de Esaú” (v. [1](#)). Aqui Esaú também é chamado Edom (“Vermelho”; cf. [25.30](#)).

A história de José (37.2–50.26)

José era o filho favorito de Jacó e assim despertou o ciúme de seus irmãos. Isso foi intensificado pelos sonhos de José de senhorio sobre eles. Seu ressentimento contra José chegou a um clímax quando Jacó deu a José uma bela túnica. Os irmãos decidiram matar José, mas acabaram comprometendo-se a vendê-lo para uma caravana de mercadores, que o levaram ao Egito e o venderam como escravo a Potifar, um capitão da guarda egípcia ([Gn 37.36; 39.1](#)).

O capítulo [38](#) relaciona um caso histórico de casamento levirato. Judá falhou em dar sua nora viúva a seu terceiro filho. Ela o enganou para ser pai de filhos gêmeos e o forçou a reconhecer suas falhas. O filho mais velho, Perez, é nomeado na genealogia de Lucas de Jesus ([Lc 3.33](#)).

O Senhor abençoou José, que logo foi colocado no comando da casa de Potifar ([Gn 39](#)). O jovem atraiu a atenção da esposa de Potifar, que, após muitas tentativas de seduzi-lo, finalmente o acusou de uma tentativa de estupro. Sentenciado por esta denúncia, José se encontrou com favor na prisão, onde ele teve a oportunidade de interpretar sonhos para dois dos servos do faraó (capítulo [40](#)). Quando o rei teve sonhos que seus mágicos e homens sábios não poderiam interpretar, José foi convocado da prisão. José disse a Faraó que os sonhos significavam sete anos de fartura, seguidos por sete anos de fome. José foi então exaltado ao ofício de governador, ou primeiro-ministro,

segundo apenas para o rei, e colocado no comando da administração da terra (41.37-44).

Quando a fome veio para a Palestina, Jacó enviou seus filhos para o Egito para comprar grãos. José reconheceu seus irmãos, mas não revelou sua identificação a eles. José os colocou à prova acusando-os de serem espiões (42.9), mantendo um dos irmãos (Simeão) refém (v. 19), e exigindo que se eles viessem para o Egito novamente, eles deveriam trazer seu irmão mais novo com eles (42.20; 43.3). A fome se tornou tão grave em Canaã (43.1) que Jacó finalmente permitiu que Benjamim fosse com seus irmãos para o Egito. Os irmãos foram novamente enganados por José, que mandou colocar seu cálice de prata no saco de grãos de Benjamim e então o acusou como um ladrão (cp 44).

Neste ponto, José revelou sua identidade aos seus irmãos (45.4-15) e houve muita alegria. José apontou que foi Deus que o havia enviado para o Egito (vv. 7-8), a fim de preservar a vida de toda a família. Jacó foi então enviado para (46.1), e José o encontrou na terra de Gósen (46.28-29). Os israelitas foram designados a uma terra na região de Gósen, onde eles prosperaram (47.27).

Na enfermidade final de Jacó, José trouxe seus dois filhos, Manassés e Efraim, a seu pai para receberem a sua bênção. Jacó deu a bênção principal ao segundo filho, Efraim (48.13-20). Jacó abençoou cada um de seus próprios filhos e então morreu com a idade de pelo menos 130 anos. José providenciou para que o corpo de Jacó fosse preparado para o sepultamento de acordo com o costume egípcio (50.2-3). Após o sepultamento de seu pai na caverna de Macpela em Hebrom, os irmãos de José temiam a vingança, mas José declarou: "Quanto a mim, Deus transformou em bem o mal que vocês intentaram contra mim." Ele me trouxe para a alta posição que tenho hoje para que eu pudesse salvar a vida de muitas pessoas" (v. 20, NTLH). José morreu aos 110 anos de idade com o pedido profético de que quando os israelitas saíssem do Egito, levassem seus ossos com eles (50.25; cp. Êx 13.19; Js 24.32).

Veja também Abraão; Adão (Pessoa); Aliança; Criação; Eva; Queda do Homem; O Dilúvio; Isaque; Jacó #1; José #1; Nações; Noé #1; Período dos Patriarcas.

Livro dos Mortos

O termo "livro dos mortos" é um nome moderno para textos funerários do antigo Egito. Trata-se de uma coleção de textos encontrados em paredes de pirâmides, caixões ou papiros, que descrevem a jornada de uma pessoa desta vida para a próxima. Às vezes, refere-se a uma coleção menor de textos escritos em papiros (uma forma de papel à base de plantas).

O nome egípcio antigo para esses textos era "Capítulos de saída para a luz do dia". Eles foram escritos para qualquer pessoa importante que tivesse falecido. No entanto, em tempos posteriores, foram produzidos em massa com espaços deixados para o nome da pessoa. Para pessoas influentes, esses papiros podiam ter até 30,5 metros de comprimento e eram frequentemente ricamente ilustrados com cenas que retratavam suas experiências após a morte.

O objetivo final do falecido era alcançar o Outro Mundo, o reino de Osíris, e se tornar um deus. Para chegar lá, a alma precisava passar por vários portões, conhecendo os nomes dos guardiões para ser admitida. Os textos forneciam essa informação crucial. Uma fase importante era o julgamento no Salão da Verdade, onde o coração da pessoa era pesado contra a pena da verdade e justiça. A alma fazia uma "confissão negativa", negando qualquer culpa, especialmente em relação a roubo e relacionamentos sociais. Se o coração fosse tão leve quanto a pena, era declarado verdadeiro. Caso contrário, era destruído. Os textos também incluíam hinos e orações para ajudar a alma em sua jornada, enfatizando mais a magia e o ritual do que o caráter moral.

Ló

Sobrinho de Abraão e ancestral tanto dos moabitas quanto dos amonitas. Assim como Abraão, ele nasceu em Ur. Após a morte do pai de Ló, seu avô Tera cuidou dele. Ele viajou com Tera e seu tio Abrão para Harã (Gn 11.27-32). Quando Tera morreu, Ló juntou-se a Abrão na jornada para Canaã e depois para o Egito antes de retornar a Canaã.

Quando eles voltaram, Ló e Abrão tinham muitos animais para viver na mesma área. Abrão foi gentil e deixou Ló escolher primeiro onde queria morar. Ló escolheu o Vale do Jordão porque tinha boas

terras para plantar. O vale era bonito como o "jardim do SENHOR" antes do julgamento de Deus sobre a região ([Gn 13.10](#)). Ló se mudou para a cidade de Sodoma e começou a participar das coisas más que aconteciam lá.

Enquanto Ló vivia em Sodoma, quatro reis da Mesopotâmia derrotaram os reis de cinco cidades próximas, incluindo Sodoma. Eles provavelmente governavam pequenas cidades-estados. Os reis capturaram Ló, sua família e seus bens. Ao ouvir isso, Abrão liderou um grupo para resgatar Ló. Ele derrotou os reis invasores e recuperou os cativos e o saque em Hobá, ao norte de Damasco ([Gn 14](#)).

Mais tarde, dois anjos visitaram Ló em Sodoma para instá-lo a deixar a cidade antes de sua destruição. O comportamento maligno de Sodoma ficou evidente quando os habitantes tentaram agredir os visitantes. Quando Ló ofereceu suas filhas para serem tomadas pelos habitantes em vez disso, mostrou que viver entre pessoas más o havia mudado. Ló não queria deixar Sodoma a princípio. Seus futuros genros se recusaram a ir com ele. Sua esposa olhou para trás, para a cidade enquanto estavam saindo, e Deus a transformou em uma estátua de sal ([Gn 19](#)).

O que aconteceu a seguir é muito preocupante. As filhas de Ló pensaram que nunca encontrariam maridos. Então, elas embebedaram seu pai e dormiram com ele. Cada filha teve um filho. Um filho foi chamado Moabe, e o outro foi chamado Ben-Ami. Esses filhos cresceram e fundaram dois grupos diferentes de pessoas, os moabitas e os amonitas. Esses grupos mais tarde se tornaram inimigos de Israel ([Gn 19.30-38](#)).

Embora Ló tenha cometido muitos erros, o Novo Testamento o chama de "homem justo" ([2Pe 2.7-9](#)). Isso significa que, porque Ló confiava em Deus, Deus o aceitou. Algumas pessoas questionam se a história de Ló e a destruição de Sodoma realmente aconteceram. Mas o próprio Jesus disse que esses eventos foram verdadeiros ([Lc 17.28-29](#)).

Veja também Sodoma e Gomorra.

Lo-Ami

Nome simbólico, que significa "Não meu povo" ([Os 1.9](#)), dado pelo profeta Oseias a seu filho. *Veja* Ami.

Lo-Debar

Outro nome para Debir, a cidade dos gaditas em [2 Samuel 9.4](#) e [Amós 6.13](#).

Veja Debir (lugar) #2.

Lo-Ruama

Nome simbólico, que significa "Não compadecida" ([Os 1.6-8](#)), dado pelo profeta Oseias à sua filha, indicando a rejeição de Israel por parte de Deus. *Veja* Ruama.

Lo-Ruama

Um dos dois nomes simbólicos que mostram a perspectiva alterada de Deus em relação a Israel, de hostilidade para misericórdia. A atitude de desagrado de Deus foi simbolizada pelo nome Lo-Ruama (que significa "Não favorecida"), que Oseias deu à sua filha. Deus havia retirado sua compaixão de Israel por causa de seu grande pecado ([Os 1.6,8](#)). Sua nova atitude de misericórdia foi retratada pelo nome Ruama (que significa "Ela foi favorecida"), revelando o espírito renovado de compaixão de Deus que seria derramado sobre Israel ([2.1,23](#)).

Lobas

Tradução da NTLH de "chacal" em [Lamentações 4.3](#). *Veja* Animais (dragão, chacal).

Lobo

Um lobo (*Canis lupus*) é um grande mamífero semelhante a um cão que viaja em matilhas de até 30 animais. Do focinho até o traseiro, o lobo mede cerca de 0,9 metros. Sua cauda caída tem cerca de meio metro de comprimento. A forma do seu corpo é semelhante à de alguns cães de caça, como um pastor alemão magro. A pelagem amarelada acinzentada é áspera e de pelos curtos.

Comportamento e hábitos de caça dos lobos

Os lobos caçam sozinhos ou em alcateias, geralmente à noite ([Ir 5.6](#)). Os lobos têm audição e visão aguçadas e dependem do olfato. Normalmente, capturam presas em uma perseguição rápida e aberta. O lobo tem uma

reputação de ousadia, ferocidade e fome ([Gn 49.27](#); [Hc 1.8](#)). Comumente, mata mais do que pode comer ou arrastar. Portanto, é conhecido por sua ganância.

Os lobos estão sempre se movendo, impulsionados pelo anseio de encontrar novos terrenos de caça. Na primavera e no outono, eles viajam sozinhos ou em pares. No verão, eles se reúnem em grupos familiares. O inverno traz matilhas maiores. Os lobos são inteligentes, sociais e leais. Eles acasalam para a vida toda. Normalmente, um lobo é tímido e evita humanos. No entanto, em grupos, eles podem ser muito perigosos.

No Egito, Roma e Grécia, os lobos eram considerados sagrados. Lobos ainda vivem na Palestina e em Israel, assim como em muitas áreas da Ásia Menor. Lá, pastores constantemente lutavam contra lobos que atacavam seus rebanhos ([Jo 10.12](#)).

Lobos na Bíblia

A Bíblia menciona lobos de forma literal apenas três vezes ([Is 11.6](#); [65.25](#); [Jo 10.12](#)). Todas as outras referências são simbólicas. Geralmente, o lobo simboliza inimigos ou ímpios ([Ez 22.27](#); [Sf 3.3](#); [At 20.29](#)). Jacó comparou a tribo de Benjamim a um lobo porque os lobos são corajosos e ferozes ([Gn 49.27](#)).

Veja também Animais; Cachorro.

Lode

Cidade na planície costeira da Palestina. A cidade moderna, chamada Lod, está localizada a 10 milhas (16,1 quilômetros) a sudeste de Tel Aviv. O nome da cidade aparece pela primeira vez em uma lista de cidades cananeias que remonta a 1465 a.C., durante o reinado do faraó egípcio Tutmés III, que forneceu a lista. Diz-se que o fundador da cidade foi Semeide, um benjamita ([1Cr 8.12](#)). Está incluída em uma lista de lugares que foram reassentados por exilados retornados da Babilônia ([Ed 2.33](#); [Ne 7.37](#)), e está incluída na lista de assentamentos benjamitas ([Ne 11.35](#)). A história da cidade pode ser traçada continuamente desde os tempos macabeus, passando pelo período romano, incluindo as primeira e segunda guerras judaicas contra os romanos, até os períodos bizantino e cruzado, até os tempos modernos.

No período do Novo Testamento, fontes judaicas enfatizam a importância da cidade, na época

chamada Lida. Ela tinha um grande mercado e era conhecida pela criação de gado. As indústrias têxtil, de tingimento e de cerâmica floresciam ali. Era a sede de um Sinédrio, e famosos estudiosos talmúdicos ensinavam lá. Esta, então, era o tipo de comunidade próspera e movimentada que existia quando Pedro visitou a cidade e ministrou aos seus cristãos ([At 9.32-35](#)).

Logia

Um termo usado para muitos dos ensinamentos de Jesus. Esses ensinamentos foram coletados e posteriormente utilizados pelos escritores dos evangelhos. *Veja* Jesus Cristo, Vida e ensinamentos de.

Logos

Transliteração em português de um termo grego para "palavra". O termo é significativo porque nos escritos de João refere-se a Jesus. O prólogo do Evangelho de João ([Jo 1.1.14](#)) e o início de 1 João ([1Jo 1.1](#)) usam logos para mostrar como Jesus pode ser Deus e ainda assim ser uma expressão de Deus no mundo. A Palavra divina assumiu forma humana e tornou-se uma personagem histórica. Logos é também o título de Cristo na visão de sua glória divina ([Ap 19.13](#)). Escritores fora do NT, como Filo de Alexandria, usaram o termo, mas com um significado diferente.

Veja também João, Evangelho de; Palavra, Palavra de Deus.

Logue

Transliteração de uma medida líquida em hebraico que ocorre apenas em [Levítico 14](#). O logue era equivalente a 1/3 de um litro. Há uma variedade de traduções nas Bíblias em português com algumas colocando literalmente "logue" (ARC 1995 e TB2010) ou vários outros termos como "caneca", "copo" ou "sextário".

Veja Pesos e medidas.

Loide, Lóide

A avó de Timóteo ([2Tm 1.5](#)). Sua família, incluindo a mãe de Timóteo, Eunice, vivia em Listra ([At 16.1](#)).

Loide era uma judia comprometida. Ela parece ter se convertido ao cristianismo durante a primeira viagem missionária de Paulo (capítulo 14). Paulo comenta que Timóteo compartilhava a fé de sua avó e mãe.

Lombos

Uma região do corpo que vai do peito até a parte inferior do quadril.

Algumas traduções usam a expressão "dos seus lombos" para se referir aos descendentes de alguém ([Gn 35.11](#); [46.26](#); [Êx 1.5](#); [1Rs 8.19](#)). O termo "lombos" neste contexto refere-se à área reprodutiva do corpo masculino. Na maioria dos casos, significa características físicas. Às vezes, o termo "lombos" refere-se a emoção, poder ou força (veja [Na 2.1](#)).

Nos tempos antigos, os hebreus e outros povos do Oriente Médio amarravam suas longas vestes na cintura antes de caminhar longas distâncias ([Êx 12.11](#); [1Rs 18.46](#); [2Rs 9.1](#)). Isso facilitava caminhar ou correr. No Novo Testamento, quando alguém é descrito como tendo suas roupas amarradas na cintura, significa que estavam prontos para a ação ou batalha ([Lc 12.35](#)). A Bíblia também usa essa imagem como um símbolo. Quando fala sobre "cingir os lombos," significa estar preparado e no controle de si mesmo ([Ef 6.14](#); [1Pe 1.13](#)).

Longanimidade

O termo "longanimidade" descreve a capacidade de uma pessoa de permanecer paciente e suportar dificuldades por um longo tempo sem ficar com raiva ou chateada. A palavra aparece quatro vezes no Antigo Testamento ([Êx 34.6](#); [Nm 14.18](#); [Sl 86.15](#); [Jr 15.15](#)). O Novo Testamento usa essa palavra 13 vezes. Traduções modernas da Bíblia frequentemente usam palavras como "paciência," "perseverança," ou "tolerância" em vez disso.

A Bíblia usa esse termo com mais frequência para descrever o caráter de Deus ([Rm 2.4](#)). Um Deus santo deve punir o pecado. No entanto, sua natureza amorosa adia essa punição. Deus dá às pessoas tempo para se afastarem de seus pecados (arrependerem-se) e voltarem para ele ([1Tm 1.16](#); [1Pe 3.20](#)). Longanimidade também é uma virtude cristã, um "fruto do Espírito" ([Gl 5.22](#)). Os cristãos devem demonstrar esse mesmo tipo de paciência na forma como tratam uns aos outros.

Lotã

O filho mais velho de Seir ([Gn 36.20](#)) e um chefe dos habitantes nativos horitas de Edom (vv. [22.29](#)). Lotã teve dois filhos, Hori e Homã ([1Cr 1.38-39](#)).

Louvor

Honra, elogio e adoração.

A quem o louvor é oferecido

O único Senhor que é Deus sobre todos é o único digno de louvor. Frequentemente, o AT enfatiza que o louvor devido a ele não deve ser oferecido a outros deuses ou a ídolos de qualquer tipo (por exemplo, [Is 42.8](#)). Há um lugar para o elogio de homens e mulheres por suas qualidades de vida e suas ações corretas ([Pv 31.28-31](#); [1Pe 2.14](#)). No entanto, em última análise, eles devem buscar o louvor e a recomendação de Deus ([Rm 2.29](#)), não o louvor de seus semelhantes ([Mt 6.1-6](#); [Jó 12.43](#)), para que outros possam ser levados a glorificar a Deus por qualquer bem que seja encontrado neles ([Mt 5.16](#)). Frequentemente, a Bíblia fala de louvar "o nome" de Deus (por exemplo, [Sl 149.3](#)), significando que ele deve ser louvado por tudo o que é e se revelou ser. A palavra frequentemente repetida "Aleluia" é simplesmente o equivalente hebraico de "Louvem o Senhor".

Por quem o louvor é oferecido

Deus é perfeitamente louvado por seus anjos no céu ([Sl 103.20](#); [148.2](#)). Eles entoaram seu louvor quando Jesus nasceu ([Lc 2.13-14](#)), e o livro de Apocalipse (por exemplo, [Ap 7.11-12](#)) fala sobre seu louvor contínuo no céu. Toda a criação louva a Deus no sentido de que mostra sua grandeza como Criador ([Sl 19.1-6](#)). [Salmo 148](#) lista sol, lua e estrelas, fogo e granizo, neve, chuva, vento e clima, montanhas e colinas, árvores frutíferas e cedros, animais selvagens, gado, cobras e pássaros — todos estes — como louvando a Deus juntos. Céu e terra são mencionados como envolvidos no louvor a Deus ([Sl 89.5](#); [96.11](#); [98.4](#)). O Saltério fecha com as palavras "Que tudo o que vive cante louvores ao Senhor!" ([150.6](#)). No AT lemos sobre o papel especial dos sacerdotes e levitas ([Sl 135.19-20](#)) e dos cantores do templo ([2Cr 20.21](#)) e daqueles que, como Miriã ([Êx 15.20](#)) e Davi ([2Sm 6.14](#)), lideraram outros no louvor a Deus. Mas era dever de todo o povo de Deus louvá-lo; seu louvor tinha a intenção,

além disso, de levar as nações a conhecê-lo e louvá-lo ([Sl 67.2-3](#)). O NT tem essa mesma ênfase ([Rm 15.7-12](#)) e destaca que os dons de Deus são dados ao seu povo para serem usados para seu louvor e glória ([Ef 1.6,12,14](#)). É por uma vida de retidão, assim como por palavras, que as pessoas devem louvá-lo ([Ep 1.11](#)). O povo redimido de Deus é designado para mostrar os louvores daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz ([1Pe 2.9](#)). O último livro do NT apresenta o louvor a Deus no céu, onde as quatro criaturas viventes (representando toda a criação) e os 24 anciãos (representando o povo de Deus sob as antigas e novas alianças) se unem em adoração, adorando o poderoso Deus que os criou e o Cordeiro de Deus que os redimiu ([Ap 4-5](#)).

Quando Deus deve ser louvado

No Antigo Testamento, havia tempos de louvor especial, sábados, luas novas e festivais. Em [Salmo 119.164](#), o salmista diz que louvava o Senhor sete vezes ao dia. “Em toda parte — do leste ao oeste — louvem o nome do Senhor” é a exortação de [Salmo 113.3](#). [Salmo 145.1](#) diz: “Eu te louvarei, meu Deus e Rei, e bendirei teu nome para todo o sempre”. Uma dedicação a uma vida de louvor é expressa no [Salmo 146.2](#): “Louvarei o Senhor enquanto eu viver. Cantarei louvores ao meu Deus mesmo com meu último suspiro”. No Novo Testamento, da mesma forma, há tempos especiais de louvor, mas toda a vida do cristão é destinada, em palavra e ação, ao louvor de Deus.

Onde o louvor deve ser oferecido

No Antigo Testamento, o templo (e assim “Sião” ou “Jerusalém”, onde o templo estava localizado) tinha um lugar especial no propósito de Deus: seu povo deveria louvá-lo ali. [Salmo 102.21](#) retrata pessoas declarando “em Sião o nome do Senhor, e em Jerusalém o seu louvor.” As pessoas devem louvar a Deus publicamente diante da congregação e dos líderes da nação ([Sl 107.32](#)), mas também podem fazê-lo sozinhas. Pois toda a vida deve ser louvor. Assim, o louvor pode vir de lugares inesperados. Homens e mulheres piedosos podem cantar de alegria enquanto estão deitados em suas camas ([Sl 149.5](#)). Paulo e Silas podem cantar louvores a Deus em uma prisão filipense ([At 16.25](#)).

Como Deus deve ser louvado

Assim como não há limite para o tempo ou lugar, também não há limite para as maneiras pelas quais Deus pode ser louvado. Ele pode ser louvado com

canto ([Sl 47.7](#)), com dança ([149.3](#)) ou com instrumentos musicais ([144.9](#); [150.3-5](#)). O Saltério nos fornece muitos cânticos de louvor, e outros estão espalhados por todo o AT. O NT fala de “salmos, hinos e cânticos espirituais” ([Cl 3.16](#); veja também [Ef 5.19](#)), e exemplos de cânticos cristãos de louvor provavelmente podem ser vistos em [Efésios 5.14](#), [Filipenses 2.6-11](#), [1 Timóteo 1.17](#) e [2 Timóteo 2.11-13](#).

Por que Deus deve ser louvado

A criação inspira o louvor a Deus ([Sl 8.3](#)), assim como seu amor e cuidado que preservam ([21.4](#)) e o fato de que Ele é um Deus que responde às orações ([116.1](#)). Sua obra redentora leva seu povo a adorá-lo ([Êx 15.1-2](#)). Alguns dos salmos (por exemplo, [Sl 107](#)) listam muitas razões pelas quais Ele deve ser louvado. Com a vinda do Senhor Jesus Cristo, há uma nova explosão de louvor porque o Messias, o Salvador, veio ao seu povo ([Lc 2.11](#)). Tudo o que Ele fez por meio de sua vida, morte e ressurreição exige louvor. Mas, em última análise, o louvor será aperfeiçoado quando Deus reinar vitoriosamente sobre todos. Assim, João fala no livro de Apocalipse ([19.6](#)): “Aí ouvi um som que parecia a voz de uma grande multidão, como o barulho de uma grande cachoeira ou como fortes trovões, que dizia: — Aleluia! Pois o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso, é Rei!” (NTLH).

Veja também Oração; Tabernáculo; Templo; Adoração.

Lua

a luz menor no céu ([Gênesis 1.16](#)). Muitas línguas semíticas usam a mesma palavra para lua como o hebraico. Em três passagens no Antigo Testamento hebraico, a lua é chamada de “a branca” e emparelhada com “a quente”, o sol ([Cântico dos Cânticos 6.10](#); [Isaías 24.23](#); [30.26](#)). Outro termo, “crescente”, é usado em outras línguas como aramaico e árabe, e “enfeites em forma de crescente” ([Juízes 8.21,26](#); [Isaías 3.18](#)) são mencionados.

No relato da criação, é dito sobre as funções dos dois luminares: “Que eles sejam sinais para marcar as estações, dias e anos” ([Gênesis 1.14](#)). Ou seja, os “tempos” são determinados por seus movimentos. Por essa razão, ao descrever os feitos poderosos do Senhor na criação, o poeta diz: “Ele fez a lua para marcar as estações” ([Salmo 104.19](#)).

O antigo calendário hebraico era lunar ([Eclesiástico 43.6-7](#)), os meses começavam com a lua nova, marcada por rituais especiais ([Números 10.10](#); [28.11-14](#); [2 Crônicas 2.4](#)). Duas grandes festas, Páscoa e Tabernáculos, começavam no meio do mês quando a lua estava cheia ([Levítico 23.5-6](#); [Salmo 81.3-5](#); e [Levítico 23.34](#), respectivamente). A semana de sete dias é uma divisão do ciclo lunar de vinte e oito dias em unidades lógicas e convenientes, então pode-se dizer que a lua fornece a base para o significado do número sete. Como corolário, o início do sétimo mês, o Festival das Trombetas ([Levítico 23.24](#)), marcava o mês culminante das festas sagradas. Também significava o Ano Novo para os anos de reinado de um governante e para a agricultura (*Antiguidades de Josefo* 1.1.3; Mishná, *Rôs Hashanah* 1.1).

Um versículo na história da criação fala do domínio do sol sobre o dia e da lua sobre a noite ([Gênesis 1.16](#); compare [Salmo 136.9](#)). A lua também é mencionada (junto com o sol) na ordem geral da criação quando as esferas do universo foram estabelecidas ([Jeremias 31.35](#)). A partir disso, os luminares simbolizam a continuidade da ordem mundial ([Salmos 72.5](#); [89.37-38](#)). O escurecimento da lua (e do sol) é um sinal da mudança da ordem na criação nos últimos dias ([Isaías 13.10](#); [Ezequiel 32.7](#); [Joel 2.10](#); [Hebreus 3.11](#); [Mateus 24.29](#); [Marcos 13.24](#); [Apocalipse 6.12](#); o inverso é afirmado em [Isaías 30.26](#)).

Como a lua se assemelha ao sol, ela também tem o poder de ferir ([Salmo 121.6](#)) e influenciar o crescimento das colheitas no campo ([Deuteronômio 33.14](#)). No livro de Deuteronômio, os israelitas foram advertidos contra a adoração à lua e ao restante do exército do céu ([Deuteronômio 4.19](#); [17.3](#)), mas essa adoração estrangeira eventualmente se espalhou no reino de Judá ([2 Reis 21.3](#); [23.4-5](#); [Jeremias 7.18](#); [8.2](#)).

Para manter um controle preciso sobre o calendário e as festas, a lua nova era cuidadosamente observada sete vezes durante o ano em Jerusalém. Isso garantia que as principais festas ocorressem nos dias corretos. O Sinédrio se reunia cedo na manhã do último dia do mês anterior, e vigias eram posicionados para observar a primeira aparição da lua. Quando a evidência se tornava clara, a palavra sagrada era pronunciada e o dia se tornava o primeiro do novo mês. Sinais de fogo começando do Monte das Oliveiras anunciavam a lua nova. Mais tarde, eles foram substituídos por mensageiros porque os

samaritanos haviam estabelecido sinais falsos ao longo do caminho.

Veja também Astronomia; Calendários, Antigos e modernos; Festas e festivais de Israel.

Lua Nova

Celebração mensal envolvendo ofertas de grãos, sacrifícios queimados e toques de trombeta. *Veja* Festas e Festivais de Israel; Lua.

Lua, Nova

Veja Calendários, Antigos e modernos; Festas e festivais de Israel; Lua.

Lucas (Pessoa)

Um amigo próximo e ajudante do apóstolo Paulo. Ele escreveu o Evangelho de Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos.

Se considerarmos Lucas, o amigo de Paulo, como o autor de Lucas-Atos, podemos aprender muito sobre ele a partir desta obra em duas partes. A introdução ao Evangelho mostra que Lucas não foi uma testemunha ocular nem alguém que seguiu Jesus diretamente durante sua vida. Ele explica que fez uma pesquisa minuciosa e escreveu um relato organizado da vida de Jesus.

O que torna o Evangelho de Lucas único?

Lucas escreveu sobre algumas coisas que os outros escritores dos Evangelhos não incluíram em seus livros. Um aspecto especial da escrita de Lucas é que ele escreveu dois livros conectados: o Evangelho de Lucas e o livro de Atos. Juntos, esses livros mostram como a mensagem de Deus se espalhou do povo judeu para pessoas de todo o mundo. Isso cumpriu o que o profeta Isaías havia dito que aconteceria há muito tempo.

Lucas estava especialmente interessado em mostrar que a mensagem de Deus era para todos, não apenas para o povo judeu ([Lc 2.14](#); [24.47](#)). Isso é frequentemente referido como o universalismo de Lucas. Em seu Evangelho, Lucas frequentemente escreveu sobre:

- Indivíduos e suas histórias
- Pessoas que foram excluídas pela sociedade
- Mulheres e crianças
- Pessoas ricas e pobres e seus relacionamentos
- A importância da oração
- O trabalho do Espírito Santo de Deus

Essas escolhas no que Lucas escreveu nos ajudam a entender que tipo de pessoa ele era e como ele compreendia a fé cristã. Seus escritos estão frequentemente repletos de alegria e louvor a Deus.

O que aprendemos sobre Lucas no livro de Atos?

No livro de Atos, há várias seções onde o autor usa a palavra "nós" em vez de "ele" ou "eles". Isso sugere que o autor estava presente durante esses eventos. Se Lucas escreveu Atos, como a maioria dos primeiros cristãos acreditava, então podemos rastrear suas viagens com Paulo:

- Primeiro, Lucas encontrou Paulo na cidade de Filipos ([At 16.10-17](#)). Algumas pessoas acreditam que Filipos pode ter sido a cidade natal de Lucas.
- Mais tarde, quando Paulo voltou a Filipos, Lucas juntou-se a ele novamente ([At 20.5-15](#)).
- Lucas então viajou com Paulo a caminho de Jerusalém e ficou com Filipe em Cesareia ([At 21.1-18](#)).
- Então, após os dois anos de prisão de Paulo em Cesareia, Lucas navegou com ele para Roma ([At 27.1-28.16](#)).

O que aprendemos sobre Lucas nas cartas de Paulo?

Podemos aprender mais sobre Lucas a partir das cartas de Paulo ([Cl 4.14](#); [2Tm 4.11](#); [Fl 1.24](#)). [Colossenses 4.11](#) e [14](#) parecem indicar que Lucas era um gentio (não judeu) e um médico. O interesse de Lucas em cura e detalhes médicos apoia a ideia de que ele era um médico. Por exemplo, ele

descreve cuidadosamente várias vezes quando Jesus curou pessoas:

- Uma mulher com febre alta ([Lc 4.38](#))
- Um homem com uma doença de pele ([Lc 5.12](#))
- Uma mulher que estava sangrando há muitos anos ([Lc 8.43](#))

O que os primeiros escritores cristãos disseram sobre Lucas?

Escritores cristãos primitivos dos primeiros séculos também nos informam mais sobre Lucas. Eles afirmam que ele era um médico que vivia na cidade de Antioquia. De acordo com esses escritores, Lucas escreveu seu Evangelho enquanto estava na Acaia (uma região na Grécia) e viveu até os 84 anos de idade.

Lucas, Evangelho de

O terceiro livro do Novo Testamento; também o terceiro dos Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas).

Resumo

- Autor
- Data, origem e destino
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

A tradição atribui a autoria do evangelho ao estimado companheiro de Paulo, Lucas, o médico ([Cl 4.14](#)). O evangelho não identifica seu autor pelo nome, mas ele é aparentemente bem conhecido entre os primeiros crentes. Ele obviamente vinha reunindo informações para seu projeto há algum tempo. Tanto em Lucas quanto em Atos, o destinatário é identificado como Teófilo.

O testemunho interno de Atos para a autoria lucana também deve ser considerado, já que há uma relação estreita entre os dois livros. Em três extensos trechos de "nós", o autor relata sua presença ([At 16.10-17](#); [20.5-21.18](#); [27.1-28.16](#)). Estes parecem ser trechos de um diário de viagem; o último deles coloca o autor em Roma com o apóstolo Paulo. Podemos, pelo processo de

eliminação, praticamente estabelecer Lucas como o autor.

Data, origem e destino

A datação de Lucas é debatida. Alguns argumentam por uma data após 70 d.C., mas isso retira de [Lucas 21.20](#) seu valor preditivo. Outros sugerem uma data anterior à morte de Paulo (64 d.C.). Esta última hipótese explicaria facilmente o fato de Atos concluir com seu ministério em Roma enquanto estava preso.

O evangelho pode ter sido escrito em Roma, mas isso de forma alguma é certo. Ásia Menor e Grécia também foram sugeridas como possibilidades. O *Prólogo Monarquiano a Lucas* apoia a última opção, mas sua confiabilidade é duvidosa. Foi em Roma que Lucas poderia ter usado o tempo de forma proveitosa para colocar os toques finais no terceiro evangelho.

Lucas escreveu para Teófilo. Teófilo ("amado de Deus") provavelmente não é, como alguns sugerem, um termo genérico para todos os crentes. Ele era uma pessoa aparentemente não familiarizada com a geografia da Palestina, pois Lucas se preocupa em detalhá-la de tempos em tempos. Ele tem uma compreensão muito melhor do mundo greco-romano como um todo, já que Lucas assume que seu leitor está familiarizado com ele. Lucas também evita termos que possam ser confusos para um leitor gentio, como "hosana" em conexão com a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém.

Com toda a probabilidade, o terceiro evangelho foi composto em Roma enquanto Paulo aguardava julgamento, em ou antes de 64 d.C. Foi dedicado ao "excelentíssimo Teófilo" ([Lc 1.3](#)), conforme um costume apropriado da época. Ele era um gentio proeminente que havia se tornado crente. Lucas queria instruí-lo (e a outros) mais cuidadosamente na fé.

Contexto

Jesus viveu sua vida em uma área de aproximadamente 80 quilômetros de largura e 241 quilômetros de comprimento, de Dã no norte a Berseba no sul. Além de Jerusalém, os lugares que ele supostamente visitou não são importantes para a história secular da região. Ele foi criado na humilde vila de Nazaré e viveu lá até cerca de 30 anos de idade. Cafarnaum tornou-se o centro de seu ministério na Galileia. Ele passou por Samaria ocasionalmente e ministrou em Perea. Ele foi traído

e crucificado em Jerusalém. Ele ressuscitou triunfante no terceiro dia.

Lucas escreve em retrospectiva. Sua perspectiva havia mudado durante o intervalo — geograficamente da Palestina para o Império Romano, politicamente de Israel para Roma, socialmente da sociedade judaica para a pagã, e religiosamente do templo para o horizonte da missão cristã. É como se uma era fosse sobreposta à outra, permitindo que o significado da vida e do ministério de Jesus fosse compreendido pela igreja primitiva.

Propósito e ensino teológico

Simeão expressou lindamente o tema redentor do evangelho de Lucas quando segurou Jesus em seus braços e exclamou: "Pois eu já vi com os meus próprios olhos a tua salvação, que preparaste na presença de todos os povos: uma luz para mostrar o teu caminho a todos os que não são judeus e para dar glória ao teu povo de Israel." ([Lc 2.30-32](#), NTLH). Ele destacou Jesus como o Salvador há muito esperado, a esperança tanto dos gentios quanto dos judeus.

Lucas entrelaçou a obra do Espírito Santo na vida e no ministério de Jesus. Jesus foi concebido pelo Espírito Santo ([Lc 1.35](#)); o Espírito desceu sobre ele em seu batismo ([3.22](#)); ele foi levado ao deserto pelo Espírito para ser tentado ([4.2](#)); ele foi ungido pelo Espírito para seu ministério (v. [18](#)). O Espírito está, por assim dizer, em segundo plano em relação aos trabalhos subsequentes de Jesus, mas o relacionamento é compreendido mesmo quando não é mencionado novamente.

Lucas destacou a experiência da alegria messiânica. A hoste angelical anunciou o nascimento de Jesus com as palavras: "14 Glória a Deus nas maiores alturas do céu! E paz na terra para as pessoas a quem ele quer bem!" ([2.14](#), NTLH). Então, ao se aproximar de Jerusalém, a multidão que o acompanhava começou a louvar a Deus, dizendo: "Que Deus abençoe o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória a Deus!" ([19.38](#), NTLH).

Tudo isso sugere que o tema redentor em Lucas é de caráter complexo. Aponta para Jesus como o Cristo e convida à resposta favorável tanto dos gentios quanto dos judeus. Integra o empoderamento do Espírito Santo para o ministério de Jesus e de seus discípulos, e enfatiza a alegria que acompanha a divulgação do evangelho. Estas são simplesmente variações sobre o único propósito redentor de Lucas.

Outras preocupações surgem incidentalmente. O interesse de Lucas pela precisão histórica é uma delas. Seu objetivo apologético é outro. O lugar importante que ele dá à oração é um terceiro. A lista poderia ser estendida.

Conteúdo

Prólogo (1.1-4)

O evangelho começa com um prólogo formal. Lucas buscou registrar de maneira ordenada o que outros haviam transmitido como um legado de fé. Ele fez isso para estabelecer as credenciais históricas da fé e assegurar aos seus leitores a sua validade.

Nascimento e Infância de Jesus (1.5-2.52)

Nenhum dos evangelhos é uma biografia completa de Jesus. No entanto, Lucas demonstrou um interesse especial em incidentes históricos, especialmente nas narrativas de natividade e infância. Ele relatou 10 episódios ao todo: a anunciação do nascimento de João Batista como precursor de Cristo; o anúncio do nascimento de Jesus a Maria; a visita de Maria a Isabel; o nascimento de João Batista; o tempo de João Batista no deserto; o nascimento de Jesus; a visita dos pastores; a circuncisão de Jesus; a apresentação de Jesus no templo; e a visita ao templo quando jovem.

João Batista recebeu considerável atenção desde o início. Lucas registrou que foi durante o reinado de Herodes (Herodes, o Grande, 37-4 a.C.) que Zacarias, o sacerdote, estava ministrando no templo. (24 pelotões de sacerdotes serviam nessa função por duas semanas separadas ao longo do ano. O privilégio de queimar incenso era determinado por sorteio, e uma vez que o sacerdote o fazia, ele era desqualificado de repetir o ato.) Um anjo do Senhor apareceu a Zacarias enquanto ele estava prestes a queimar incenso, anunciando que ele e sua esposa, Isabel, teriam um filho, cujo nome deveria ser João. Ele deveria viver como um Nazireu (veja [Nm 6.1-4](#)) e preparar o caminho para o Messias. Quando Zacarias hesitou em acreditar (ele e Isabel eram de idade avançada), o anjo o deixou mudo até o momento do nascimento do Prometido.

Em seguida, ouvimos falar de João em conexão com a visita de Maria a Isabel. O bebê saltou no ventre de Isabel ao ouvir a saudação de Maria ([Lc 1.41](#)). Lucas imediatamente seguiu este relato com o nascimento de João Batista. Zacarias nomeou a criança conforme havia sido instruído, recuperou a fala e começou a profetizar sobre a vinda do

Messias e o papel preparatório que seu filho desempenharia. A criança cresceu e se tornou “cheia do poder do Espírito Santo”, permanecendo no deserto até que seu ministério público começasse.

Lucas narrou a história do nascimento de Jesus do ponto de vista de Maria. O anjo Gabriel a visitou e anunciou que ela daria à luz o Messias ([1.26-38](#)). Ela conceberia milagrosamente pelo Espírito Santo. Maria é retratada como devotamente submissa aos propósitos de Deus.

Diz-se que o nascimento ocorreu quando Quirino era governador da Síria, e as pessoas tinham que viajar para suas cidades ancestrais para se registrar para um censo. Maria deu à luz em um estábulo em Belém. Anjos anunciaram o nascimento aos pastores, que deixaram seus rebanhos para ver a criança. Maria guardou esses eventos e continuou a refletir sobre seu significado.

Após Maria ter cumprido seus 40 dias de purificação ritual, ela foi com José ao templo para apresentar Jesus ao Senhor ([2.21-40](#)). Lá, Simeão e Ana, duas pessoas idosas e devotas, reconheceram o bebê como o Messias prometido. Simeão concluiu que Jesus faria muitos em Israel caírem e se levantarem, e traria profunda tristeza ao coração de Maria.

As narrativas do nascimento e infância se encerram com a visita de Jesus ao templo aos 12 anos para celebrar a Festa da Páscoa. José e Maria deixaram Jesus para trás no templo, supondo que ele estava entre parentes ou amigos. Eles voltaram e o encontraram no templo conversando com os rabinos—ouvindo-os e surpreendendo-os com seu próprio entendimento. Lucas concluiu dizendo que “Conforme crescia, Jesus ia crescendo também em sabedoria, e tanto Deus como as pessoas gostavam cada vez mais dele” ([2.52](#), NTLH).

Início do ministério público (3.1-4.30)

Lucas registrou os eventos relacionados à inauguração do ministério de Jesus. Estes incluem o ministério de João Batista, o batismo de Jesus, sua genealogia, sua tentação e o anúncio público em Nazaré. Lucas datou o início do ministério de João Batista de pelo menos seis maneiras: com os mandatos de Tibério César, Pôncio Pilatos, Herodes Antipas, Filipe, Lisânias, e Anás e Caifás. João pregava um batismo de arrependimento em preparação para a vinda do Messias. Multidões iam ao deserto para ouvi-lo e serem batizadas por ele.

Jesus também veio para ser batizado. (Lucas não registra o protesto de João de que Jesus deveria batizá-lo, nem a insistência de Jesus de que isso precisava ser feito—aparentemente para se identificar com o povo e antecipar sua morte vicária em favor deles.) O batismo marcou a entrada de Jesus no ministério público. Lucas inseriu o que pode ser o registro genealógico através de Maria, consistente com seus esforços anteriores para narrar os eventos a partir da perspectiva dela.

A tentação de Jesus foi um teste de seu ministério messiânico. A introdução a duas das tentações, “Se você é o Filho de Deus”, foi planejada para fazê-lo duvidar das palavras ouvidas em seu batismo, “Tu és o meu Filho querido” (3.22; 4.3.9). Satanás esperava persuadir Jesus a buscar cumprir seu chamado e ainda assim evitar a cruz. Em cada ocasião, Jesus rebateu a tentação com uma citação das Escrituras.

Jesus retornou à Galileia e à sinagoga em Nazaré. Ali, ele anunciou seu ministério público com palavras emprestadas da observância do jubileu e associadas à era messiânica (4.18,19; cf. Is 61.1,2). Essas palavras refletiam tanto o foco religioso quanto as amplas implicações sociais do ministério que estava por vir. O anúncio oferecia especialmente esperança àqueles que estavam oprimidos e ostracizados pela sociedade. Quando os presentes questionaram suas credenciais, Jesus respondeu: “Nenhum profeta é bem-recebido na sua própria terra” (Lc 4.24). E quando tentaram lançá-lo do alto de uma colina, ele passou pelo meio deles e seguiu seu caminho.

O ministério galileu (4.31–9.50)

Jesus transferiu o centro de sua atividade para Cafarnaum. Lucas registra uma variedade de episódios associados ao ministério na Galileia que se seguem. Aproximadamente 30 instâncias são mencionadas. Cerca de um terço envolve algum acontecimento extraordinário, como cura, exorcismo, ressurreição de mortos ou alimentação de uma multidão. Esses foram eventos associados à era messiânica.

No entanto, foi o ensinamento de Jesus que inicialmente parece ter chamado a atenção do povo. Ele não ensinava como os rabinos, que se baseavam em precedentes tradicionais, mas ensinava com a autoridade de seu ofício messiânico. Lucas entrelaçou sua narrativa com uma quantidade considerável dos ensinamentos de Jesus. Há uma seção bastante extensa sobre a

observância do sábado (6.1–11). No entanto, é menos proeminente do que o sermão de Jesus “na planície”, com seus comentários extensos sobre bênçãos e maldições, amor aos inimigos, julgamento dos outros, conhecer alguém por seus frutos e construtores sábios e tolos (6.12–49). Jesus ensinava por meio de parábolas, e Lucas registrou as do semeador e da lâmpada (8.1–18). No primeiro caso, a semente representa a palavra de Deus, e o solo a preparação variada para receber a Palavra. Assim, os discípulos poderiam entender melhor os resultados mistos do ministério de Jesus e do próprio. Outros ficariam perplexos com as parábolas.

Lucas descreveu o chamado de alguns discípulos. Ele mencionou Pedro, Tiago e João, e em um momento posterior Levi (5.1–11,27–32). Os primeiros foram chamados de seus barcos de pesca e o último de sua coletoria de impostos. Todos foram convocados a seguir Cristo em seu ministério messiânico pelo interior da Galileia. Mais tarde, quando havia 12 discípulos, Jesus os enviou para pregar o reino e curar os enfermos (9.1–11). Sem dúvida, muitos contribuíram para o ministério ampliado. Lucas registrou certas mulheres que viajavam com eles e “com os seus próprios recursos, ajudavam Jesus e os seus discípulos” (8.3, NTLH).

Sente-se uma maré crescente de entusiasmo em relação à empreitada na Galileia. Começa com Jesus sozinho, trabalhando na obscuridade, e termina com um grupo fiel de seguidores, multidões atentas às suas palavras, e seu nome circulando por toda a região. A seção atinge o ápice com a confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo e a transfiguração de Jesus (9.10–36). A presença de Moisés e Elias representa a lei e os profetas como subordinados ao Messias.

A cena muda abruptamente para o pé do monte, onde os discípulos não conseguiram libertar um menino possuído por um demônio. Aqui, Jesus destacou a necessidade de recursos espirituais para atender às necessidades do reino e, posteriormente (em resposta à discussão dos discípulos sobre quem seria o maior), fez um apelo à humildade.

A jornada para Jerusalém (9.51–19.27)

Lucas relatou em seguida o ministério de Jesus a caminho de Jerusalém. Isso às vezes é chamado de ministério Pereano, assumindo que grande parte ocorreu do outro lado do Jordão, no distrito de Perea. Também é graficamente descrito como “o

caminho para a cruz". O número de incidentes é aproximadamente o mesmo que na seção anterior, embora o texto seja cerca de 25 por cento mais longo.

A oposição é vista crescendo desde o início. Jesus enviou mensageiros à frente para preparar sua chegada a uma aldeia samaritana. No entanto, os habitantes não o receberam, pois ele estava a caminho de Jerusalém. Havia animosidade entre os judeus e os samaritanos. Estes últimos haviam se estabelecido na terra durante a ocupação assíria e trouxeram consigo costumes religiosos e sociais estrangeiros, resultando em um sincretismo repugnante para os judeus. Certos discípulos perguntaram se Jesus gostaria que eles trouxessem fogo do céu sobre a aldeia, mas Jesus os repreendeu. Ele demonstrou um espírito mais conciliador.

Lucas reintroduziu os samaritanos em conexão com uma história que Jesus conta (10.25-37). Parece que um homem foi atacado por ladrões, que o deixaram quase morto. Primeiro um sacerdote e depois um levita passaram, cada um caminhando pelo lado oposto da estrada. Outro passou por ali e teve piedade do estranho ferido. Ele enfaixou suas feridas e o levou a uma hospedaria onde poderia ser cuidado às custas de seu benfeitor. Jesus acrescentou o detalhe de que o homem que parou para ajudar era um samaritano. Somente ele entendeu que um vizinho é aquele com quem fazemos amizade, em vez de aquele que faz amizade conosco. (Os samaritanos reaparecem mais uma vez no relato de 10 leprosos que foram curados, dos quais apenas um samaritano voltou para agradecer — 17.11-19.)

A história do bom samaritano sugere a oposição que Jesus estava enfrentando do estabelecimento religioso centrado em Jerusalém. Mesmo com o aumento das multidões, Jesus observou: "No Dia do Juízo a rainha de Sabá vai se levantar e acusar vocês, pois ela veio de muito longe para ouvir os sábios ensinamentos de Salomão. E eu afirmo que o que está aquié mais importante do que Salomão" (11.31, NTLH). Da mesma forma, os homens de Nínive se levantarão para condenar a geração presente, porque se arrependiram com a pregação de Jonas, e agora alguém maior que Jonas está aqui.

Jesus reservou a mais severa repreensão para aqueles fariseus que contestavam cada um de seus movimentos. Jesus e os fariseus frequentavam ambientes muito semelhantes. Alguns tinham sido simpáticos à sua mensagem, mas esses parecem ter sido a minoria. Jesus retratou os fariseus como

legalistas meticulosos (11.37-44). Os eventos estavam se encaminhando para um clímax. Jesus havia profetizado sua morte iminente e subsequente ressurreição. Seu rosto estava voltado para Jerusalém. Quando alguns fariseus solícitos o avisaram sobre o plano de Herodes Antipas de matá-lo, ele se recusou a ser intimidado (13.32,33).

Parábolas abundam nesta seção do evangelho. Elas incluem as do bom samaritano, semente de mostarda, fermento, porta estreita, convite para um banquete de casamento, grande banquete, construtor de torres, rei que vai à guerra, ovelha perdida, moeda perdida, filho pródigo, administrador injusto, homem rico e Lázaro, fariseu e publicano, e dez minas. Estas parecem se encaixar em uma de três categorias, embora talvez não exclusivamente. Uma delas tem a ver com aceitar pecadores. (Embora as Escrituras revelem que todos somos pecadores, "pecadores" nos evangelhos sinóticos refere-se a judeus não observantes.) Um exemplo clássico é a história do filho pródigo (15.11-32).

A segunda categoria pode ser chamada de parábolas do reino. Elas sugerem que, embora o reino comece de maneira relativamente insignificante, ele se expandirá para proporções incríveis. Elas também alertam que nem tudo que parece ser parte do crescimento é uma verdadeira extensão do reino. Esses enfoques podem ser reconhecidos ao comparar as parábolas do grão de mostarda, do fermento e da porta estreita (13.18-30).

A terceira categoria trata da administração. Jesus contou uma parábola assim quando se aproximavam de Jerusalém (19.11-27). Envolvia um homem de nobre nascimento que foi para um país distante, deixando seus servos com dez minas cada (uma mina era cerca de três meses de salário para trabalhadores). Eles deveriam investir as minas para que o homem tivesse um bom lucro quando voltasse. Ao retornar, o nobre chamou seus servos para obter uma prestação de contas deles. Aqueles que foram encontrados fiéis em coisas menores receberam maiores oportunidades, mas aquele que falhou perdeu até mesmo o que lhe havia sido dado.

Há algumas cenas especialmente comoventes na narrativa do Evangelho. Uma mostra Jesus acolhendo as crianças pequenas (18.15-17). Outra descreve um governante rico que perguntou a Jesus como poderia obter a vida eterna (vv 18-30). Ainda outro episódio diz respeito a um coletor de impostos chamado Zaqueu (19.1-10). Estas nos

ajudam a ter uma melhor apreciação do ministério diversificado de Jesus.

Lenta mas seguramente, Jesus havia feito seu caminho até Jerusalém. Ele encontrou oposição crescente. A cruz estava logo além do horizonte. Ele ministrava enquanto o tempo permitia.

Morte e ressurreição de Jesus (19.28-24.53)

Lucas concluiu seu relato com a semana da paixão. Primeiro é a entrada triunfal de Cristo (19.28-44). Quando aqueles que estavam com Jesus chegaram ao cume do Monte das Oliveiras, começaram a louvar a Deus por todos os milagres que haviam visto: “Que Deus abençoe o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória a Deus!” (19.38, NTLH). A alegria da multidão contrasta fortemente com o choro de Jesus sobre uma cidade impenitente e lamentando a destruição que lhe seria imposta.

Ao entrar na área do templo, Jesus começou a expulsar aqueles que estavam vendendo mercadorias ali. A casa de Deus deveria ser uma casa de oração, mas — Jesus protesta — eles a transformaram em um covil de ladrões. Ele continuou a ensinar diariamente nos recintos do templo, enquanto os líderes religiosos tramavam como matá-lo sem incitar a ira do povo.

Lucas registrou parte da troca com os líderes e o povo (Lc 20-21). Isso inclui um desafio à autoridade de Jesus, a parábola dos lavradores maus, a questão sobre pagar impostos a César, outra questão sobre a ressurreição, a pergunta de Jesus sobre como entender a ascendência davídica e o senhorio do Messias, advertência contra os escribas, comentários sobre a oferta da viúva e discurso sobre o fim dos tempos. Esta ampla gama de tópicos está relacionada à disputa messiânica em andamento.

O problema, como Lucas o representa, parece ser menos intelectual e mais moral. O estabelecimento religioso estava determinado a manter sua posição privilegiada a todo custo. Este rabino galileu era uma ameaça séria que precisava ser eliminada. Era apenas uma questão de esperar pela oportunidade certa. Ela surgiu quando Judas Iscariotes se ofereceu para trair Jesus (22.1-6).

A Santa Ceia e a vigília de oração no Getsêmani ocorrem entre a conspiração dos líderes e a prisão de Jesus (22.7-46). Do cenáculo, Jesus e os discípulos atravessaram o Vale do Cedrom até o Monte das Oliveiras. Aqui, Jesus orou em preparação para a crucificação que se aproximava.

Os discípulos dormiram, exaustos pelas exigências intensas daqueles dias. Logo Judas apareceu para identificar Jesus, e os soldados o levaram rapidamente para comparecer diante do sumo sacerdote. Pedro negou Cristo, temendo por sua própria vida. Jesus foi condenado pelo Sinédrio. (Os comentaristas debatem se esta foi uma sessão formal do conselho dos anciãos judeus.) Ele foi enviado ao governador romano, Pôncio Pilatos, depois a Herodes Antipas, e novamente de volta a Pilatos. Pilatos não viu razão para condenar Jesus à morte, mas a multidão foi incitada pelos líderes judeus a exigir sua crucificação. Pilatos cedeu à pressão deles quando as alternativas pareciam lhe escapar.

Jesus foi levado para ser crucificado. Apenas Lucas mencionou aqueles que o lamentaram (23.27). Jesus os advertiu a lamentarem por si mesmos e por seus filhos. Aqui e no futuro, vemos a preocupação de Jesus pelos outros em meio à sua própria agonia: aqueles que o crucificavam, o criminoso arrependido e sua mãe, Maria.

Lucas registra uma resposta mista à crucificação. As pessoas ficaram observando, como se estivessem imobilizadas pela rapidez dos eventos. Elas podem ter se sentido impotentes para intervir, mesmo que estivessem dispostas a fazê-lo. Alguns dos líderes religiosos chegaram ao ponto de zombar de Jesus: “Ele salvou os outros. Que salve a si mesmo, se é, de fato, o Messias que Deus escolheu!” (23.35, NTLH). Um criminoso endurecido juntou-se à zombaria deles; o outro pediu clemência.

A escuridão envolveu a cena. O véu do templo foi rasgado, sugerindo que o acesso estava sendo disponibilizado através do sangue derramado de Cristo. Jesus entregou seu espírito ao Pai e deu seu último suspiro. Seu corpo foi colocado no túmulo de José de Arimateia. As mulheres prepararam especiarias e perfumes para o sepultamento, mas descansaram no sábado em obediência ao mandamento.

No início do primeiro dia da semana, as mulheres se aproximaram do túmulo e encontraram a pedra que guardava sua entrada removida e o corpo de Jesus desaparecido. De repente, duas figuras em trajes resplandecentes estavam ao lado delas. Elas anunciaram às mulheres assustadas: “Ele não está aqui, mas foi ressuscitado” (24.6, NTLH). As mulheres voltaram para relatar aos apóstolos. Pedro correu para confirmar suas descobertas. Ele encontrou as tiras de linho dispostas como

estavam, mas o corpo estava ausente. Ele se perguntou o que havia acontecido.

No mesmo dia, dois discípulos estavam indo para uma vila chamada Emaús. Eles estavam discutindo o que havia acontecido em Jerusalém quando Jesus se juntou a eles. Eles não conseguiram reconhecê-lo até mais tarde, quando ele partiu o pão com eles. Eles voltaram apressadamente para Jerusalém para reafirmar à comunidade que era verdade que o Senhor havia ressuscitado.

Enquanto eles ainda estavam conversando, Jesus apareceu no meio deles. “Olhem para as minhas mãos e para os meus pés e vejam que sou eu mesmo. Toquem em mim e vocês vão crer, pois um fantasma não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho” ([24.39](#), NTLH). Então ele os ajudou a entender as implicações do que havia acontecido: “e disse: — O que está escrito é que o Messias tinha de sofrer e no terceiro dia ressuscitar. E que, em nome dele, a mensagem sobre o arrependimento e o perdão dos pecados seria anunciada a todas as nações, começando em Jerusalém. Vocês são testemunhas dessas coisas. E eu lhes mandarei o que o meu Pai prometeu. Mas esperem aqui em Jerusalém, até que o poder de cima venha sobre vocês” (vv. [46–49](#), NTLH).

Lucas conclui seu evangelho com um relato da ascensão ([24.50–53](#)). Enquanto Jesus os abençoava, ele foi elevado diante de seus olhos. Eles o adoraram como o Senhor ascendido e retornaram a Jerusalém com grande alegria. Lá, permaneceram no recinto do templo, louvando a Deus e antecipando a vinda do Espírito Santo para capacitá-los a testemunhar a todo o mundo.

Veja também Atos dos apóstolos, Livro de; Jesus Cristo, Vida e ensinamentos de; Lucas (pessoa); Evangelhos sinópticos.

Lúcifer

Um nome ou título de uma palavra latina que significa “portador de luz”. Este nome foi originalmente usado para descrever o planeta Vênus, que aparece como uma luz brilhante tanto no céu noturno quanto no matutino. Vênus é o objeto mais brilhante que podemos ver no céu depois do sol e da lua. Algumas pessoas também associaram este nome à lua crescente ou ao planeta Júpiter.

A palavra latina *Lúcifer* vem de uma palavra hebraica encontrada em [Isaías 14.12](#): “Como você

caiu do céu, ó estrela da manhã, filho da aurora! Você foi derrubado ao chão, ó destruidor de nações!” A palavra hebraica significa “brilhante.” Existem palavras semelhantes em acádio, ugarítico e árabe. A Septuaginta, o Targum e a Vulgata traduzem como “estrela da manhã.” Isso é apropriado, dado o correspondente “filho da aurora.”

A palavra hebraica provavelmente nunca foi destinada a ser um nome. No entanto, as pessoas começaram a usá-la como um nome para Satanás quando interpretaram este versículo de Isaías como se referindo a ele. Dois dos primeiros professores cristãos, Tertuliano e Orígenes, foram dos primeiros a fazer essa conexão. Mais tarde, o nome Lúcifer tornou-se ainda mais comumente usado para Satanás depois que apareceu no famoso poema de João Milton, *Paraíso Perdido*.

O evento registrado em [Isaías 14.12](#) pode ser um exemplo de uma história que era bem conhecida quando Isaías foi escrito. Esta era uma antiga história cananeia sobre a estrela da manhã, um ser que tentou subir acima das nuvens até uma montanha especial. Esta montanha era onde se acreditava que os deuses se encontravam no extremo norte. A estrela da manhã queria se tornar o deus mais alto e governar sobre tudo. Mas seu plano falhou, e ele foi lançado para o mundo dos mortos.

Isaías usou esta história para ilustrar um ponto sobre o rei da Babilônia, que é o assunto principal dos capítulos [13](#) e [14](#). Assim como a estrela da manhã na história, o rei da Babilônia era muito orgulhoso e queria ser como um deus. Em [Isaías 14.3–4](#), Deus promete libertar seu povo do governo cruel da Babilônia. O povo então cantaria uma canção zombando do rei. Embora o rei tentasse se tornar grande, ele seria derrubado. Ele e seus filhos desapareceriam da terra. Enquanto o povo hebreu não tinha mitos da mesma forma que outras culturas, eles às vezes adaptavam histórias de culturas vizinhas para ensinar lições espirituais.

Muitos acreditam que a expressão em [Isaías 14.12](#), juntamente com seu contexto, refere-se a Satanás. Eles apontam semelhanças com passagens em [Lucas 10.18](#) e [Apocalipse 12.7–10](#) como apoio a essa visão. Embora essas passagens do Novo Testamento falem sobre a queda de Satanás do céu, a passagem em Isaías é, na verdade, sobre a derrota do rei da Babilônia.

No entanto, enquanto o Novo Testamento descreve a queda de Satanás, o contexto da passagem de

Isaías refere-se ao rei derrotado de Babilônia. Este rei havia tentado se colocar acima de Deus e, como resultado, é descrito como tendo caído do céu. Sua queda é mostrada como certa de acontecer. Embora a derrota de Satanás seja certa, ele continua a se opor ao povo de Deus até o julgamento final descrito em [Apocalipse 12-20](#). Então, seu destino será determinado e suas ações chegarão ao fim. Portanto, [Isaías 14.12](#) não está falando de Satanás, mas sim do orgulhoso rei de Babilônia, que em breve será humilhado.

Veja também Satanás.

Lúcio

1. Um homem de Cirene (uma cidade no norte da África) é listado entre os profetas e mestres em Antioquia ([At 13.1](#)). Ele pode ter estado entre os cristãos judeus de Chipre e Cirene. Foram esses homens que pregaram aos gentios em Antioquia em meio à perseguição ([11.19-21](#)). Algumas pessoas tentaram identificá-lo como Lucas, o autor de Atos, ou como o Lúcio mencionado em [Romanos 16.21](#). No entanto, essas tentativas não foram bem-sucedidas;
2. Um cristão judeu (compare [Rm 9.3](#)). Ele foi um dos companheiros do apóstolo Paulo que enviou saudações aos que estavam em Roma ([16.21](#)). O fato de que este Lúcio era judeu torna duvidoso que ele pudesse ser a mesma pessoa que Lucas, que escreveu o Evangelho de Lucas e Atos. Um escritor cristão primitivo chamado Orígenes sugeriu que eles eram a mesma pessoa. Mas Lucas era muito provavelmente um gentio (não judeu), como mostrado em [Colossenses 4.12-14](#).

Lude, Ludim, Luditas

Nomes que aparecem na tabela das nações em [Gênesis 10](#). Ludim é listado como o primeiro filho de Mizraim, e Lude como o quarto filho de Sem. Com base nisso, é provavelmente melhor

considerá-los como tendo origens étnicas diferentes. Alguns, no entanto, sugeriram que ambos os nomes se referem a um povo da Ásia Menor, os Lídios, que são mencionados nas inscrições de Assurbanípal como *Luddu*. Há pouca dúvida de que Lude, pelo menos, está associado a Lídia. Josefo faz essa identificação (*Antiguidades* 1.6.4.). Em [Isaías 66.19](#), é listado entre outras nações da Ásia Menor.

Lude é frequentemente mencionado em contextos que sugerem que os homens eram bem conhecidos como bons soldados. De acordo com [Jeremias 46.9](#), eles lutaram com os egípcios contra os babilônios na batalha de Carquemis em 605 a.C. No lamento sobre Tiro em [Ezequiel 27.10](#), eles são listados entre outros que eram mercenários no exército de Tiro. Talvez [Ezequiel 30.5](#) seja outro caso de lídios servindo como mercenários — desta vez no exército egípcio. Tal ajuda militar ao Egito remonta ao período assírio, quando Gíges enviou ajuda militar a Psamético do Egito contra os assírios.

Veja também Lídia (local).

Lugar Alto

Frase comumente traduzida do hebraico bamah, que aparentemente derivou de uma palavra que originalmente significava "as costas (ou crista) de um animal". Assim, passou a referir-se a uma altura ou colina ou a um monte de pedras funerário. Por isso algumas traduções utilizam palavras que se referem a montes altos, como a ACF faz. Geralmente, era um centro de adoração elevado, como os mencionados em [Números 33.51-52](#), [1 Samuel 9.13-14](#), [2 Reis 12.3](#), [2 Crônicas 21.11](#) e [Ezequiel 36.1-2](#). Mas às vezes (como em [2Rs 23.8](#)) era uma bamah do portão, um santuário sem referência especial à altura, localizado no portão da cidade como em Dã e Berseba. Poderia até ter sido colocado em uma depressão ([Jr 7.31](#)).

Que uma bamah possa simplesmente ser um local de sepultamento com estelas comemorativas ou pedras memoriais é claro a partir de uma passagem como [Ezequiel 43.7](#). Uma ilustração de tal bamah é o chamado alto lugar de Gezer. Este centro da Idade do Bronze, com seus 10 enormes pilares, é agora interpretado como um santuário mortuário em vez de um santuário no sentido estrito do termo.

Uma palavra traduzida como "lugar alto" é Ramá (elevação), do hebraico que significa "ser alto". Ezequiel usou este termo para se referir a centros

de adoração ilícitos ([16.24-25,31-39](#)) que evidentemente não tinham conexão necessária com altura.

Um dos lugares altos mais conhecidos e melhor preservados nas proximidades da Palestina é o Grande lugar alto em Petra, descoberto por George L. Robinson em 1900. Localizado em uma crista a oeste do Khazneh, ou Tesouraria, consiste em um grande pátio retangular e altares adjacentes. O pátio tem cerca de 14 metros de comprimento e 6,4 metros de largura e é escavado na plataforma rochosa a uma profundidade de 45 centímetros. A oeste do pátio, há um altar quadrado e um redondo, cada um esculpido na rocha sólida. Ao sul do pátio, há uma piscina medindo cerca de 2,6 por 2,9 metros e escavada 1,2 metros na rocha. Ao sul da piscina, erguem-se dois obeliscos ou pilares sagrados, também esculpidos na rocha sólida. Todo este complexo é acessado a partir de um terraço inferior por duas escadarias. Neste centro, os antigos habitantes nabateus de Petra evidentemente realizavam festas e sacrifícios para honrar seus deuses. Embora o centro de adoração em sua forma atual não date de antes do primeiro século a.C., ele preserva uma antiga tradição da Transjordânia e ilustra os lugares altos pagãos e israelitas dos tempos do Antigo Testamento.

O lugar alto pagão geralmente estava localizado em uma elevação física, onde se podia sentir mais próximo do deus. Seu primeiro elemento essencial era um altar, que poderia ser um monte de terra, pedras não lavradas ou uma unidade esculpida na rocha sólida. Em segundo lugar, havia uma coluna de pedra ([Dt 12.3](#)) ou obelisco (matsebah) representando a divindade masculina e com associações fálicas; em terceiro, uma árvore ou poste (Aserá) representando a divindade feminina (uma deusa da fertilidade); e em quarto, uma pia para lavagens cerimoniais. Um santuário com uma imagem da divindade também exigia algum tipo de construção para protegê-lo ([2Rs 17.29](#)).

Nesses altos lugares pagãos, ocorriam sacrifícios de animais e, às vezes, de seres humanos, e a prostituição religiosa ou atos homossexuais eram comuns. É natural que tais práticas se desenvolvessem em um contexto de magia simpática, onde a promiscuidade e a reprodução entre seres humanos supostamente influenciavam os animais e as colheitas.

Os hebreus tinham altos legítimos entre o tempo da destruição do tabernáculo em Siló e a construção do templo, embora houvesse pouca semelhança com os apetrechos ou práticas pagãs, exceto pela

presença de um altar e a oferta de sacrifícios. Em um alto, o povo comeu uma refeição sacrificial antes de Samuel ungir Saul como rei ([1Sm 9.12-10.1](#)). O tabernáculo estava localizado no alto de Gibeão durante o reinado de Davi ([1Cr 16.39; 21.29](#)). Salomão ofereceu sacrifícios em vários altos ([1Rs 3.2-3](#)), e no alto de Gibeão ele encontrou Deus e recebeu o dom da sabedoria para sua administração (vv. [4-15](#)). Uma vez que o templo de Salomão foi concluído, os altos foram eliminados e tornaram-se proibidos para os hebreus.

Quando os hebreus entraram em Canaã, encontraram povos pagãos que há muito adoravam em lugares altos. Deus ordenou aos israelitas que destruíssem esses santuários ([Nm 33.51-52](#)) para evitar a contaminação por eles, mas o aviso foi amplamente ignorado. No auge do reino hebreu, depois que Salomão completou o templo, ele construiu lugares altos para o deus Quemos de Moabe, Moleque de Amom e outros deuses de suas esposas pagãs. Por esse pecado, Deus determinou dividir o reino hebreu ([1Rs 11.7-11](#)).

Após a divisão do reino, Jeroboão estabeleceu altos em Dã e Betel, e Acabe e outros proliferaram sua construção. O julgamento foi profetizado ([1Rs 13.2-3](#); [2Rs 17.7-18](#)), e, por fim, o reino de Israel foi levado ao cativeiro na Assíria por sua idolatria.

Roboão, o primeiro rei do reino do sul, espalhou altos lugares por todo o seu domínio ([1Rs 14.23-24](#)). Embora o Rei Asa tenha iniciado um avivamento da verdadeira religião, ele não removeu os altos lugares ([15.12-14](#)). Josafá também iniciou um avivamento, mas novamente os altos lugares permaneceram ([22.43](#)). Por outro lado, seu filho Jeorão e sua esposa, Atalia, incentivaram a construção deles ([2Cr 21.11](#)). Joás, durante seu avivamento, não eliminou os altos lugares ([2Rs 12.3](#)), nem o bom rei Uzias em esforços semelhantes ([15.3-4](#)). Acaz não fez nenhuma pretensão de fidelidade a Deus e incentivou ativamente a idolatria dos santuários pagãos ([16.3-4](#)). Finalmente, Ezequias lançou uma campanha contra os altos lugares ([2Cr 31.1](#)), mas suas políticas foram revertidas durante o reinado de seu filho perverso Manassés ([2Rs 21.2-9](#)). Josias liderou o último avivamento judaico e novamente atacou os altos lugares ([23.5.8](#)).

Os profetas Isaías ([Is 15.2](#); [16.12](#)), Jeremias ([Jr 48.35](#)), Ezequiel ([Ez 6.3](#)), Oseias ([Os 10.8](#)) e Amós ([Am 7.9](#)) condenaram veementemente esses centros de idolatria. Veja Deidades e religião cananeias; Deuses e Deusas; Bosque; Ídolos, Idolatria.

Lugar santíssimo

A sala interna do tabernáculo e do templo onde guardavam a arca da aliança. A arca era uma caixa de madeira revestida de ouro que continha itens sagrados importantes, incluindo as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos ([Êx 25.10-22](#)).

Esta sala era o espaço mais sagrado no culto israelita. Somente o sumo sacerdote podia entrar nela, e apenas uma vez por ano, no Dia da Expição ([Lv 16](#)). Antes de entrar, o sumo sacerdote precisava realizar rituais especiais de purificação.

No templo, o lugar santíssimo era separado do restante do edifício por uma cortina espessa. Esta cortina rasgou de cima a baixo quando Jesus morreu ([Mt 27.51](#)).

A sala também era chamada de "santo dos santos", que significa "o lugar mais sagrado".

Veja Tabernáculo; Templo.

Lugar santo

Veja Tabernáculo; Templo.

Luíte

Cidade moabita mencionada em conexão com a fuga dos moabitas para Zoar ([Is 15.5](#)). Como também foi listada com Horonaim, talvez estivesse situada entre essas duas cidades na área sudeste ao redor do Mar Morto.

Luto

Ritual estabelecido para o luto, observado por parentes e amigos de uma pessoa morta. Começava com o fechamento dos olhos dos mortos ([Gn 46.4](#)), o abraço do corpo ([50.1](#)) e sua preparação para o enterro. O clima quente exigia que o sepultamento ocorresse imediatamente ([At 5.1-10](#)). Mas informações detalhadas sobre sepultamento antes dos tempos do NT ([Mt 27.59](#); [Jo 11.44](#); [19.39-40](#)) são extremamente escassas. As escavações sugerem que os mortos eram enterrados totalmente vestidos, mas não em caixões. Os israelitas não praticavam nem embalsamamento,

nem cremação, mas o sepultamento decente era essencial.

Nas notícias de uma morte, era costume rasgar as roupas ([Gn 37.34](#); [2Sm 1.11](#); [Jó 1.20](#)), vestir-se com um pano ([2Sm 3.31](#)), e tirar os sapatos ([2Sm 15.30](#); [Mq 1.8](#)) e o ornamento de cabeça; um homem poderia cobrir sua barba ou seu rosto com véu ([Ez 24.17,23](#)). Os enlutados colocavam terra em suas cabeças ([Is 7.6](#); [1Sm 4.12](#); [Ne 9.1](#); [Jó 2.12](#); [Ez 27.30](#)) ou rolavam na poeira ([Jó 16.15](#); [Mq 1.10](#)) ou sentavam em um monte de cinzas ([Et 4.3](#); [Is 58.5](#); [Jr 6.26](#); [Ez 27.30](#)). Tais ritos de luto como raspar o cabelo e a barba e fazer cortes no corpo ([Jó 1.20](#); [Is 22.12](#); [Jr 16.6](#); [41.5](#); [47.5](#); [48.37](#); [Ez 7.18](#); [Am 8.10](#)) foram condenados ([Lv 19.27-28](#); [Dt 14.1](#)) por causa de associações pagãs. Os enlutados se abstinham de se lavar e interrompiam o uso de perfumes ([2Sm 12.20](#); [14.2](#)).

O jejum também era um rito de luto ([1Sm 31.13](#); [2Sm 1.12](#)). Os vizinhos ou amigos traziam o pão de luto e o "cálice da consolação" aos parentes do falecido ([Jr 16.7](#); [Ez 24.17,22](#)). A comida não poderia ser preparada na casa dos mortos porque a morte tornava um lugar impuro. Os mortos eram impuros na medida em que um sacerdote poderia "profanar" a si mesmo participando de ritos de luto, exceto por seus parentes de sangue mais próximos (mãe, pai, filho, filha, irmão e irmã, desde que ela ainda fosse uma virgem; [Lv 21.1-4,10-11](#)). Esses ritos de luto não eram atos de adoração dirigidos aos mortos, nem consistiam em culto para os mortos, mas eles eram expressões de tristeza e afeição.

Ao lado do túmulo, era feita a lamentação pelos mortos ([1Rs 13.30](#); [Jr 6.26](#); [Am 5.16](#); [8.10](#); [Zc 12.10](#)) por homens e mulheres em grupos separados ([Zc 12.11-14](#)). Essas exclamações de tristeza podem se desenvolver em um lamento rítmico ([2Sm 1.17-27](#); [Am 8.10](#)). No entanto, lamentadores profissionais, homens e especialmente mulheres ([Jr 9.17-19](#); [Am 5.16](#)), eram contratados. O livro de Lamentações é um belo exemplo de lamentos e é um lembrete de que entre judeus o luto nem sempre estava associado com a morte. Expressava quebrantamento de espírito pelo pecado, individual e nacional. A calamidade nacional também evocava grande lamentação.

Esses ritos de luto expressavam grande tristeza. Mas alguns deles — rasgar roupas, usar pano de saco, desfigurar-se com poeira e cinzas, automutilação — apontam para convulsões de tristeza, o significado religioso que agora nos escapa. Isso estava longe do luto como um

sentimento interior ou um estado da mente. Não era apenas uma explosão involuntária de sentimento, mas sim um ritual deliberado e estabelecido. Quando a morte ocorria, o israelita chorava porque era costume e correto. A construção de monumentos ou memoriais não era desconhecida ([2Sm 18.18](#)), mas o israelita mediano era muito pobre para que isso fosse uma prática comum.

As práticas de luto nos tempos do NT diferiam pouco das descritas no AT. O luto estava associado com o segundo advento de Cristo ([Mt 24.30](#)), com o arrependimento ([Tg 4.8-10](#)), com Cristo deixando os 12 ([Mt 9.15](#)), com a espiritualidade profunda ([5.4](#)), bem como com a morte ([Mc 5.38-39](#); [Lc 7.13](#); [Jo 11.33](#)).

É verdade, a derrota da morte por Jesus Cristo roubou da morte o seu aguilhão e do túmulo a sua vitória ([1Co 15.54-57](#)), mas o cristão ainda chora, embora não como aqueles que não têm esperança ([1Ts 4.13](#); [Ap 21.4](#)).

Veja também Sepultamento, Costumes de Costumes Funerários.

Luz

A iluminação que torna a visão possível.

Luz no Antigo Testamento

A luz é um conceito com muitos significados no Antigo Testamento. Muitas vezes refere-se à luz física comum, mas também simboliza a verdade espiritual. A primeira coisa que Deus criou foi a luz ([Gênesis 1.3](#)). Ele também criou o sol, a lua e as estrelas para dar luz ([Gênesis 1.16](#)). Às vezes, a Bíblia personifica a luz. Por exemplo, Jó a descreve como se vivesse em um lugar que ninguém pode alcançar ([Jó 38.19](#); compare com versículo [24](#)). Os israelitas também usaram luz artificial no tabernáculo ([Êxodo 25.37](#)).

A luz é um símbolo do que é bom, edificante ou conectado a pessoas importantes — especialmente Deus. O pregador em *Eclesiastes* diz: “A luz é doce” ([Eclesiastes 11.7](#)). Durante as pragas no Egito, enquanto os egípcios estavam em total escuridão, os israelitas tinham luz ([Êxodo 10.23](#)). Quando os israelitas saíram do Egito, Deus os guiou com uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite ([Êxodo 13.21](#)). A coluna de fogo lhes dava luz enquanto seus inimigos estavam na escuridão ([Êxodo 14.20](#)). Mesmo quando pecaram,

Israel se lembrava de que Deus não os abandonou. A coluna de fogo permaneceu para guiá-los ([Neemias 9.19](#); compare [Neemias 9.12](#); [Salmos 78.14](#); [105.39](#)).

No Antigo Testamento, a luz frequentemente representa a bênção de Deus. Jó disse: “Ele revela as coisas profundas das trevas e traz as sombras profundas à luz” ([Jó 12.22](#)). Quando Jó estava em apuros, ele se lembrava das vezes em que Deus iluminou o caminho para ele, e ele se sentia seguro ([Jó 29.2-3](#)). O amigo de Jó, Elifaz, também disse que se Jó seguisse seu conselho, “a luz brilhará nos seus caminhos” ([Jó 22.28](#)). O salmista também via como uma bênção quando Deus acendia sua lâmpada ([Salmos 18.28](#); [118.27](#); compare [97.11](#); [112.4](#)).

A luz está intimamente ligada a Deus. A Bíblia até diz que Deus é luz: “O Senhor será a sua luz eterna” ([Isaías 60.19-20](#)). O salmista se alegrou, dizendo: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação” ([Salmo 27.1](#)). Deus é descrito como estando vestido de luz ([Salmo 104.2](#)), e a luz habita com Ele ([Daniel 2.22](#)). Para Deus, trevas e luz são iguais; nada pode esconder algo dEle ([Salmo 139.12](#)). O profeta Miquéias também descreveu Deus como luz e como alguém que traz Seus servos para a luz ([Miquéias 7.8-9](#)), mostrando que Deus traz bênção e vitória ao Seu povo.

A bênção de Deus é frequentemente descrita como a “luz de Sua presença”. Em [Salmo 4.6](#), o salmista diz: “Resplandece a luz do Teu rosto sobre nós, ó Senhor”. Esta expressão de luz refere-se ao favor de Deus. Em [Salmo 44.3](#), é a luz de Deus, Sua mão direita e Seu amor que trazem vitória ao Seu povo. Aqueles que andam na luz de Deus são abençoados ([Salmo 89.15](#)), mas esta luz também expõe pecados ocultos ([Salmo 90.8](#)). Ninguém pode se esconder do olhar vigilante de Deus, mas Sua luz representa principalmente a bênção que vem de Sua presença. Em uma ocasião, Jó usou a frase para descrever o favor de outros ([Jó 29.24](#)). A luz que Deus dá aos Seus servos permite que compartilhem Sua bênção com outros ([Isaías 42.6](#); [49.6](#)).

A justiça de Deus também está ligada à luz. Ele diz: “Minha justiça se tornará uma luz para a nação” ([Isaías 51.4](#)). Neste contexto, a luz de Deus é poderosa, como um fogo consumidor. A luz também está conectada ao bom comportamento, como visto em *Provérbios*: “O caminho dos justos é como a primeira luz da aurora” ([Provérbios 4.18](#)).

A ausência de luz é usada como símbolo de desastre. Algumas pessoas “tateiam na escuridão sem luz” ([Jó 12.25](#)). O amigo de Jó, Bildade,

acreditava que a luz dos ímpios seria apagada como punição ([Jó 18.5-17](#)). Após a destruição de Jerusalém por Babilônia, o povo lamentou, dizendo: “Ele me afastou e me fez andar na escuridão em vez de luz” ([Lamentações 3.2](#)).

Luz no Novo Testamento

No Novo Testamento, referências à luz são frequentemente simbólicas. Por exemplo, quando Saulo de Tarso encontrou “uma luz do céu” no caminho para Damasco ([Atos 9.3](#); compare [22.6-11](#); [26.13](#)), não está claro se era luz comum ou algo mais. Da mesma forma, quando Pedro estava na prisão, “uma luz brilhou em sua cela” ([Atos 12.7](#)). A cidade celestial não precisa de luz física porque “o Senhor Deus brilhará sobre eles” ([Apocalipse 22.5](#); compare [21.11,23-24](#)).

A conexão entre Deus e a luz é um tema comum no Novo Testamento. O apóstolo João escreveu, “Deus é luz, e nele não há treva alguma” ([1 João 1.5](#)). Tiago chamou Deus de “o Pai das luzes celestiais” ([Tiago 1.17](#)). Deus também é descrito como habitando em luz inacessível a qualquer pessoa ([1 Timóteo 6.16](#); veja também [1 João 1.7](#)). Jesus disse, “Eu sou a luz do mundo” ([João 8.12](#); veja também [9.5](#)), e “Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas” ([João 12.46](#)). Ele era a própria luz, segundo o apóstolo João ([João 1.1-10](#)). João Batista veio para testemunhar sobre essa luz para conduzir as pessoas à fé ([João 1.7-8](#)). Aqueles que recebem a luz recebem o direito de se tornarem filhos de Deus ([João 1.9-12](#)). Às vezes, a luz é usada para representar a revelação das pessoas encontrando o conhecimento de Deus e sua salvação ([Mateus 4.16](#); [Lucas 2.32](#); [Atos 13.47](#); [26.18](#)).

João escreveu que a luz brilha nas trevas, e as trevas não a venceram ([João 1.5](#); compare [1 João 2.8](#)). Ele também disse: “A Luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a Luz, porque suas obras eram más” ([João 3.19](#)). As pessoas que fazem o mal evitam a luz, mas as que fazem o bem vêm para a luz ([João 3.20-21](#)). Quando João descreve a ressurreição de Lázaro, Jesus diz que os homens tropeçam à noite porque não têm luz ([João 11.10](#)). Jesus diz que os homens não têm luz “em” si, mostrando que a luz é espiritual ([João 8.12](#)).

Os crentes são descritos como “filhos da luz” ([João 12.36](#), veja também [Lucas 16.8](#)). Suas vidas são moldadas por sua conexão com a luz. Paulo também escreveu que os cristãos são “filhos da luz e filhos do dia” ([1 Tessalonicenses 5.5](#)). Na

primeira carta de João, os cristãos são instados a “andar na luz” ([1 João 1.7](#)), significando que devem viver vidas de bondade e verdade.

Jesus disse aos seus seguidores: “Vocês são a luz do mundo” ([Mateus 5.14](#)). Esta declaração significa que os cristãos devem refletir a luz de Deus vivendo vidas piedosas. Quando Jesus é chamado de luz do mundo, isso significa que ele pode salvar o mundo e revelar a verdade. Quando os crentes são chamados de luz do mundo, não é porque eles podem salvar o mundo, mas porque mostram ao mundo o caminho para a salvação. Jesus os instruiu a deixar sua luz brilhar através de suas boas obras para que as pessoas louvassem a Deus ([Mateus 5.16](#)). Os cristãos devem fazer pleno uso da luz que possuem. Se a ignorarem e viverem nas trevas, estarão em pior situação porque conhecem a verdade e escolheram se afastar dela ([Mateus 6.23](#); [Lucas 11.35](#)).

A metáfora da luz não é fácil de aceitar pelas pessoas modernas. A Bíblia ensina que a luz de Cristo iluminou todos os cristãos. Se eles ignorarem a luz e viverem como se ainda estivessem na escuridão, então permanecerão em profunda escuridão. Eles são piores do que os outros porque sabem o que é a luz e o que ela pode significar para eles e se afastaram dela.

Veja também Escuridão.

Luz

1. Nome original cananeu da cidade de Betel ([Gn 28.19](#); [35.6](#)). Foi aqui que Jacó teve uma visão de Deus. Em reconhecimento à presença de Deus, ele chamou o lugar de “a casa de Deus” (beth-El). Jacó pode não ter estado na cidade em si, o que pode explicar a aparente discrepância em [Josué 16.2](#). A frase “de Betel a Luz” na descrição da fronteira da terra atribuída a José (Efraim e Manassés) parece distinguir Betel de Luz como se fossem duas cidades diferentes. Talvez a solução esteja no fato de que originalmente o nome Luz continuou a ser usado para a cidade, enquanto ao mesmo tempo os israelitas sabiam, por tradição, do lugar onde Jacó havia nomeado Betel fora da cidade de Luz. De acordo com [Josué 16.2](#), então, Betel seria uma área situada a leste da cidade de Luz. Na época da Conquista ([Jz 1.22-25](#)), ou posteriormente, os israelitas mudaram o nome de Luz para Betel.

Veja também Betel (Lugar), Betelita #1.

2. Cidade hitita nomeada em homenagem a Luz, na Palestina, por um de seus habitantes que migrou para a região hitita após os israelitas capturarem esta cidade ([Jz 1.26](#)).